

A & E KIRK



DEMONS AT DEAD NIGHT

The Divinicus Nex Chronicles: Book One



DURANTE DEZESSETE ANOS PARA AURORA LAHEY A SOBREVIVÊNCIA TEM SIDO UM ESTILO DE VIDA.

DESTINO DEMONÍACO

AURORA TEM O SUPERPODER MAIS INÚTIL DO PLANETA. E ISSO SÓ LIBEROU UM ESQUADRÃO DO INFERNO. OS DEMÔNIOS ESTÃO A CAÇA, SOBREVIVENDO APENAS PARA CORTAR SEU CORPO EM PEDACINHOS.

ASSASSINOS CARISMÁTICOS

OS GAROTOS MALDITOS – MISTERIOSOS, LINDOS, E FAMOSOS POR SEUS RASTROS DE DESTRUÇÃO – TEM AS RESPOSTAS QUE AURORA NECESSITA PARA SOBREVIVER. MAS SUA SOBRECARGA DE SEGREDOS MORTAIS E MOTIVOS SUSPEITOS FAZEM A CONFIANÇA NELES UM MOVIMENTO POTENCIALMENTE FATAL.

ALIADOS LETAIS

A BATALHA PARA SALVAR SUA FAMÍLIA, A SI MESMA, E DETER A DOMINAÇÃO DEMONÍACA PODE CUSTAR A AURORA TUDO PELO QUAL VALE A PENA VIVER, E FORÇÁ-LA A REVELAR SEUS PRÓPRIOS SEGREDOS ESCUROS. MAS ELA NÃO TEM COM O QUE SE PREOCUPAR. ELA PRECISA DOS GAROTOS MALDITOS PARA VENCER O QUE ESTÁ PELA FRENTE, E, PROVAVELMENTE ALIAR-SE COM OS CARAS QUE A MATARÃO DE TODOS OS MODOS.

CAPÍTULO UM

O carro de alguém foi destruído e não era minha culpa.

Mas quem acreditaria em uma adolescente?

A desculpa “foi um demônio que fez isso”, era mais criativa que “o cachorro comeu minha lição”, mas completamente inacreditável. E seria muito mais provável que me enviassem para a ala psiquiátrica. Assim, quando o demônio voador e cheio de presas subiu e caiu feito uma bola de demolição na caminhonete, explodindo pedaços de vidro e peças de carro na minha direção, fugi dali rapidamente.

E não olhei para trás. Os grunhidos selvagens e os barulhos de metais foram um impedimento considerável. Como se eu precisasse de mais material para meus pesadelos.

Corri por todo o estacionamento quase vazio, e me dirigi para fora. Era uma longa avenida rodeada de bosques espessos, e quando o demônio veio atrás de mim, gritando furioso, girei para a direita. Uma mão fechou-se sobre mim, escorregadia pela chuva recente, e eu abri as pernas para os lados, pulando por cima. Fora de perigo.

Até que meu pé se prendeu em um ramo, o que me fez cair como se eu tivesse sido pega no giro da morte de um crocodilo.

A boa notícia? O solo macio do bosque amorteceu minha queda.

A má notícia? No impulso, meu peito bateu em um tronco de árvore. Não conseguia respirar.

Mas boas notícias de novo. Acabei debaixo de um pinheiro grande e espesso que, junto com a decoração do crepúsculo, ocultou minha posição. Ouvi a besta voar sobre mim em sua perseguição, quebrando algumas copas de árvore em seu caminho.

Sim, esse era meu plano desde o começo. Cara, eu era boa. Exceto pelo meu corpo que doía.



Minha festa de lamentação durou até que pude aspirar uma quantidade de ar, logo me empurrei sobre meus pés e fui para casa. Os demônios gostam de lugares remotos como esse. Eu precisava ir.

Com a dor da batida e a respiração entrecortada, corri ou... me arrastei mancando para a cidade, cheguei ao meu bairro e relaxei. Civilização. Onde o demônio não me seguiria e...

Garras ressoaram em um ritmo inquietante no asfalto.

O erro tornou-se minha escolha mais recente.

Escondi-me atrás de uma lixeira, agachada, enterrada no meu medo e na minha camisa ensopada de suor.

Uma risada maliciosa cortou o ar.

— Esconde-esconde. Meu preferido. Que consideração da sua parte começar um jogo. — Havia um toque de loucura na voz suave do demônio. Pânico torceu meu coração. — É irônico, não é, que a grande Divinicus Nex se escondeu de medo de quem deveria ser sua presa destinada? Uma circunstância decididamente diametral.

O que? É irritante quando o monstro que tenta te matar tem um vocabulário melhor que o seu. Talvez pudesse ser um elogio? Isto era loucura. Eu tinha visto demônios antes, mas eram pequenos, me ignoravam ou corriam. Mas esse? Bom, era uma raça diferente. Um psicopata com esteroides que queria me ver morta.

Suas chances pareciam boas.

Com minha altura amazônica e cachos castanhos que ressaltavam meus enormes olhos, só faltava uma placa de “me coma” grudada nas minhas costas.

— Está errado. Sou Aurora, só uma garota que você não vai querer que te mande para o seu inferno. — Meu plano de passar para o ataque surgiu da minha defesa ser menos que nada, e um agachamento combinado. O anoitecer começou a devorar a luz preciosa do dia. Meus olhos ardiam pela frenética tentativa de tentar enxergar nas sombras que surgiam. — Pense na vergonha. Os outros demônios vão rir e apontar para você, zombando nas suas costas. Sua autoestima será abalada e eu



estou atrasada para o jantar, assim para o bem de ambos, vou te deixar ir. Só irei embora e não vou te seguir.

Eu tinha a esperança de soar segura, mas acho que a minha voz falhou.

Uma luz difusa acendeu nas casas próximas. Os faróis ornamentais, que rodeavam as ruas vazias da pitoresca cidade da montanha, zumbiram para vida refletindo a água brilhante que deslizava pelo solo. Um sereno constante batia contra as folhas das árvores.

— Acho que está confusa Nex. — Sua voz era baixa. Tinha retrocedido pensando que eu tinha algo debaixo da manga. — Não há nenhum erro, tirando o fato de você estar viva. E minha imutável preferência por transformar seu cadáver em um número considerável de pedaços. — Ele riu.

Eu não podia entender muito do que ele dizia, mas no geral, eu não estava me sentindo em um ambiente cálido e acolhedor.

Lutei contra uma risada histérica. Eu não tinha nada, nada mais que pernas longas e adrenalina. As gotas caindo na minha cabeça mudaram de velocidade. Fundindo-se através das árvores, uma névoa cinza se torceu em uma forma vaga que meus olhos se esforçaram para focar. Hipnotizada por sua grotesca e letal beleza, quase esperei por um segundo muito longo. Agachei-me. Com uma velocidade alucinante, troncos de árvores se partiram quando as garras do demônio cortaram a árvore onde minha cabeça estava segundos antes.

Fiz uma pose de ninja e me mantive firme para fazer frente ao monstro bárbaro, sem medo em minha determinação de vencer meu inimigo mortal.

Não, só brincando. Sai correndo, a prudência era a melhor maneira de não morrer.

Estou vendo demônios durante alguns anos. Sim, essas criaturas desagradáveis que deveriam estar no inferno, mas que estavam causando estragos na terra. Se estava próxima, as vezes podia localiza-los usando



a rara visão que eu desejava que passasse para *Hellen Keller*¹. Era o superpoder mais estranho do planeta. Mas eu lidava com minha situação lamentável de uma maneira madura e responsável. A ignorava. E também aos demônios.

Até esta noite, quando o demônio mudou as regras e me atacou enquanto eu estava no meu caminho. Eu me desequilibrei e tropecei em um tronco podre, por isso o golpe da morte dirigido a mim atingiu a caminhonete. Quem dera eu pudesse dizer que foi um movimento inteligente e deliberado, mas a verdade é que eu tinha problemas ao movimentar meu corpo.

Um silvo gutural fez as folhas das árvores vibrarem. Longas asas golpeavam o ar com fúria. Os sons terríveis do monstro ameaçavam me paralisar, então eu os ignorei e me concentrei na minha corrida. Rápida. Contando as casas para manter o pânico longe.

Algo disparou na minha esquerda, no nível do chão. Girei a direita, quase caindo, mais segui adiante. Olhei para trás. Um cachorro, um desses pequenos e fofinhos, correndo a toda velocidade sobre suas patas curtas, plantou as patas no chão e começou a latir para o céu. O demônio desviou seu olhar do meu e avançou para o pequeno valente latidor.

Cachorros não eram a minha área.

Eu odiava cachorros.

E se esse era tonto o suficiente para se sacrificar por mim, aleluia. Continuei correndo.

Depois mudei de opinião.

Cachorro estúpido.

Me joguei de cabeça e o agarrei enquanto deslizava, sentindo a rajada de ar da cabeça gigante da besta em cima de mim. Um brilho vermelho cobriu meus olhos. Passei tão perto da garra do demônio que o elástico do meu cabelo se cortou, e soltou os cachos grossos que caíram em cascata sobre meu rosto.

¹ Helen Adams Keller foi uma escritora, conferencista e ativista social estadunidense. Foi a primeira pessoa surda e cega a conquistar um bacharelado.



De novo sobre meus pés, joguei meu cabelo para trás, e continuei minha corrida, o cachorro se contorcia, rosando protestos contra meu peito.

— Seu ingrato — grunhi para ele.

Senti uma presença ameaçadora por cima de nossas cabeças, e me desviei para uma entrada, contente de soltar o cachorro chato em uma garagem, na qual ele caiu debaixo de um Sedan. Um golpe atrás do meu corpo me empurrou para frente. Eu teria caído no chão, mas em seu lugar me encontrei no ar. Ganhando altura.

Nada bom, porque a última vez em que testei, eu não podia voar.



CAPÍTULO DOIS

Vendo o lado positivo, a besta não me estripou quando me agarrou no ar. A parte negativa era que suas enormes patas de três dedos agarraram meus ombros e peito em um aperto insuportável. Ele nivelou e deslizou, deixando que meus pés roçassem o solo, sua risada triunfante. Essa coisa de voar teria sido genial exceto pelo fedor podre que infiltrava meu nariz e queimava meus olhos.

E o fato de que isso estava a ponto de me matar.

Minhas mãos se levantaram e envolveram ao redor das pernas grossas, frias como de um réptil, escamosa e dura com verrugas. Minhas unhas se cravaram na carne do demônio, enquanto eu me contorcia, lutando para sair de seu aperto.

— Agora eu te peguei. — virou sua enorme cara para mim, seu hálito quente como esgoto. — Estou pouco disposto a aprovar sua liberação. Nossa viagem acaba de começar.

— Oh, cale a boca! — Balancei minhas pernas com mais força. O impulso e a determinação finalmente levaram meus pés a uma altura suficiente para dar alguns golpes fortes em seu ventre, o que só pareceu diverti-lo mais.

Arrastei minhas unhas por sua perna e apertei meus dentes em sua carne monstruosa. Um ácido amargo queimou minha língua acendendo uma necessidade feroz de cuspir. O demônio deu um grunhido de surpresa antes que seu agarre se apertasse fazendo minhas costelas estalarem. As asas se levantaram. O corpo monstruoso lançou um voo potente, pronto para nos impulsionar para o ar e para meu destino. Provavelmente cortaria meu corpo enquanto me dava aulas de vocabulário. Estaria morta, mas mais inteligente. Como é isso para um copo meio cheio?

Uma intensa pressão repentina se consolidou em meus pulmões, envolveu meu corpo, e ameaçou me expandir na proporção de duas



dimensões. Um formigamento começou em minhas entranhas e se estendeu por todo meu corpo. O calor emanava de dentro para fora e ondulava sobre minha pele, ganhando impulso, caminhando para minhas extremidades. Um brilho crescente transformou minha visão em um branco cegante. Cheirei alguma coisa queimado. Esperava que não fosse eu.

O som bravo do demônio ecoou um instante antes de suas garras se abrirem em um golpe. Boa notícia, exceto que eu fui solta caindo pelo ar. Procurei algo que pudesse evitar minha queda. Rolei sobre minhas costas, esperando outro ataque. Com minha visão ainda incompleta, percebi a criatura grunhindo em círculos, e engoli em seco quando ela balançou, com a boca aberta demais, seus dentes descobertos. Pude respirar de novo, mas não pareceu que duraria muito.

Um relâmpago laranja escuro atravessou o céu, seu longo comprimento cuspindo chamas e faíscas como fogos de um foguete. O relâmpago golpeou o demônio de um lado, o qual o sacudiu de seu curso homicida e o empurrou em espiral para trás. Sem tempo para comoção nem pavor. Fiquei em pé e sai correndo para casa.



CAPÍTULO TRÊS

Silenciosamente amaldiçoei a habilidade como jardineira da minha mãe. Juro que a grama que cercava nossa varanda cresceu um metro na semana que estamos aqui. Hesitei em passar por ali, mas era minha única oportunidade de escapar de uma morte lenta e dolorosa oferecida pelo demônio.

Algo me golpeou nas costas. Giramos em lentas voltas em uma massa de ar quente em direção a porta do meu vizinho e aterrissamos em um golpe seco que me deixou totalmente tonta, rodando fora de controle.

Um grito demoníaco cortou a noite, em seguida silêncio.

Nossos corpos pararam de rodar antes que minha cabeça parasse. Espantei a vertigem e me sentei. Minha cabeça girando enlouquecida para um lado, para o outro, para cima e para baixo. Olhei para todos os cantos próximos, estreitando os olhos para me concentrar nas sombras. Nada. Nenhum perigo aparente.

Fechei os olhos, me concentrando, e sem dúvida não pude sentir nenhum demônio. Sabia que ele tinha ido. O que significava... O que exatamente? Talvez alguém tenha aparecido e o assustado. Refletindo esse pensamento, mordi minha bochecha enquanto a adrenalina diminuía. Uma voz interrompeu o caminho dos meus pensamentos para nenhum lugar.

— Uh, se importa?

Olhei para baixo e vi algo muito mais assustador que qualquer demônio. Um garoto. Da minha idade. Todo quente, lindo e gostoso. E eu estava em cima dele. Escarranchada sobre seus quadris. Por Deus. A adrenalina restante me golpeou, tirando o ar de meus pulmões e me deixando gelada com... medo? Emoção? Vergonha? Pode escolher uma.

Minhas cordas vocais se recusaram a funcionar. Eu só podia olhá-lo. Pele suave, traços esculpidos pelos deuses, mandíbula forte, nariz reto. A queda havia bagunçado seu tão negro-cabelo-que-brilhava-azul



em um despenteado casual. Ele deveria estar desfilando seminu pela praia do Pacífico Sul, com sua pele reluzente e sua sensualidade casual, um sorriso cheio de promessas em seus lábios cheios.

Mas foram os olhos que me mantiveram olhando-o fixamente. Marcados por grossos cílios, o marrom escuro brilhava com tons carmesim e âmbar que me puxavam para sua tranquila profundidade. Intrigada por sua quente luminosidade, eu me inclinei para ver de perto, levada pelo tipo de curiosidade que sem dúvida matou o gato. Minha cabeça ainda estava nublada pela emoção, e quando os aromas de grama recém-cortada, couro e almíscar encheram meus sentidos, quase suspirei.

Só quando minhas mãos tocaram o algodão suave de sua camisa e os duros músculos se expandiram embaixo, senti um calor vindo de onde nossos corpos se tocavam. Sua mandíbula estava tensa. Ele correu suas mãos sobre meus músculos e as fixou justo acima de meus quadris. Seus dedos se afundaram na minha pele e empurrou a parte superior do meu corpo para frente. Me perguntei em um pânico confuso porque eu não estava me afastando do beijo que ele estava a ponto de me dar – quando seu peito ficou tenso e ele me empurrou longe.

Uhhhh. Interpretei mal.

Aterrissei em um golpe pela enésima vez essa noite e fiquei deitada tentando recuperar o flego e acalmar meu ego. O orvalho úmido se infiltrou pela minha já molhada camisa. Suor salgado ardia meus olhos. Afastei a longa cascata de cachos emaranhados do meu rosto. Meu novo gel para cabelo. Maravilhoso.

O garoto exótico se levantou e deu uma volta completa, observando nossos arredores, ligeiramente envergonhado. Finalmente deu a volta, abaixou sua cabeça, relaxou seus ombros e respirou fundo.

— Desculpe, não te vi a tempo. — Sua voz soou grave enquanto girava franzindo o cenho, o que tirou a sinceridade de suas desculpas.

— Sem problemas. — Fiquei de pé, me preparando para recusar educadamente sua ajuda. Ela nunca chegou. Ao invés disso ele se afastou.



Reticente a encontrar seu olhar, olhei o resto. Sou mais alta que a maioria dos meninos da minha idade, mas ele me passava por vários centímetros, facilmente ele teria mais de 1,82. Sua jaqueta preta de couro se abriu mostrando uma camisa cinza decorada com uma caveira negra artisticamente representada. Calças pretas com correntes, um cinto de prata brilhante com algum desenho intrincado e botas de combate completavam o conjunto.

Ele significava problemas. Um problema sexy e escuro. O tipo de problema que garotas mais espertas que eu, caíram com resultados desastrosos – e alguns arrependimentos. Dei um passo para trás, me distanciando de sua sedução. Então algo mais que sua imagem deslumbrante chamou minha atenção. Algo raro. Parecia como um vapor cinza subindo de seus ombros. Revirei os olhos.

— Acho que você está soltando fumaça.

Um pesado silêncio se seguiu. Quando encontrei seu olhar, em seus olhos só havia um rico chocolate escuro e brilhando com nada mais que diversão. O sorriso sedutor que eu sabia que ele teria apareceu em seus lábios sensuais. Era melhor do que eu havia imaginado.

— Whou — ele cruzou os braços sobre seu musculoso peito e balançou a cabeça. — Atrevida. Agressiva. Eu gosto.

Demorou um segundo, em seguida meu estomago gelou.

— Não eu... eu não.

— Não fique envergonhada — Seu olhar prendeu o meu, um sorriso travesso causando estragos na minha postura. — Me sinto elogiado. As garotas por aqui não são tão audazes. É refrescante.

Minhas bochechas ficaram vermelhas. — Não quis dizer que você é quente.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Não quis?

— Não. Quero dizer, não é que não seja... — minhas mãos gesticularam, — bem bonito. Eu acho. — Genial, Aurora, vamos aumentar mais essa humilhação.

— E bastante conquistadora — Seu sorriso nunca desapareceu. — Obrigado.



Eu sabia que ele estava zombando de mim. Cansada, eu sem dúvida estava fora de mim para dar uma resposta sensata. — De nada. — Olhei ao redor meio esperando que um demônio aparecesse para me tirar dessa confusão.

— Então o que quis dizer?

— Oh — Limpei minha garganta. — Bom. — Uma mão foi para o meu quadril tentando parecer indiferente, mas duvidava que eu conseguisse engana-lo. Com a outra apontei um dedo para seus ombros. — Pensei que você estava literalmente... — Deixei minha mão cair, incapaz de enterrar a mim mesma na minha humilhação. — Não importa.

— Literalmente soltando fumaça?

— Sim, mas... — Como se isso não parecesse loucura. Agitei minha mão para desconsiderar esse absurdo.

Seu olhar mudou. A diversão sumiu, seu olhar cortou o meu, afiado, buscando, invadindo, como se quisesse conseguir alguma informação da minha alma. Tentáculos gelados deslizaram pela minha espinha.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou uma nova voz.

Meu vizinho tinha estilo. Os garotos ao lado supostamente tinham um rosto novo com pele clara, cabelo claro como caramelo que caíam sobre seus olhos azuis, e um punhado de sardas. Também supunha-se que deveriam ser amigáveis. Nos mudamos há uma semana e esse garoto já nos evitava como se fôssemos uma família de cobras venenosas e drogados.

— Tristan! — O garoto de cabelo escuro exclamou e apontou para meu vizinho. — Vem aqui. Esta é... — Ele parou, me olhando.

— Aurora — eu disse.

— Esta é Aurora. E ela acha que sou muito quente. — A mão do Senhor Exótico deslizou para sua boca em um esforço de cobrir o sorriso travesso com que ele não estava conseguindo ou não queria lutar.

— É claro — Tristan empurrou seu amigo. Mas meu rosto deve ter mostrando minha espantosa mortificação porque ele franziu o cenho. — É verdade?



— Nãooo — eu disse rápido demais. — Não exatamente. — Antes de poder explicar, algo se enroscou em minhas pernas, e me assustou me fazendo dar um pulo estranho, braços levantando. Nada mais embaraçoso.

Ambos os garotos sorriram para a ameaça. Van Helsing, meu gato, com o pelo todo arrepiado. Cada vez que demônios estavam ao redor ele parecia como se tivesse enfiado a pata em uma tomada.

— Qual é seu sobrenome? — Disse o Senhor Exótico.

Pisquei. — É Lahey.

— Irlandês. Explica seu cabelo vermelho. E se mudou há uma semana? Com sua família?

— É. — Me dei conta de que estava torcendo meus dedos e soltei minhas mãos.

— Ambos os pais?

— Ambos? É.

— De onde você é?

— De Los Angeles, mas –

— Da cidade grande. — Ele me cortou, impaciente para a próxima pergunta. — O que a trouxe a Gossamer Falls?

— Ah. — Meu estomago se retorceu. Minhas mãos imitaram o movimento. Coloquei-as no bolso e fabriquei um sorriso. Dei meia volta, meio desesperada para estar em outro lugar. — Eu deveria...

— Quantas crianças têm na sua casa?

Tristan deu a seu amigo um olhar questionador, mas o Senhor Exótico o ignorou.

— Cinco. — Me senti como se tivesse começado um jogo de vinte perguntas sem me avisarem. Eu estava jogando?

— É a mais velha?

Estreitei os olhos. — Sim.

— Estou chutando dezesseis? Dezessete?

— Dezessete.

— No penúltimo ano?

— É. Acho que deveria...



— Nós também — ele golpeou a Tristan nas costas. — Provavelmente vamos ter aulas juntos. Não é ótimo?

Tristan assentiu com um sorriso tenso. Ele não parecia como se achasse ótimo.

— O que seus pais fazem? Viajam muito?

Minha testa franziu. — Não, eles não viajam. — Estava cansada desse interrogatório. — E os teus?

Ele piscou. — O que?

— Seus pais viajam muito? Ainda estão casados? Quantas pessoas tem em sua família? Que aulas você tem? Usa boxer ou calção? Qual é seu sistema de calefação? Sempre sai por aí esbarrando em garotas estranhas e logo as sufoca com uma chuva de perguntas pessoais? — Terminei com uma careta.

Tristan escondeu seu sorriso atrás de uma mão. O Senhor Exótico me encontrou com seu olhar inabalável, um sorriso aparecendo. — Você sempre termina confundindo as pessoas?

Tristan se engasgou. Meu sorriso congelou. Merda.

— E sobre boxer ou calção. — Uma mão se dirigiu a sua cintura. — Eu ficaria encantado em...

Merda dupla. Apontei com o polegar sobre meu ombro para minha casa. — Tenho que ir.

— Não, espera. — Ele estava rindo agora. As minhas custas. — Só mais uma coisa?

Dei ao Senhor Exótico um olhar entediado, mas ele apontou com a cabeça para mim e falou com Tristan.

— Tome conta disso — disse ele. — Ela teve uma fuga ruim.

Minha expressão se iluminou com interesse. — Com o?

— É. — O garoto girou um longo dedo ao redor de sua cabeça. — Portanto é melhor...

— Entendi. — Tristan assentiu.

— Do que vocês estão falando? — Algo golpeou a parte de trás do meu crânio. Forte. Minha mão voou para minha cabeça e eu fiz círculos para procurar algo. Nada. Justo quando estava tentando decifrar que



força invisível estava jogando hóquei com meu crânio, uma onda fresca de calor atravessou meu cérebro. Meus joelhos se dobraram. Cai, um gemido chegando a meus ouvidos.

Uma mão agarrou meus ombros. Minha cabeça se sacudiu com outro golpe. Ao menos esse eu entendi. Tristan balançou para trás com minha cabeçada acidental.

— Desculpa. — Forcei minha cabeça.

Ele recusou minhas desculpas, mas seus olhos violetas lacrimejavam pelo golpe.

Violetas? Observei novamente. Não, azul com uma volta violeta ao redor da íris. Enquanto olhava, ao violeta se transformou em lavanda e logo só as profundezas azuis estavam em sua expressão preocupada. Golpes demais na cabeça deveriam ter me causado uma comoção cerebral, a menos que esses garotos tenham colocados lentes de contato, seus olhos acabaram de mudar de cor.

— Não se preocupe com isso. — Tristan estendeu uma mão. Apesar de sua figura esbelta, ele facilmente me ajudou a ficar de pé. — Você está bem?

O barulho se dissipou. Esfreguei a parte traseira do meu couro cabeludo, surpresa por não encontrar um inchaço e assenti, ainda sem ideia sobre o que havia acontecido, mas pronta para me afastar desses dois.

— Rora! — Luna gritou da entrada da nossa casa. Minha irmã de catorze anos não era conhecida por ser sutil. Pelo menos uma vez eu estava agradecida.

— Tenho que ir. Vejo-os mais tarde. — Caminhei para trás e apontei para o Senhor Exótico. — Mantenha-se olhando para frente. Eu gostaria de evitar outra tragédia.

Os dois garotos compartilharam um olhar surpreso.

— Espera, você... — Tristan começou, mas parou quando o Senhor Exótico levantou a mão.



— O jantar está pronto! — Luna fez um movimento impaciente com o braço. Acenei-lhes por cima do ombro, contente de me afastar. Que dupla estranha.



CAPÍTULO QUATRO

Luna me analisou enquanto entrava em casa. — Você está realmente fedida. Com quem estava conversando?

— Os vizinhos. Tristan e... — Me dei conta de que o insolente sexy não havia se apresentado.

— São bonitos?

Sorri. — Muito quentes.

Minha irmãzinha Selenia se lançou em meus braços, quase me derrubando. Meu assunto da noite.

— Amanhã tem escola! — Seus cinco anos animados. — Yeah.

— Será divertido. — Fiz cócegas nela fazendo-a soltar risadas e escondendo minha falta de ânimo. Nova escola, metade do ano, e... demônios tentando me matar? O prognóstico não era nada animador.

Circulei através das caixas empilhadas no corredor e coloquei Selenia no seu lugar. Ela cantava sua última música sobre escolas de arte. Na sua cadeira alta, com um ano de idade, Oron tinha uma mão na boca e a outra batendo no prato. Luna e seu gêmeo, Lucian, começaram uma discussão que cresceu em “é” e “não sou” depois de Luna chamar Lucian de pervertido.

Algumas pessoas chamariam isso de caos. Na nossa casa? Bem-vindo ao jantar.

— Lucian! — Mamãe gritou enquanto arrumava seu famoso bolo de carne, dando-nos nossa comida caseira de origem irlandesa antes do nosso primeiro dia de aula. — Chega de conversa sobre seios.

Levantei minhas sobrancelhas para meu irmão hormonal.

— Ordens da mamãe — disse Lucian com um olhar duvidoso. — Não importa que papai olhe os seios de outras mulheres. Não é como na cidade. Esse povoado é pequeno. Ele vai conhecê-las. As mulheres - não os seios.



Selena canta sua música com uma nova letra. “*Papai vê seios que parecem esnobes.*”

Papai começa seu discurso sobre como os cirurgiões estão interessados em salvar vidas e não comer com os olhos as “partes privadas” das mulheres e mamãe muda de assunto.

— Aurora, viu algum de seus antigos amigos?

Pego um pedaço de pão para beliscar. — Mamãe, eu tinha oito anos quando nos mudamos daqui. Você se lembra de alguém?

Mamãe negou com a cabeça enquanto colocava purê de batata na boca de Oron. — Não. Clyde?

— Não. — Papai fez uma pausa com o garfo a caminho da boca. — No entanto, os professores não chamavam a Aurora de Branca de Neve?

Selena interrompeu. — *Eu vou, eu vou para casa agora eu vou.*

— Assim era. — Mamãe parou uma colher no caminho para Oron que, perdendo a paciência, afundou sua mão nas batatas. A maior parte da papinha espirrou em seu rosto. — Branca de neve e os sete anões com quem ela sempre andava na escola.

— Você tinha sete namorados? — Luan perguntou, impressionada.

— Não — mamãe disse. — Não sete, só quatro ou cinco. E eles não eram namorados, apenas amigos. Aurora era uma moleca. Não brincava com garotas.

— Devia ter se apegado a esse plano — murmurou Lucian.

Um forte silêncio preencheu o cômodo. Papai, mamãe e Luna olharam para Lucian como se tivesse explodido uma granada debaixo de seu pé.

Aqui vamos nós. Inclusive agora, a menção do “incidente”, a razão pela qual nos mudamos para fora da grande cidade, trazia tensão. Esfreguei meus ombros sentindo as cicatrizes ásperas embaixo. Os demônios não eram os únicos que tinham tentando me matar, só eram os mais recentes. Na verdade, eles não me assustavam tanto quanto os



seres humanos. Pelo menos os nativos do inferno eram honestos sobre querer me ver morta.

Depois do olhar gelado de mamãe e um cutucão de Luna, Lucian se desculpou. Papai tirou minha mão do ombro e a apertou com força, algo que havia feito muito tempo depois de eu ter me recuperado no hospital.

Olhei ao redor da mesa. — Estou bem. — Eu sabia que o dano ainda fazia minha psique sangrar e que levaria um tempo para se curar, mas eu tinha jurado que não seria mais uma alma patética torturada só porque um grupo de amigos perdedores haviam endoidado em cima de mim. — Alguém me disse uma vez que só porque você está machucado...

— Não significa que esteja vencido. — Papai finalizou seu lema favorito. — Homem sábio. Estou certo que ele é devastadoramente lindo também. — Ele ignorou nossas risadas abafadas.

Luna disse — Então sobre os sete namorados... — E tudo segue seu caminho.

Mamãe negou com a cabeça. — Não eram. Oh, esqueça. Se lembra deles Aurora?

— Acho que sim. — Eu vasculhei as catacumbas da minha memória. Imagens brilharam. — Algum deles tinha cavalos?

— Sim! — Mamãe assentiu. — Em um sítio. Você foi montar um par de vezes quando a sala saía em excursão. E eram gêmeos. Lembro disso porque eu tinha gêmeos também e, oh céus, a mãe deles era linda. Havaiana ou algo assim. Lembra? — Papai inteligentemente fingiu ignorância sobre o comentário da bela mãe. — Todos os pais mantinham a si mesmos como nós. Alguns deles tiveram que seguir em frente. Quer que eu descubra? Vocês poderiam sair juntos.

— Mamãe, eles poderiam ser assassinos seriais zumbis mutantes agora mesmo — Lucian advertiu.

— Basta com os zumbis mutantes. Sem mais videogame para você.

— Bom. Posso falar de seios?



Eu não contei para a minha família sobre minhas habilidades de detecção demoníaca.

Eles eram normais demais para entender, e eu estava assustada de terminar de novo em um hospital. Só que agora o hospital teria paredes acolchoadas. Mas o encontro de hoje elevou a aposta em um jogo que eu não sabia ao certo como jogar. Eu precisava de respostas e um plano antes que todos os que eu amo ganhassem uma passagem só de ida para a morte.



CAPÍTULO CINCO

— Por acaso mamãe acabou de nos deixar no castelo de verão do Drácula? — Luna perguntou.

Os gêmeos e eu olhamos espantados para o edifício sem fim de pedra e vidro onde as crianças davam voltas parecendo fora do lugar.

— Essa tem que ser a escola mais legal que eu já vi — Lucian disse assombrado.

Ele tinha um ponto.

Espirais como de várias histórias, com múltiplas torres, abobadas e colunas criadas a partir de uma gama vertiginosa de pedras cinzas e marrons. Janelas altas e brilhantes se destacavam, como se alguma besta houvesse corrido suas garras através da pedra. Um enorme espelho circular estava na entrada, como um olho que vê todos que passam, sentenciando os que entram. Não estaria surpresa se tivessem piscado.

O edifício se estendia em todas as direções, marcado por grandes árvores bem cuidadas, e ampliava-se em um vasto bosque que as rodeava. A paisagem se baseava em flores coloridas, árvores recentemente podadas, caminhos serpenteantes, e pontes que conectavam lagos com uma alta margem, e patos ou cisnes flutuavam na superfície.

Árvores meticulosamente podadas apareciam sobre bancos forjados de ferro; e no meio do pátio dianteiro, uma fonte circular de pedra tinha pelo menos seis metros de altura. Fios de orvalho restantes da nebulosa da manhã teciam tudo, tentando encobrir a saída do sol. Fora do silêncio, Luna riu e todos lutamos para nos conter.

Vestida como uma princesa gótica, minha pequena irmã se encaixava perfeitamente aqui. Eu mantinha minhas roupas básicas, exceto algumas adições incomuns. Depois do encontro de ontem, busquei na minha caixa de acessórios anti demônios e encontrei uma das



primeiras coisas que comprei quando essa coisa de demônio começou e eu, bem, enlouqueci.

Por isso eu usava sapatos e jeans e mais uns extras. Várias correntes de ferro com pequenos pingentes adornavam as calças, uma pulseira de “talismãs do mundo” em meu pulso, uma grande cruz celta talhada – presente da minha vó – presa em uma solida corrente ao redor do meu pescoço, e gárgulas assustam demônios, portanto várias enfeitavam minha camisa.

Preso em um rabo de cavalo, meu cabelo vermelho escuro caía em grossos cachos pelas minhas costas. Algumas mechas rebeldes em espiral caíam sobre a minha testa já que eu nunca conseguia dominar totalmente a massa inteira. Os reflexos vermelhos ardentes brilhavam um pouco chamativos demais para o meu gosto, mas a herança genética de papai os havia me dado sem me consultar.

Eu também havia herdado uma pele com sardas e os olhos da mamãe, “o escuro perigoso de um mar agitado da Irlanda”, segundo minha avó. Ela fazia de si mesma uma poetisa. Meu cabelo e altura – muito acima das garotas normais e pernas longas – faziam que me misturar fosse algo difícil, mas eu tentava.

Até agora havíamos chamado pouca atenção. Mamãe nos deixou nas gigantescas portas de ferro forjado depois de repartir o dinheiro do almoço, que enfiei rapidamente no meu sutiã – devido a minha corrida, as coisas podem facilmente cair dos bolsos, mas nunca do sutiã. Depois de abraços e beijos ela desapareceu pela estrada central para a escola de Selenia, separada, mas dentro do recinto fechado, e andamos entre a multidão a caminho do interior, folhas soando embaixo dos meus pés.

Levantei o olhar, minhas mãos criando uma sombra para meus olhos. Em uma das torres mais altas um monte de gárgulas bondosas faziam guarda. Toquei a imagem similar na minha camisa, e então algo me bateu. Olhei ao meu redor verificando a minha volta antes que minha mandíbula oficialmente caísse.

Os demônios são mais comuns do que as pessoas pensam – para as pessoas que inclusive acreditam que demônios existam. Observei



muitas criaturas aparentemente inofensivas correndo ao redor da vida cotidiana das pessoas. Mas estudantes do colegial são especialmente atraentes para os demônios, que amam manipular essa combinação letal de angustia, incerteza, e a necessidade de encantar. Mas aqui – e eu chequei quatro vezes – não havia demônios. Nem um. Nada. Zero. Nada de nada.

Muito estranho.

Perto do meu rosto, uma mochila entrou na minha visão. A peguei e joguei de volta para Lucian.

— Idiota — Resmunguei, depois mordi o lábio. Sem demônios era uma boa coisa, não era? Especialmente depois do fiasco de ontem. Será que eles estavam escondidos? Juntos em algum canto esperando, planejando, prontos para atacar? Só havia uma maneira de descobrir. Nosso trio de recém-chegados se dirigiu as escadas, enquanto eu ainda olhava ao redor com incredulidade.

* * *

Uma grande parte do edifício não era utilizada pelos estudantes, mas eu ainda tinha problemas andando pelos corredores sem fim. As aulas eram as de sempre e os estudantes normais, mesmo que o edifício não fosse uma coisa comum.

— Olá. — Diziam alguns. Outros me ignoravam, uns tantos viraram a cabeça se eu olhasse para eles. Sem amigos, mas sem inimigos, no entanto. E sem demônios. Em alguns momentos minha mão suada tocava as cicatrizes no meu ombro, uma constante lembrança de que a segurança era uma ilusão, e qualquer um, inclusive esses garotos, era uma ameaça potencial.

Intercalei a paranoia com confiança e firmeza, e atravessei o mar de corpos, tentando ter pouco contato e conversa. O sino soou. As portas se abriram para receber o corpo estudantil como um aspirador zumbi. Corredores vazios denunciavam que eu chegaria atrasada em Educação Física assim que entrei no ritmo e segui pelos corredores.

Mas mesmo com o mapa de um amarelo vivo, proporcionado pela secretaria, o retorcido labirinto de arquitetura gótica confundiu meu



senso de orientação. Apressei-me em uma curva. E bati contra uma parede.

O impacto me desequilibrou. Voltei para trás. Uma mão disparou rápida e agarrou uma corrente da minha calça. Minha queda mudou para uma parada. Eu pendi no ar como um peixe em um anzol, as correntes cavando em minhas costas, os pingentes soando.

Eu olhei para cima. E um pouco mais para cima. A “parede” era gigante e cheia de preocupação

— Hey — o cara me levantou com uma mão para que nossos rostos estivessem nivelados. — Você está bem? — Ele resmungou e eu me sacudi. Ele captou a mensagem e me soltou, mas não tirou seu olhar do meu.

A adolescência tinha sido agradável com Gigantor, mas seu físico de lutador forte e suas características quadradas foram suavizadas com um sorriso tolerante e olhos verdes brincalhões. Pele bronzeada pelo sol complementava seus cabelo cor de canela, curtos, mas ainda rebeldes a qualquer tipo de ordem. Seu nariz ligeiramente torto, sem dúvida quebrado em uma briga – com um alce.

Ombros largos, braços sólidos que gritavam “faço exercícios religiosamente” e uma caixa torácica que estava coberta por uma camiseta azul escura com várias manchas descoloridas. A camiseta se esticava em sua impressionante estatura, mas não parecia que era pelo efeito, era como se ele tivesse se esquecido de comprar uma nova enquanto os anos transformavam seu corpo. Em contraste, suas calças estavam soltas, mas igualmente desgastadas. Roupas de segunda mão? Quem era maior que esse garoto?

— Tem certeza de que está bem?

— Bem — eu respondi, arrumando minhas calças e resistindo a vontade de arrumar minha calcinha.

— Bem — ele disse sem se mover. — Porque garotas não deviam se machucar quando caem em cima de mim. — Ele recolheu meu mapa e minha mochila, me entregando-os com um sorriso que dizia que ele era brincalhão. — Agora que você encontrou o desejo de seu coração. — Ele



pôs a mão dramaticamente sobre seu enorme peito. — Eu. O que mais posso te ajudar a encontrar?

Retrocedi e olhei para o mapa.

— Só o ginásio, Casanova, nada mais.

Imperturbável, ele pôs um braço ao redor dos meus ombros. Apesar de sua aparência desgastada e imperiosa ele cheirava a limpeza.

— Pode ser simplesmente o ginásio hoje, mas acredite, baby, rapidamente eu serei o X em seu mapa do tesouro.

Me movi para longe de seu abraço.

— Sim, mas até então...

Com um dar de ombros, ele olhou o mapa.

— Ah. — Sua enorme mão apontou para a direita antes de me devolvê-lo.

Suspirei nervosa e as células do meu cérebro dispararam. — Claro. Obrigada.

Ele sorriu.

— Eu vou recolher mais tarde. — Ele me deu um pequeno empurrão que quase me deixou de joelhos.

Algo me chamou a atenção, e eu engoli um som ruidoso. Uma fada, ou duende, ou o quer que se chame, voava, soltando sopros vibrantes de pó, e aterrissou na cabeça de Gigantor, quase invisível enquanto ria. Seus brilhantes olhos nele enquanto se afastava.

Esfreguei os olhos, talvez estando mais cansada do que havia imaginado. Mas que diabos, para uma garota que vê demônios, fadas são uma mudança bem-vinda.

Suspirei no ginásio vazio, insegura de meu próximo movimento, mas uma professora passando mostrou compaixão. Ela me apresentou aos suados uniformes, me levou para o vestiário vazio das garotas, e logo me encaminhou ao campo para que eu me unisse a minha turma, onde eu agora corria gritando. Estávamos jogando rouba bandeira, e minhas longas pernas ajudaram a marcar. Eu não estava contente sobre a



mudança de roupa, e deixar todo meu equipamento anti-demônio, mas não havia ameaças visíveis, então eu tentei relaxar.

Um garoto tranquilo com um cabelo branco chamativo me olhava. Quando encontrei seu olhar ele ruborizou e estreitou os olhos, ficando nas proximidades, se distanciando do grupo, lançando uma bola de futebol no ar. Girou alto e veio para baixo, aterrissando como uma pluma em sua mão antes de outro golpe de pulso enviá-la ao ar novamente.

O suor escorria de sua pequena estatura, a roupa azul marinho contrastava com sua pele e sobrancelha brancas. Só olhos verdes interrompiam sua aparência albina. Um garoto se colocou atrás dele e pegou a bola de futebol.

— Hey, devolva isso! — Gritei antes que eu tivesse o bom senso de me censurar, mas o idiota só sorriu e a chutou com vingança, mirando-a bem no bosque.

— Herman! — Disse o treinador Slader. — Você jogou, você pega.

— Vamos, treinador. Eu não...

— Não se meta comigo, filho — respondeu o treinador Slader. — Passei a manhã toda explicando para a companhia de seguros que eu não tinha ideia do porque meu carro parecia como se o Godzilla tivesse pisado nele com seu grande pé como fez com Tóquio. Num minuto estou caminhando, no outro eu volto para uma pizza retorcida de metal. Pode acreditar? Nãooooo. Eles acham que estou mentindo! Claro, eles não dizem isso, mas...

— Hey treinador. — Me dirigi para o bosque. — Vou buscá-la para você. — Era o melhor que eu podia fazer.

A vegetação exuberante silenciou meus companheiros de aula, e me deleitei com a solidão tranquila, desejando poder aliviar minha culpa pelo carro do treinador. O ar úmido oferecia aroma de pinheiros frescos mesclado com terra fresca, madeira, animais e mofo. O solo úmido, espesso com um tapete de folhas de pinheiros e restos orgânicos faziam que caminhar fosse difícil. Dirigi-me para a direção da trajetória da bola quando...

Oh, merda.



Tonta e com vertigens, eu me lancei na árvore mais próxima. O olho da minha mente visionária me levou por uma corrida mental rápida através do bosque que rodeava a escola. As viradas a esquerda e direita me deixaram enjoada até que minha visão parou em algo agachado todo verde e marrom. A massa se levantou. Basicamente um humanoide, mas curvado, tinha mãos grandes e grotescas e uma cabeça pequena demais para os dentes enormes que gotejavam algo escuro.

Eu esperava que não fosse sangue. Uma mistura de entranhas e pele que poderiam ser de um cervo mutilado em outra vida estava aos seus pés. O demônio passou uma mão com garras através de sua boca, moveu os galhos para um lado e ficou pálido, olhos brilhantes, farejando o ar.

Através de uma árvore bem cuidada. Vi o que chamou a atenção do demônio. E ofeguei.

Um pátio de jogos para crianças do tamanho de Selenia, com tobogãs de plástico, barras para subir, escorregadores, torres de castelo, túneis e um barco pirata, todos brilhantes em cores primárias. Uma massa de crianças gritando e brincando com um abandono encantador. Um grito chamou minha atenção e ambos, o demônio e eu focamos em uma garota no timão do navio pirata. Ela brandia uma espada e gritava ordens para sua equipe no solo.

Sua cabeça caiu para trás em uma gargalhada, tranças vermelhas brilhando no sol. Quatro tranças, não duas. Duas eram chatas, ela tinha me dito quando pediu minha ajuda essa manhã.

Selenia.

Um grito ressoou na minha cabeça, e mentalmente me atirei para trás com a velocidade de um raio. Minha visão retrocedeu através do bosque e parou como um punho em meu estômago, me deixando sem ar, desorientada e no chão.

É assim que eu encontro demônios. Não quero fazer isso, e acredite em mim, eu preferia não fazer. Mas de alguma maneira quando estão em algum lugar da minha visão geral, eu me dirijo para lá



mentalmente, melhor que fisicamente, e vou para lá. Quer eu goste ou não. Eu chamo de psico-abdução. Sabe, como morcegos e seu sonar? Só que primeiro, eu faço isso psiquicamente, e segundo, isso me deixa louca. Engenhoso, não é?

Sim, encontrar demônios era fácil, mas lutar contra eles? Não estava no meu repertório.

Mas ele estava aqui. Observando um monte de crianças pequenas. Observando Selenia.

Eu não tinha certeza de onde era escola dela, mas não podia ser longe.

Algo chamou minha atenção. Me arrastando, peguei a bola, fiquei de pé e corri.



CAPÍTULO SEIS

Chame de peculiaridade, mas tenho uma predisposição a me distanciar de tendências suicidas. Então, embora eu tenha essa habilidade insana de ir mentalmente à localização de um demônio, eu nunca tentei usar essa visão na minha cabeça para rastrear fisicamente um antes. É por isso que eu nunca soube antes que eu poderia. Nunca quis descobrir antes.

Nunca um tinha ameaçado a minha família antes.

Não conseguia explicar isso. Simplesmente sabia em qual direção ir, desesperadamente buscando uma coisa dos pesadelos dos quais eu tenho desconsoladamente tentado evitar.

Tão concentrado no parquinho ele estava, que não ouviu o meu progresso através do bosque, furtiva como um T-Rex na caça. Encarei suas costas a vários metros de distância, verdes, manchadas de lama, vegetação parecendo brotar de seus poros. Nojento. Horrível. Meu estômago caiu, coragem lutando pelo controle.

Olhei para a bola de futebol nas minhas mãos, a que eu encontrei quando caí de bunda no chão e tive minha brilhante tempestade de ideias de caçar o demônio. Eu a joguei para frente e para trás, e estremeci um suspiro. Não tinha sentido esperar. A morte vem para todos nós, mas não hoje, não para a minha irmãzinha. Meus dedos encontraram os cordões. Meu braço retrocedeu e...

Sem espiral neste lançamento. Nope. Papai chamaria este bebê de “A Bala.” E eu era a estrela quarterback Lahey.

É por isso que não foi nenhuma surpresa quando a bola de futebol americano disparou como um foguete contra a parte de trás do crânio do demônio e ricocheteou, mexendo na sujeira, folhas, alguns insetos de tamanho jurássico - e sua natureza desagradável.



Ele bateu com a mão encardida enorme na cabeça, e girou os olhos verdes incandescentes na minha direção.

— Te peguei, — traguei um sussurro rouco. — Está com você.

Seus olhos se iluminaram. Quero dizer, literalmente, se iluminaram com um fogo esmeralda. E ele sorriu. — Então, — ele falou as palavras com voz áspera. — A Divinicus Nex vem a mim.

Músculos queimavam e a respiração se enfurecia enquanto eu corria pelo bosque, levando-o para longe de Selena e de volta na direção do colégio. Eu esperava que a multidão fosse afugentá-lo. Quase deu certo, a não ser por uma árvore que apareceu do nada à minha esquerda. Lascas choveram como estilhaços. Cobri os olhos como uma viseira e continuei correndo - até que um puxão no meu tornozelo arrancou meus pés de debaixo de mim.

Um estalo alto soou quando meu joelho se conectou com uma pedra. Meu rosto bateu com força no chão macio, muito do qual acabou na minha boca. Cuspi a sujeira, me embaralhei para ficar de pé, mas as raízes de plantas se levantaram do chão e se torceram em volta das minhas pernas. “Enraizada” ao local, me pressionei contra um tronco de árvore e encarei com horror quando o demônio chegou.

O monstro estava a três ou três metros e meio de altura. Sua pele coriácea verde clara estava coberta de sujeira, musgo, folhas e pedaços de grama, o cheiro era repulsivo. Seus dentes brilhavam marrons. Evidentemente ele não estava ciente dos vários produtos de branqueamento no mercado. Ele recuou o braço. A carcaça de cervo fez ruídos de esguicho em seu aperto enquanto ele a usava como um aríete mirado para a minha cabeça. Mergulhei em posição fetal. O corpo atingiu a árvore com um baque forte que sacudiu meus globos oculares nas órbitas, e uma névoa de gotas gosmentas, molhadas, gelatinosas sobre as quais eu nem queria pensar respingaram por toda parte em cima de mim.



Para o olho destreinado, pode ter parecido que eu estava me encolhendo de medo, mas na verdade era parte do meu brilhante plano mestre de arrancar as raízes e fugir. O que eu fiz enquanto a fera acelerava para outro ataque, a massa carnuda pulverizando pedaços de gosma conforme o demônio a balançava em círculos acelerando sobre a cabeça.

Pinhas foram atiradas das árvores e choveram como balas. Meus braços bloquearam. Corri sem olhar para trás, saltando sobre obstáculos e orando por habilidades acrobáticas que eu sabia que não possuía. Eu me lancei pela última linha de árvores e passei por um surpreso Treinador Slader.

— O que está acontecendo?

Oh, nada, só um demônio tentando obliterar a minha existência. Eu berrei, — É uma - uma - *corrida!*

Confusão manchou os traços do treinador. Estudei a estrutura gótica como uma fortaleza que chamávamos de escola imaginando que poderia fazer a besta se perder naquele labirinto, mas em vez disso fui em direção ao estacionamento vazio, longe de pessoas desavisadas.

A fera rompeu a floresta. Gritos irromperam. Vários alunos guincharam — Urso!

Quem dera. Mas isso foi estranho. Urso? Demônios geralmente gostavam de permanecer invisíveis, manter a discrição, me fazer parecer louca. Talvez eu fosse. Olhei de relance para trás e vi o demônio pausar para escrutinar a multidão em pânico até que seus olhos frios trancaram nos meus. Ele investiu.

Tecendo através de carros, eu ansiava por um plano. Trocar de roupa para a aula? Grande erro em retrospectiva. Continuei correndo, esperando inspiração... ainda esperando e... nope. Eu não tinha nada.

Mais à frente, um menino estava de joelhos trocando um pneu. Eu agitei meus braços em um movimento de enxotar.

— Saia daqui!



Ele olhou de relance para cima, olhou além de mim, pânico registrado, então ele debandou, deixando cair a chave de roda com um tinido. Abaixei-me e a agarrei - em forma de um grande X - e a joguei estilo Frisbee, me lembrando de sacudir meu pulso como Lucian tinha me ensinado. Eu não poderia dizer se o atingi porque ele arremessou um pedregulho do tamanho de Rhode Island diretamente em mim. Veio rápido.

Um motor acelerou à minha direita. Um carro esporte escuro gritou na minha direção. Freios guincharam, baixando o nariz do carro, cascalho voando, e enviando a extremidade traseira girando em um gracioso arco sentido anti-horário. O para-choque traseiro balançou na minha frente e socou o pedregulho para fora do caminho com um crunch metálico. O veículo terminou seu giro de 180 e sacudiu a uma parada, chassi balançando sobre rodas soltando fumaça, a porta do passageiro voando aberta, tudo em um borrão de poeira.

Uma súbita rajada de vento me empurrou pra trás, e eu despenquei no banco do passageiro. Cuspindo pedra e sujeira, o carro saiu descascando antes que eu entrasse de vez. O motorista, o albino de olhos verdes da aula de Educação Física, enganchou a mão sob meus joelhos e puxou minhas pernas por cima enquanto a parte inferior da porta roçou meus tornozelos ao fechar. Empurrei os pés contra o chão, uma mão com os nós dos dedos brancos na alça acima da janela enquanto a outra tateava sem sorte por outra coisa para agarrar.

O demônio escorregou da minha visão periférica. Uma videira chicoteou através da janela aberta, se envolveu no meu peito e ao redor do banco. Eu gritei. O Albino pisou fundo no freio, meu novo cinto de segurança orgânico me segurando firme.

Eu agarrei a videira, verde, grossa, pulsando com determinação.

O motorista berrou, — Fique parada! — e fez um movimento de corte perto do meu ombro com a mão.

Senti um zumbido formigando. Cortada, a videira retraiu para fora da janela com uma pancada e a pressão em torno do meu peito relaxou.



Me desenrolei da peça se contorcendo deixada no meu corpo e a atirei para fora da janela.

O Albino olhou de relance no espelho retrovisor, sacudiu a marcha, balançou o braço direito sobre a parte de trás do meu banco, torceu para olhar para trás, e voou em sentido inverso.

— Você está voltando? — Gritei.

Ele me ignorou.

Olhei para trás a tempo de ver o rosto assustado do demônio logo atrás do nosso carro se chocar contra ele, disparando o corpo para cima e por cima. Ouvi-o saltar acima de nós, vimos o metal do teto dentear em uma massa de rugas, então ele voltou à vista, navegando sobre o capô, e despencou no chão. O Albino deslizou o carro ao redor e saiu em disparada.

Um cartão purificador de ar de pinho em forma de Ferrari vermelha dançou de um jeito maníaco em uma corda pendurada no espelho retrovisor enquanto nós derrapávamos por um corredor, escorregávamos ao redor de uma esquina, e ziguezagueávamos através de carros estacionados. Eu teria preferido fechar os olhos, mas estava cativada demais pela concentração feroz nos delicados traços do Albino, e observando suas mãos e pés executarem um balé gracioso, rápido, entre volante, transmissão manual, e pedais.

Meu estômago deu uma guinada quando ele puxou o freio de emergência e nós mergulhamos em outro giro, dois na verdade, antes de sacudirmos a uma parada após os pneus do lado do passageiro levantarem brevemente do chão.

Um puxão no meu braço me fez gritar de novo. Fui puxada para fora da janela e o carro saiu guinchando. Lutei contra a mão enrolada em volta da minha boca. A autodefesa básica do Papai entrou em ação. Pisei no pé do cara, dirigi um cotovelo em seu estômago, virei no instante em que o aperto afrouxou, agarrei sua camisa, e o arremessei no chão, joelho em seu peito, braço armado para uma palma da mão em seu nariz.

Hesitei. — Tristan?



— Quieta! — Veio seu sussurro afiado. Tristan balançou uma perna para cima e em um borrão de movimento eu estava no chão ao lado dele, presa por toda a frente dos meus ombros. — Fique abaixada. — Eu fiquei.

Crianças corriam por toda parte, gritos ecoavam. O demônio passou zunindo. Gulp. Ele tinha capacidade de se recuperar de sobra.

— Estou interrompendo alguma coisa? — Com sua voz rouca e baixa, Gigantor parecia maior do que nunca. — Tristan, você sabe que ela me quer, certo?

— Shh! — Tristan removeu sua perna, me ajudou a levantar, e agachou ao lado da roda dianteira de um carro estacionado, gesticulando para eu ficar para trás enquanto ele espiava ao redor do para-choque.

Gigantor se acorou atrás de mim. — Mmmm. Seu cabelo cheira bem.

— Cala a boca, — Tristan retrucou asperamente.

— Bem, ele cheira.

Berros se amplificaram. Passos pesados trovejaram. Um baque surdo, e o carro em que eu me encostei tremeu. O demônio voltou à vista. Ele parecia maior, mas isso poderia ter sido o terror falando. Eu queria correr, mas estava presa entre os carros de Tristan e Gigantor em ambos os lados.

As narinas do demônio se alargaram. Sua cabeça girou. Olhos famintos, incandescentes, travaram em mim. Um rosnado espesso e úmido gorgolejou para cima como bolhas em um pântano lamacento.

Tristan focou na fera, sua voz baixa e urgente. — Ajudinha?

Um estrondo pesado rolou o chão, me inclinando contra um pneu. O braço de Gigantor caiu por todo o meu corpo, me prendendo contra o carro.

— Vamos, vamos, — Tristan entooou com os dentes cerrados.

Um *whoosh*² sugou o ar. Algo longo, fino e branco disparou para a vista, arranhou a caixa torácica do demônio, e se espalhou em uma

² Movimento brusco acompanhado por um som de corrida.



nuvem leitosa translúcida. O demônio girou para trás com um guincho de gelar o sangue que forçou minhas mãos aos meus ouvidos. Um líquido escuro respingou o ar e pulverizou quente no meu rosto. A fera agarrou seu lado, tropeçando. Outro rosnado gutural saiu dele e ele desapareceu em um redemoinho de cascalho que subiu como um tornado do chão. Mas que merd-? Tentei me inclinar para a frente, mas o braço de Gigantor segurou firme.

— Cara, ela está sangrando — ele sussurrou.

Houve um segundo vazio. Tristan e eu dissemos — O quê?

Buracos no meu moletom emolduravam joelhos arranhados vazando carmesim. Minha camisa estava pegajosa. Levantei-a para expor uma ferida parecendo desagradável no meu lado. Simplesmente ótimo.

— Mais alguma coisa errada? — Tristan disse.

— Uh, não, mas... — Dor rachou a parte de trás da minha cabeça. Choraminguei. Meu corpo perdeu todas as funções esqueléticas e desabou como um zepelim esvaziado.

Gigantor me puxou para trás contra um peito tão inflexível que poderia ter sido uma parede de pedra exceto pelo coração que senti batendo contra a minha espinha. — Cara, que dia-?

O Albino Corredor Ricky derrapou à vista. — Você viu - Puta merda! — ele engasgou. — O que foi que você fez?

Uma mortalha de dor, vozes abafadas discutindo, alguém chamando meu nome. Em seguida, a consciência sumiu.



CAPÍTULO SETE

Eu pisquei. Doeu. Eu estava no chão do ginásio. Como? Por quê? Tristan e seus camaradas tinham me largado aqui? Eles ainda estavam por perto? Uma tentativa de levantar mergulhou o que pareciam mil agulhas em meu crânio. Eu vacilei dentro e fora da consciência até vozes abafadas arranharem através da minha percepção. Minhas pálpebras se abriram com dificuldade a um mar embaçado de rostos.

— Jayden está certo! Ela está aqui!

Ouch. Alto demais.

— Todo mundo para trás. Deem a ela algum espaço. — Treinador Slader ajoelhou ao meu lado. — Vamos levar você à enfermeira.

Eu vagorosamente fiquei de pé, mas oscilei quando uma onda de náusea bateu. Alguém me pegou e me carregou em direção à porta.

— Treinador, eu estou b - — Não era o treinador. Apertei os olhos. — Eu conheço você?

— Ciências.

Cabelo preto longo oscilou longe de um lindo rosto com olhos castanhos escuros, amendoados, profundamente definidos com longos cílios. Maças do rosto esculpidas, mandíbula forte. Exótico. E familiar.

— Não, bem, sim, mas eu te conheci antes. — Não conheci?

— Eu ouço muito isso, — ele disse em um tom uniforme. O Treinador Slader nos alcançou seguido de perto por uma trilha de estudantes curiosos, todos tão surpresos quanto eu com esta mudança de eventos. O treinador falou com uma voz delicada, como se não quisesse assustar um animal perigoso.

— Jayden, o que você está fazendo?

— Ela precisa de atenção médica. — O cara não pausou a passada.

— Sim, mas -



— Estou levando-a para a enfermeira.

— Okay, mas -

— Ela está fraca demais para andar.

Bufei. — Eu não estou. Me coloque no chão.

Em um único movimento rápido o garoto parou, me largou de pé e deu um passo para trás. Meus joelhos se dobraram e antes que você pudesse dizer qualquer coisa ele me pegou de novo e continuou andando. Um coro de risadinhas irrompeu atrás de nós.

— Veja, — ele disse.

Coloquei os braços em volta de seu pescoço e calei a boca.

— Estamos fechados na escola. — A enfermeira da escola tirou as luvas de látex. — O urso se foi. Apenas significa que todo mundo fica dentro até o Controle de Animais julgar que é seguro.

Em seu escritório reluzente, de cheiro estéril, ela tinha feito curativos nas minhas feridas com eficiência. Pequenos cortes e arranhões, joelhos ralados como queijo, e uma ranhura no meu lado causado por um pedaço de casca lascada. Ela deixou que eu me lavasse, me deu moletons novos e uma escova para livrar meu cabelo dos detritos.

— Vou mandar trazerem o almoço.

— Não, eu vou para o refeitório.

Senti apenas uma leve oscilação quando fiquei de pé. Deixei as pernas da calça arregaçadas para manter o tecido fora dos meus joelhos. A polícia da moda poderia me multar mais tarde.

— Você não deveria estar vagando sozinha.

— Vou levá-la.

Nós duas viramos olhares assustados em direção à entrada.

— Bem, foi você quem a encontrou, Jayden. — A enfermeira foi tirando suas luvas das mãos, jogando-as na lixeira e então mordeu o lábio.

— Mas-

— Sério, eu estou boa como nova. Posso avaliar lesões. Meu pai é

—



— O médico da cidade grande. — Ela sorriu. — Tenho ouvido coisas boas. Tudo bem, mas você — ela apontou para Jayden, — certifique-se que ela chegue lá com segurança. E qualquer problema, traga-a direto de volta.

Jayden prestou continência, mas não se moveu quando cheguei à entrada.

— Você fez um exame de sangue? — Ele perguntou à enfermeira. Fiz uma pausa, sem ter certeza de que tinha ouvido corretamente. A expressão dele era séria, a dela pega de surpresa.

— Não.

— Você averiguou quaisquer irregularidades com os ferimentos dela?

Ela o encarou zombeteiramente. — Ela precisa de comida. Se você preferir não leva-la...

Em um movimento fluido, Jayden retrocedeu e varreu para fora um braço galante. — Depois de você.

Passei roçando e caminhei pelo corredor vazio como se soubesse onde estava indo. Eu não tinha a menor ideia já que estava sem o mapa e não teria importado se o tivesse, eu só queria ficar longe da minha escolta para fora da bolha, mas atrás de mim as sandálias de Jayden batiam um ritmo constante. Depois de virar uma infinidade de esquinas e terminar em lugar nenhum, fiquei de frente para ele. Ele parou com as mãos atrás das costas e inclinou um olhar curioso.

— Ajudinha? — Eu disse.

— Com o quê?

Revirei os olhos. — Preciso chegar ao vestiário. — Puxei uma mecha do meu cabelo e levantei um pé. — Eu ainda tenho pedaços secos de meleca no meu cabelo, sangue e gosma nos meus sapatos, minhas meias costumavam ser brancas, e não vamos esquecer que estou endurecida com suor. Eu cheiro mal, estou cansada, e quero me limpar e colocar minhas próprias roupas. Entendeu?

Sua testa franziu. — Um pedido errático, mas não ilógico. No entanto, compreendi que estávamos indo para o refeitório.



— Oh. — Olhei ao redor. — Eu estou indo em direção ao refeitório?

— Não, mas você não sabe para onde está indo de qualquer maneira. Compreensível, considerando –

— Então por que você não disse nada?

Ele me deu um olhar vazio. — Você não perguntou.

Procurei em seu rosto por condescendência presunçosa, mas não percebi nada além preocupação sincera. Me apresente um presunçoso condescendente. Eu poderia explodir com um presunçoso condescendente.

Durante o constrangimento de ser carregada pelo campus, eu tinha ignorado os meus arredores, incluindo Sir Galahad³ aqui. Agora eu podia ver que ele parecia pronto para Malibu e sua atitude relaxada adicionava o efeito garoto-surfista.

Alto e magro, ele usava bermuda cáqui, uma camisa xadrez aberta sobre uma camiseta verde e chinelos azuis. Cabelo comprido, quase púrpura em sua negritude, pendia reto e brilhante como de uma sessão-de-fotos, logo após os seus ombros. Eu esperava que ele exibisse uma prancha de surf e me chamasse de “brother” a qualquer minuto. Mas todas essas idiossincrasias não me faziam surtar tanto quanto o fato de que ele me lembrava tanto do cara que tinha me abordado ontem. Deslumbrante e exótico.

— Você está enjoada? — Jayden perguntou.

E muito estranho.

— Uhhh, não.

— Fraca, tonta?

— Eu estou bem.

— Você gosta de ursos?

— O quê?

— Ursos. Você gosta deles?

— Você é algum tipo de lunático?

³ Um dos cavaleiros da Távola Redonda.



— Eles parecem gostar de você. Eu acredito que ele estava perseguindo você.

Okay, talvez não um lunático.

— Você notou qualquer cheiro incomum nas últimas 24 horas?

Não importa. Este cara tinha definitivamente alguns palhaços faltando no circo. Eu me virei e desci o corredor.

— Apenas me leve para o ginásio.

O bater dos chinelos começou atrás de mim.

— Talvez você tenha notado algum estranho -

— Jayden! — Uma voz o interrompeu.

Girei. E vi dobrado. Okay, não dobrado exatamente. Meu herói vestido de couro de ontem estava de pé ao lado de Jayden e a semelhança entre os dois era bizarra.

— Matthias está te procurando, — Sr. Exótico disse a Jayden.

— Esta é Aurora, — Jayden disse.

O cara acenou com a cabeça na minha direção. — Fico feliz em ver você em pé. Jayden, você precisa-

— Aurora, meu irmão, Ayden.

Momento lâmpada. Irmãos. Fazia sentido. Ayden lançou um sorriso distraído. Meu estômago vibrou. Efeitos posteriores do ataque de demônio ou sobrecarga de feromônio da presença de Ayden, eu não podia ter certeza. Ele estava vestindo a jaqueta de couro de novo. Parecia bom.

Ayden apertou seu irmão no ombro. — Eu levo Aurora para o refeitório e você vai se encontrar com Matthias.

Jayden escovou o cabelo para trás. — Ela requer uma mudança de roupa. Estamos indo ao ginásio.

Um lampejo de tensão passou como um fantasma através dos lindos traços de Ayden. — Mais tarde. Tenho certeza de que ela está morrendo de fome depois de toda a sua coisa do urso. Eu vou levá-la enquanto você-

— Desnecessário. — Jayden acenou com a mão. — Matthias pode esperar.



— Parecia *ser urgente*. — Os olhos de Ayden se arregalaram brevemente.

— Então você pode ajudá-lo.

— Ele precisa de sua esperteza.

Claramente havia algum subtexto que Jayden e eu estávamos perdendo.

— Tenho certeza que você se provará adequado, — Jayden disse.

Mas pelo menos eu sabia que *havia* um subtexto.

— Ele não quer adequado, ele quer -

— Vocês são gêmeos? — Meu olhar ia como ping-pong entre eles. Ambos tinham mais de 1,80 metros, com Ayden sendo menor em comparação à estrutura esguia de Jayden. E Ayden carregava uma tensão firmemente enrolada que faltava em seu irmão, como um carro em ponto morto, mas com o acelerador pressionado, apenas esperando por um movimento na marcha para enviá-lo derrapando pela vida.

— Sim. Muito bom. — Jayden assentiu. — Mas não idênticos. Fraternos. Nos desenvolvemos de dois óvulos distintos. Gêmeos idênticos se desenvolvem da divisão de um óvulo e -

— Eu sei, — eu disse. — Eu tenho um par deles.

— De óvulos? — Jayden disse.

Ayden fechou os olhos. Eu teria precisado da manobra de Heimlich⁴ se estivesse comendo na hora.

— Não. — Balancei a cabeça. — Não, eu -

— Porque você tem muito mais do que dois, — Jayden disse em tom de palestras. — Na verdade, garotas nascem com aproximadamente dois *milhões* de óvulos pacientemente aguardando a puberdade para -

— Ooookay. — Ayden passou um braço em torno de Jayden e deu-lhe um apertão rude. — Por que você não deixa algo para a aula de Educação Sexual, huh? — Ele levantou um dedo e emplastrou um sorriso. — Nos dê licença um minuto. — Ele arrastou Jayden pelo corredor, onde eles falaram em sussurros ásperos.

⁴ A Manobra de Heimlich é o melhor método pré-hospitalar de desobstrução das vias aéreas superiores por corpo estranho.



Fiz minha fuga, ansiosa para abandonar os fazendeiros engraçados fraternos, dando várias voltas rápidas para colocar alguma distância entre nós. Lembrei-me de Jayden subindo um lance de escadas quando me carregou para a enfermaria, então eu desci e desci um pouco mais.

Com tantas torções, voltas, túneis, corredores e escadas este lugar poderia engolir um pequeno país sem sentir-se cheio. Eu me encontrei nas entranhas da escola, seguindo um corredor sem janelas, mofado e pingando com uma esquina desconfortável. Segui um cheiro de queimado até uma escada no final do corredor. Vozes e risos. Bom. Virei-me para cima da escadaria.

E congelei.



CAPÍTULO OITO

Jayden e seu irmão começaram a parecer muito bons porque a escória da humanidade jovem do sexo masculino estava esperando por mim espalhados nas escadas. Bem, não esperando. Eles pareceram tão assustados quanto eu, mas isso rapidamente mudou. A conversa parou. Seus olhares se arrastaram por cima do meu corpo. Sorrisos largos predatórios deslizaram através de suas bocas, encontrando um terreno confortável.

Fumaça ondulou de cigarros. Os jeans, camisetas, e moletoms com capuz pareciam limpos o suficiente e cuidados básicos com a aparência eram evidentes, mas uma sensação de sordidez encobria o grupo. Cinco eu conseguia ver, mas as vozes vinham do próximo lance de escadas. Mais caras surgiam sobre a parede acima.

Um par de “Ooooh’s” vibrou no ar antes de um cara parecendo familiar, o valentão que tinha chutado a bola em Educação Física, levantar a mão. Silêncio suavizou as coisas.

— Ei você aí. — Ele não era o maior, mas a autoridade de macho-alfa agarrava-se a ele como colônia. Ele se empurrou da parede e sacudiu o cigarro para longe, acertando um outro cara que saltou para trás, batendo para longe as cinzas fumegantes salpicando sua camisa. O alfa não percebeu. Ocupado demais indo na minha direção.

Oh, ótimo.

Comecei a voltar a descer as escadas, mas, como um rato, um do séquito desceu deslizando passando por mim para bloquear aquela saída. Ele estendeu a mão. Meu braço se arqueou e golpeou a mão dele para longe, batendo-a com força contra a parede. Ele deu um olhar penetrante. Dei de ombros em um pedido de desculpas vazio.



— Acho que não seremos amigos, — eu disse, surpreendentemente estável considerando minha pulsação crescente. O alfa balançou a cabeça para o roedor, que escapuliu de volta.

— Não precisa fugir, — O Alfa disse em uma voz suave projetada para me deixar à vontade. Não deixou. — Você é a garota nova, certo? Deveríamos conhecer um ao outro. Melhor.

Engoli e olhei de relance para o meu pulso, vazio de qualquer relógio. — Talvez mais tarde. Agora eu tenho pessoas me esperando no refeitório.

O Alfa continuou vindo, devagar, sem nenhuma pressa, me dando o tipo de sorriso que eu vira pela última vez em um especial do Discovery Channel sobre crocodilos.

— Hmmm. Eu mesmo estou com um pouco de fome. Mas tenho certeza que você poderia satisfazer o meu apetite.

Todo mundo riu, menos eu.

Eu sorri, minha voz sarcástica. — Jesus, obrigada, quão grosseira eu fui e oh, tão sutil sua insinuação que um balde de lodo como você contribuiu maravilhas ao meu, até agora fabuloso, primeiro dia.

Julgando pela sua expressão, ele não apreciou o comentário. Minhas narinas se alargaram. O cheiro rançoso de suor e tabaco, coagulado com o meu próprio medo, ameaçou me sufocar. Pontinhos de luz faiscaram atrás dos meus olhos. Desmaiar? Não é uma boa ideia. *Pense, Aurora.*

De costas para a parede, eu avaliei o Alfa à minha esquerda, o arrepiante rato à minha direita, e respirei fundo. Eu podia lidar com isto. Eu era rápida. Com o suficiente de uma vantagem inicial, eu conseguiria sair. O Alfa avançou. Eu medi a distância em que um chute iria pousar meu pé entre as pernas dele. Pelo menos eu teria a satisfação de fazê-lo sofrer antes de escapar. Ou de eles darem o bote. Ele estava quase lá. Quase...

Houve comoção acima. Um corpo saltou sobre o corrimão. Um cara em uma jaqueta de couro preta caiu de pé na minha frente. Como uma bomba explodindo, a percussão de sua chegada empurrou o Alfa e



seu bando, mas eles se firmaram na posição após o estouro inicial de choque.

— Ishida? — Alfa franziu a testa. — Que diabos?

— Olha a língua, Herman — Ayden reprimiu e fez um gesto para a máfia do Alfa. — Temos damas presentes.

Alguns bufos de protesto das *damas*, mas o Alfa - okay, Herman. Mas sério, Herman? Quem faz isso com uma criança hoje em dia? De qualquer forma, *Herman* apenas sorriu.

Movimentos sutis de sua cabeça indicaram que Ayden estava de olho em todo mundo menos eu. Ele irradiava tensão em espiral perto da superfície, pronta para saltar. Estávamos em desvantagem numérica. Por que eu não estava preocupada? Porque por mais que esses vândalos fizessem barulho, eu apostaria que a ameaça verdadeiramente letal estava de pé bem na minha frente. Eu não era a única.

— O que está acontecendo? — Herman cruzou os braços, trabalhou duro - duro demais - para parecer casual, e manteve distância. — Você é o Sr. Discreto. Sem confrontos.

— Eu gostaria de manter assim. Você também deveria. Outro... incidente e você e suas namoradas estão suspensos. — Ayden pausou. — De novo.

Herman assentiu. — Bom ponto. — Ele empurrou o queixo na minha direção. — Mas eu poderia arriscar por isso. Ela é um pedaço quente de-

Vários “Ows” estridentes o interromperam. Cigarros acesos de repente chamejaram, queimando as mãos dos fumantes. Bitucas foram arremessadas de lado. Caras chuparam os dedos. Herman revirou os olhos, balançou a cabeça.

— Ela está comigo, — Ayden disse. Um pouco He-Man, mas se me tirasse daqui... — Sem aborrecimentos, Herman. Ela e eu preferimos ficar sozinhos. Você entende.

Um pouco desprezível, mas...

Herman assentiu. — Isso faz sentido, exceto pela parte onde você tem uma garota. — Uma risada curta. — Quando isso aconteceu?



— Ela está na cidade há algum tempo. Topamos um com o outro. O que posso dizer? — O ombro de Ayden rodou um encolher de ombros. — Ontem estávamos rolando na grama.

Impedi meu queixo de cair – por pouco - mas não consegui parar o tsunami de sangue retumbando um inferno para o meu rosto.

— É assim? — Herman levantou sobrancelhas céticas.

— Pergunte a ela, — Ayden disse.

Herman arrastou o olhar para mim. — Bem?

Calculei minhas opções. Era matemática do jardim de infância. Rangi um sorriso tenso e acenei com a cabeça, escassamente tendo tempo para lamentar a minha reputação conforme ela era começava a virar a de uma puta. Primeira prioridade? Sair ilesa. Matar Ayden poderia vir como segunda.

Herman escorregou seu olhar sobre o meu corpo, demorando rudemente em vários pontos. O sorriso largo de crocodilo retornou. — Desculpe, mas eu odeio deixar escapar uma coisa boa.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Um silvo de cima e uma esfera do tamanho de uma bola de softball de chamas voou sobre o balaústre. O cara que tinha tentado me tocar mais cedo se lançou da direita, Herman deu um passo para trás, e outro garoto se apressou para baixo do patamar na nossa esquerda.

Antes que eu pudesse me mover, Ayden se moveu.

Ele deu um passo para trás, o corpo me prendendo contra a parede. Sua mão direita saiu subitamente com um ataque de víbora se conectando com a garganta do cara-roedor. O menino caiu. A mão de Ayden voltou a se instalar protetoramente no meu quadril. Ele esperou um batimento enquanto o outro garoto descia muito rápido na esquerda, depois ele pisou no pé do cara, prendendo-o. Braços rodando como um cata-vento, o cara se lançou para a frente sobre o pé preso. Ayden liberou o pé, agarrou o ombro do menino e empurrou. Aceleração ajudou a catapultar o cara para baixo das escadas, onde depois de um mortal para



a frente no meio o ar, ele colidiu com seu companheiro que estava agarrando a frente de seu pescoço, olhos esbugalhados.

Sem olhar, Ayden levantou a mão esquerda e pegou a massa de chamas caindo. Ele a segurou na frente dele, sem vacilar quando o maço de cigarros acesos chamejou, o fogo espirrando meu rosto com o calor. Ele enrolou os dedos para esmagar as chamas, então amassou os últimos pedaços de restos carbonizados, cinzas tremulando até o chão, cheiro queimado flutuando forte. Ele ficou de pé engatilhado como uma arma carregada prestes a disparar, mas Herman levantou a mão para parar mais ações de seus garotos.

Silêncio, exceto pelos caras no chão. Um deitava enrolado em seu lado, gemendo. O outro fazia ruídos de asfixia roucos enquanto agarrava a garganta e se contorcia ao redor como um inseto meio-esmagado.

Ainda comprimida contra a parede, eu percebi que meus braços estavam em volta da cintura de Ayden, minha bochecha contra seu ombro. Quando isso aconteceu? Eu provavelmente deveria soltar. Ayden varreu a mão contra seu jeans para se livrar dos restos fuliginosos depois descansou a palma da mão quente em minhas mãos com um aperto reconfortante. Eu estava agudamente ciente de seu outro braço correndo pelo comprimento do meu lado, palma da mão aberta, dedos pressionando em minha coxa. Yeah, eu provavelmente deveria soltar.

Mas não soltei.

A testa de Herman enrugou enquanto observava seus camaradas feridos. — Jesus, Ishida, você vai matá-los também?

— Eles vão ficar bem.

Herman cruzou os braços. — Bem, perdoe meu ceticismo. Eles não seriam os primeiros caras mortos por sua causa.

Tensão pulsou através do corpo de Ayden. Seus dedos cravaram em minha coxa. Fiquei rígida para mais violência, mas o momento passou. Seus músculos relaxaram.

— Se você acha que sou tão perigoso, então é melhor nos deixar sair daqui. Agora. — Ayden deixou a ameaça pairar.



O cara-roedor conseguiu se sentar e encontrar o fôlego ocasional para lançar sugestões anatômicas para nós que eu nem tinha certeza se eram fisicamente possíveis. O outro cara só chegou longe o bastante para se sentar.

Herman me lançou um olhar. — O que há de tão especial nela de qualquer jeito?

Ayden não hesitou. — Como eu disse, ela está comigo.

Depois de alguns momentos de ar morto e encarando, Herman disse — Prove.

Ayden olhou duramente para Herman. O arrepiante alfa ergueu as sobrancelhas e sorriu. Ayden não.

— Herman, — o tom de Ayden se tornou duro como pedra, — Eu vou fazer o que for preciso para tirá-la daqui. Ilesa. Agora, você pode sair do meu caminho ou...

Testosterona crescente entupiu o ar, se agitando em uma bebida fermentada feia e violenta.

Super. Só super.

— Oh, pelo amor de Deus. — Agarrei a jaqueta de Ayden, o puxei ao redor, e plantei os lábios nos dele.

Ayden congelou. Mas não por muito tempo.

Com graça suave e velocidade predatória, ele deslizou uma mão quente em toda a pele exposta da minha clavícula, sob o meu cabelo, cobrindo meu pescoço enquanto o outro braço cercava minha cintura, e ele se moveu para mim. Seus dedos se apertaram contra a parte inferior da minha coluna, pressionando meus quadris para mais perto.

Meu corpo ficou rígido. Eu não conseguia formar um pensamento coerente.

Isto não fazia parte do plano. Uma ideia que envolvia empurrá-lo para longe cintilou sob a superfície, mas... o beijo - que estava rapidamente se tornando muito mais real do que o rapidinho falso que eu tinha em mente - deu um curto-circuito naquele fiapo de julgamento sadio e deixou solta uma maré crescente de sensações quentes e agradáveis, que ondulou do interior.



Os braços de Ayden me prenderam firmemente contra o comprimento de seu físico duro. Meus olhos se fecharam. Sem consultar meu cérebro, meu corpo respondeu. Uma mão serpenteou em volta do seu pescoço, dedos entrelaçados em seu cabelo sedoso. A outra se moveu em volta de suas costas para acariciar e explorar os contornos intermináveis de músculo se enrolando sob o meu toque. Meus lábios suavizaram, cedendo ao vai e vem faminto de sua boca na minha.

Sua mão, lenta e leve como uma pluma, traçou arrepios descendo pelo meu pescoço, o polegar fazendo cócegas no oco na base da minha garganta. Meu esquema brilhante de encerrar uma rixa carregada de testosterona tinha desencadeado todo um novo conjunto de hormônios.

E agora eu estava bem no meio disso.

Uma vaga noção de se libertar foi engolida por uma avalanche de calor intenso, e desejo extinguiu todas as emoções conflitantes. Meu corpo ansiava o contato. Como vidro derretido, eu me moldei nele. O rugido em meus ouvidos ensurdeceu qualquer ruído ao redor. Levantei nas pontas dos pés e reajustei meu aperto tentando diminuir a já completa falta de espaço entre nós. O toque de Ayden deixou... muitas partes do meu corpo formigando e quentes.

Muito quente.

Com promessas de prazeres que eu nem sabia que existiam.

Meu estômago se esvaziou e então se preencheu com uma febre lenta e dolorida que escorregou para cima das minhas coxas e se enrolou baixo na minha barriga. Um aperto em meu núcleo tornou difícil respirar, mas eu não me importava contanto que pudesse continuar na crista desta deliciosa onda. Eu não sabia exatamente onde ela estava me levando, mas eu estava feliz de cavalgá-la. Eu não queria que parasse. Nunca.

Mas parou.

Ayden se afastou.

Abri os olhos, tentei me lembrar de como respirar, e encontrei seu olhar fumegante, intenso, intimidante. Desejando? Eu não tinha certeza. Seus olhos cintilavam com uma luz âmbar assustadora, mas quando



tentei focar, o brilho desapareceu. Meus dedos ainda teciam em seu cabelo, sensações ainda altas, eu encarava sua boca, cheia, convidativa. Eu precisava dela de volta na minha. Um sorriso satisfeito contraiu os cantos dos lábios de Ayden enquanto sua cabeça abaixava. Meu pulso se atçou com antecipação de seu toque.

Contra alguns sérios instintos primitivos, eu me empurrei para longe e em transe, me arrastei de volta à sanidade através de um pântano não familiar de sensualidade.

Ayden inclinou a cabeça e traçou com os lábios descendo a minha mandíbula deixando terminações nervosas em chamas. — Acho que eles compraram. — Sua voz grossa, respiração fazendo cócegas suaves contra a minha pele. — Eu sei que eu comprei.

Virei-me para ficar de frente para Herman, conduzindo um cotovelo sólido no estômago de Ayden no processo, e me permiti um breve sorriso com seu grunhido.

— Isso é bom o suficiente? — Fiz uma careta. — Porque ele não é tão bom beijador quanto pensa que é, e ele poderia seriamente usar uma pastilha para hálito.

O resto dos caras vaiaram risadas, mas Herman só nivelou um sorriso sombrio, quase triste. Então assentiu e nos dispensou com um aceno de mão.

Agarrei a mão de Ayden e nos arrastei para fora, passando empurrando pelos garotos de Herman com o que eu esperava que fosse abundância de indignação altiva. Até que eu tropecei.

Ayden lançou um braço em volta da minha cintura. O arranhão do meu lado doeu com o contato, mas não resisti. Eu precisava do apoio. Eu ainda estava fraca, instável. E não era do ataque do demônio, ou de Herman e seus capangas.



CAPÍTULO NOVE

Depois de um par de lances, Ayden insistiu para que eu sentasse. Boa ideia já que eu estava com a cabeça leve e dolorida, mas os corredores estavam desertos e eu não queria ficar sozinha com ele. Constrangida. Desajeitada. Desconfortável. Autoconsciente. E essa era apenas uma pequena lista dos sentimentos rodopiando da minha piscina natural de emoções.

— Você não podia só esperar?

Olhei para cima com o seu tom agravado. — O quê?

Ayden balançou a cabeça, mandíbula apertando. — Você tinha que sair vagando? Eu te disse para esperar. Agora eu tenho toda esta bagunça com Herman para lidar.

— Oh, eu sinto muito. Eu perdi o memorando onde eu recebo ordens de um aspirante a He-Man que eu nem conheço. E você não tinha que lidar com nada. Eu teria ficado bem sem você. — Wow, eu soei como se acreditasse nisso.

Ele levantou uma sobrancelha e entrelaçou os dedos atrás da cabeça. O movimento abriu a jaqueta de couro e esticou a camiseta sobre um torso que eu poderia atestar pessoalmente estar em incríveis condições.

— Sério? — Ele ensaboou essa única palavra com sarcasmo. — Estou curioso. Qual era o plano?

Okay, chutar Herman entre as pernas e correr não soava tão impressionante em comparação com o Sr. Movimentos Ninja aqui.

— Bem, posso te garantir que não incluía me tornar a rameira da cidade no meu primeiro dia de escola, muito obrigado.

— Você acabou de dizer “rameira”?

— Só um cara viria com um plano tão brilhantemente estúpido.

— Cruzei os braços e revirei os olhos. — E eu aposto que você está tão



orgulhoso de si mesmo. Fazendo a sua grande entrada. Depois me *atacando*. Um herói.

Ayden bufou. — De fato, eu estou. Minha *grande entrada* salvou sua pele. E se me lembro corretamente, *você me* atacou, lábios de açúcar.

— Você - você armou para mim. Se aproveitou da situação.

— Eu? — Ele passou a mão pelo cabelo e balbuciou várias coisas ininteligíveis até que finalmente ele falou — *Eu me* aproveitei? *Você* bateu seus lábios nos *meus*. Sem ser convidada, eu posso acrescentar. Então na verdade, eu estava *apoiando* seu esquema descuidado. Acompanhando o melhor que pude para fazer a farsa parecer autêntica.

Ouch.

Não consegui parar a corrida de calor para o meu rosto e me levantei para cobrir a humilhação.

— Como se eu tivesse uma escolha. Eu teria preferido uma saída menos nojenta, mas — respirei fundo, — isso nos tirou de lá. — Eu limpei o nada na minha camisa para evitar olhar para ele. — Então, obrigada por sua ajuda esfarrapada e vamos esquecer que todo este incidente ridículo aconteceu. Adeus. — Fui embora furiosa.

— Aurora. — Eu quase podia ouvi-lo revirar os olhos.

Sacudi uma mão sobre o meu ombro em um aceno desdenhoso enquanto pisoteava pelo corredor. Depois de virar algumas esquinas, encontrei um beco sem saída, dando a volta.

E quase topei com Ayden, que estava encostado na parede com um ar indiferente e enfurecedor.

— Está perdida?

— Não! — Eu bufei e tentei outra rota.

Um suspiro pesado e os solavancos das correntes penduradas em seus jeans ecoaram atrás de mim. Eu acelerei.

— Você tem que estar brincando comigo. Aurora. Espera. — Algumas passadas rápidas e ele bloqueou meu caminho. — Encare os fatos. Você está perdida. Você precisa de um guia. Eu sou sua única opção. Vamos fazer uma trégua para que você possa deixar de ser teimosa e me seguir. Além disso, você mesma disse, — ele colocou o nó de um



dedo debaixo do meu queixo e levantou meu rosto para encontrar seus olhos castanhos dançando com alegria, — eu sou tão quente que solto fumaça. É irresistível.

Golpeei sua mão para o lado e virei a cabeça. Meus dedos subiram para coçar uma coceira imaginária debaixo do meu nariz, a fim de esconder a contração traidora no canto da minha boca. — Eu nunca disse -

— Veja, o que eu te disse? — Ele disse, triunfante. — Você está sorrindo.

— Não estou.

— Tudo bem, vamos chamar de sorriso lascivo. Mas eu não sou tão fácil assim. Você vai ter que me pagar o jantar antes de eu deixar você dançar sua língua pela minha garganta de novo.

— O quê?! Eu não fiz isso! — ...Fiz?

— E nem me fale sobre suas mãos vagando *por toda parte*. Você é como um polvo. Honestamente, eu me sinto violado.

Quase engasguei na minha arrancada louca para uma negação veemente, mas sua risada esvaziou meu frenesi.

— Isso não é engraçado.

— Qual é. Foi um pouco engraçado. — Ele balançou a cabeça, ombros ainda tremendo da risada às minhas custas, seu sorriso largo perverso. — Você devia ter visto seu rosto.

— Você é um babaca. — Mas minha voz ficou mais fraca. Qualquer ultraje morreu bem na hora que ele lançou aquele sorriso de pirata. Coincidência? Eu esperava que sim.

— Devidamente anotado. Agora, — ele girou o dedo para indicar uma meia volta, — vamos. Eu vou ser um perfeito cavalheiro e levá-la diretamente para o ginásio. Palavra de escoteiro. — Ele levantou dois dedos, depois piscou. — Contanto que você possa manter as mãos fora de mim.

Apertei os olhos em um olhar penetrante. — Você não vai simplesmente deixar isso para lá, vai?

— Não consigo pensar em por que eu deveria.



— Algo me diz que você nunca foi um Escoteiro.

Ele se inclinou para a frente. — Confie em mim. Eu poderia surpreendê-la.

— Duvido — murmurei, depois dei uma olhada ao redor para os corredores vazios, não familiares, e bati as mãos contra os meus lados em frustração. — Onde está todo mundo? E por que este lugar é tão grande? E construído como algum labirinto de hospício?

— Estamos trancados, lembra? Os alunos estão em quarentena no refeitório ou presos nas salas. Além disso, estamos na parte desocupada do prédio.

Ele colocou a mão na parte inferior das minhas costas e me guiou para a frente. Uma vez que estávamos indo para o fim do corredor, ele largou o contato. Senti uma punhalada de decepção e quis estrangular meu subconsciente por trair o meu bom senso.

— E isto costumava ser um asilo de loucos.

Minha cabeça sacudiu em sua direção. Ele tinha um sorriso largo satisfeito.

Dei um sorrisinho. — Você está brincando comigo de novo.

— Por mais tentador que seja brincar com você. De novo. — Ele me deslizou um olhar de lado que deixou minhas bochechas escarlates. — É verdade. — Seu braço varreu um amplo arco através do espaço expansivo. — Tem mais de um século de digna história sombria. Lembre-me de te contar sobre isso algum dia. — Eu não tenho certeza se isso é legal ou arrepiante.

Talvez os fantasmas de loucos passados ainda espreitassem nos corredores, sua loucura infectando as próprias paredes ao nosso redor e se apoiando em nossos corpos. Isso poderia explicar por que eu sentia que estava enlouquecendo.



Estávamos no final do corredor do vestiário das garotas quando vi a fada. Esta não conseguia decidir se era azul ou verde conforme seu corpo, asas, e poeira iridescentes mudavam como um caleidoscópio entre tons. Ela pairou fora da porta, zuniu em uma espiral rápida e desapareceu através da parede. A escola estava infestada com estas coisas?

— Olha. — Ayden agarrou meu braço, me virando de frente para ele, sua expressão o epítome de contrito. — Eu fui rude. — Ele deu uma curva rápida de sua cabeça. — Peço desculpas.

Meu olhar se moveu rapidamente para o lado. Ele era mais fácil de lidar como um babaca.

Seu aperto no meu cotovelo não diminuiu. — Primeiro dia difícil, huh?

Minha risada saiu como um bufo gutural. Elegante. A terra não atendeu meu pedido de me engolir toda, então eu tinha que dizer alguma coisa. — Yeah, bem, poderia ser pior.

— Como?

Olhei para cima. Grande erro. Ele tinha aquela coisa de meio-sorriso acontecendo, escorrendo charme, e tudo em que eu conseguia pensar era aquele beijo. Eu sabia que era apenas uma reação física intensificada pelo fluxo de adrenalina em um momento cheio com ameaças e violência, mas ainda tinha... me afetado. Estremeci um fôlego. — Certo. Eu realmente tenho que trocar de roupa. Entãããão. — Eu levantei o braço que ele estava segurando.

Ele olhou de relance para a porta do vestiário, mas não soltou. — Seu pai gosta do hospital?

Apontei o polegar sobre meu ombro e me movi para trás. — Eu tenho que me trocar.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas me libertei com um puxão e corri pela porta. Uma vez lá dentro, eu me encostei na parede. Poderia o dia ficar ainda pior?



A fada esvoaçou para fora de uma fileira de armários, guinchou quando me viu, e zuniu para fora da vista novamente gritando, — Ela está vindo!

Pareceu como se tivesse feito.

Um pensamento feio cruzou minha mente. Fui para o meu armário, ganhando velocidade conforme a ideia supurou e borbulhou. Derrapei ao redor da esquina para a minha fileira e –

— Olá, Aurora. — Jayden pausou sua tentativa frenética de enfiar minhas coisas de volta no meu armário aberto. Ele não estava sozinho, mas eu não reconheci o outro criminoso.

Ligeiramente mais baixo que os gêmeos, mas mais alto que eu, atarracado e sólido, com cabelo escuro cor de mogno que caía em ondas brilhantes suaves, terminando em cachos em seu pescoço. Ele usava muito preto que acentuava seus olhos azul-gelo tão pálidos que eram quase cinzas. Cheia de surpresa no início, sua expressão rapidamente desmoronou em raiva. Mas não de mim.

— Oh, isso é apenas ótimo, — ele rosnou. — Ninguém pode fazer nada direito hoje, companheiro? — Seu sotaque continha um bocado de vogais longas. “Hoje” saiu “ho-jei” e o “companheiro” encerrou o assunto. Australiano.

— Encontrou algo que você gosta? — Eu sorri. — Senão você pode dar uma passada em casa mais tarde e invadir meu armário.

Jayden assentiu. — Eu entendo que isto pareça incriminador.

— Você acha?

— Sim, acho — Jayden disse uniformemente. Sarcasmo não era o ponto forte do gênio.

O australiano disse, — Cale-se — e tudo ficou preto. O tipo de preto você-tem-que-piscar-para-se-certificar-de-que-seus-olhos-estão-abertos. Alguns tinidos se seguiram, pés correndo, um punhado de murmúrios ininteligíveis, então as luzes se restauraram.

Eu me certifiquei de que estava sozinha antes de verificar os danos. Quando descobri o que estava faltando e minha mente encaixou as coisas no lugar, eu não sabia se estava mais furiosa ou assustada.



CAPÍTULO DEZ

Adrenalina aparentemente alimenta meu senso de direção porque cheguei ao refeitório sem ajuda. O espaço lotado retumbava com conversas animadas, principalmente sobre o “urso”. Examinei o ambiente expansivo vendo arcos colossais, colunas grossas subindo para acres de teto esculpido, pedra e ferro o suficiente para construir um arranha-céu. Alguém tinha mencionado que este fora um dos grandes salões de baile. E grande ele era.

Eu podia imaginar o ambiente cheio de longas mesas de madeira cheias de bela porcelana tinindo contra prataria tremeluzente, tigelas massivas, pratos de comida gourmet, e taças de cristal borbulhando com o melhor champanhe, tudo cintilando sob a luz de velas romântica.

Mas o padrão de ensino médio de mesas e cadeiras de plástico e metal pontilhavam a paisagem. Avistei o grupo que estava procurando através de grandes portas de vidro arqueadas cobertas de arabescos rendilhados de ferro. Elas levavam a um grande deck, onde mesas retangulares margeadas por cadeiras tinham guarda-sóis brotando do centro. Quando alcancei as portas, os alunos estavam entrando, então eu atravessei deslizando para o pátio despercebida pelos únicos ocupantes restantes.

— Logan, cara, eu pensei que você tinha ele, — Gigantor disse para o pequeno cara albino com habilidades de condução impressionantes.

— Você estava perto, — Tristan assentiu. — E o estrago estava feito.

Eu me movi antes de perder a coragem e caí pesadamente numa cadeira rígida.



— Hey, babe! — O sorriso de Gigantor cintilou do outro lado da mesa. — Eu sabia que você não poderia ficar longe. Meu magnetismo animal. Fico feliz em ver que você não lutou contra isso.

Eu disse sem expressão, — Wow. Eu estou toda alvoroçada, seu grande conquistador bonito.

Ele deu um sorriso largo e acotovelou seus companheiros. — Ela acha que eu sou bonito.

— Eu acho que você é um babaca.

Gigantor recuou. — Whoa, babe, eu gosto de uma mulher ardente, mas o que há com a hostilidade?

— Qual de vocês me golpeou na cabeça?

— O quê? — Todos pareceram genuinamente confusos.

Eu me inclinei sobre a mesa. — No estacionamento quando o “urso” me atacou.

As cabeças do Albino e de Gigantor giraram para Tristan que levantou as mãos em súplica. — Não tenho ideia.

— Sério? Então quem me largou no ginásio? E seu camarada, Jayden, só por acaso me encontra e me leva para a enfermeira? Por favor. Então Herman e seus capangas só por acaso me atacam e Ayden só por acaso me salva e nos arrastamos por aí por toda a escola comprando tempo para Jayden e o Australiano saquearem meu armário e roubarem minhas joias?

Jayden e seu colega tinham levado minhas correntes, pulseira e cruz. A única coisa que eu tinha para combater demônios era esta camisa estúpida de gárgula, que, somada ao resto do meu dia estelar, provavelmente me fazia parecer gorda.

A testa de Tristan se franziu profundamente, e sardas se contraíram. — Herman te atacou?

— Desde quando Ayden salva a garota? — Gigantor disse. — Esse é o meu trabalho.

O Albino deu um sorrisinho. — Desde quando você já salvou uma garota?



— Não aconteceu antes, mas claramente, seria o meu trabalho. Eu sou o bonitão. — Ele apontou para mim. — Ela até disse isso. Hah! — Seu punho brincalhão no ombro do Albino sacudiu a cadeira.

— Vocês são inacreditáveis. — Balancei a cabeça e caí com força para trás na cadeira inflexível. As pernas da frente levantaram, e o assento ameaçou tombar. Me debati para agarrar a mesa. Perversamente rápido, Gigantor esticou uma pata carnuda que engoliu a minha mão. Ele puxou a mim e a minha cadeira para terreno firme.

Ele apertou minha mão, a cabeça balançando uma curva rápida. — Blake, milady, o seu cavaleiro de armadura brilhante. — Ele piscou. — Não posso deixar Ayden ter toda a diversão.

Tristan franziu a testa. — Conheça Aurora. Minha nova vizinha.

— Oh, nós já nos conhecemos. — Blake soltou minha mão que ardia com alfinetadas e agulhadas. Eu a flexionei algumas vezes para ajudar a devolver o fluxo sanguíneo. — Ela é a minha mais recente perseguidora. E este é Logan. — Blake golpeou com força o Albino nas costas.

Jeans e sneakers eram o único adorno normal de Logan. A maioria dos caras do ensino médio não usava uma camisa social branca, paletó escuro, e colete de botões combinando com uma gravata de designer. Ele pode ser pequeno em estatura, mas era grande em estilo. Um garoto-propaganda habitual para o Sr. GQ vai a Escola Secundária. Ele não quis encontrar o meu olhar.

— Condução impressionante mais cedo. Como está o seu carro?

Logan se concentrou em endireitar os punhos da camisa, mas captei um sorriso satisfeito e ele corou. — Eu não sei do que você está falando.

Isto não estava me levando a lugar algum. Se eles me bateram na cabeça e me deixaram no ginásio, não estavam prestes a admitir. Frustrada, empurrei a cadeira para trás. A raspagem subiu vibrando pela minha espinha e forçou a dor no meu lado de volta à vida.



Uma fita de mal-estar apertou em volta do meu peito quando ouvi uma voz suave dizer — Vocês não vão acreditar nisto. — Ayden surgiu à vista passeando.

Perfeito.

Vendo-me, ele murmurou — Aw, porcaria —, e recuou. Antes que eu percebesse o que estava fazendo, disparei da minha cadeira, agarrei punhados de sua jaqueta de pele de bezerro suave, e o puxei para perto, nossos rostos apenas a um fôlego de distância. Mas eu não estava com humor para um beijo.

Ayden ficou rígido como um leito de rocha e com uma voz fria o suficiente para liquefazer nitrogênio disse — Mãos fora.

— Você brincou comigo.

Os olhos de Ayden estavam com raiva, escuros como chocolate amargo. — Eu te salvei.

Sua intensidade intimidava, mas eu não vacilei. Enquanto eu não podia apontar com precisão o exato momento em que cheguei ao fim da minha corda, as pontas desfiadas estavam claramente no meu aperto agora.

Apertei sua jaqueta com mais força, ignorei a proximidade de seu corpo, e em vez disso, me concentrei no meu sentimento de traição. — Não, você me distraiu para que seus colegas pudessem roubar minhas coisas. Você brincou comigo e eu não gosto disso. Eu quero minhas coisas de volta.

Ele ergueu uma sobrancelha. Eu queria erguer uma também, mas entre nós dois, apenas Gorgeous George aqui possuía esse talento legal.

— Ótimo. — Seu olhar se fixou sobre o meu e sua voz rouca deslizou como xarope quente pela minha espinha. — Eu brinquei com você. Como um violino⁵. Mas você atingiu a primeira nota. Eu apenas terminei a canção. Uma que você acabou gostando pra caramba. E isso te deixa com raiva, mas não muda o fato de que você amaria que eu fizesse de novo — as pontas dos seus dedos desceram leves como uma

⁵ A palavra para brincar é play, que também pode significar tocar, por isso o violino.



pena fazendo uma carícia lenta na minha bochecha — e de novo. Então que tal isso, Aurora? Devo *brincar* com você de novo?

Seus lábios se moveram mais próximos dos meus. A pergunta pairou como uma ameaça, pesada e perigosa na lasca de ar entre nós. Uma rede de formigamentos irradiou de seu toque sobre minha pele, cintilando prazer logo abaixo da superfície. Meu peito apertou e meu abdômen torceu em nós escaldantes. Me lembrei dos meus dedos em seu cabelo, a sensação de sua pele sob as pontas dos meus dedos, seu corpo duro contra o meu.

Blake disse, — Okay, eu sinto que preciso de um banho. Mais alguém está assistindo isso? Eu sou definitivamente quem vai salvar a garota da próxima vez.

Ayden e eu estávamos trancados em algum vórtice de emoção volátil. Nenhum de nós se movendo ou recuando. Se eu sequer respirasse nossos lábios mais uma vez fariam contato. Então eu cerrei os punhos mais apertado e –

— Fica fri — *ugh!* — Jayden deu um passo entre nós justo quando bati meu joelho no que deveria ter sido... a área do pacote pessoal de Ayden.

Ou como o Papai gostava de chamá-lo quando fornecia treinamento de autodefesa, “O Ponto Doce.”

Jayden se dobrou, fazendo uma careta de dor. — Eu não antecipei essa, — ele arquejou, — uma resposta tão destemperada. — Ele conseguiu dar um aceno de cabeça em minha direção, ainda que rígido. — Bravo. A genitália masculina é excessivamente sensível. E suscetível a –

— Você! — Apontei um dedo acusador para Jayden. Ele não era o meu alvo pretendido, mas me consolei com o fato de que ele não merecia nada menos que isso. — Estava nesta coisa toda.

Jayden balançou o cabelo para trás sobre os ombros e fez um gesto de consolo com uma mão. — Espera.



Ouvi um “Okay” que rimou com “Ó Pai” e “Sr. Lá de Baixo⁶” apareceu à margem do nosso grupo crescente, minhas joias penduradas nas pontas dos dedos. Era como se estes caras se materializassem do nada. — Então, a garota tem cruzeiros e... — Seus olhos pálidos registraram minha presença e instantaneamente nublaram para a tempestade se aproximando. — Que inferno?

Tem que amar meu efeito encantador sobre os homens.

Me lancei para as bugigangas em suas mãos.

⁶ Down Under – referência à Austrália, que fica no hemisfério sul.



CAPÍTULO ONZE

Eu teria arrancado o metal brilhante de seus dedos imundos exceto que eu fui arrastada para trás. O braço de Ayden estava envolto nas minhas costelas por cima do corte no meu lado, mas lutar era doloroso. Seu aperto afrouxou, mas seu corpo continuou me provocando.

— Deixa essa passar — ele sussurrou perto do meu ouvido. Então mais alto — Tristan.

Todo mundo estava de pé. Tristan parou na minha frente, escovando algumas mechas loiras de seu rosto, e lambeu os lábios.

— Aurora, por favor se acalme. Você está exagerando.

— Oh, essa é boa. — Eu carreguei minha voz com sarcasmo amargo.

Um sorriso titubeou nos cantos da boca de Tristan. — Deixe-me explicar.

O problema reuniu uma tensão repentina nos meninos. O australiano lançou um aviso. — Cuidado, amigo.

Meu vizinho acenou para ele. — Matthias — falou para o australiano — Eu sei o que estou fazendo. — Ele acenou para Ayden me soltar.

Eu o olhei, mas fui distraída ao ver anéis prateados de ametista em volta das pupilas de Tristan, expandindo-se em direção a borda da íris, e mudando de cor como na noite passada. Deus, eu estava começando a crer que esses meninos não eram normais. Então, igual a noite anterior e mais cedo no estacionamento, uma dor irrompeu atrás da minha cabeça. Só que dessa vez foi muito pior. Minhas mãos embalaram meu couro cabeludo.

— Mas o que? — Retrocedi, porém, minha visão, já borrada, custou o meu equilíbrio. Bati contra um muro de pedra, deslizando pela



superfície áspera em câmera lenta, minhas pernas com a consistência de gelatina. Fiquei lá, respirando pesadamente, envergonhada por seus olhares, mas não confiava em mim mesma para ficar de pé.

Me sentei para olhá-los.

Desejei ter praticado no espelho, então eu estaria segura de um efeito ameaçador que transmitisse a maior quantidade de coisas pouco caridosas que eu poderia pensar, e esperei que meu olhar rivalizasse com um espetáculo de fogos de artifício de 4 de julho.

O australiano levantou uma mão para bloquear o movimento de Tristan em minha direção. Blake murmurou algo. O australiano negou com a cabeça. O zumbido nos meus ouvidos deu lugar a vozes abafadas, bandejas batendo.

O mundo flutuou de volta ao foco. O rosto de Jayden estava subitamente perto do meu porque apesar dos protestos do australiano, ele se agachou na minha frente. Eu não tinha forças para deter suas mãos frias de enquadrarem o meu rosto e movê-lo para frente e para trás, sua concentração me lembrou do meu pai. Um polegar levantou minha pálpebra. Definitivamente como meu pai.

Afastei e golpeei minha cabeça na parede. — Ai.

Silencioso, Jayden puxou minha cabeça para baixo para inspecionar minha nova ferida, esfregando seus dedos ao longo da parte posterior de meu crânio até a minha nuca.

— Suas pupilas estão sensíveis e a contusão é leve. Não está claro se a condição dela é-

Como se estivessem se movendo pela lama, minhas mãos finalmente o empurraram, mas senti uma picada no couro cabeludo. Jayden estudou os fios de cabelo que ele tinha arrancado da minha cabeça.

— Jayden! — Um deles o repreendeu.

— Não tinha certeza se os primeiros que adquiri tinham raízes suficientes.

Com minha cabeça ainda confusa, eu esperava não ter ouvido bem.



Olhei para o australiano e mantive meu tom razoável. — Eu não quero problemas. Só as minhas coisas de volta.

Austrália virou para Tristan — O que você está colhendo aqui? Não tem energia suficiente?

— Não tenho ideia. — Tristan deu de ombros.

— Bem, já tive o suficiente disso, amigo.

Eu não poderia concordar mais. Estava exausta, minha cabeça doía novamente, vomitar estava fora de questão, e meu primeiro dia na escola estava indo tão bem quanto o Waterloo de Napoleão.

Coloquei tanta frieza em minha voz quanto eu pude, o que não era muito. — Me dê as joias.

O australiano se virou para mim. Com um pouco de seriedade, ele cruzou os braços sobre o peito.

— Ou o que?

Exalei uma respiração profunda. — Ou você vai se arrepender.

Riso se seguiu. Quem poderia culpa-los? Eu realmente precisava trabalhar melhor nas réplicas. Bem. Com esforço concentrado, me pus de pé sem vomitar e marchei – okay, foi mais como um arrastar de pés – e parei em frente ao australiano.

— Você. — Apertei um dedo em seu peito sólido e desafiei seu olhar gélido. — Deveria ter vergonha de si mesmo. — As luzes do teto piscavam enquanto eu batia meu dedo contra o tecido sedoso, ainda que tivesse certeza de que o esforço machucou mais a mim do que ele. O menino era forte. — O que sua mãe pensaria? Ela estaria orgulhosa de saber que criou um ladrão? — Não estão todos os valentões com medo de suas mães?

O australiano não se moveu, mas eu poderia jurar que o ar em torno dele ondudou com tanta tensão que meus cabelos se agitaram. Ayden foi o primeiro a se mover até nós, mas o australiano levantou a mão.

— Eu cuido disso. — Seus olhos mudaram para cinza como se toda vida que eles possuíam tivessem queimado até as cinzas. Suas pupilas expandiram e começaram a engolir a pouca cor que restou.



Fantástico. Agora os olhos de todos trocavam de cor quando tentavam me matar.

O australiano envolveu uma mão fria em volta da minha, parando o seu impulso e provavelmente esmagando alguns ossos, ainda que eu não tivesse certeza já que minha mão ficou dormente.

Em um tom serrilhado e afiado o suficiente para estripar o pouco da bravura que me restou, ele disse — Agora preste atenção.

Me preparei para um gole instável — Não, você-

— Fazendo amigos já, eu vejo. — Luna colocou seu braço com o meu e tentou me afastar dos crescentes níveis de testosterona. Infelizmente, o australiano não estava me soltando.

Luna manteve-se firme ao meu lado, apesar do olhar assassino que ele deslizou em sua direção. Eu tentei me afastar. Luna pisou no seu pé. O australiano deu um sorriso venenoso e só aumentou a pressão do seu aperto.

Dormência se infiltrava através do meu pulso. Ayden pousou uma mão ao redor do bíceps do australiano e depois de alguns segundos o Australiano estremeceu, me liberando com um grunhido.

Luna me arrastou, o cheiro de fósforo queimado persistindo. Sem nenhum olhar, os meninos se viraram de costas e se agacharam ao redor da mesa para o que parecia ser uma muito intensa discussão. Pisquei para clarear meu foco, esfreguei meu pulso, e flexionei minha mão, um pouco surpresa de poder fazer isso, considerando a sensação anterior.

Luna nos serpenteava através da cafeteria.

— Nada como um primeiro dia de aula estelar. Ouvi sobre o urso. Você está bem?

— Bem.

— Mamãe e papai vão enlouquecer. Mas, hey, não fique tão triste.

— Ela apertou meu braço. — Você encontrou seus anões.

— Meus o quê?

— Embora eles não pareçam muito emocionados pela reunião.

— Espera, você não deveria estar aqui. Você tem um horário diferente de almoço.



Luna sorriu. — Eu sei. Tenho uma nova amiga que sabe como funciona o sistema. Temos o dobro de almoço. — Eu dei a ela um olhar fulminante. — Não, você gostará dela. — Luna parou em frente a uma mesa. — Conheça Danica.

Não me estranha que houvessem se unido. Caí em um assento.

— Você é gótica também?

A menina com os lábios escuros pintados contra a pele fantasmagoricamente branca negou com a cabeça. — Não, só faço isso para irritar meus pais pilares-da-comunidade. — Ela deu de ombros. — Não estou no negócio de verdade, ao contrário dos seus meninos malditos — Ela jogou um aceno de cabeça até a mesa dos meninos.

— Meninos malditos? — Esbocei um sorriso. — Eles têm um clube? Por que eles são meus?

Luna sentou-se na minha frente. — Eles são os seus anões. — Ela se inclinou sobre a mesa e começou a marcar os fatos em seus dedos. — Blake tem um rancho para turistas, fazenda, que seja. Os gêmeos com a sexy mamãe havaiana são Ayden e Jayden. Os três, junto com Tristan e Logan, cresceram aqui e são amigos desde sempre. Estou dizendo a você, eles são os caras. Eles eram normais até que o amigo deles morreu depois que nós partimos.

— Morreu?

Danica se inclinou. — Um acidente esquisito. Depois disso, eles não se relacionaram com mais ninguém exceto com eles mesmos. E Matthias. Ele chegou da Austrália com o pai logo depois. São unha e carne desde então. São estranhos de um modo bom. Misteriosos e com má reputação. — Ela estava quase gritando de emoção. — São tão legais.

Os bad boys locais são meus velhos amigos? Roubei um olhar e peguei Ayden fitando. Ele deu a volta antes que eu pudesse decifrar sua expressão.

— Má reputação?

Danica baixou a voz. — Muitas pessoas pensam que eles estão envolvidos em coisas de baixo nível como invasão e vandalismo. Coisas ruins acontecem e de alguma forma os garotos malditos estão sempre



perto. Testemunhas afirmam vê-los no começo, então se esquecem ou mudam as histórias e os meninos malditos ficam livres de culpa.

— O motivo deve ser — Luna sussurrou — táticas de intimidação, ameaças, ou simplesmente encobrimento, já que o pai de Matthias é o xerife.

Gemi. Tanto para ter as minhas coisas de volta. — E eu aposto que a mãe dele é a perfeita.

— Oh, grande mistério aqui — disse Danica. — É só ele e seu pai. O xerife usa um anel de casamento, mas não fala sobre uma esposa. E Matthias fica puto se alguém fala sobre sua mãe.

Oh. Ops. — Então, qual é a do nome?

Danica mordeu um dedo. — Garotos malditos? Bem, amaldiçoados... tipo uma maldição, eu acho. Eles são má sorte, más notícias, enfim. — Um sorriso espontaneamente cruzou seu rosto. — E eles tem uma aparência *maldita*. — Quando ela e a Luna terminaram com as risadinhas Danica admitiu — Ninguém realmente sabe. Mas eles são atraentes de uma maneira totalmente antissocial e se você puder se infiltrar no grupo deles, você daria o maior golpe que essa escola jamais viu.

Bufei. — Em primeiro lugar, eles não lembram de mim, e em segundo, por que você se importa?

— Essa é fácil. Se você estiver com os garotos malditos, Luna está com os garotos malditos, o que significa que eu estou com os garotos malditos. Como eu disse, grande golpe.

Ah, o monstro da política do ensino médio.

Os alto-falantes de intercomunicação crepitaram à vida e solicitaram — Aurora Lahey, reporte-se ao escritório imediatamente.

Uma multidão de olhos desceu sobre mim e um coro encantador de “ooooo’ s” ecoou.

Mas esperem. Fica melhor.

Um ruído forte de arranhões bateu através dos alto-falantes e uma voz familiar ecoou. — Aurora, é a mamãe. Você está bem? Se você não estiver nesse escritório em dois minutos, eu vou buscar você.



Luna empalideceu e deslizou sua cadeira para longe de mim. — Estamos tão não relacionadas nesse momento.

A humilhação se manteve a todo volume pelos alto-falantes. — Sra. Lahey, você não deveria usar o microfone. Você poderia- — Mais barulho. Um grunhido.

— Ah, jura? Bem, eu não deveria ser avisada pela escola quando a minha filha é atacada? Por nada menos que um urso? Ao invés disso, tive que receber uma ligação de seus irmãos me informando do fato. O diretor está disponível? Eu realmente gostaria de ter uma palavra com ele.

Atirei um olhar acusador para Luna.

Ela levantou suas mãos. — Eu culpo Lucian.

Os alto-falantes não tinham terminado. — Nós íamos- Sra. Lahey, me dê- — Grunhidos. Sons de briga. — O micro- — Click.

E finalmente um silencio abençoado. Até que a cafeteria irrompeu em risada.

Deixei cair a minha cabeça sobre a mesa com um gemido. De repente o riso parou e Luna me deu um chute por baixo da mesa.

— Ai. — Fulminei-a com um olhar, mas me detive, notando seu olhar de choque direcionado para trás de mim. Assim como todo mundo.

— Hey, querida.

Icei meu pescoço para trás e pra cima.

Blake sorriu. — Você nunca conseguirá cumprir o aviso de dois minutos sem a minha ajuda. Devemos ir? — Ele entortou seu cotovelo.

Olhei para os outros meninos amaldiçoados que não pareciam felizes. Matthias refletiu meu movimento anterior e deixou cair a cabeça sobre a mesa, gemendo.

— Isso é algum tipo de truque? — Perguntei.

Blake deu uma piscadela. — O único truque será cumprir o prazo se você não se apressar.

Em um aturdimento cauteloso, me levantei e coloquei uma mão rosada através de seu braço, com a consistência de um grande tijolo. — Por que você está fazendo isso?



Ele deu de ombros. — Cavaleiro de armadura brilhante, lembra? É um código pelo qual eu vivo. Além disso, — ele atirou um olhar de advertência para a multidão — ninguém deveria se envergonhar de uma família que se importa.



CAPÍTULO DOZE

Blake me deixou no escritório antes que mamãe soltasse os cachorros. Ela me abraçou em um aperto de morte, feliz em deixar o lugar, piscando olhares ameaçadores a equipe do escritório. A situação de “confinamento” a manteve apaziguada o bastante para evitar recorrer a Luna e a Lucian, mas nós levamos Selenia no caminho.

Mamãe murmurou coisas desagradáveis sobre as bestas da natureza e os funcionários da escola durante todo o caminho até o hospital onde papai emendou as minhas feridas, admitindo que eram bastante leves, mas fazendo um zilhão de perguntas enquanto mamãe deixava Selenia com Oron na creche do hospital.

Minimizei o acontecimento, e deixei de fora os garotos malditos e o drama de Herman. Meus pais já estavam suficientemente preocupados e eu não precisava deles marchando de volta para escola com mais ameaças e a Guarda Nacional a reboque. Eu poderia lidar com a situação – e não poderia explicar a maioria dos acontecimentos de qualquer forma. Convenci mamãe que ficaria bem sozinha, então ela me deixou leva-la na sua floricultura antes de me enviar para casa com um abraço estrangulador, uma multidão de beijos, e instruções severas de me trancar dentro de casa e descansar.

A dois passos do carro ela disse — Espera! — e voltou a cavar em sua bolsa. Com um sorriso satisfeito, ela se inclinou na janela e me entregou uma foto. — Talvez eles ainda estejam aqui. E seria bom ter amigos. Uma multidão maior faz de *você* um alvo a menos para as mutações raivosas da Mãe Natureza.

— Amo você também, mamãe — eu sorri e então encarei a foto. Arrepios correram pelos meus braços.

O grupo sorridente de meninos usavam chapéus de cowboy vários números maiores. Nós éramos muito mais jovens, mas reconhecíveis. Eu estava sentada num enorme cavalo cinza, radiante, enquanto Blake



estava de pé sobre a sela de um cavalo marrom, girando o laço. O restante, Ayden, Jayden, Tristan, e Logan, estavam todos atrás de nós em poses ridículas em uma montanha de fardos de feno. Logan era o único significativamente diferente, cabelo castanho claro no lugar do branco. Joguei a foto no banco do passageiro, mas meu olhar desviou para ela continuamente enquanto eu dirigia.

Então os infames garotos malditos foram meus amigos. Bons amigos, a julgar pelos nossos rostos extasiados. O que mudou? O que estava acontecendo? Algo estranho. Não somente comigo, mas com essa cidade, com eles. Algo perigoso.

Estava fora do meu alcance, e apesar de todas as negativas deles eu estava apostando que os garotos malditos tinham algumas respostas. Respostas que eu precisava, porque exceto os feitiços wiccans e mágica vodu, a única precaução de segurança que a internet sugeria era usar zilhões de sacos de pedra de sal e metros de fio de cobre para enterrar como um “escudo” ao redor da casa. Não estava certa de como explicar isso para os meus pais.

Visões de caixões – incluindo pequenos para Oron e Selena – invadiram a minha cabeça. A estrada ficou borrada, e eu esfreguei as lágrimas antes que elas caíssem. Meu estômago e cabeça disputaram que parte do corpo doía mais.

A meia quadra de casa, parei, agarrei a parte superior do volante, e descansei minha testa suada em minhas mãos.

— Diga para o Matthias que estou a caminho. — A voz de Tristan entoou com irritação.

Meu vizinho de porta com cabelos ensolarados abriu a porta dos fundos de seu Suburban bege, jogou sua mochila, e fechou com um golpe. Passei a manga pelo meu rosto. A escola ainda não tinha acabado.

As mãos de Tristan passaram por seus cabelos. — Então ele não deveria marcar uma reunião de última hora! — Ele socou um botão no seu fone de ouvido e voltou para o assento de motorista. Dando marcha ré com um berro, o SUV bateu no meio-fio. O garoto não tinha as habilidades de Logan no volante.



Mas poderia ter algumas respostas.

Respostas que ajudariam a parar a necessidade de cavar as tramas da família Lahey. E o que Tristan não sabia, os outros garotos malditos saberiam.

Sorri para as lanternas traseiras do Suburban recuando e olhei para a foto.

— Preparem-se, garotos. — Eu coloquei o carro na rua, mantendo uma distância discreta. — Gostando ou não, vou me juntar a festa.



CAPÍTULO TREZE

O desafio se calou mais com cada quilômetro. Tristan começou rápido e brusco, mas eventualmente estabeleceu um ritmo. Ele não era difícil de seguir e finalmente se deteve em um longo caminho circular com árvores altas, paisagismo profissional, e um pouco de sério fator Uau.

A mansão de madeira e pedra erodida ficava no final da rua. Dois andares se espalhavam largamente com grandes janelas em arco de painéis brilhantes e varandas cobertas acima e abaixo. A casa reivindicou alguns hectares da propriedade à beira do lago porque através de um arco coberto e além de uma garagem com vários carros, havia uma praia e uma extensão de água azul brilhava sob a luz do sol desvanecendo.

Tristan estacionou atrás de vários carros na calçada, incluindo um pequeno híbrido e o carro esporte rebaixado em que Logan me resgatou mais cedo.

Estacionei o carro mais abaixo na rua, escondida nas árvores. Sem casas, somente floresta e jardins de ambos os lados.

Como havia usado minhas limitadas habilidades de discrição seguindo Tristan, decidi ser ousada e seguir diretamente para as portas da frente, com o coração acelerado.

Chequei o dano no carro de Logan enquanto eu passava. Não havia nenhum. O interior parecia o mesmo, completo com um ambientador de Ferrari pendurado, mas nenhum entalhe no teto ou em qualquer dos lados da parte traseira. Ou ele possuía carros idênticos ou tinha elfos do Papai Noel como mecânicos. Só outra esquisitice.

No alpendre, enfrentei portas duplas de madeira pesadas centradas em tons de joias de vidro manchado com cenas de floresta e da vida selvagem. Engoli em seco, pensando nesses caixões com tamanhos para crianças, e ergui minha mão para bater. A porta abriu antes que eu fizesse contato.



Uma adorável mulher de altura mediana e constituição delgada usava um genuíno traje de empregada. Sabe, o clichê francês do tipo preto e branco. A faixa em torno da cintura combinava com a listra lavanda no seu corte de cabelo castanho escuro em um bob que enrolava envolta do queixo. Seus grandes olhos cinzentos mostravam uma sugestão de lavanda. Suas características suaves emanavam calor.

Ela sorriu e apontou para mim com seu espanador de penas – quem diria que eles vinham na cor lavanda?

— Você está adiantada.

— Estou?

— Bom. — Ela agarrou meu pulso e me puxou para dentro, fechando a porta e bloqueando a fechadura. — Pontualidade é importante. No topo das escadas e no fim do corredor é onde você precisa estar. Apresse-se. — Ela me deu uma cutucada. — E esteja certa de checar a coleção de armas.

— O que?

Ela imitou uma posição de luta balançando o espanador com uma espada.

— A coleção de armas. Não tem como perder essa. Coisas mortais. E o machado de batalha de joias no canto inferior direito, especialmente legal. — Ela descansou o espanador nos ombros e baixou sua voz em um tom conspiratório. — A lenda diz que se você tocar as gemas em uma determinada ordem você desaparece, ficando invisível. Poderia ser útil, certo? Quer saber o código? É claro que você quer. É uma vez no rubi, cinco vezes na safira e uma vez no diamante. — Ela levantou o número apropriado de dedos em sequência para efeito visual. — Entendeu?

Eu assenti. — Um, cinco, um.

Ela bateu as mãos. — Excelente. Prometa-me que você tentará.

— Claro. — Coloquei uma mão no balaústre e olhei - okay, encarei boquiaberta - a casa/palácio. Bem... uau. Teto abobadado, madeiras ricas, ferro, magníficas obras de arte, móveis lindos, materiais de pelúcia, tapetes orientais espessos, tudo em tons quentes, incutindo um sentimento de conforto e acolhimento.



Um lustre de ferro brilhava com um milhão de luzes. O caminho por uma escada longa, curvada e arqueada ostentava enormes pinturas de paisagens de eras românticas. Elas tinham aquela velha qualidade de mestre e pareciam como se devessem estar em um museu. Sentindo-me culpada por qualquer engano que eu inconscientemente tinha caído, e perdendo meus nervos, eu virei para a mulher, pronta para admitir meu erro e sair. Ela tinha ido embora.

Vozes se levantaram de algum lugar atrás da casa. Eu cruzei o vestíbulo e espiei para baixo no salão que se abriu para uma sala cheia de madeira, móveis confortáveis de couro, edredons aconchegantes, e almofadas de pelúcia, tudo convidando os hóspedes a relaxar e sentar por um momento. Janelas enormes emolduravam uma vista deslumbrante do lago, com espuma azul brim contra o sol brilhante. Cadeiras de Adirondack e espreguiçadeiras foram espalhadas ao longo de outra varanda coberta conduzindo a um amplo gramado e mais além, a praia. Um delicioso aroma de algo com alho e cheio de carboidratos flutuou pelo ar.

— Ele sequer está aqui — chegou a voz irritada de Tristan.

Eu não podia vê-lo, mas Blake apareceu a vista. Pulei para trás. Okay, novo plano. Sair pela porta, fazer uma corrida louca até o meu carro, e desistir dessa coisa ridícula de capa e espada.

Um problema. Alguém estava subindo as escadas do alpendre. Eu podia ver a sombra fora do vidro colorido. A maçaneta girou e alguém bateu na porta quando esta não abriu.

Eram golpes fortes e Matthias bramou — Abram a porta!

— Você fechou a porta? — Ayden disse. — Vá abri-la.

— Eu não fechei — Tristan disse. — É a sua casa, vá abri-la você.

Enquanto eles discutiam, eu entrei em pânico, hiperventilei duas respirações, me movi para a direita, esquerda, direita, esquerda, girei em um círculo, e logo corri até a escada na ponta dos pés. Eu estava quase virando a esquina e fora de vista antes que a porta abrisse.

Andei pelo corredor até uma extensão com as mesmas grandes janelas com vista para o lago. Portas francesas abriram para uma



varanda de corpo inteiro. Uma doca de madeira se projetava na água com uma garagem de barcos estilo chalé grande o suficiente para conter o Titanic e a geleira. Um barco a vela, o tipo antiquado de reluzente madeira polida e bronze, balançava suavemente contra o cais.

Um sutil toque de canela flutuava no aposento. Móveis confortáveis espalhados por todas as partes e um bar antigo de madeira polida e bronze reluzente forravam a parede, um espelho de corpo inteiro por trás dele. Uma mesa de bilhar com bolsos de couro com franjas estava fixa a um lado com grandes lâmpadas da Tiffany penduradas acima. Várias mesas de jogos estavam próximas, uma com uma partida de xadrez em progresso. Tabuleiros de dardos pendurados em duas paredes diferentes. Um fogo crepitava em uma lareira de pedra grande o suficiente para estacionar um tanque. Mais tapetes orientais grossos almofadavam meus pés. O lugar era uma espécie de bar/pub.

Uma parede “assassina” mostrava a coleção de armas. Coisas velhas. Machados de guerra, espadas, lanças, adagas desagradavelmente curvas, e outras coisas que pareciam mortais.

De alguma forma o velho mundo não foi posto de lado pela proliferação dos últimos e melhores brinquedos. TVs de tela grande, prateleiras de vídeo games e DVDs, máquinas de pinball, e um minigolfe de tacada leve. Era impressionante, porém triste. A sala poderia ter sido a Central de Festas para os seus contemporâneos, mas eu duvidava que algum dos garotos alguma vez tenha convidado alguém que não eles para desfrutá-la.

Eu os ouvi chegando. Pensei em me sentar em uma cadeira e saudá-los com um descarado “Olá, garotos. Eu quero algumas respostas e vocês vão dá-las para mim” enquanto eles entravam. Como uma *femme-fatale* num filme do James Bond. Então eu cai na real, retrocedi, e procurei um lugar para me esconder.

Em meu caminho para me encobrir atrás do bar eu decidi que me armar seria um movimento inteligente. Corri até a parede assassina e tentei puxar algumas armas. Nada se moveu. Eu estava pronta para mergulhar atrás do sofá quando as gemas brilharam na minha visão



periférica. Com nada a perder, toquei meus dedos em um machado de guerra adornado com joias – uma vez no rubi, cinco vezes na safira e uma vez no diamante. Escutei vários clicks e um suave estrondo de engrenagens. Com um delicado estremecimento a parede se dividiu pela metade e se separou. Talvez isso *fosse* um filme do James Bond.

Luzes tremeluziram acesas lá dentro, e as portas, ou a parede, começaram a se fechar.



CAPÍTULO CATORZE

Os meninos entraram no salão de jogos. Eles não me viram. Provavelmente porque eu os estava observando através do monitor do quarto secreto super legal aonde eu mergulhei antes da parede se fechar.

Uma extremidade abrigava um banco com grandes monitores de computador suspensos em um semicírculo acima de uma mesa curva. Eles acenderam quando eu entrei e um deles me mostrou o que estava acontecendo no salão de jogos. O resto mostrava diferentes partes da casa e dos arredores da cidade, incluindo a escola. Um até mesmo mostrava uma vista da parte exterior da minha casa. Pelo ângulo, a câmera deve estar montada na casa de Tristan. Jesus, isso era arrepiante.

Luzes piscaram na mesa com um alucinante monte de botões e alças embutidas na superfície. No centro da sala havia um enorme monitor transparente do tamanho de uma tela de um cinema drive-in. Espalhados abaixo haviam várias mesas de metal elegantes que me lembravam de gabinetes de arquivos, mas sem alças ou fechaduras. Havia escritas nas laterais que se assemelhavam a hieróglifos.

Sons borbulhantes e odores químicos vieram de outra extremidade da sala. Um brilho iluminou um elaborado laboratório de alta tecnologia completo com líquidos coloridos fervendo em frascos. Tubos e provetas pairavam sobre chamas controladas. Estantes de jarros de vidro continham coisas que eu não estava próxima o suficiente para ver e nem queria estar. Essa extremidade da casa alojava computadores e equipamentos estranhos, de aparência cara que revestiam a parede e as mesas, e armários de vidro com temperatura controlada.

No geral, o lugar parecia como uma sala de controle de uma nave especial de uma super raça alienígena. Só que mais avançada.

Quem eram esses garotos?

Ouvi meu nome e me concentrei no monitor da sala de jogos.



— Vamos lá, Aurora é o único fator comum — Blake insistiu em uma voz que indicava que ele já havia dito isso antes. Ele inclinou sua massiva estrutura sobre a mesa de bilhar para alinhar uma tacada. — E se eles descobrirem que você está escondendo algo, estamos todos aqui para isso. — O braço dele estremeceu. As três bolas erraram o alvo. — Esse tipo de estresse me deixa desconfortável.

No bar, Matthias sentou em um banquinho com os pés para cima e suas mãos ao redor de um copo alto e opaco de - leite achocolatado? Ele sacudiu a cabeça.

— Eu não quero me arriscar sem ter certeza, amigo. Não sabemos se ela está envolvida. Tristan disse que a verificação preliminar de antecedentes se mostrou limpa. — Tristan acenou enquanto ele passava giz em seu taco. — Se ela tem algo a ver com a atividade demoníaca, determinaremos o nível de ameaça nós mesmos e a neutralizaremos.

— Ah-há! — Apontei para a tela. Eles disseram atividade demoníaca. Um grande peso que eu não tinha ideia que estava me sufocando deixou meu peito. Eu não estava doida. Limpei meus olhos repentinamente molhados e funguei com força, engolindo o muco porque um olhar ao redor revelou que salas futuristicamente secretas não viam a necessidade de lenços de papel.

Eu não estava doida. Eu realmente não estava doida. Esses garotos viam demônios também. Parecia provável depois dos acontecimentos de hoje, mas isso confirmou tudo. Nós podíamos sermos todos loucos, mas pelo menos tínhamos o mesmo tipo de loucura. Funguei novamente e usei a minha manga. Eu me senti tão aliviada e-

Espera um minuto.

Neutralizar? Eu encontrava alma gêmeas e eles queriam me neutralizar? Isso soou... ameaçador.

— Eu concordo. O excesso de escrutínio por parte da sociedade não é bom. — Ayden descansava ao lado da lareira estendendo suas mãos para o fogo e movendo-as no ritmo da batida retumbando do sistema de som. As chamas dançavam um ritmo estranho orquestrado pela música.



— Se o Alto Conselho descobrir o que podemos fazer, seremos os próximos recrutas de Sicarius. Ninguém quer isso.

— Por que a Madame Cacciatori está interessada em nós? — Eu estava contente por Logan ter chegado ao balcão. A atuação que ele esteve fazendo no corrimão, balançando precariamente, fez suar as palmas das minhas mãos. Agora ele passeava, agitado, sua gravata vibrante flutuando em uma brisa vinda do lago.

— Espera. — Blake se deteve na metade de um tacada e se sentou na mesa que rachou em protesto. — De novo quem é ela?

Matthias suspirou. — Você nunca presta atenção? Ela encabeça a força da tarefa Divinicus.

Blake pareceu pálido, mas já que os demônios continuavam a me chamar de Divinicus, e não de um jeito bom, eu estava interessada.

— Sophina Cacciatori — Matthias continuou. — Ela lecionou algumas aulas na conferência na Europa?

Blake sacudiu a cabeça.

Logan falou. —Você a descreveu com uma morena italiana sexy, curvilínea, com -

— Pernas sensacionais! — Blake terminou com um amplo sorriso. — E o filho dela, Cristiano, é o guru da sedução. Falando de problemas. Então, por que ela está interessada em nós?

— Não somos nós. — Jayden estava focado em um grande aquário que eu não tinha notado antes. Estava na parte posterior da sala alojando uma multidão de peixes coloridos de várias formas e tamanhos. As mãos de Jayden giravam enquanto o peixe exótico refletia seus movimentos como se preso em um padrão de correntes incomum. — Estando a cargo da caça de Divinicus, ela investigaria qualquer atividade demoníaca estranha.

— Caçando um Divinicus? Nada bom. Eu tive o suficiente disso. Ayden assentiu. — E não temos tanta ação faz tempo.

— Dezessete meses, três semanas, e seis dias. Eu teria que checar novamente as horas e os minutos. Foi a tentativa pelos seguidores de Azazel-



— Sim, Jayden — disse Ayden.

— E ainda estou incerto se os escudos que o demônio penetrou em volta da escola foram danificados por causa de manutenção inepta ou sabotagem — disse Jayden.

Ayden manteve suas mãos perigosamente próximas ao fogo. — O problema é que estamos no radar da Cacciatori e isso não é bom se quisermos evitar que adicionem os nossos nomes na pequena lista de Sicarius. Ela é poderosa.

Jayden se afastou do aquário. — E desesperada para achar o Divinicus e colocá-lo debaixo da terra. Ela tem equipes rastreando por todo o mundo. A ameaça é grande demais para andar solta.

Era essa tal de Cacciatori foi quem enviou os demônios atrás de mim? Para me enterrar na terra, tipo em “seis pés” abaixo da terra? Se eles contarem o meu paradeiro, eu estava morta.

Jayden continuou — A última guerra de territórios na Columbia deixou vários mortos, e nós estamos lutando para manter a dominância. O cartel está ficando mais forte. Podemos prevalecer, mas cuidar do Divinicus nos dará a vantagem que precisamos. — Jayden abriu uma pequena vasilha, beliscou um pouco de pó e borrifou na parte superior da água. Os peixes correram para a superfície. — Quando o seu pai volta, Matthias?

— Ele ainda está na Ásia checando algumas operações, mas estará de volta qualquer dia. Entretanto, por que o seu pai ainda não voltou?

— O produto na Alemanha não estava à altura — Jayden deu de ombros. — Ele está procurando um novo fornecedor e tentando várias renegociações de contrato. Os demônios não estão facilitando.

Minha mão cobriu minha boca repentinamente seca. Meus joelhos curvaram, e minha bunda por pouco caiu da cadeira que quase saiu disparada pela sala, alertando aqueles... criminosos mortais do outro lado da porta.

Isso é o que eles eram. Tudo fez sentido. Columbia. Cartel. Guerras territoriais. Negociações e contratos com demônios na Europa e



Ásia sobre o “produto”. Eles trabalhavam para uma sociedade, uma organização, com uma coisa de cartel de drogas demônio/humano acontecendo. Luna disse que o Sr. Ishida possuía um negócio de importação-exportação. Se isso não gritava “drogas ilegais” eu não sei o que mais era, e com o xerife como um participante, eles poderiam facilmente passar o “produto” pelas cataratas Grossamer. Não é de admirar que eles fossem tão ricos.

Olhei para o laboratório e me afastei das substâncias borbulhantes, tentando não choramingar, quase com medo de piscar para não criar alguma faísca. Já ouvi falar sobre laboratórios de metanfetamina. Voláteis. Altamente explosivos. Poderia explodir a qualquer minuto.

Eu observei o monitor e esperei poder encontrar um modo de sair sem ser vista. Então eu teria que manter meu status de Divinicus secreto e me esquivar de seus caçadores. Mamão com açúcar. Um mamão realmente complicado.

Ayden pegou três bolas do bolso da mesa de bilhar e facilmente fez malabarismo com elas. — Provavelmente seja melhor nós não os envolvermos por agora. Eles podem alegar ignorância se os criticarmos. — Os garotos assentiram. — Então precisamos descobrir o que está acontecendo, mas manter um perfil baixo e cobrir as nossas bases com a sociedade. Matthias, notifique-os que estamos averiguando alguma atividade e os informaremos mais tarde.

— Tudo bem. — O australiano pegou um tablet e pressionou alguns botões na tela sensível ao toque. A gama de televisões na sala de jogos piscou à vida e então houve um novo zumbido na sala secreta. — Enviarei com baixa prioridade em um nível de segurança obscuro. Com sorte, será ocultado.

Jayden olhou para Tristan que estava absorto em juntar as bolas para um novo jogo. — Você esteve extremamente quieto. Você é vizinho dela. Algo suspeito?

— Nope. — Tristan se concentrou na tarefa dele. — Tudo normal. Nós deveríamos deixa-la em paz.



— Mas ela se lembra. — Jayden pontuou. — Isso não é normal. Lembra do que?

— Talvez eu tenha feito algo errado — Tristan deu de ombros.

Jayden franziu o cenho. Também franzi o meu. — Duas vezes? — Ele disse, com muita dúvida.

— Ou o DNA dela está codificado de forma estranha. Eu não sei. — Tristan arrancou as bolas de Ayden no meio do ar e as bateu fortemente dentro do triângulo de madeira.

Jayden bateu os nós dos dedos contra seu queixo. — Eu devo ter os resultados do DNA das amostras do cabelo dela logo.

Seu esquisito.

— Não sabemos se ela tem alguma coisa a ver com o que está acontecendo. — A mandíbula de Tristan se endureceu. — Olha o que aconteceu da última vez. Pessoas morreram.

Matthias cortou o silêncio repentino. — Não é justo. Você não tinha nenhum controle sobre o que aconteceu com o irmão do Herman.

Eles mataram alguém?

— Mas por que correr o risco? Deixe-a em paz. Mantenha a sociedade fora disso. — Tristan estudou o resto do grupo. — Peçam desculpa. Devolvam as joias. Fiquem longe.

— Ayden, o que aconteceu entre você e o Herman? — Blake disse. — Há rumores sobre você atacando um dos caras dele por causa de sua nova namorada.

— Sim, cara. — Matthias cruzou os braços sobre o peito.

Ayden abriu uma lata de soda do bar e trouxe um gole. — Ele encurralou a Aurora. Eu a tirei.

Que romântico.

— Dizendo que ela é a sua namorada? — Blake disse com um sorriso torto. — Como você vendeu essa?

— Não importa. Ela teve um dia difícil. Não achei que ela devesse lidar com o Herman também.



Tristan jogou as mãos para o ar. — Mas você não ajudou. Se ele pensar que a Aurora está ligada a nós, ele pode ir atrás dela novamente. Essa é outra razão para nos mantermos longe dela.

— Você continua dizendo isso. — Ayden olhou para ele com dureza. — Mas não podemos.

— Por que não? — Protestou Tristan.

— Porque precisamos saber se ela está conectada aos demônios.

— Farei uma verificação de antecedentes mais completa. — Jayden se dirigiu até a parede de monitores do lado oposto ao Matthias.

— Não! — exclamou Tristan. — Esse é o meu trabalho. Eu farei isso.

Todos se entreolharam e olharam para Tristan. Matthias baixou o painel de controle.

A mão de Tristan passou por seu cabelo. — Que foi?

Ayden suspirou. — Tem alguma coisa acontecendo que nós devêssemos saber? Entre vocês dois?

— Não! — Tristan olhou desafiador. — Ah, qual é, eu simplesmente não quero alguém se machucando por causa do que fazemos. Ela é legal. Eu gosto dela. Não *gostar-gostar*, só gostar. Não quero colocar ninguém em perigo novamente.

Após uma pausa, Logan endireitou sua gravata. — Também gosto dela. Não *gostar-gostar*. Só gostar.

— Ela é um completo enigma. — O tom e o sorriso de Jayden deu a impressão de que isso era uma coisa boa. Para Jayden de qualquer forma.

— Eu definitivamente gosto dela — disse Blake. — Eu poderia até mesmo *gostar-gostar* dela. Aquelas pernas compridas, corpo excelente, aqueles cabelos de fogo e olhos verdes. Ela é mal-humorada, mas divertida. O que tem para não *gostar-gostar* nela?

Tristan sorriu. — Sim, o senso de humor é tão importante pra você.

— Cara, eu sou uma pessoa muito profunda.

— Os olhos dela são azuis — disse Ayden.



Blake franziu a testa. — Jura?

Sorri. Por Blake estar sendo um idiota ou pelo fato de Ayden ter lembrado a cor dos meus olhos, eu não tinha certeza.

— Ele está certo. — Jayden assentiu para o irmão dele. — Eles são azuis. Mais para índigo, baseado no comprimento de onda no espectro de cor que tecnicamente se coloca entre o azul e o violeta.

— Oh, sim, Blake, você é profundo — bufou Tristan.

— Hey. — Blake parou de rodopiar seu taco e apontou-o para Tristan. — Eu ainda poderia *gostar-gostar* dela.

Matthias grunhiu. — Vamos deixar isso claro, galera. Não fiquem malucos por uma garota. — pensei que os dedos dele iriam socar a tela do tablet. — Ninguém tem permissão de gostar ou *gostar-gostar* dela. Isso só deixará o nosso trabalho mais difícil.

Mais difícil de me *matar*? Coitadinhos.

Ayden falou para Matthias — Sei o que devemos fazer. Mas você não vai gostar disso.

Matthias caiu pesadamente em um assento de couro. — Te darei uma chance justa.

— Uma pergunta primeiro, Matthias — Blake disse com um sorriso diabólico. — Aurora. Você gosta dela, ou *gosta-gosta* dela?

Com um ruído gutural, Matthias se lançou de seu assento. A sala de jogos ficou escura e irrompeu com os sons de uma briga.

Uma fração de segundos depois, eu estava no escuro também. Meu olhar foi ao redor da sala, minha respiração vindo em jorros. Eu precisava de uma saída. Uma faixa de luz brilhou na parte inferior da parede oposta pela qual eu tinha entrado. Derrubei uma cadeira e me atrapalhei indo para a parede, contente por todo o barulho que os garotos faziam.

Eles eram psicóticos. Falando sobre me matar – desculpa, me “neutralizar” – em um minuto e de *gostar-gostar* de mim no outro.

Minha mão achou um painel e empurrou. Com uma lufada, a parede deslizou ao se abrir e eu cai através dela.



CAPÍTULO QUINZE

Pisquei contra o brilho repentino da luz solar através da grande janela e bati meu quadril na quina de uma mesa. Uma lâmpada balançou. Eu a peguei antes que caísse e pulei quando a parede atrás de mim se fechou.

Um rápido olhar revelou que a sala estava vazia. Soltei o fôlego e fui para debaixo de uma estante, olhos cintilando. A tranquila decoração zen de azul e verde sutis deveriam ter acalmado meus nervos em frangalhos. Não acalmou.

Fui devagar para além da cama de plataforma baixa de madeira escura brilhante e senti uma lufada de incenso que queimava uma essência almiscarada familiar.

Um ruído estalou a minha direita. Girei e agarrei a arma mais próxima que pude encontrar. Uma fonte espirrou para a vida, uma cascata gotejando um minijardim de pedras. Alarme falso? Claro. Mas diga isso para o meu coração martelando.

A arma que eu apertei tão desesperadamente era um pequeno ancinho para o pequeno jardim de pedras que era simplesmente uma enorme estupidez, pois por que alguém pensaria que revolver terra e pedra, pequena ou não, traria alguma serenidade, estava além de mim. Pessoas normais chamam isso de “fazer tarefas”.

Eu estava pronta para lançar o ancinho e fazer minha louca escapatória quando alguma coisa me parou. Numa prateleira alta próxima a um chapéu de cowboy de criança tinha uma duplicata emoldurada da foto que mamãe tinha encontrado. Nosso grupo. Fardos de feno, cavalos, poses estúpidas. Eu a alcancei.

— Posso oferecer algo?

Girei, arruinando bugigangas enquanto batia contra as estantes.

O olhar divertido de Ayden estava a somente alguns pés de distância. Ele vestia uma camiseta e jeans, os pés descalços. Dei conta



disso porque meus olhos caíram quando vi o botão do topo de seus jeans aberto. Uma mão alcançou atrás de sua cabeça fazendo que sua camiseta subisse deixando pele nua, entre a camiseta e as calças, uma generosa porção de pele esticada. Isso foi... wow... de repente ficou quente aqui.

Guinchei algumas vezes antes de conseguir um legítimo — Oi — meu tom excessivamente brilhante.

— Olá. — Ele arrastou essa palavra em uma voz baixa e suave que acariciou meu corpo inteiro, me envolveu como uma toalha grossa diretamente da secadora, quente contra a pele nua, afugentando qualquer frio-

Uau, calma garota. Lembrei a mim mesma de respirar e não ficar louca para cima do traficante de demônio. A parte da respiração funcionou.

— O que você está fazendo aqui? — Ele olhou ao redor. — E como você entrou?

— A empregada — Limpei a garganta — me deixou entrar. Me mandou até aqui.

A testa dele se franziu. — A empregada? Você quer dizer o Sergei? Eu não o chamaria disso na cara dele. Eu não acho que ele esteve aqui hoje. E não creio que ele falou para você subir sem nos dizer.

Sergei? O cartel russo estava envolvido também?

— Não um homem. Uma mulher. De uns trinta anos. Bonita. Altiva. Assim de altura. — Usei minhas mãos no ar para aproximar a altura dela. Ayden negou com a cabeça. — Ah, qual é. Vestindo uniforme de empregada francês? Certamente você recorda disso. E o cabelo com mechas lavanda?

Ele riu e colocou ambas as mãos atrás da cabeça. A camisa subiu um pouco mais.

Olhos para cima, Aurora, olhos para cima!

— Boa tentativa. Esse é o tipo de empregada que você pensa que teríamos? Uau. Não sei se me sinto insultado ou lisonjeado. — Ainda sorrindo, ele cruzou os braços sobre o peito. Isso ajudou. Um pouco. — Bem, vamos ignorar o “como” por agora. Por que você está aqui?



— Oh. — Tossi algumas vezes, dei umas palmadinhas no meu peito, lhe dei um *desculpa*, só um minuto enquanto eu invento alguma resposta razoável para cobrir a minha invasão para que o cartel de drogas da família dele não me matem, e pressionei as costas da minha mão contra minha boca enquanto dei mais algumas tosses. Muito na cara? Talvez, mas me deu o tempo que eu precisava. — Quis passar e te agradecer por ter me salvado hoje. Do Herman.

Um sorriso desconfiado dançou em seus lábios. — O que aconteceu comigo brincando com você?

— Oh, aquilo. — Eu dei o meu melhor para parecer arrependida. — Desculpe, eu estava um pouco magoada. Você foi muito corajoso e eu queria expressar a minha gratidão. — Esperava estar acariciando o seu ego o suficiente.

— De verdade? — Seu sorriso se ampliou para mostrar muitos daqueles dentes brancos. Ele passeou para frente, se inclinou, e descansou suas palmas contra a estante de cada lado dos meus ombros. — O que você tem em mente?

Caramba, acho que acariciei aquele ego bem demais. Eu me abaixei de seus braços e me afastei.

— Eu-eu-eu poderia a-ssar algo para v-você.

Ele deu a volta e se aproximou de mim. Eu já havia visto uma pantera perseguindo sua presa no Discovery Channel. Acho que ela teve aulas com Ayden.

— O-o que você gostaria de comer?

Seu sorriso se alargou. Ele me olhou de cima a baixo. Merda.

No meio da minha retirada, acabei batendo naquela estúpida cama de plataforma, o que me fez cair estatelada no colchão. Uma fração de segundos depois Ayden estava lá e subiu facilmente em mim.

Feito uma ninja, rolei para a minha esquerda. Ayden caiu pesadamente em uma cama vazia enquanto eu voava pelo canto inferior até o chão. Não tanto como uma ninja, mas deu certo. Meus pés abaixo de mim, fiz uma louca corrida até a porta. Não ouvi passos em uma



caçada, mas quando sacudi a porta para abri-la isso não importava. Eu estava presa.

Em um universo alternativo.

Jayden estava de ponta cabeça, caminhando sobre suas mãos, e parecendo tão surpreso quanto sua calma perpétua permitia. Estoico como uma rocha, seu equilíbrio e seu controle podiam ter algo a ver com o fato de a parte superior de seu corpo não ser nada além de músculos firmes. Foi fácil ver porque mesmo usando um moletom, ele estava sem camisa. Ninguém sabe como usar roupas nessa casa?

Ele levantou sua cabeça. — Aurora? O que você está fazendo no quarto do Ayden?

Ayden soltou um suspiro dramático. — Não me sentindo tão agradecida quanto eu esperava.

Ele descansava na cama, suas mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Aquela camisa traiçoeira estava levantada ainda mais alto agora. Arranquei meus olhos para seu rosto e olhei fixamente. Ele deu um encolher de ombros, uma indiferença inocente.

— Quando você chegou?

— A tempo da nossa empregada de cabelo roxo deixá-la entrar.

Jayden caiu graciosamente para os seus pés e se levantou. — Mas nós não-

— Tenho que ir. — Empurrei Jayden de lado. Embora eu não tenha exatamente corrido para o saguão, estava perto disso.

Jayden disse — Cheque as câmeras.

Olhei por cima dos meus ombros para ver se eles estavam me perseguindo. E dei de cara com algo sólido.

— Mas o que- — Matthias me empurrou para trás. Tropecei, e recuperei meu equilíbrio. Você pensaria que ele tinha acabado de lidar com um cadáver apodrecendo. — Quem convidou a mina⁷?

⁷ No inglês ele usou a gíria australiana "shelia", que é garota, mas pra ficar diferente coloquei mina.



Minhas habilidades de invasão precisavam de um pouco de trabalho na parte da fuga furtiva. Corri passando pelo australiano. Ele tentou me agarrar. Eu esquivei, bati meu quadril em seu estômago, e sem olhar para trás, me lancei para o corrimão da escada.

Desci perpendicularmente, acelerando a uma velocidade vertiginosa, cabelos voando, braços estendidos para manter um equilíbrio perfeito. Impressionante. Até o corrimão fazer uma curva.

E eu não.

Naveguei através das escadas, ricochetei na parede, e bati por alguma coisa para parar minha queda livre fora-de-controle. Uma daquelas paisagens grandes, magníficas e resistentes que eu vi anteriormente parecia uma escolha sensata.

Não foi.

A pintura gigante foi arrancada de minhas mãos enquanto eu ricochetei de volta para as escadas. Meu instinto se estatelou na grade. A obra de arte fugiu do meu aperto. Alguém grunhiu, mas não fui eu. Não, eu estava muito ocupada dando cambalhotas sobre o corrimão e batendo de costas contra o chão de madeira, passando longe do grosso carpete oriental completamente. Sou esperta assim.

Rolei para os meus joelhos, chupei e arquejei até o ar se infiltrar nos meus pulmões, e encarei o absurdo.

Logan estava sentado no chão, atordoado. Quando a pintura saiu das minhas mãos ela aterrissou nele, derrubando-o, sua cabeça rasgando a tela. Agora ele usava aquilo como algum colar ridículo de arte moderna.

Com uma careta, ele lutava para desalojá-lo de seu pescoço. — Não é engraçado, caras. Quem- — Ele pegou um vislumbre de mim. — Aurora?

Ooops.

Fiquei de pé, corri para a porta – e me detive em seco. Blake estava lá com um punho enorme devorando a maçaneta. Seu olhar passava entre mim e meu rastro de destruição como uma bola de ping-pong.



— Detenham-na! — Matthias bramou enquanto trovejava escada abaixo.

A boca de Blake se torceu para um lado, sua mão apertando a maçaneta. O pouco de fôlego que recuperei ficou preso. Meu coração caiu em um impasse. Logo ele balançou a porta aberta com um movimento de seu braço.

— Depois de você, milady.

Minhas pernas não hesitaram. Saltei para a varanda e golpeei o caminho de entrada em uma corrida.

— Por que diabos você fez isso?

— Sou o cavaleiro de armadura brilhante dela. Sêrio, cara, seu cavalheirismo precisa de um pouco de trabalho. Ai!

Uns poucos tropeços e várias cambaleadas depois, liguei meu carro sem mais nenhum incidente e acelerei o motor. Não pude escapar rápido o suficiente – ainda que a polícia pudesse ter algumas queixas.

Na metade do caminho de casa, eu percebi algo e quase pulei o meio-fio. Mãos suadas contra o volante, parei e puxei o carro para o lado. Sem sorte. A fotografia que eu tinha deixado no banco do passageiro? Sumiu.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Lancei-me ao meu quarto, armada para combater a frustração com um pote de sorvete e uma colher, uma brisa fresca soprando vinda da janela. A porta bateu ao se fechar atrás de mim. O pote e a colher caíram no tapete quando me virei. E topei com Tristan.

Ele caminhou até mim, com uma expressão sombria, e ergueu a foto.

— Eu sei quem você é, Rory, ou Aurora, ou seja lá do que você chama a si mesma, mas fique longe. — Ele fez sua voz soar anormalmente profunda. — Não jogamos limpo.

Ele jogou a foto na minha cama. Mas falhou. Ele piscou, clareou a garganta e passou por mim. Detendo-se na minha cama, ele colocou as mãos nos bolsos da calça, mas então não conseguiu tirar seu punho para fora sem usar a outra mão para ajudar. Apertei meus lábios com a minha boca para sufocar um sorriso. Depois de um par de tentativas ele finalmente tirou minha cruz céltica e um dos meus colares, vistas pela última vez nos dedos de Matthias, e os deixou sobre a cama.

Ele estava indo para a janela quando eu disse — Quer sorvete?

Sua cabeça se chocou com a moldura. — Ai! O que? — Sua voz estava de volta ao normal. Ele se virou. — Não me ofereça sorvete. Eu acabei de invadir o seu quarto e te ameaçar.

Acariciei meu queixo. — Hmmm. Uma ameaça? Não, isso foi um aviso. Para me assustar para o meu próprio bem.

Seus ombros caíram com um suspiro. Ele se sentou no peitoril. — Funcionou?

Balancei a cabeça para trás e para frente. — Não sei ainda. Você deveria ter aulas de intimidação com o Matthias.

— Yeah, desculpa por ele ser um idiota.

— Por que você anda com ele?



— Longa história.

Eu estendi as minhas mãos. — Tenho tempo.

Ele se levantou, seu rosto triste.

— Mas eu não. Você está bem? Após os... acontecimentos de hoje?

— Me diz uma coisa. No estacionamento, vocês me deixaram inconsciente?

Ambas as mãos passaram pelo seu cabelo loiro. — Não te batemos. Não tenho certeza do que aconteceu. Você não tem nenhum motivo para acreditar em mim, mas estamos tentando ajudar.

— Eu tenho um motivo. — Eu peguei a foto do chão. — Somos amigos.

— Não somos seguros, Aurora.

— Talvez, mas—

— Sem “mas”. Vou tentar pegar e trazer o resto das suas coisas.

— Então poderemos conversar?

— Não, então você fica longe. Pelo seu bem. E por favor não conte para eles que eu estive aqui. Que conversamos. É o melhor para nós dois.

— No que você está metido? Talvez eu possa ajudar?

Ele sacudiu a cabeça, seus olhos azuis inexpressivos. — Não estou em problemas Aurora, mas você poderia estar. Fique longe.

Peguei a cruz. — Obrigada.

— Não mencione isso. Literalmente.

Eu assenti e ele se foi. Um grande carvalho dominava o espaço entre as nossas casas, e Tristan facilmente manobrou os enormes ramos espalhados da minha janela para um em sua casa. Eu o observei desaparecer através deles sem nem olhar para trás.



CAPÍTULO DEZESSETE

Grogue de virar na cama a noite inteira tentando dar sentido as coisas, e verificando novamente se a janela estava trancada, eu já estava atrasada em minha rotina matinal quando a comoção começou.

A ligação cedo do escritório do xerife precipitou uma corrida maluca até a minivan onde mamãe, com grande nervosismo, pisou fundo no pedal e o empurrou pelo menos uns 5 km acima do limite de velocidade. Atualmente, ela se encontrava de pé em frente a sua floricultura conversando com um dos comissários do xerife sobre os atos de vandalismo. O pai do Matthias ainda estava fora da cidade.

A janela de exibição da loja da mamãe havia sido estraçalhada de dentro para fora e estava em pedaços na calçada, o vidro brilhando feito joias preciosas. Dentro havia cacos de cerâmica quebrados, pedaços de terra, plantas mutiladas e mesas viradas. O fedor de enxofre flutuava no ar, mas parecia que eu fui a única a notar.

E a única que ouviu a voz do demônio.

Eu estava de pé fora da multidão, Seleno no meu quadril. O diabinho do ataque de “urso” de ontem não perdeu tempo para receber o crédito pela destruição, fazendo ameaças e latindo exigências pouco depois de eu ter chegado.

— E agora a Nex seguirá minhas ordens. — Sua risada foi levada pelo ar e se enrolou ao redor de minha pele como uma serpente mortal.

Segurei Seleno mais apertado e varri a multidão, mas ninguém estava possuído. Para mim, quando os demônios ganham resistência, as características humanas deslizam como uma máscara de cera muito próxima a uma chama.

Mas eu podia ouvi-lo. Sua voz áspera arrepiou os nervos da minha espinha.



— Deixe a fedelha e venha a mim. Sozinha. Vá pela Main Street. Pegue a segunda saída. Entendeu?

Procurei no céu. Nada.

— Comece a se mexer! — Seu rosnado de fúria bateu contra a minha pele.

O volume da multidão diminuiu, reagindo a presença sem ao menos saber.

— Vá agora ou começarei a matar. Lentamente. A bebê primeiro. Seus gritos-

— Lucian! Pegue a Selenia. Deixei minha lição de história em casa.

— Eu vou com você — disse Luna.

Eu indiquei suas botas desajeitadas. — Serei mais rápida sozinha.

Ela encolheu os ombros e deu a volta. Retrocedi alguns metros para ter certeza de que ela não seguiria e me choquei contra algo.

— Ow! Maldito-

Girei e encarei um Matthias irritado. Como se ele tivesse outro humor. Ele estava sentado em uma BMW preta, sua perna pendurada para fora da porta aberta quando me choquei contra ela, fazendo com que a porta batesse em sua canela.

— Desculpa.

Ele fechou o celular e parou na minha frente em instantes. O estranho, é que ele estava sorrindo. Tentei me deslocar para longe.

— Aurora, espera. Para onde você está indo? — Seu tom era simpático. Me assustava um pouco.

— Deixei minha lição em casa. — Empurrei um dedão por cima do meu ombro. — Engraçado, sendo lição de casa você acharia que casa é onde ela deveria estar, mas não, preciso dela na escola, mas você não pode chama-la de lição de escola porque essas coisas a gente faz na escola, mas na verdade é uma lição de escola que você faz em casa e então a traz de volta, então você poderia chama-la de lição de escola/casa/escola, mas de qualquer modo ela não está aqui e eu preciso pegar ela em casa e trazer pra escola então é em casa que eu preciso estar agora. — Tomei fôlego. — Tchau.



Matthias afastou qualquer tentativa de dar sentido a minha tagarelice. — Você deveria esperar por sua mãe. — Ele fez um gesto para a floricultura, lançando olhares de um lado para o outro. — Não vaguear por aí sozinha.

Preocupação? Ainda mais assustador. — Ficarei bem.

Quando virei para ir embora seus dedos férreos se prenderam ao redor do meu pulso em um aperto que eu não podia quebrar sem perder minha mão.

Então voei para o seu peito – ele sequer cambaleou – e envolvi meu braço livre em torno de sua cintura. Meus soluços eram lamentáveis, altos e patéticos.

Matthias ficou rígido. — Uh.

— Isso foi tão assustador — choraminguei entre respirações entrecortadas, apertando-o com mais força. — E agora — mais soluços — agora, você está aqui e pode me ajudar, me abraça. — A tagarelice incoerente se amplificou. Pressionei nossos corpos mais perto, quase cravando minhas unhas nele.

Ele soltou meus braços e endireitou ambos os dele ao seu lado. — Mas o que—

O empurrei e corri rua abaixo, sorrindo, esperando ter deixado muito muco na camiseta dele.

— Filha da— Seu celular tocou. O violento — O que?! — que ele grunhiu quando atendeu ampliou meu sorriso. O garoto malvado podia intimidar, mas mostre um donzela pegajosa e chorosa, e ele cederia.

Arrogante por ter enganado aquele imbecil, fiz todo o caminho ao redor da esquina antes de uma mão me arrancar de lá.

Gritei.



CAPÍTULO DEZOITO

A mulher gritou de volta, sua mão livre pulando para sua garganta e seus surpreendentemente brilhantes olhos azuis ficaram selvagens antes de ela me puxar para um beco.

— Caramba, *senhorita Molly!*⁸ — Disse ela, voltando a respirar normalmente ao poucos. — Você me assustou.

— Você é a empregada!

Suas vestes estavam diferentes, mas era ela. Ela me deixou entrar na casa dos Ishida. Hoje ela parecia como se estivesse vindo de uma grande reunião de diretoria, usando uma saia branca e uma jaqueta ajustada ao seu corpo esguio. Entretanto, o cabelo? Não tão corporativo. Curto e moderno, ele saltava enquanto ela andava, e brilhava com o mesmo intenso azul cobalto de sua blusa de seda e olhos maliciosos.

Parei e tentar tirar meu braço do seu aperto.

— Quem é você?

Ao final do beco ela me encarou, repentinamente sombria, e com um pesado sotaque austríaco disse — Venha comigo se quer viver. — Sua expressão ameaçadora se quebrou em uma cascata de risos e ela bateu em sua coxa. — Oh, eu sempre quis dizer isso!

Eu me perguntei qual manicômio perdeu um paciente.

— Mas sério. — Ela enviesou seu rosto para um semblante de compostura. — Você precisa confiar em mim e *tudo ficará certo como a chuva.*⁹

Confiar nela. Ceeeeerto. Os caras com a van acolchoada e camisas de força estarão aqui a qualquer minuto.

⁸ No original é "Good golly, miss molly" que é uma música do Little Richard.

⁹ No original está "Right as rain" que é uma música da Adele.



— Desculpa, você já me meteu em problemas o suficiente e eu preciso ir. — Puxei a minha mão novamente. Ela não a soltou, mas começamos a andar novamente. — Alguém ameaçou a minha família e –

— Eu seeeei! Quero dizer, devo dar-lhe pontos, porque francamente, ele pareceu um pouco bobo para mim. Todo sujo, apenas músculos e sem cérebro. — Ela agitou um dedo no ar. — Vergonha de mim por julgar. — Ela viu minha cara preocupada e rolou seus olhos. — Por favooooor. Eu cuidei de sua família. Um par temporário de cifras, e, *ergo*¹⁰, ele não pode tocá-los. Por agora. Você, por outro lado, está vulnerável, mas não posso ajuda-la. — Outro sorriso deslumbrante.

Cifras? E quem é Airgo? — Você fez *o que* com a minha família?

Ela afagou minha cabeça. — Explico mais tarde. Só faça o que eu te disser. Você estará segura na Rita. — Com pressa, ela me deu direções. — Te encontrarei lá.

— Com um demônio atrás de mim? Eu nunca conseguirei.

— Dois, na verdade.

— O que?

Sua mão fez um movimento de corte, pondo fim a discussões maiores. — Confie em mim. Você tem o que precisa. — Ela piscou. — Você só não sabe ainda. Ou tem o treinamento necessário.

— Quem é você?

— Sem tempo, sem tempo.

As outras perguntas foram cortadas por uma névoa verde formando-se na minha frente. A neblina se solidificou naquele horroroso duende verde da educação física, o que estava perseguindo Selena, coberto de grama, fungo, e musgo – aquilo eram cogumelos crescendo das orelhas dele? – e gotejando com algo espesso que cheirava a esterco. Delícia.

A mulher silenciou, mas o demônio não reagiu. Eu vi um inseto rastejar de seu nariz para a boca arrastando uma rede de gosma que ele

¹⁰ No original está “ergo” que é uma palavra em latim para ‘logo, portanto’, por isso a próxima fala da Aurora é “airgo?”, porque ela não entendeu.



lambeu com um movimento rápido de sua língua bifurcada. Ele engoliu alto após algumas mordidas crocantes.

Okay, um sério fator eca.

Um chiado veio de cima. O demônio irritante *Vou Te Matar Com Vocabulário* que havia me perseguido pelo quarteirão da minha casa estava de volta. Esse dia podia melhorar?

Com um sorriso repugnante, Fungus Fred entrelaçou suas mãos juntas, os cotovelos travados. Grama esfumaçou ao redor de suas pernas, viajando acima do seu torso e abaixo dos seus monstruosamente longos e arredondados braços. O arco-íris de verdes brilhava à luz do sol enquanto escapava da ponta dos seus dedos e se solidificava em uma muita grande, muito longa e muito afiada espada.

Comecei a correr, mas a mulher me parou com um aperto surpreendente forte.

— Você precisa aprender como defender seu território e — ela sacudiu seus pés em um pequeno passo de dança irlandesa e cantou — você precisa ter *fê, fê, fê*.¹¹

Meu queixo caiu. — Você está brincando comigo, né? Você está dançando na rua e citando George Michael. Eu estou prestes a ser comida viva!

Beliscando seu nariz, ela engasgou, ultrajada. — Eu *cantei* George Michael que estava na verdade citando o verso. — Ela lançou um olhar preocupado para o demônio. — Oh, deus. Não é o momento. Discutiremos isso no futuro.

Se eu tivesse um futuro. Em suas mãos imundas a “espada” de ervas – oh, sou engraçada durante minhas experiências de quase morte – continuou crescendo até chegar a um comprimento impressionante. Dei um passo atrás. Um débil *tinido* tocou meus ouvidos.

A corrente. Aquela que o Tristan tinha devolvido. A única que eu tinha. Arranquei-a dos meus jeans, enrolei-a em minha mão e puxei a ponta solta.

¹¹ Música “Faith” do George Michael.



Gritos irromperam enquanto as ligações de ferro rodeavam sua pele. Ignorando a fumaça e o odor de queimado, puxei. Seus braços se agitaram e a espada saiu voando, mas Fungus Fred agarrou a corrente com um uivo e puxou. O metal passou através da minha carne. Se desvencilhou do pulso do demônio e subiu inofensivamente pelo ar, o *tinido* quando ele atingiu a rua foi um montículo de morte a meus ouvidos.

Seu olhar homicida e grunhido gutural deixaram claro que a minha tentativa de amarração não tinha ido bem. Suor jorrava de meus poros. A lógica me desertou. Ele estendeu seus braços, e com uma contração de seus dedos feito galhos, ele fez a espada se elevar do solo e disparar para sua mão.

Aveludado. Ele tinha tudo e eu não tinha nada. Exceto a Penélope Perky¹² aqui, mas ela ainda tinha que se provar eficaz. Os ossos de minhas pernas ameaçaram se liquefazer e eu sabia que se eu desmaiasse, eles não encontrariam muito mais do que uma pilha de sangue, ainda tremendo de medo.

— Bom para você! — A mulher aplaudiu.

— Faça alguma coisa — supliquei com os dentes cerrados.

Antes que a Penélope Perky pudesse – ou desse – uma resposta, o demônio levantou a espada no alto. Coloquei minhas mãos para cima. Me encolhi. Mas a lâmina não cortou através de minha carne.

Ao invés, pressão arremeteu sobre mim de todas as direções, como um carro no ferro-velho com alguma máquina me triturando em um cubo de metal do tamanho de um pé. Meus ossos começaram a implodir. A pele queimou. Respirar estava fora de questão já que meus pulmões deviam ter colapsado. Uma luz branca corroeu minha visão. Logo antes de meus joelhos curvarem, a pressão acumulada disparou de mim como uma bala liberada de seu cilindro, explodindo com um estrondo sônico que mandou o demônio voando pelo ar.

¹² Em tradução livre: Alegre



Dei um jeito de permanecer de pé, arquejando por ar enquanto o demônio girava para fora do chão, deixando redemoinhos de lama na calçada. A explosão interrompeu o declínio do vocabulário do demônio e o bateu contra um edifício. Ele deslizou pela parede com um gemido.

A mulher disse algo, mas eu não estava escutando. Olhei fixamente o meu corpo, vesga de incredulidade com a pálida luz emanando da minha pele, pulsando através das minhas roupas. Em resumo, eu estava brilhando. Literalmente. Crepitando como as máquinas no laboratório de horrores do Dr. Frankenstein trazendo o monstro a vida.

Um odor enjoativamente doce bateu nas minhas narinas uma fração de segundos antes de eu gritar de dor. A cruz céltica no meu peito brilhava quente. Me inclinei para a frente para tirá-la de minha pele. Minha mão golpeou o metal escaldante, tentando mantê-lo fora do meu peito sem chameuscar meus dedos.

Fungus Fred se pôs de pé com um grito furioso.

A mulher agarrou a cruz brevemente, e deu um firme empurrão no meu ombro.

— Corra. Eu cuido desse. — Ela assentiu com a cabeça ao Fungus Fred.

Eu vacilei conforme o colar caia sobre a minha pele. Mesmo o meu peito ainda doendo, o metal havia se tornado frio com o toque dela. Estudei minhas mãos, feliz de ver minha pele de volta ao normal.

Corri, esperando lembrar as direções, esperando chegar lá a tempo. Esperando que eu não fosse morrer.

Um grito vindo de cima me lembrou que eu tinha mais com o que lidar.



CAPÍTULO DEZENOVE

Carecendo de delicadeza, meu deslize frontal me manteve segura do ataque. O solo estremeceu quando o demônio voador atingiu o concreto e pôs-se a tremer, com raiva. Dedicando-me um sorriso assustador cheio de dentes.

— Não tenho nenhum protesto a um desafio, Nex. Vamos! — Então ele soltou uma gargalhada que encolheu a minha alma.

Em movimento novamente, a cruz golpeou contra minha pele, a dor palpitante no compasso com o meu coração. Atirei o metal por cima do meu ombro e me concentrei nas direções. Uma sombra subiu, mordiscando os meus calcanhares. Me meti no edifício a minha direita. Meus ombros queixando-se com o impacto, mas eu não me importei quando assisti o demônio golpear o solo ao invés de mim e ricochetear na parede.

Minha última volta apareceu a vista, mas eu não podia arriscar diminuir o passo. Meu corpo reagiu antes que a minha mente tivesse sentido para pará-lo e lança-lo no ar. Eu peguei o poste de luz com os nós dos dedos brancos em ambas as mãos e deixei o impulso balançar o meu corpo em torno do poste. Eu soltei quando meus pés deram a volta e voei pelo ar, escondendo meu ombro quando meus pés golpearam o pavimento, rolando duas vezes e logo eu estava de pé e correndo. Eu sorri. De onde aquilo tinha saído?

Foco. Rita's. Era um restaurante? Ela foi vaga. Metal triturado e vidro quebrado irromperam atrás de mim. Uma espiada arriscada por cima do meu ombro revelou que o demônio havia corrido –não, *voador*– sobre o poste de luz.

Continuei a me mover. Rita's. Tinha que ser aqui. Por que ela mentiria? A menos que – oh, céus – a menos que ela fosse um demônio também. Só porque ela não se parecia com um monstro –



Então eu vi. Uma placa com letras azuis como o cabelo dela. Eu estava quase conseguindo. Até que fiz uma impressão facial no pavimento e deslizei vários metros sobre a minha barriga, terminando ao pé das escadas de pedra. Mesmo com a visão um pouco turva, eu pude ler o letreiro. Dizia – espere por isso – *A igreja de Santa Rita*.

Rita's. Meu destino. Meu santuário.

É claro.

Ela não podia ter mencionado isso? Não importava agora. O bater ameaçador de asas de couro apareceu de cima junto com uma corrente de ar e um sorriso malévolos de triunfo.

Virei de costas, determinada a, pelo menos, encarar a minha morte, e imediatamente me perguntei por que eu pensei que isso seria uma boa ideia. O demônio mergulhou, garras afiadas estendidas, prontas para me cortar aberta, seus dentes a mostra para festejar as minhas entranhas jorrando.

A pressão contra o meu corpo voltou, um grande peso me sujeitando ao concreto, entorpecendo a minha pele com um calor intenso. Em pânico e com medo, eu lutava para respirar. A pressão quebrou quando Penélope Perky apareceu e plantou uma de suas sensíveis bombas em minha caixa torácica.

— Sem fogos de artifício. — Sua voz mostrava zero sinais de estresse. Ela não pareceu notar o míssil de assassinato dirigindo-se para nós. Ela piscou. — Isso não é emocionante?

Aconteceu rápido demais para eu gritar. Ela estendeu o braço despreocupadamente uma fração de segundos antes de o demônio chegar. O pescoço do monstro rachou em seu bíceps. Seu braço não se moveu. Mas o demônio sim.

Seu corpo girou em espiral na velocidade da luz ao redor do braço dela. Joguei minha cabeça para o lado para evitar ser golpeada pelas pernas reptilianas chicoteando. Sem enrugar suas roupas, ela agarrou o ghoul¹³ antes de ele girar fora de controle e o lançou para cima.

¹³ O **ghoul** é um monstro folclórico associado com cemitérios e que consome carne humana, comumente classificado como morto-vivo. Na mitologia (na língua árabe, literalmente, significa



O lamento de objeção se desvaneceu enquanto a besta disparava fora de vista.

Me levou um momento para processar que ela acabou de usar um maldito demônio como um varal. Como se fosse um mosquito. Como se fosse menos que um mosquito. Então meus olhos saltaram.

— Agora, você precisa... — Ela pausou para reajustar sua jaqueta.

Assinalei para o ar e fiz ruídos gorgolejantes de homem das cavernas, assustada demais para criar palavras. O mosquito estava de volta. Ele se recuperou de ter sido lançado no ar e estava mergulhando para nós novamente. Mais rápido e mais furioso do que antes.

— Eu sei. — Sorriu ela. — Essa é a parte divertida.

Ela sequer olhou, mas um momento antes de o demônio chegar, asas enormes saíram de suas costas com a velocidade de um raio e o estrondo de um trovão, golpeando o demônio e sacudindo-o sobre os telhados como se ele fosse um... mosquito.

Okay, então o dicionário na minha cabeça não encontrava sinônimos porque eu estava muito ocupada ficando boquiaberta pelas enormes asas brancas repletas de várias penas do mesmo azul brilhante do seu cabelo e camisa. Elas vibraram com uma graça sussurrante, enviando uma brisa suave para refrescar minha pele suada.

Pisquei quando ela estalou seus dedos na minha cara.

— Você ouviu alguma coisa do que eu acabei de dizer?

— Você tem asas?

Ela suspirou. Seus ombros e asas afundaram. — Preciso que você se concentre, querida, então ouça. Você deve ficar perto dos Garotos Malditos. Eles vão protegê-la enquanto—

— De onde as asas vieram?

Seus olhos param na metade do giro e ela olha para a igreja. — Oh, não. — Ela me deu um olhar severo. — Fique perto dos garotos. A vida de sua família depende disso.

Aquilo chamou a minha atenção.

demônio), sua origem, é um monstro canibal que habita debaixo da terra e outros lugares desabitados. Comumente traduzido como carniceiro no português brasileiro, é algo como um zumbi.



Ela enfiou seu pé embaixo do meu quadril e com um movimento do seu tornozelo me virou para o meu estômago. Agarrando a parte de trás da minha camisa e a cintura dos meus jeans, ela me arrastou facilmente. Cantando um assovio ensurdecedor, ela me balançou feito um pêndulo. Naveguei pelo ar, dirigindo-me rápido e furiosamente diretamente para duas muito bonitas, muito esculpidas, muito grossas e muito sólidas portas de madeira, que também aconteciam de estar muito fechadas.



CAPÍTULO VINTE

Enquanto eu me preparava para um impacto doloroso, a entrada se abriu com um *whoosh* e choque se registrou no rosto de algo tão imponente quanto as portas.

Blake.

Ele me pegou em seus braços. Ar saiu bruscamente de ambos os nossos pulmões e giramos como o diabo da Tasmânia do Looney Tunes até que ele conseguiu plantar seus pés, seus cachos marrons picantes mais bagunçados que o normal.

— Te peguei! — ele sorriu. — Vê, garotas realmente se jogam em cima de mim. Hey, gente! — Sua voz ecoou sobre a pedra esculpida e mármore do espaço cavernoso. — Oh, vamos lá. Eu salvei a garota e ninguém estava por perto para ver?

Meu estômago ainda tremia perigosamente perto de vomitar. Blake me colocou no chão e segurou meu braço até que me estabeleci.

— Desculpe-me por isso — Eu disse. — Mas obrigada.

— Não me importo. Sou um cara do tipo esporte de contato. — Ele olhou as portas abertas. — Como você fez-?

Vozes vieram da frente da igreja quando Tristan, Logan e Jayden emergiram de uma porta atrás do altar.

— Finalmente. — Disse Blake.

Antes que eles me vissem, mergulhei atrás de um banco.

— O que você está fazendo?

— Me escondendo — Sussurrei.

— Por quê?

— Eu não sei. — E eu não sabia. Era uma reação instintiva. — Mas não lhes diga que eu estou aqui. — Blake olhou confuso, mas manteve a boca fechada enquanto eu me arrastava com os braços pelo chão. Quando eu alcancei o fim do banco, me escapuli através do



corredor, entrei em uma alcova, alcancei a porta aberta do confessionário e deslizei lá dentro antes de fechar a porta, deixando uma fresta aberta.

Eu só conseguia ver Blake, mudando de um pé para o outro, lançando olhares furtivos para mim, mas então alguém chamou o nome dele e ele também se moveu para fora da minha vista. Uma voz profunda e autoritária de um homem que não reconheci ressoou.

— A atividade da escola de ontem já foi marcada pela equipe Divinicus.

Blake zombou. — Havia um demônio solto. Tomamos conta disso. Qual o grande problema?

A voz do homem se apertou. — O grande problema é que demônios não se demoram por aqui. Eles não nos atacam. Ou expõem a si mesmos com um estardalhaço em um campus que vocês supostamente haviam bloqueado. — O homem fez uma pausa, suas próximas palavras mais calmas. — O trabalho da Madame Cacciatori está em perigo. Já que ela não conseguiu capturar o Divinicus, alguns membros do Alto Conselho pediram sua renúncia, então ela está fazendo todo o possível para provar que um substituto não poderia fazer melhor. Uma dessas coisas é rastrear cada esquisitice como uma vantagem potencial e aparentemente somos os próximos da lista.

Ayden passeou pelas portas da frente, mas ao invés de se juntar aos seus amigos, ele parou quando Blake de repente virou a esquina fazendo gestos frenéticos. Ayden inclinou sua cabeça, então assentiu e saiu em silêncio. Blake desapareceu novamente.

A mulher alada disse que eu precisava ficar perto desses caras para manter a minha família a salvo, mas eu ainda não estava certa do que fazer com eles. Ou com ela. Sério, asas? Após algumas respirações trêmulas, decidi deixar de empurrar minha sorte e sair precipitadamente. Abri a porta.

E pulei de susto.

Ayden se inclinou casualmente contra o marco da porta. — O que você tem para confessar? — Ele disse em uma voz baixa. — Sua última invasão?



— Mais como meus pensamentos homicidas acerca da boca grande do Blake.

O canto de sua boca se levantou. — Yeah, todos passamos por isso. Segredos não são o ponto forte dele. Vamos lá. Sua mãe está procurando por você.

Ele ofereceu sua mão, a qual eu peguei. Mas enquanto ele me levantava, a voz do homem retumbou por toda a igreja — Sim, é um desastre potencial!

Blake voltou ao redor da esquina e começou a agitar suas mãos.

Ayden me empurrou dentro e fechou a porta atrás de nós.

Confessionários não são conhecidos pela sua capacidade de gente. O pequeno espaço forçou Ayden e eu a ficarmos extremamente próximos. Ele estava concentrado na atividade lá fora enquanto eu estava muito alerta da subida e descida do seu peito contra sua camiseta, o ângulo de seus ombros, a sedosa desordem de seu cabelo, o odor de couro, grossos cílios atados a olhos escuros —oh, deus - que acabaram de me pegar olhando.

Fulminei-o com os olhos para cobrir meu embaraço. — O que você está fazendo?

— O que *você* está fazendo?

— Por que estamos nos escondendo?

— Você que começou.

Ele virou sua cabeça para ouvir a atividade lá fora. Eu fiz o meu melhor para ignorar a fina linha de sua mandíbula e o aroma de sândalo. O som da voz do homem, aparentemente logo atrás da porta, me deixou sóbria.

— Você tem certeza? Eu pensei ter ouvido alguém.

— Nope, nenhuma alma — Blake disse. — Sacou? Alma. Porque estamos em uma igreja.

O homem murmurou alguma coisa e disse — Sobre ontem, ouvi que a menina Lahey estava envolvida.

— Pega no fogo cruzado — Tristan disse. — Coisas do acaso.



— Bem — o homem disse. — Protejam o campus. Mas fiquem longe dela. — Peguei o olhar de Ayden. Ele deu de ombros envergonhado. — E nesse caso, mantenha-se longe de toda a família. Principalmente você, Tristan.

— Há algo único sobre os Laheys? — Perguntou Jayden.

Segurei minha respiração. Será que esse cara sabia de alguma coisa?

— Claro que não — o homem falou apressadamente. — Mas o contato com os outros de fora é risco suficiente e sendo novos, eles estão sob os holofotes. Se qualquer coisa acontecer, farão um exame mais detalhado. Eu lidarei com eles se necessário. Sem mencionar que, Aurora é uma garota adolescente atraente e isso é algo que faz com que garotos adolescentes hormonais tendam a cometer erros estúpidos. Vocês poderiam prejudicar toda a nossa operação. E eu não quero ser obrigado a limpar a bagunça de vocês.

Eu estava dividida. Aquecida pelo comentário “atraente”, mas — querido Deus, ele era algum tipo de super assassino? Senti o sangue drenar do meu rosto, e pulei quando Ayden escovou um cacho atrás da minha orelha.

Ele sacudiu sua cabeça e sussurrou — Nada para se preocupar.

Claro, e exatamente sobre o que eu não deveria me preocupar — os hormônios perigosos ou o assassino logo atrás da porta, pronto para “limpar” a bagunça que eu era?

O sorriso tranquilizador de Ayden falhou em fazer seu trabalho.

— Agora — o homem continuou — temos muito para discutir antes que a Madame Cacciatori venha farejar na próxima semana. — As vozes deles desapareceram enquanto eles se moviam para outra parte da igreja onde eu não podia distinguir suas palavras.

Cacciatori. Caçador de Divinicus. A mulher que se encontrava em uma lista cada vez maior de inimigos letais que me queriam morta estava vindo para cá. Não é bom.

Inclinei para frente tentando ouvir a conversa.



Ayden deslizou um braço ao redor de minha cintura e me puxou para ele. — Você, diaba. Você sabe que meus hormônios são indefesos contra ti. Estou a ponto de cometer um erro muito estúpido.

— Para com isso. Estou tentando ouvir o que eles estão dizendo.

Ele acariciou meu pescoço. — Quem se importa?

As palavras vibraram através da minha pele. Esse lugar estava a ponto de se tornar uma sauna. Eu precisava de ar. Empurrei o peito de Ayden. Nada aconteceu. Ele não tinha a corpulência de Blake, mas o contorno dos músculos duros debaixo de sua camiseta o mantiveram firme contra a minha força.

— Retroceda.

— Sem chance. — Seu olhar baixou. — Jayden não está aqui para levar o golpe por mim dessa vez.

— Muito engraçado. — Me contorci contra ele, mas parei quando peguei seu olhar divertido, uma sobrancelha arqueada, um sorriso brincando em seus lábios cheios.

— Por mais que eu goste de onde isso vai dar, vamos esperar até eles irem embora.

Franzi o cenho. — O que? Oh. — O sangue não teve tempo de correr para o meu rosto. Meu movimento tinha aumentado nosso contato corporal e elevou a sério a aposta na intimidade física.

Meus olhos fugiram dos seus. — Eu não sei do que você está falando.

— Seu rubor diz outra coisa.

— É só... é só que está quente aqui.

Seu sorriso se intensificou. — Sim, está.

— Oh, cale a boca. — Mortificada, empurrei-o novamente e dessa vez ele cedeu. Agora nós tínhamos uma brisa de ar entre nós, mas seu olhar ardente me cortava com esses olhos penetrantes e apaixonados. Meu coração martelou com mais do que apenas medo. Calor subiu pelo meu pescoço, mas eu forcei a mim mesma a encontrar seu olhar intenso.

— Vou gritar. — Sendo um sussurro ajudou a esconder o tremor em minha voz.



— Então encontrarei uma forma de abafar o ruído. — Sua boca caiu próxima e pairou com uma promessa sobre a minha. — Tem alguma ideia?

Cara, eu tinha. Eu com certeza estava no lugar certo para confessar todos os pensamentos lascivos na minha cabeça contorcendo-se em emaranhado sensual e suado. Eu tive um par de encontros e um beijo ou dois antes, mas nenhum namorado de verdade, e garotos simplesmente não me afetavam assim. Eu precisava ir com calma.

Em meus sentimentos, isso é, não o mega garanhão parado perto o suficiente para beijar. De novo.

— Quem está lá fora? — Eu sussurrei, o que foi um alívio. Eu estive meio assustada de que meu subconsciente tomasse o controle e deixasse escapar algo como, “Me beija, seu idiota!”

— Padre Bancroft.

— Estamos nos escondendo de um padre? — Um demônio com conexões, traficante de drogas, padre assassino em meio período. Ainda assim.

— Quem disse que estamos nos escondendo? — Peguei o vislumbre de um sorriso preguiçoso de Ayden enquanto ele abaixava sua cabeça. Lábios quentes escovaram minha fronte e se arrastaram mais abaixo, fazendo coceguinhas logo abaixo do meu lóbulo. Sua voz sedutora deslizou por meu ouvido e viajou para cada terminação nervosa que eu possuía. E algumas que eu não sabia que existiam. Minha respiração estremeceu. — Talvez eu só queira estar sozinho com você.

— Pare com isso. — A raiva em minha voz era real, mas eu não tinha certeza se era direcionada a Ayden ou a reação esmagadora do meu corpo ao seu toque.

Sua cabeça levantou. A inocência em seu olhar mal disfarçava a zombaria de diversão atrás de seu sorriso sensual. Sua voz baixa retumbou com tentação. — Por que está tão tímida? Nós já tivemos o nosso primeiro beijo.

Merda. Não pense sobre o beijo, não pense sobre o—

— E o último — sufoquei.



— Por que negar o prazer?

Eu esperava que meu rosto transmitisse a quantidade apropriada de repugnância.

— Não foi prazeroso. — Adicione mentir para minha lista crescente de pecados para confessar.

Ele arqueou uma sobrancelha cética. — Tem certeza?

— Yeah — eu disse, impressionada com o nível de desdém. — Tenho certeza.

— Então eu te devo um.

Minha mente vacilou fora de equilíbrio. — O que?

— Outro beijo. Um prazeroso. É justo. — Ele deu um encolher de ombros. — Você me pegou de surpresa, haviam várias distrações, e a verdade é, eu não estava realmente tentando, mas dessa vez — ele roçou as costas da mão na minha bochecha — te darei a devida atenção.

— Oh, não, não, não.

Minha cabeça retrocedeu o mais longe que o espaço limitado permitiu, e logo caiu para frente, chocando minha testa com a dele. No espaço confinado, ambas as nossas cabeças foram para trás, se batendo em paredes opostas, logo ricocheteando para frente e batendo uma na outra novamente.

Quando vi isso sendo feito nos filmes, o cabeceado era quem sempre ficava machucado. Então por que, como a cabeceadora, era eu vendo estrelas e lutando para ficar consciente? Todo o meu crânio explodiu em uma dor quente como se eu estivesse no Círculo de Fogo do Pacífico e todos os vulcões entraram em erupção ao mesmo tempo.

Ayden piscou rapidamente e deu uma sacudida de cabeça rápida.

— Por que você fez isso?

— Eu pensei que você estivesse tentando me beijar novamente.

— Pela última vez, *você me* beijou. E, caramba — ele parecia ferido em mais do que um jeito — foi realmente tão ruim assim?

— Não.

— Então por que — Ele pegou meu olhar. — Espere. Então você está dizendo que foi bom?



— Tão típico dos caras. Só me deixa em paz.

O segundo *encontro* carnoso de nossas cabeças quase havia dobrado meus joelhos, mas me mantive erguida pois, apesar do meu brilhante movimento, Ayden estava em completo contato corporal. Ele nivelou um olhar desesperado, mas eu retrocedi o máximo que o minúsculo espaço permitiu.

— Mantenha sua voz baixa. Estamos tentando te proteger.

— De um padre?

— É complicado.

— Então explique. Ou vou perguntar a ele agora mesmo. E quando essa mulher Cacciatori vier “farejar”, falarei com ela também.

Okay, então tudo era só um engano do tamanho do ego do Blake, mas eu não achei que Ayden pudesse tomar esse tipo de risco. A menos que ele me matasse antes de eu ter a oportunidade de cumprir a ameaça. Hmmm, não pensei nisso completamente. De repente, meu melhor grito de filme de terror era uma opção viável.

Os músculos da mandíbula de Ayden receberam um sério treino, apertando e afrouxando tão forte que eu pensei que eles fossem estalar através da pele.

— Tem alguém no confessionário? — disse o Padre Bancroft.

Congelei. Tensão se alastrou pelas feições exóticas de Ayden. Ouvi um murmúrio crescente vindo do resto dos meninos.

A porta se abriu.



CAPÍTULO VINTE E UM

Pelo menos não foi a *minha* porta. O Padre Bancroft se instalou na metade oposta do confessionário. Uma cortina de veludo vermelho se pendurava na abertura retangular da parede de madeira talhada entre nós, proporcionando privacidade e anonimato, mas não me atrevi a respirar.

— Desculpe-me. Eu não tinha ideia de que alguém estava esperando. Vamos pular as formalidades e me diga como eu posso te ajudar.

Fiquei boquiaberta para Ayden que parecia tão chocado e desprevenido quanto eu. Que pesadelo. Presa entre o cartel de drogas do demônio narcotraficante e seu parceiro, o padre-assassino. Ayden se abaixou e fez um movimento de “continue” com sua mão. Balancei minha cabeça “não”. Logo reconsiderarei minhas opções.

— Olá, Padre — disse eu. — Estou com um pequeno problema. Se as pessoas querem que você mantenha segredos e minta para elas, mas elas não te dão algo razoável, como a *verdade*, o que você deveria fazer?

As características de Ayden retumbaram em um olhar ameaçador, mas eu podia ver sua batalha por confiança. Ele me deu um movimento tenso de cabeça, que eu ignorei.

— Bem — Padre Bancroft disse — é sempre difícil—

— Quero dizer — sorri para Ayden e suavizei minha voz — se eles me dessem algumas respostas sinceras, e não me ignorassem, eu provavelmente me sentiria diferente. Mas por outro lado, sinto como se tivesse que arrancar isso do meu peito. Dizer-lhe tudo. Agora mesmo.

Os olhos de Ayden se entrecerraram até parecerem fendas homicidas. Ele pronunciou — Bem. Falaremos.

Então tivemos toda uma conversa silenciosa—

— Quando? — Articulei.

— Hoje à noite — ele articulou de volta.



— Promete?

Ele levantou dois dedos para “Palavra de Honra de Escoteiro” o que era irritante porque eu não achava que ele tivesse muita honra – de escoteiro ou de outra coisa – e a promessa veio com um olhar presunçoso. Mas lhe dei um dos meus e assenti.

Cortei o que quer que fosse que o Padre Bancroft estava dizendo. — Desculpe por desperdiçar seu tempo, Padre, mas isso foi um erro.

— Nunca é um erro buscar ajuda quando você está com problemas. Normalmente sou muito bom nisso. Talvez você queira falar sobre alguma outra coisa. Família? Escola? Um garoto?

Bufei.

— Então é um garoto.

— Pffft. Mais como garotos — murmurei. — Plural.

— Oh.

— Não, não. Não dessa forma. — Ignorei os esforços de Ayden de não rir em voz alta. — Eu não gosto deles. Nem mesmo *gosto-gosto* deles. — Oh, ótimo. Agora eu soei como uma idiota imatura. Os ombros de Ayden estavam tremendo. Enterrei meu calcanhar em seu estomago. Ele deixou escapar um grunhido de ar. — Um deles é a mais detestável dor no-

— Então é dele que você *gosta-gosta*.

— Não seja estúpido – quero dizer, por que você diria isso?

— Foi só algo em seu tom. Mas eu poderia estar errado. Continue.

— Sem ofensas, mas se esse é o melhor que você pode me dizer, você não é tão bom quanto você pensa.

Ele riu. — Bom o suficiente. Talvez nos comunicássemos melhor cara-a-cara. A santidade do confessional ainda se aplica então não se preocupe-

Perdi o resto porque Ayden abriu a porta e me arrastou para fora.

Blake estava bloqueando a porta de Bancroft e apontou para Jayden, Logan e Tristan freneticamente acenando de uma porta lateral. Ayden tomou a minha mão, e seguidos de perto por Blake, corremos através da saída.



Tristan me empurrou através do pátio enquanto o resto se assegurava de que Bancroft não estivesse pisando nos nossos calcanhares. — Você contou alguma coisa para o Ayden? — Eu deveria parecer confusa, porque... eu estava. Ele deu uma olhada por cima dos ombros e escovou para trás uma mecha loira de cabelo. — Sobre quem você é, ou—

— Não. — Por que eu soei tão defensiva?

— Bom. — A tensão em seu rosto suavizou. — Como eu disse, é mais seguro se manter longe de nós. Não lhes diga quem você é. Ou que conversamos.

— Conversamos? — Eu não sabia porque eu estava sussurrando. — Nós não conversamos. Você invadiu o meu quarto e me ameaçou.

Ele empalideceu. — Eu não ameacei você. Eu estava te advertindo para o seu próprio bem. — Ele olhou por cima do ombro. — Não lhes diga que eu te dei a cruz. — Sua mão se moveu pelo meu pescoço. — Eu ainda estou tentando — Ele se deteve por um momento e logo ladrou — Ayden, o que você fez?

Ayden se virou ante a acusação afiada. Tristan assinalou debaixo do meu queixo.

Olhei para baixo. Tão logo vi a forma rosada onde a cruz queimou minha pele, ela começou a pulsar. Minha mão tentou cobrir a tenra carne, mas eu não queria tocá-la. Até então todos os cinco garotos estavam na minha frente.

Encarando. Meu peito.

Minhas bochechas inflamaram.

— Uau. Isso não fui eu. — O olhar escuro de Ayden se estreitou. — O que aconteceu?

De repente o ar ficou tão denso que eu mal podia tomar um fôlego. Sequei o suor da minha testa e acotovelei meu caminho por eles.

— Aurora, espere. — Ayden bloqueou meu caminho, e pôs uma mão em meu braço. — Você está bem?

Sua voz e expressão estavam cheias de preocupação genuína, e por uma vez aqueles olhos castanhos oferecendo apenas conforto, me



envolveram como uma corda e me puxaram para ele. A adrenalina aumentou, minha cabeça muito emaranhada para pensar claramente. Eu apertei minhas pálpebras fechadas e lutei com a urgência de cair em seus braços.

— Deixe-a ir, Ayden — disse Tristan.

Ayden se virou, furioso. — Você quer deixa-la ir por conta própria depois dela chegar dessa forma?

Olhei abaixo para minhas roupas, gastas e empoeiradas, então corri uma mão pelos meus cachos em uma fútil tentativa de apagar o que deveria ser uma aparência desastrosa.

— Bem, talvez você não devesse tê-la sequestrado para o confessionário — disse Tristan.

O aperto de Ayden no meu braço relaxou enquanto ele parava em frente ao loiro. — Qual o seu problema?

Aproveitei a oportunidade para empurrar Ayden de lado, me apressando nos degraus da entrada para a rua.

— Agora olha o que você fez — um dos meninos disse.

Vozes furiosas rosnaram em um amontoado de ruído. Um repentino tumulto de atividade, e passos se aproximaram a toda pressa.

Eu aumentei meu ritmo, mas logo tive várias companhias indesejáveis.

— Essa é uma queimadura desagradável. — Jayden disse, mantendo sua distância.

— Como você a conseguiu? — Tristan olhou para minhas mãos em concha sobre o ferimento.

— Sou desajeitada. — Andei mais rápido.

Blake chegou ao meu lado, elevando-se sobre Tristan e mantendo o ritmo. Eu estava cercada por todos eles. Ansiedade arranhou o interior de minhas costelas.

— Isso não explica como você conseguiu a queimadura. — Logan trotou para manter a velocidade.

Ayden se espremeu próximo a mim. — Ponto excelente.



Uma rachadura na calçada pegou meu pé. Ayden agarrou meu braço e Blake agarrou a parte posterior do meu cinto. Entre eles dois eu estava praticamente no ar, mas continuava de pé.

— Ela é desajeitada — Jayden disse.

— Obrigada. Acho.

Jayden assentiu. Blake e Logan riram.

Dor me fez consciente de que a cruz havia se deslizado de volta em meu peito. Desprendi-a e depois de envolver a corrente em torno do metal, enfiei em meu sutiã.

As reações deles foram desde a tática de sorriso enorme do Blake até Logan corando e desviando seus olhos.

Meninos e peitos. O que vamos fazer?

Jayden, o único imperturbável, disse — Como você conseguiu a queimadura?

Ignorá-lo só me trouxe uma enxurrada de perguntas.

— É, como?

— Algo, ou alguém fez isso?

— Quem te machucou?

— Você está sangrando.

— É o joelho dela de novo.

— Ela o abriu.

— Você caiu?

— Você está com grama no cabelo.

— Você esteve em uma luta?

— Como você conseguiu grama em seu cabelo?

— Acho que ela esteve em uma luta.

— Folhas e um pouco de terra também. E... Isso é uma pena?

— Você esteve em uma luta com um pássaro?

— Por que ela estaria em uma luta com um pássaro?

— Hey, como você conseguiu derrubar Blake?

— Ela não me derrubou! Eu peguei ela.

— Hah! Uma garotinha acabou com você.

— Cale-se ou eu vou acabar com você.



— Sua extrema velocidade superou os músculos do Blake.

— Eu sou superior.

— Como você se moveu tão rápido?

Parei abruptamente e me virei para eles, gesticulando com os braços.

— Calem-se! *Agora* vocês estão faladores. *Agora* vocês querem conversar. Bem, esqueçam! Não vou falar com nenhum de vocês. Nunca! Calem-se e me deixem sozinha!

Um silêncio pesado se seguiu antes de Logan fazer uma tentativa — Aurora?

O pobre garoto se encolheu quando eu apontei um dedo trêmulo para ele. — Falei sério. Cale-se.

Ayden se interpôs entre nós, palmas para cima em rendição. — Eu acho que ele só queria dizer que tem algo em seu cabelo. — Ele apontou para minha cabeça.

Minha mão procurou ao redor e puxou uma pena que estava cravada no alto da minha cabeça como se eu estivesse tentando ser alguma princesa Índia. Linda. Era branca com pontas azul brilhante.

— Vocês podem ver isso?

A testa de Ayden se enrugou. — A pena? Yeah.

— Obrigada. — Suspirei com alívio. A pena dela. Algo que todo mundo podia ver.

— Você está bem? — Preocupação endureceu a voz do Tristan.

Enfiei a pena no meu sutiã, então olhei para cima ante o repentino silêncio pesado. — O que?

Blake sorriu. — O que mais você tem aí? Posso ver?

— Cale-se, Blake! — disseram o resto dos garotos.

Blake olhou além de mim. — Uau! — Ele andou até a esquina onde eu fiz meu último giro usando meu movimento Ninja-Tarzan. — O que diabos aconteceu com isso? — Ele apontou para o poste de luz, o poste de metal dobrado e torcido de onde o demônio havia se estatelado contra ele. Quando todos os olhos se voltaram para mim, dei de ombros.



Ayden pôs uma mão no meu cotovelo. — Te levaremos de volta para o seu carro. — Ele não parecia feliz.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Eu havia perdido as aulas do início da manhã, porque depois dos caras me deixarem em silêncio dentro de nossa van e praticamente me afivelarem nela eles mesmos, eles foram pegos pelo inseto da tagarelice e contaram para minha mãe sobre minha recente ferida, e minha mãe, com os lábios pálidos, insistiu que parássemos no hospital. Contra meus protestos. A segunda vez em dois dias.

Papai voou de seu escritório, seu avental voando, linhas de preocupação ameaçando aparecerem permanentemente em sua testa. Ele relaxou um pouco, depois de estudar a queimadura que não ameaçava minha vida, mas as linhas de expressão permaneciam no seu rosto.

Ele arriscou um pensamento sobre reação alérgica ao metal enquanto cobria a minha pele com pomada e gaze, além de empurrar algumas gazes extras dentro da minha mochila. Após murmurar sobre uma bolha de plástico ser um ambiente perfeito, ele chamou a enfermeira da escola para “informar” a minha nova “situação” no caso de piorar.

— Ow! Treinador, posso ir com outra pessoa?

Dança de jazz na Educação Física? Eu diria que é o pior. Pelo menos não temos que nos trocar.

— Desculpe — eu disse. Mais uma vez. Meu último parceiro tinha saído com uma contusão durante uma calmaria na música. Quem diria que um pouco de boogie-woogie pudesse ser tão perigoso?

O treinador Slader decidiu ficar no ginásio hoje e os passos complicados, voltas e mais voltas, foram uma escolha popular. Claro, quando você já tinha feito isso antes. Parecia que eu estava lutando contra crocodilos. E perdendo. Meus últimos três pares precisavam de reabilitação em seus pés.



Não ajudava que a minha mente continuasse vagando. Muitas coisas acontecendo, e eu aqui, dando um passo para trás, e outro para frente. Demônios competindo por uma chance de me matar, uma mulher que derrotou-os com um movimento de asas, brilhando como o quê? O que brilha? Lâmpadas. Vagalumes.

Lixo nuclear.

Nada de humano que eu pudesse pensar. E como o bem-estar da minha família poderia depender de eu ficar perto dos garotos malditos? Sem mencionar que eu estava a perigo de perder todo o controle quando eu estava perto de um deles com olhos sexys, um abdômen forte como rocha, e um sorriso irritante em seus lábios carnudos que eu imaginava trilhando beijos na minha pele. Estava quente aqui?

Bem quando eu estava imaginando como as coisas poderiam ficar — pior-muito pior? — Elas ficaram. Alguém pegou meus pulsos.

— Eu serei o seu parceiro — disse Herman ao treinador Slader. Quando tentei me libertar de suas garras ele me disse — Calma — disse baixinho e sorriu para mim. — Você está segura. Eu venho em paz. Hoje eu sou o Bom Samaritano.

— Claro — eu disse, pingando sarcasmo, mas me acalmando, percebendo que estava segura em público. Ninguém notou a mudança, a não ser Logan que havia feito uma nota explicando que não devia dançar, em seguida, sentou-se na arquibancada. Ele parecia nervoso. E então havia uma fada prata que pairava sobre a cabeça dele. Era como se todos os caras tivessem seus próprios mini mascotes.

— Com você saindo com o Meninos Malditos, pensei que eu deveria avisá-la que eles mataram meu irmão.

A música começou durante meu silêncio atordoado, e Herman fez o que pôde para dirigir meus passos vacilantes. — O quê?

Ele tentou me virar, mas eu fui para o lado errado.

— Tente se controlar.

Eu estava cansada das mudanças de atitudes. Incluindo os Meninos Malditos e Herman. Eu estava duvidando de tudo que está acontecendo.



— Só se você parar de ser um idiota. Eu não tenho tempo para jogos.

— Sem jogos — Ele me levou no passo de lado-passo-volta — Mas eu vou direto ao assunto. Alguns anos atrás, seus garotos estavam brincando na floresta com o meu irmão, Garrett, e ele terminou em pedaços. Literalmente.

— Eu... eu sinto muito — O que eu poderia dizer? Se tivesse sido... Luna ou Lucian ou- tropecei e quase nos levei para baixo. — Você acha que foram os Meninos Malditos?

— Aparentemente foi um leão da montanha sem escrúpulos — Os olhos de Herman estavam turvos — Mas isso nunca fez sentido.

— Por que não? — Eu consegui ficar fora do pé de Herman, apesar da distração da discussão. Foi isso que ele quis dizer quando falou em matar? Destruir uma criança?

— Foi o primeiro e último ataque. E brutal. Havia apenas pedaços do meu irmão restando. Seus garotos não foram sequer tocados. Foi tudo muito estranho. O Xerife Payne apareceu um dia após o incidente, e se apresentou para o antigo xerife que de repente tinha se aposentado e ido embora. Os Meninos Malditos e suas famílias desapareceram. Eles perderam o último mês da escola. Não retornaram até o fim do verão. Os pais e irmã de Blake tinham ido embora. O tio dele o levou para um rancho. Tristan voltou com seus avós e viveu com eles desde então.

— Isso não os torna assassinos.

— Eles não saiam com ninguém exceto Matthias, que era novo na cidade. Não falaram comigo, e nós éramos próximos. Eles eram os melhores amigos de Garret. Eles mudaram. Muito.

— Talvez estivessem traumatizados.

Como eu estava dessa dança estúpida. Mas, mesmo se fossem meninos, os cartéis de drogas e crime organizado eram conhecidos por destruir pessoas. Talvez fosse uma mensagem para os pais deles.



— Sim, claro, mas eu também estava, e eles não me deram respostas. Eles estão escondendo algo. Ninguém na cidade falará sobre isso. Até os meus pais — A dor atravessou seu rosto.

— Desculpe, Herman. — Eu consegui virar da maneira certa — Mas o que você quer de mim?

Ele passou os braços para cima dos meus ombros, em um aperto estranho, que pressionava nossos lados, girando em círculo, lentamente.

— Eles sempre têm se isolado do mundo. Até agora. Eles todos estão sobre você. Você até está namorando Ayden. Eu quero saber o porquê.

Herman levantou o braço e eu caminhei debaixo dele e me virei. Talvez eu estivesse pegando o jeito disso.

— Eu não estou namorando com Ayden. — Isso foi uma pontada de decepção? O olhar predatório de Herman retornou. Oh oh. — Bem — eu tropecei — É complicado.

Com os olhos apertados, desconfiado e calculista, ele me puxou de encontro ao seu peito, seu braço fechado em volta da minha cintura, e sua voz saiu quente contra minha bochecha.

— Aquele beijo parecia bastante real.

Perfeito. Ele tinha que trazer isso à tona.

Herman me levantou dos meus pés e nós estávamos debaixo das arquibancadas. Eu não estava prestando atenção e ele tinha nos manobrado até o fim do ginásio. Ninguém o viu nos levar para fora de vista.

Ele colocou a mão sobre minha boca e sussurrou no meu ouvido enquanto eu lutava — Eu não sou louco, Aurora.

Talvez não, mas com certeza estava arrasando no clima de estranho.

— Eu não quero te machucar, mas os Meninos Malditos ou são responsáveis pela morte de Garrett ou sabem o que realmente aconteceu. Eu nunca tive um jeito antes de começar a investigar, mas você pode me ajudar a descobrir... Ai!



Ele soltou e eu me encostei na parede, tentando decidir entre uma corrida louca para o outro lado da arquibancada, ou arriscar tentar ir para Herman, que cobria a saída mais próxima. Eu senti um suor frio em meu pescoço.

Herman esfregou uma mão com a outra. Onde eu tinha enterrado meus dentes. — Por que você fez isso? Eu só quero conversar. — Ele teve a coragem de olhar para mim chateado.

Eu cerrei os dentes, com medo de que a conversa diminuísse o impacto da minha raiva.

— Então perguntasse! Não precisava me levar para debaixo das arquibancadas.

— Ao contrário, você não teria ouvido.

Antes que eu pudesse responder, uma voz ecoou — Então, aceite um não como resposta Herman, e deixe a senhorita sozinha.

Eu sabia quem era antes que ele entrasse sob as arquibancadas, com seu cabelo quase brilhante.

Logan balançou a cabeça em minha direção. — Você está bem?

Herman não parecia impressionado — Bem, isso é ótimo. O anão veio resgatar a garota.

— Na verdade, eu ia pedir para ela dançar comigo.

— Você nunca dança — Herman bufou lentamente — E nós estamos ocupados.

Logan ignorou. — Aurora, posso ter a honra?

Meu olhar vagou entre eles. Se Logan tinha sido corajoso o suficiente para enfrentar o grande e mau Herman, o mínimo que eu podia fazer era jogar bem.

— Adoraria.

Quando eu sai da parede, Herman virou-se para Logan. Ele não foi muito longe. As portas do ginásio estavam abertas. Uma avalanche de vento uivou e se transformou em um ciclone.

Inalou a sujeira e os detritos acumulados nas arquibancadas, e, em seguida, jogou tudo como chumbo grosso contra Herman. Ele



levantou os braços e foi embora, encontrando um abrigo parcial atrás de uma viga de metal.

Eu coloquei minhas mãos sobre o meu rosto, mas nada me golpeou, e quando a explosão diminuiu, espiei por entre meus dedos. Logan não estava mais sozinho. Os outros cinco Meninos Malditos estavam atrás dele. Alívio e descrença acenaram meus nervos. Quero dizer, eles tinham essa coisa de aparecer do nada como uma ciência.

— Filho da... — Herman tinha visto também.

— Olá, baby. — Blake sorriu — Sentiu minha falta?

Revirei os olhos e me juntei a eles, tendo o cuidado de dar a Herman um amplo espaço.

— E agora? — Herman cuspiu. — Vamos lutar por ela? Outra vez?

Matthias sorriu com os olhos que brilhavam pálidos e tão quentes quanto gelo quebrado. — Dificilmente, só viemos pegar Logan para o almoço. Por quê? Está acontecendo alguma coisa?

— Sim — disse Logan. — Aurora e eu estávamos prestes a sair para dançar.

Todos os olhos se abriram para Logan, que arrumou a gravata.

— Amigo — Blake sussurrou — Você nunca dança.

Ayden tocou meu pulso enquanto eu passava. — Você está bem?

Eu balancei a cabeça.

A rajada de vento tinha interrompido a dança, mas o treinador tinha as coisas sob controle agora e ninguém se deu conta do nosso pequeno estrondo debaixo das arquibancadas. Logan e eu estávamos à beira da multidão e fomos imediatamente o centro das atenções. Ele corou, mas manteve seu queixo para cima.

Inclinei-me para ele — Você não tem que fazer isso. Eu não sou muito boa.

— Não importa — Logan deu de ombros — Eu sou.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— Ei — Papai enfiou a cabeça na sala onde eu estava tendo zero de sorte em navegar na Internet à procura de respostas — Eu preciso de ajuda com as compras. O que você está fazendo?

Levantei e desliguei o computador.

— Ah, o de sempre. Demônios, fadas, trolls, banshees. Como lutar com eles, matá-los, sobreviver a um ataque — Não mencionei o irmão de Herman. Eram poucas notícias e nada novo. Atacado por um leão, acidente terrível, uma perda trágica. Os Garotos Malditos sequer eram mencionados pelo nome, apenas “amigos” da vítima — Já ouviu falar de um Divinicus Nex ou Next?

— Não, mas ligue para sua avó. Ela adora isso. Ela é uma caçadora de fadas há muito tempo. Isto é para um relatório?

— Não, apenas curiosidade.

— Mmmm. — Papai mordeu o lábio.

Coloquei minhas mãos nos quadris. — O quê?

Papai sorriu com força e disse — Nada — Como se fosse realmente algo. Eu esperei. Ele cruzou os braços — Você não tem demonstrado muito interesse em coisas de mitologia desde que deixou o hospital. Estou feliz em ver isso novamente... mas está tudo bem?

Eu massageei o pescoço. Ele estava certo. Eu não contei a minha família que meu interesse era porque eu comecei a ver criaturas dos mitos, as lendas da tradição. Mas desde que eu também tinha sofrido meu ataque demasiado humano, não tinha mostrado qualquer interesse em qualquer coisa que não fosse ficar em casa assistindo Discovery Channel. Assim, enquanto outros pais talvez se preocupassem com o meu interesse no sobrenatural, os meus achavam isso algo saudável.

Eu sorri. — Eu acho que me sinto como a minha velha eu. O médico provavelmente vai chamar isso de um progresso, não é?



Meu pai me abraçou e beijou o topo da minha cabeça.

— Claro, querida. Eu amo você — Ele me deu um aperto extra só para o caso de eu ter continuado respirando no primeiro — Ei, eu acho que posso te cobrir com as compras, se você quiser investigar como matar um dragão.

Eu ri — Não, acho que minhas tendências homicidas estão terminadas. Talvez um banho.

Papai franziu o nariz — Pelo menos você pode matar o cheiro.

— Sim — Eu bati em seu ombro.

Ele gesticulou para a bandagem no meu peito. — Deixe-me dar uma olhada.

Sem o latejar constante, eu quase me esqueci da queimadura. Tirei suavemente o esparadrapo segurando a gaze. Os olhos do pai se arregalaram de alívio.

— Quase desapareceu. Parece que era uma reação alérgica depois de tudo — Ele sorriu — Cara, eu sou bom. Como o machucado do seu lado está?

— Pai — Eu afastei-lhe a mão — Eu estou bem. Não dói. Vou verificar antes de tomar banho.

Ele apertou os olhos.

— Bem, mas se estiver vazando algo da ferida, venha me encontrar. E quando você se sentir melhor, nós vamos bater no saco de pancadas, então você vai estar preparar para qualquer outro ataque.

— Sim, pai, como se alguns golpes de karatê fossem derrotar um urso de trezentos quilos.

— Não são apenas qualquer golpes karatê. São golpes de karatê Lahey. Eles são lendários.

— Claro.

Depois de dar um “lendário” golpe de karatê nas costas dele, subi as escadas. Vi a nota na janela quando entrei no meu quarto. Eu olhei atrás da porta. Vazio. Eu removi o bloqueio da janela e removi da nota do lado exterior do vidro.

Vou vir mais tarde. Assinado com um T.



Idiota. Tristan parecia inofensivo, mas meu pai jogaria um monte de socos, se ele descobrisse que um cara estava me deixando notas, e ainda melhor, subindo na minha janela. Balançando a cabeça eu bloqueei a janela, fechei as cortinas e coloquei a nota dentro de um dos meus livros de mitologia que joguei na cama para mais pesquisa.

No banheiro adjacente do quarto de Luna, eu abri a torneira, tirei minha camisa e eu não pude evitar estudar as cicatrizes rosas e brancas que estavam no meu ombro. Baixei a cabeça e tentei ser objetiva. Não eram tão ruins - eu olhando mais perto - não havia tantos quanto eu me lembrava. Mentalmente, eu dei de ombros e disse para parar de pensar nisso.

O vapor embaçou o espelho, então eu limpei o vidro e me inclinei. Papai estava certo. A queimadura estava quase desaparecendo. Estranho, porque não era uma reação alérgica. O unguento mágico de papai era famoso na família por suas propriedades curativas, e os médicos mencionaram que eu estava curando rapidamente, mas...

Com os dedos trêmulos tirei o curativo do meu lado, onde o ferimento tinha sido mais profundo. Encostei-me no balcão por apoio. Algo não estava certo. Ou estava certo. Nada secretando aqui. A pele já tinha se curado em uma linha rosa. Eu quase caí na pressa de tirar minha calça jeans. De fato. Os joelhos esmagados? Apenas róseos.

Isso era loucura. Agarrei a borda do balcão e tentei olhar no espelho, mas o vapor já tinha apagado minha imagem, deixando uma vaga sombra. Eu não o limpei, com medo de ver o que refletia de volta.

Chuveiros. Os chuveiros eram normais. Eu precisava do normal. A água quente caindo em um delicioso ritmo nos músculos que doíam pelas atividades do dia. Eu acho que eles não têm super-cura.

Eu não conseguia parar de pensar nas esquisitices. Os demônios tentando me matar, velhos amigos ressurgindo como narcotraficantes de demônios, uma mulher alada com mensagens enigmáticas, eu brilhando, e agora eu tinha super cura? Oh, eu esqueci da ameaça de Herman, mas hey, colocando tudo em perspectiva, a ameaça de Herman nem fazia parte da minha lista das cinco coisas mais Estranhas, Loucas e Incômodas. Eu



precisava falar com alguém, mas não sabia com quem, sem ganhar um bilhete de primeira classe para o hospício. Eu podia confiar nos Garotos Malditos? Duvido muito.

Eu esgotei toda minha energia contemplando a loucura, e uma dor de cabeça ardia por trás dos meus olhos. Sentindo-me corajosa, passei a mão sobre o espelho. Minha pele estava pálida, meus olhos assombrados com círculos azulados, mas ainda era eu.

Coloquei uma toalha em volta de mim, e apliquei um produto de suavizador nos cachos vermelho escuro, feliz de ser capaz de controlar algo, nem que fosse o frizz. Ao entrar no meu quarto, correndo os dedos pelo meu cabelo molhado, pude ver botas de combate na minha cama.

— O que foi, Luna?

— Bem, olhe para você. Toda crescida.

Eu congelei.

— E nua. Quase.

Minha cabeça se levantou, gotas de água se lançaram do meu cabelo, salpicando no quarto.

Ayden. Na minha cama. Casualmente encostado nos travesseiros, meu livro de mitologia aberto no seu colo. Ele gesticulou.

A janela estava fechada, mas a cortina aberta. Minha voz voltou à vida.

— O que você está fazendo aqui?

Ele colocou o livro sobre a colcha e levantou.

— Oh. — Ele fez um gesto com a cabeça na direção da porta do banheiro. O vapor saía de lá. Ele deu de ombros. — Você me quer lá?

— O quê? Não!

Bem, talvez. Mas só porque ele tinha me pegado de surpresa, e lá estava ele de pé exalando sedução, e o imaginei tirando a camisa, todos os músculos ondulado e...

Fechi a tampa de pensamentos lascivos. Mas não rápido o suficiente. Algo deve ter aparecido no meu rosto, porque a expressão de Ayden se tornou toda cheia de conhecimento e diversão diabólica em que



havia todos os tipos de provocação. Oh, cara, eu tenho que puxar o freio de emergência deste trem de pensamentos sensuais.

Fechei os olhos com força pensando que parar de olhar para ele ajudaria. Não ajudou. Minha mente preenchia os espaços em branco com alguns elementos de fantasia que me fizeram corar. Abri meus olhos e pulei para fora da minha pele. Ele estava bem na minha frente, muito próximo, mas sem me tocar, com aquele sorriso preguiçoso.

— Eu espero que você não tenha usado toda a água quente. Mas tenho certeza de que podemos lidar com isso. — Ele quase ronronou. Ou tinha sido eu?

Eu não poderia ter dito algo inteligente, mas ouvi Luna no corredor falando sobre o jantar. A porta do meu quarto se abriu.



CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

Corri através do quarto, usando o meu peso e impulso para bater com a porta, freneticamente agarrando minha toalha para evitar que ela caísse.

— Hei! — Disse Luna.

— Sinto muito. — Torci a toalha em seu lugar. — Não estou vestida ainda e... vou descer em um minuto. Está bem?

Silêncio, então — Certo. — Ele se afastou, murmurando — Doida.

Eu me virei. — O que você está fazendo? — O espaço estava vazio. — Ayden? — Sussurrei, olhando ao redor do meu quarto.

Eu me ajoelhei para olhar debaixo da cama. Nada. Comecei a ficar de pé e gritei quando ele colocou a mão no meu cotovelo. Empurrei-o, agarrando a toalha quando ela ameaçou se libertar novamente, enquanto eu me levantava e recuava.

— Onde você estava?

— No armário.

— Quem te deixou entrar?

— Eu mesmo — Ele se deixou cair descuidadamente na cama novamente.

— Ninguém sabe que você está aqui?

— Você sabe.

— Minha família?

Ele deu de ombros. — Isso meio que destruiria o propósito de me esgueirar em seu quarto, se eu fosse pego no processo.

— Saia daqui. Se meus pais...

— Você queria conversar. — Ele abriu os braços. — Aqui estou.

Em toda a sua glória. Oh, cale-se, Aurora.



— Não assim. Vocês, caras, não podem simplesmente aparecerem quando quiserem.

Ele olhou ao redor da sala. — Caras? Quem mais você está escondendo aqui?

Ops!

— Ninguém! Saia daqui! Meus pais ficarão loucos se encontrá-lo.

Ele sorriu, me desarmando. — Tudo bem. Me apresentarei.

Com elegância descontraída, ele saiu da cama e se dirigiu para a porta.

— Não! — Eu agarrei seu braço e dei um passo entre ele e a saída. — Por favor — eu disse, irritada com o meu desespero.

Ficamos parados, olhando para a minha mão segurando sua manga do paletó. Nossos corpos estavam próximos. Eu devia retroceder, mas seus olhos me seguraram com uma intensa atração magnética que eu não queria lutar.

Esfreguei meu polegar sobre o couro macio, tocando entalhes e duras bordas que marcavam a superfície. Inalei seu aroma delicioso. Seus olhos penetrantes nunca deixaram os meus enquanto sua mão serpenteou dolorosamente lenta no meu braço nu, deixando arrepios ao longo dele. Seus dedos tocaram a minha clavícula. O toque suave no meu ombro continuou a deslizar pelas minhas costas, o calor se espalhando em seu rastro. Ondas lentas de emoção prazerosa serpenteavam através de mim a cada respiração trêmula, meus lábios se separaram. Eu tremi, mesmo quando a temperatura do meu corpo aumentou.

Minha mão se moveu para o seu peito, e senti o sólido ritmo do seu coração. Meus dedos abertos deslizaram por seu pescoço, planejando sentir a textura do seu cabelo e persuadindo seus lábios nos meus. Uma parte de mim me alertou contra a indulgência, mas Ayden era como um chocolate decadente e de repente eu tinha uma séria fixação por doce.

Mesmo quando o marrom escuro de seus olhos começou a brilhar, tornando-se uma espiral de caramelo e chocolate quente, mudando para aquele jeito assustador que normalmente atraía desastres iminentes e que deveria me fazer correr, eu estava algemada em seu olhar. Úmida do



banho, minha pele estava quente, secando com o ar aquecido em torno de nós, e uma crepitante brisa ondulou meu cabelo.

— Quem te machucou? — Sussurrou, sua voz com uma rara mistura de compaixão e raiva tensa.

Congelei com a compreensão que me atingiu com força. Ele estava delineando minhas cicatrizes. As cicatrizes que eu tinha esquecido naqueles breves momentos em que eu me perdi em seu toque. Rasguei meus olhos para longe dele e fui embora, me abraçando, tentando recuperar algum controle recolhendo apenas um pouco de dignidade. Improvável.

— Você precisa ir.

Ele estendeu a mão. Eu me encolhi de dor. Ele deixou cair. No silêncio constrangedor que se seguiu, senti sua hesitação, mas permaneci inflexível, evitando olhar.

— Okay — ele finalmente disse, virando-se e colocando as mãos nos bolsos. — Mas precisamos entender algumas coisas imediatamente.

E foi aí que, na minha visão periférica, vi Tristan abrir a janela e começar a fazer o seu caminho através da árvore para a minha janela. Oh, não.

— Uhhhh, quer saber? — Obriguei-me a não olhar de soslaio. — Vamos descer para o andar térreo e sair, vamos conversar lá.

Ele balançou a cabeça. — Eu vou pela janela...

— Oh, não, não, não. — Corri e balancei a cabeça para Tristan antes de fechar as cortinas, logo inclinei as costas contra o batente da janela e subi minha voz umas notas. — Sabe, você está certo. Vamos conversar, Ayden, já que você está aqui. No meu quarto. Comigo. Será uma boa oportunidade para você, Ayden, ter uma conversa, falando, falar, para nos conhecermos. Aurora e Ayden. Ayden e Aurora. Só aqui, no meu quarto conversando — Eu esperava que estivesse falando alto o suficiente.

— Por que você faria isso? — Ayden perguntou, observando as cortinas balançando certamente hipnotizadas pela minha conversa espirituosa.



— O quê? Não é nada, eu sempre fecho as cortinas à noite.

Uma batida veio das minhas costas. A boca de Ayden se curvou lentamente num sorriso malicioso. Estremeci. Ele tentou passar, mas me mantive entre ele e a janela. Minha pele escovou suas roupas.

— Quem está batendo na sua janela, Aurora? — Ayden disse, ainda sorrindo.

Minhas palavras saíram rapidamente. — Isso é o que eu me perguntei na primeira vez que ouvi. Eu disse Ei, quem está na janela? E eu estava um pouco intimidada, mas depois descobri, oh, é o vento. Ele, ah, está batendo os galhos contra a minha janela. Parece uma batida, sim, mas é apenas o vento e você se acostuma.

— Aurora! — Tristan chamou, batendo bem forte.

Genial.

— Eu acho que você se acostuma com árvores que falam também.
— Ayden falou, apenas contendo o riso.

— Sim. — Empurrei minhas mãos contra o peito dele, mas ele inclinou-se e abriu as cortinas. Presa entre a janela e Ayden, não pude fazer nada além de fechar os olhos e estremecer.

— Tristan, meu amigo. — Cumprimentou Ayden antes de dizer “Ops”. E me tirar do caminho.

Ayden abriu a janela e olhou para fora. Olhei por cima do ombro e suprimi uma risada. Tristan estava pendurado de cabeça para baixo nos ramos.

— Você vem aqui com frequência? — Ayden disse.

— Me levante, seu idiota.

— Diga o que quiser — eu disse. — Mas ele não é o único se pendurando em uma árvore.

Deixei Ayden resgatar o Tarzan e corri para o meu closet, desejando que pudesse chutar a porta para dar um efeito, mas estava preocupada que minha família viesse para investigar. Decidi murmurar furiosamente. Vesti uma camiseta e um shorts de flanela e dei algumas respirações profundas antes de voltar a entrar no meu quarto, para encontrar Ayden na minha cama, e Tristan sentado no chão, ainda um



pouco vermelho. Se meus pais entrassem, eu estaria de castigo até completar trinta anos. Eles precisavam sair daqui rápido, mas no momento estavam ocupados discutindo.

— Hipócrita — Ayden sussurrou, empurrando Tristan com sua pesada bota.

Tristan empurrou. — Eu estou tentando fazer o melhor para ela.

— Você disse ao resto de nós para que ficássemos longe, para que pudesse se esgueirar no quarto dela todas as noites?

— Não. Estou tentando mantê-la longe de nós.

Ayden levantou os ombros. — Por quê?

Tristan parecia abalado. — Nós já perdemos um amigo através disto.

Ayden o estudou. — Você sabe quem ela é — Foi uma declaração — Você tem antecedentes. Você sabia quem ela era e mentiu para nós.

— Você sabe? — Tristan perguntou, sentado contra a parede.

Ayden jogou um travesseiro em Tristan.

— Sim, eu sei. — Ele fez um gesto em direção a mim. — Nossa velha amiga, Rory.

Tristan jogou a cabeça para trás e gemeu.

— Oh, vamos lá. — Ayden sorriu. — Você estava agindo de forma estranha. Pedi para Jayden fazer uma pesquisa sobre os antecedentes dela. Não demorou dez minutos.

— Bem, parem de falar de mim como se eu não estivesse no quarto. Por que vocês estão aqui? Não, isso não importa. Saiam. Agora. Podemos falar sobre isso amanhã.

Ayden me deu um olhar desconfiado. — Por que não mencionou que éramos velhos amigos?

— Ahhh... — Foi a minha resposta brilhante. Eu deveria trabalhar para a CIA.

— Ele disse para você não dizer, certo?

Abri a boca, mas Tristan me cortou — Só porque eu sabia que você faria algo. *Vamos ser amigos, pegar informações, ver se ela é uma ameaça.*



— Não teríamos que fazer se você tivesse sido honesto conosco.

— Bem, eu não deveria ter mentido, mas...

— Você sabe como funciona.

— Como o que funciona? — Eu exigi, cansada que estivessem falando de mim e me ignorando — E por que eu seria uma ameaça?

Os dois se viraram para mim, quase surpresos que eu estivesse no quarto.

Tristan olhou para baixo. — O que você estava fazendo de toalha?

— Ele olhou para Ayden — O que você estava fazendo?

Ayden apenas colocou as mãos atrás da cabeça e sorriu.

Tristan o encarou. — Você e Matthias tramaram isso?

— Ninguém tramou nada. — Pelo menos eu não acreditava nisso.

— E agora todos nós somos bons camaradas de novo, o que está acontecendo com vocês e Matthias?

— Nada — disseram em uníssono.

Bem, pelo menos eles concordavam em alguma coisa.

— Aurora! — Gritou a mãe.

— Droga — Disse num gesto rude — Fora! — Eu os puxei e os empurrei, e, finalmente, os levei para fora da janela.

Ouvi alguém nos degraus e empurrei os idiotas mais rápido. Depois de compartilhar um olhar *essa conversa não acabou*, eles saíram na janela e subiram na árvore. Fechei e tranquei a janela, sem esperar que isso adiantasse, mas tentando ter algum controle para não ter mais visitantes esta noite.

Entrei no corredor com Luna aparecendo no topo da escada.

— Finalmente. Agora lide com seu gato psicótico, para que possamos comer.

Ela desceu.

Eu a segui, meu coração batendo nas minhas costelas. Na cozinha, me deparei com Van Helsing enrolando nos meus tornozelos. O levantei e caminhei até a frente do jardim, enrolando meus dedos contra a grama molhada que fazia cócegas. Ele deixou meus braços e correu para a calçada.



Genial. Durante a noite, a vida selvagem servia animais de estimação como prato principal para um buffet. O Helsing estúpido ignorou minhas chamadas. Meus pés tocaram o asfalto frio, condensação de ar úmido em minhas pernas. No lado esquerdo da rua, as casas terminaram e a floresta tomou o controle. Helsing escorregou para o início do caminho e fora da vista.

— Oh, vamos lá.

Eu corri a toda velocidade, mas quando cheguei à estrada de terra, Helsing estava correndo pela floresta. Fiz uma pausa, cheirando a umidade intensa dos pinheiros e encarando a floresta escura e ameaçadora. Um pouco mais para frente uma mulher inclinou-se contra a árvore

— Você pode pegá-lo?

Ela saiu das sombras. Linda. Traje de negócios. Olaaaa, Penelope Perky.

Suas mãos se mexiam para mim em um movimento hesitante. Eu parei.

Ela gritou — Volte — Acompanhado de movimentos energéticos de sua mão. — Algo está vindo...

Um uivo bestial me fez congelar. Eu esfreguei meu pescoço, mas a rua escura permaneceu vazia. A mulher deu um passo à frente balançando a cabeça, seu cabelo agora preto com raios laranjas fluorescente que combinavam com a camiseta brilhante sob o paletó preto de carvão. Ela havia trocado os saltos sensatos por botas pretas go-go. E meia arrastão?

Eu comecei a perguntar a ela o que estava errado, mas a resposta virou a esquina.



CAPÍTULO

VINTE E CINCO

Atrás de mim, um cruzamento entre um tigre e um lobo do tamanho de um elefante resmungou no final da rua. Suas pernas grossas como sequoias ^{inchadas} com força mortal. Três dedos grandes terminavam com garras feitas para converter carne em confetes. O enorme peito estava coberto com uma casca manchada em tons de azul e marrom, seus ombros tremiam de poder. Espinhos como os de rosas brotavam pelo seu nariz e sobre a parte de trás de seu pescoço.

Nos ombros se projetavam duas asas com garras nos extremos, subindo, com fome de sangue. Duas espécies de barbatanas feitas de osso em seu quadril que acabavam em picos brilhantes que corriam convergentes em uma espiral com sua cauda espessa, que balançava de um lado para o outro.

A cabeça larga abrigava uma quantidade obscena de dentes afiados, sua uniformidade mortal interrompida por quatro longas presas que se curvavam para a mandíbula. Saliva escorria em jatos para o chão, gotas gelatinosas faziam buracos no pavimento. Quatro narinas tremeram em seu nariz grande, expelindo vapor no ar frio. Dois pares de olhos brilhavam como redemoinhos de mel inspecionando os arredores, era assustador porque nenhum deles seguiam o mesmo caminho.

Até que me encontraram.

Toda a sua força queimou com uma sede de sangue feroz e raiva. Algo entrou na minha cabeça, sombrio e intangível. Trechos de seus pensamentos, sua emoção crua, ardente em minha mente. A besta me odiava, queria me quebrar, desejava o gosto de cobre do meu sangue, o ranger dos meus ossos, meus sucos tenros de carne pingando sendo perfurada entre os seus dentes, a sensação do meu corpo esmagado deslizando em sua garganta. Senti seus desejos maníacos.



Em. Minha. Mente.

A ligação foi interrompida quando a mulher estendeu o braço e atirou uma explosão de luz laranja no monstro, que acabou atingindo a couraça de seu ombro, fumegando. O cheiro de carne queimada encheu a noite.

A criatura se levantou sobre as patas traseiras e bateu no ar de modo predatório, ombros contorcidos em nós de músculos. A terra tremeu. O demônio chutou o chão e soltou um rugido estridente, espirrando uma quantidade impressionante de muco. Cães uivavam pela rua. Eu queria me juntar a eles.

— Melhor ficar atrás de mim, querida. — Penelope Perky apareceu ao meu lado com uma voz alegre.

Eu recuei vários metros, galhos e sujeira arranhando minhas solas do pé. O olhar brilhante do monstro seguiu todo meu movimento. Considerei ir mais longe, mas a floresta escura atrás de mim, e a névoa que deslizava pela noite, só alimentaram meu suor frio.

— Enviaram um Kalifera atrás de você! — Ela me olhou por cima do ombro e riu.

O monstro soltou um grunhido molhado. Engoli a bile borbulhando na minha garganta.

— Fácil, pequeno Kali, hoje nós não queremos problemas. — Ela disse sem levantar a voz, mas a atenção do animal virou-se para ela.

Eu me senti mais leve. Terror e um demônio dentro de sua cabeça são grandes filhos da mãe.

A criatura chutou algumas vezes, balançou a cabeça, e deu um grito agudo com todo o pulmão. Uma lufada suave e asas brotaram das costas da mulher, branca e preta com toques de laranja, como se uma parte fosse cinzas e a outra brasas.

Eu fui para trás. Ela deu um passo para a frente. Com botas de cano alto apegando-se ao chão, ela esperou que a criatura se aproximasse a galope, estendeu o braço no último segundo e bateu com o punho no alto de sua cabeça. Seu corpo colossai tremeu enorme antes de parar, o



queixo enterrado na terra, sua traseira apontando para o céu como uma caricatura dos desenhos animados.

Ela pegou as asas salientes e pontiagudas dos ombros da criatura e atirou de volta. Eu me abaixei. O animal correu e deslizou para baixo da rua, espalhando detritos e formando uma vala profunda. Ele se levantou com um grito, mostrando suas presas brilhantes. Ela fez uma pirueta no ar, aterrissando de pé entre o demônio e eu. Ela tirou uma caneta de ponta laranja de suas asas e fez uma postura de esgrima como eu tinha visto minha mãe fazer quando teve aulas no centro comunitário. Em sua aula, minha mãe tinha usado uma espada longa fina com uma ponta afiada, não uma caneta. Ainda assim, o demônio olhou com cautela. Eu podia jurar que ele até tinha diminuído.

Van Helsing veio do nada. Com o pelo espetado, ficou posicionado em frente ao monstro e imitou sua posição de agachamento, cuspidando entre assobios. E isso não era o mais louco. Não, eu fiquei surpresa quando o demônio abaixou a cabeça e deu um passo para trás. Meu gato.

— Obrigado, Helsing. — A mulher apontou sua caneta para essa monstruosidade. — Ouviu o gato, shuu.

O demônio rugiu. Senti algo rastejando em minha mente, mas depois de um movimento do pulso da mulher, esse sentimento desapareceu. Com Helsing em seus calcanhares, o animal escorregou com um rugido desafiador, desaparecendo na névoa, quebrando galhos e arrancando árvores com um som que me fez lembrar ossos quebrando.

Pensei que ele nunca sairia. A mulher tocou a ponta da caneta como uma arma fumegante e atirou-a para cima. — Quer uma?

Deixei todo o ar sair, e passei os dedos sobre as bordas. Suas asas se agitaram lentamente, como a história de um tubarão que flutua no oceano à espera de sua próxima refeição. Muito Discovery Channel.

— Este é o negócio. — Ela percebeu o meu olhar e acenou com as mãos na frente do meu rosto. — Não outra vez. Aurora, está me ouvindo? Isto é importante.

Eu pisquei. — Sim, sim. Quem é você?



— Glória, seu anjo da guarda. Agora escute. Kaliferas são ruins. Muito ruins.

Minhas mãos se levantaram. — Uau. Anjo da Guarda? Por favor. O que é um Kala-o-quê?

— Sim, um anjo — ela apontou para a rua agora vazia — era um Kalifera, mas escute, querida. Você e sua família estão em perigo.

— Minha família? — Isso me tirou do meu estupor. — Aquilo vai atrás da minha família? — Ela assentiu com a cabeça. — Pode alcançá-los. Então aqui está o acordo. Eu vou proteger a sua família, mas só se você prometer deixar os Meninos Malditos protegerem vocês.

— Você está louca? Eles estão conspirando com os demônios, participando de um cartel de drogas.

Ela me deu um olhar vazio. — Isso é o melhor que te ocorreu? Meu Deus, eu gostaria que eles tivessem um manual.

— Para quê? Quem são “eles”?

Ela alisou o cabelo. — Aurora, Eu não tenho tempo para perguntas. Especialmente para você, que não posso responder. Você vai ter que confiar em mim — ela levantou um dedo para calar a minha boca enquanto eu a abria — eu sei que é difícil para você, mas se você ficar com esses caras, muitas coisas começarão a fazer sentido. Repito, irei proteger sua família se você ficar perto dos meninos. Caso contrário, você vai ser minha prioridade e sua família vai ter que se virar sozinha.

— Não — Agarrei-a pelos ombros. — Mantenha minha família segura. Eles são sua prioridade.

Ela balançou a cabeça e empurrou minhas mãos.

— Não é assim que funciona. Eu só posso dar-lhes prioridade se souber que você está segura, o que significa estar perto dos...

— ... Meninos Malditos — Concordei furiosamente. — Tudo bem. É uma promessa.

— Sêrio?

Ainda balançando a cabeça como um brinquedo quebrado, fiz uma cruz no meu peito para enfatizar o meu argumento.



— Estupendo. — Ela me deu uma cotovelada — Agora volte e fique dentro de casa. Eu não sei quanto tempo vou conseguir manter o Kalifera longe, então depressa.

Dei dois passos.

— Espere. O que significa que “não conseguirei” manter a coisa Kal longe?

Sua expressão ficou amarrada. — Tenho algumas limitações.

— E isso significa...?

— Significa que você ficará melhor com os Meninos Malditos, porque eles não têm restrições.

— O que acontece se eles não me ajudarem?

Ela revirou os olhos. — Isso é o que eles fazem. Mas eu não lhes contaria sobre mim ou o que você faz ou quem você é exatamente. Ainda não. Eles devem entender o jogo e todos os jogadores antes que saibam que você é a Divinicus.

— O que é uma Divinicus?

— Por enquanto apenas os deixe proteger uma garota desorientada que está sendo perseguida por demônios.

— Eu sou uma desorientada! — Esfreguei minhas têmporas. — Nem sei o que fazer. Comecei a brilhar e...

— Você está em evolução.

— Do que?

— Não posso dizer.

— Por que demônios estão tentando me matar?

— Você é uma ameaça.

— Como?

— Você pode rastreá-los. Entre outras coisas.

— Mas eu não sei como. E eu não posso fazer isso sempre. Eu não esperava isso. — Eu apontei para o último lugar em que vi o demônio tigre-lobo.

— Você não teve o treinamento adequado. E você está lutando contra isso, o que não ajuda. — Suas asas foram abertas em toda a sua extensão. — Eu tenho que ir. Existe um plano. Vá para casa e fique no



escudo por esta noite. Não há tempo a perder. Agora vá! — Ela riu e se virou, suas asas tocaram minha pele, fazendo cócegas. Ela seguia adiante, bombeando suas asas, empurrando o ar enquanto cantava *Fly me to the moon, let me play among the stars...*¹⁴

— Que plano? Que escudo? — Eu comecei, mas a perdi de vista, imaginando sobre o tempo que a voz dela tinha sumido. — Arrgh!

A luz da rua piscou.

O peso de uma força maligna presente bateu no meu estômago, e arrepiou os pelos do meu braço. Eu atravessei a rua e fui em direção a minha casa, desejando não ter isso tão longe. A lâmpada no final da rua piscou e então se apagou. Então a próxima lâmpada em minha direção escureceu, e apagou. E então a próxima. E a próxima. Alguma coisa estava vindo. Eu corri em direção a casa e algum escudo que eu esperava que existisse.

Alcansei o brilho da lâmpada da rua quando ela zuniu intensamente. Uma nevoa azul surgiu da luz e varreu para baixo, rodando ao meu redor. Isso não podia ser bom.

Eu deslizei no chão e pousei no pé de um demônio maciço, brilhando para a vida.

— Uau. — Um formigamento doloroso queimou metade do meu corpo quando eu meio que rastejei, meio que corri através da névoa e acelerei. Mais adiante, um poste de luz piscou várias vezes antes de uma chama brilhante me obrigar a fechar os olhos. A lâmpada explodiu quando cheguei perto. Levantei meus braços. Abaixei, tropeçando até parar em um banho de vidro quebrado.

Agachada, ofegante, eu tremia, com medo de acelerar e machucar a sola dos pés. O ar em torno de mim cantarolava e vibrava. Abaixei meus braços. Um monte de picos afiados fluorescentes brilhavam em todos os lugares, me enclausurando em uma bela bolha cintilante de azul, roxo e branco, e emitindo um assobio. Hipnotizada pela luz que fluía pelo meu corpo, eu timidamente estendi a mão, puxando meus dedos brilhantes.

¹⁴ Música de Frank Sinatra, que diz: Leva-me para a lua, deixe-me brincar através das estrelas



Faíscas irromperam.

— Ai — Puxei a mão para trás, segurando-a contra meu peito. De repente o brilho já não era tão atraente e eu queria que parasse. Eu dei um passo para trás, esquecendo do vidro quebrado de alguma forma, mas sentindo um choque doloroso de eletricidade. Minha coluna arqueou. Ouvi uma risada suave e me enrolei, com medo de me mover. Meus olhos se encheram de lágrimas. Deve ter sido a luz brilhante em minhas retinas, não o medo estrangulando a minha alma.

Comecei a gritar, mas gemi quando uma faísca atingiu minha perna, então meu quadril. Eu tentei sair, mas falhei em cada tentativa, a tensão - e a dor - aumentaram com cada novo zap assobiando na minha pele. Engasguei com o cheiro de ozônio, presa, sem lugar para ir.



CAPÍTULO

VINTE E SEIS

As picadas se tornaram mais frequentes, e meu corpo ficou com uma série desagradável de alfinetadas e agulhadas. Pensei em fazer uma colisão através da luz, mesmo que a taxa de sucesso fosse de baixo percentual. Qualquer coisa era melhor do que ser um peão neste jogo de gato e rato.

Eu me senti como um inseto, como o experimento de um cientista do mal, encapsulada sob uma cúpula de eletricidade que se não me engano, estava encolhendo. Tirei o cabelo do meu rosto e a pena de Gloria, presa no meu punho e espalhada de suor, quase me cutucou no olho. Zap, outra picada. Eu empurrei e dei um tapa na força invisível, que fez a pena tocar a energia. Uma luz laranja queimou. O zumbido irritado intensificou e meu espaço aberto parecia se expandir. Não é muito, mas...

Eu olhei para a pena. Em seguida, a bolha de energia. Movi a pena em direção ao campo de zumbido me segurando como refém. A luz cintilante parecia recuar. Eu espetei minha mão para a frente. Outro clarão laranja onde a pena apunhalou a eletricidade e minha prisão expandiu-se novamente. Um cheiro de queimado flutuava.

Eu sorri. — Oh, sim.

Mais cutucões frenéticos e tive algum espaço para me movimentar.

Um golpe na parte de trás da minha perna quase me deixou de joelhos.

— Idiota!

Ele era um astuto filho da puta, dando choques nas minhas costas sempre que virava para trás para encarar seu último ataque, mas eu senti uma pontada de delírio sobre a mudança no poder. Usando a



pena como uma faca, eu me aproximei e cortei. E cortei novamente. E mais uma vez. Uma psicopata demente sem os seus remédios. Cortes abriram-se como feridas sangrentas gotejando laranja e prata, mas nada grande o suficiente para fazer meu corpo passar.

Lambi meus lábios, respirei fundo, mergulhei a pena dentro da luz, travando meu joelho e girei. Ela cortou a bolha cintilante como lasers em um copo de papel. Quando a abertura expandiu o suficiente, eu mergulhei até a liberdade.

O zumbido ficou agudo. Um grito de aborrecimento? Eu me levantei segurando a pena em minha mão estendida, mexendo um pouco menos do que um ataque epilético.

A esfera se alargou em um brilhante roxo, azul e prata, e, em seguida, se transformou em redemoinhos de fumaça que se transformaram em um humanoide azul pulsando com teias de aranhas elétricas. Parecia um daqueles modelos de corpo humano transparentes da aula de biologia. Mas com um estilo Frankenstein.

— Nada mal, pequena Nex. — Sua voz crepitava. — Mas...

— Aurora, para baixo!

Deixei-me cair.

Mesmo com as pálpebras fechadas, uma luz queimou em minhas retinas. Uma explosão de calor escaldante soprou meu cabelo da minha cabeça. Como cactos espinhosos, um golpe de eletricidade resvalou no meu ombro. Então a escuridão. Silêncio. Eu espiei. O demônio tinha ido embora.

Eu me coloquei de pé. Me senti fraca. Não. Uma completa Gumby¹⁵. Caí no chão, todos aqueles fragmentos preciosos de vidro prontos para me cortar. Espero que papai conheça um bom cirurgião plástico. Pouco antes do impacto, a gravidade se desviou da sua rotina habitual e me levantou. Senti braços sob os meus ombros e minhas pernas e vi que a gravidade tinha um nome. Ayden.

¹⁵ Gumby (também conhecido como Gomosito em países de língua espanhola) é uma figura humanoide de jade e argila criada e moldada por Art Clokey.



— Peguei você — dito isto, eu coloquei minha bochecha quente contra sua jaqueta legal enquanto ele me levava para casa.

Eu colocaria meus dedos ao redor de seu pescoço, se eles parassem de ter espasmos. Ele se deteve na frente da casa de Tristan.

— Você está ferida? Devo procurar seu pai? Levá-la para o hospital?

Eu balancei minha cabeça.

— Nada sério. Apenas me dê um minuto. — Virei meu cotovelo um par de vezes para me livrar da sensação de formigamento muscular e bati na minha cabeça quando ela se contraiu. — Ow, você pode me baixar.

— Tem certeza?

Quando meus pés tocaram o chão, minhas pernas fraquejaram. — Talvez não.

Ayden me colocou em seu peito e suspirou, uma mão tirou os cachos do meu rosto com um toque vagaroso. Pálpebras pesadas sob as pestanas grossas, suas íris iluminadas com um quente âmbar. Se meus braços funcionassem, estariam em volta do seu pescoço. Em vez disso, eu coloquei meu rosto em seu ombro e relaxei, ouvindo a batida constante do seu coração que ajudou a estabelecer o meu. Eu estava tão cansada. E ele era tão quente, sólido e seguro.

Seu queixo descansou no topo da minha cabeça, acariciando meu cabelo.

— Está tudo bem — Ele murmurou. — Eu vou mantê-la segura.

— Ela está bem?

Ayden se afastou, deixando cair suas mãos. Eu também. Minhas pernas fraquejaram.

— O que você está fazendo? — Tristan correu para o meu lado examinando Ayden, que começou a ir em minha direção algumas vezes, mas hesitou confuso.

Ayden passou os dedos pelo cabelo e puxou.

— Eu não sei. — Ele esfregou as mãos e pigarreou — Eu, uh, pensei que ela podia ficar de pé. Desculpe.



Tristan olhou entre nós, com a testa franzida.

— Me ajude a levantar.

Tristan ajudou. E eu mal me levantei.

— O que te atacou?

Ayden e eu olhamos surpresos para Tristan.

— Nada — dito — Meu gato fugiu, eu estava o perseguindo...

— O que te assustou?

— Tristan, o que você está fazendo? — Ayden disse.

— Eu mudei de ideia. Ela ficará mais segura com os fatos. Do que você está fugindo, Aurora?

— Sua personalidade brilhante? — Pus as mãos nos quadris, me sentindo estável, normal — Por Deus, se afaste.

Como um mini fogo de artifício, uma esfera brilhante de cor roxa pálida saltou sobre a cabeça de Tristan. Da bolha brilhante lavanda, uma fada se materializou em oito figuras espásticas, poeira voou, e pequenas asas vibraram em um ritmo nervoso. — O pai dela está vindo — ela disse, com voz estridente.

— O quê? — dissemos todos em uníssono.

Tristan, Ayden e a fada me olharam e disseram — O quê?

— O quê? — Eu repeti, assustada e irritada com a minha falta de controle em responder para uma fada que eu supostamente não era capaz de ver ou ouvir.

— O quê? — Foi a resposta dele.

— O quê? — Eu segui o tema da repetição porque eu não tinha qualquer tipo de explicação. Ayden levantou a mão pedindo silêncio.

— Por que você está dizendo “o que”?

— O quê?

A mão novamente. — Ok, pare com isso — Ayden disse. Tristan sorriu — Por que você disse “o que?”

— Porquuuueeee — Eu disse evasivamente — eu quero sabeeeerrr. — Parei. — Queeeee. — Outra pausa. — Você acha que eu vi? — A última veio depressa quando me lembrei finalmente de uma coisa sensata a dizer.



— Aurora, jantar! — Meu pai gritou da garagem. Ele viu o nosso grupo e caminhou até aqui antes que eu pudesse detê-lo. — Oh, Olá, Tristan.

Ótimo. — Nada sobre a... coisa — Eu sussurrei.

Papai balançou a mão de Tristan e Ayden ofereceu a dele — Oi, Sr. Lahey. Eu sou Ayden Ishida. Você provavelmente não se lembra de mim.

Papai pegou sua mão dele. — Claro que me lembro. Você é um dos ex-namorados de Aurora.

Oh, apenas me amarre em uma âncora e me jogue no mar.

Para seu crédito, papai rapidamente percebeu meu embaraço e fez seu melhor.

— Bem, não namorado-namorado. — Ele girou suas mãos como se pudesse apagar o seu erro na escolha das palavras e minha mortificação. — Sabe, apenas um amigo. Apenas um velho amigo. — Ele bateu as mãos e esfregou-as juntas. — Então, o que vocês estão fazendo?

— Bem, senhor — Ayden disse. — O gato de Aurora escapou. Estamos ajudando a encontrá-lo.

Tristan concordou. — Está tarde, temos de encontrá-lo antes que uma coruja ou coioote o encontre.

Eu quase ri. Se Helsing poderia assustar um Kalifera, um fauna local não seria ameaça.

— Vou falar com todo mundo para ajudar. — Papai foi para a casa.

— Não, pai.

Ele parou.

— Os caras vão me levar de volta. Você fica aqui no caso dele aparecer.

Eu sabia que ele ia protestar, mas Ayden interrompeu. — Conhecemos a área. Nós somos bons em encontrar criaturas impertinentes e... — Ele levantou dois dedos. — Prometemos mantê-la segura.

Papai olhou para mim. Eu balancei a cabeça. Seu sorriso para Ayden pareceu um pouco... gelado.



— Vou me lembrar disso, filho. — Então seu sorriso de sol derreteu o frio e ele me estrangulou com um abraço antes de movimentar-se dizendo — Se você não estiver em casa em uma hora, ligue para mim e me diga o que aconteceu.

Olhei para os meninos, ambos dando um olhar cauteloso para papai.

— Prontos para o bate-papo, para a conversa, para nos conhecermos melhor?



CAPÍTULO

VINTE E SETE

— Como vocês podem me proteger?

— Por que você precisa de proteção?

— Demônios estão tentando me matar.

— Por que? Porque você é irritante?

— São demônios. É o que eles fazem.

— E você é irritante.

— Não mais do que você. — Eu caminhei pela sala de jogos grande com pantufas de orcas fornecidas por Jayden, já que eu estava sem sapatos quando me levaram para a casa dos Ishida.

Eu suspirei. Matthias e eu tínhamos viajado neste ir e vir por um tempo. Eu estava mantendo minha promessa. Eu estava com os meninos malditos. Gloria tinha sido tão vaga que eu tive medo de dizer algo errado, mas eu tinha confessado sobre ver demônios e pedi ajuda a eles. Eu até mesmo admiti que me escondi na sala secreta e ouvi a conversa deles. Matthias ficou com a cor de tantos tons de roxo e vermelho que não achei possível. Vasos sanguíneos estourando audivelmente.

Eles disseram que eles poderiam me ajudar a ficar viva e eles queriam responder a quaisquer perguntas, mas Matthias não respondeu nenhum das minhas, como quem eles eram, como podiam me proteger e como eles podiam se livrar dos demônios. Ainda fiquei preocupada em ser "neutralizada". Talvez Gloria estivesse errada sobre eles.

Claro, eu não podia reclamar sobre suas suspeitas. A história da empregada não fazia sentido. Pelo menos agora eu sei o porquê. Graças a Gloria. Não ajudou que as câmeras de segurança tiveram um mau funcionamento quando eu me aproximava do alpendre. Coincidência? Eles acharam que não. Mas já que Matthias não se atreveu a acreditar



que eu era uma espécie de prodígio elétrico, ele deixou passar. Por enquanto.

Gloria me fez prometer que eu iria lidar com esses caras, mas nós estávamos em um barco a remo em um furacão para um nível ainda pior. Uma dor de cabeça passou atrás de meus olhos, meu plano brilhante indo a lugar nenhum.

— Eu quero ir para casa.

— Não até que nos diga...

— Eu não direi nada, Austrália.

Os olhos de Matthias brilharam como metal. Perigoso. O quarto era pequeno. O ar mais pesado.

— Seu batimento cardíaco está acelerado — disse Jayden. — Medo irracional. Tome um pouco de água. — Em pânico, eu deixei cair o vidro no chão. Quando um pouco de líquido espirrou no meu rosto, eu esfreguei com frenesi.

— Certo. Então eu posso acordar amanhã em um navio de carga de Cingapura em minha nova vida como uma escrava sexual em uma neblina perpétua de drogas, e como se isso não bastasse, pôr fim a todo meu sofrimento me suicidando? Acho que não.

Fui até a porta, mas Blake era mais rápido do que parecia.

Ele se inclinou contra a porta, palmas para cima em sinal de súplica, mas bloqueando minha saída. — O que é isso exatamente?

Recuei, girando em círculos, paranoia fechou minha garganta. Eles olharam para mim como se eu fosse louca. Além de Blake, nenhum deles se moveu.

— Operação escrava sexual? — Matthias jogou sua cabeça para trás.

— É típico dos cartéis de drogas. — Eu estava pesando as minhas chances de alcançar a parede de armas quando todo mundo riu.



— Caçadores de demônios? — O chá parecia sujeira. Como a de um esgoto. E cheirava ainda pior. Mas Jayden me assegurou que acalmava os nervos. E que estava livre de drogas. Sentei-me em um sofá, abraçando um travesseiro, copo repousando sobre o joelho. — Bem, soou como traficantes de drogas.

— Talvez para um tolo.

Matthias negou com cabeça, enchendo seu copo com chocolate ao leite de um pote verde. Mordi a língua, tentando ficar no assunto principal.

Não tinha notado a parede de escalada construída na parede de armas até Jayden fazer sua rotina de Spider Man. Quando chegou ao topo, capturou o primeiro de uma série de anéis com parafusos através do teto abobadado, balançando o anel até que ele estava acima do meio da sala. De lá ele se lançou em um salto duplo para trás de quase vinte metros de altura, aterrissando em silêncio em seus pés descalços.

— Em retrospecto, o palavreado estava aberto a uma má interpretação.

— Sim — bufou Matthias. — Para um idiota.

— Foram vocês que falaram de cartéis, neutralização de ameaças, guerras territoriais na Colômbia, operações asiáticas, compra de produtos na Alemanha.

Ayden encostou-se à lareira de pedra maciça, onde provavelmente cabia um alce inteiro. Eu sentia o calor escaldante no meio da sala. — Essa coisa de demônio é uma espécie de negócio de família, mas nossos velhos estão... semi aposentados. Especialmente o meu pai, que importa carros exóticos. Ele está em uma viagem na Alemanha. Esse é o "produto".

— Por que ele não disse carros?

Ayden deu de ombros. — É... Jayden.

Jayden acenou com a cabeça. — Muitos dos cartéis de drogas na Colômbia são apoiados por demônios, mas estamos lutando contra eles, não com eles. E o pai de Matthias sempre visita as operações asiáticas quando ele vai para a Austrália para ver-



Um baixo rosnado irrompeu de Matthias. — Basta.

Blake e Logan chegaram com uma bandeja cheia de sanduíches. Blake me deu uma piscadela. — Fique longe do salame. Eu o dosei um pouco demais com uma poção de desmaiar.

— Ha ha ha. — Eu abaixe o chá antes que ele me fizesse falar outra vez, e fiz um grande negócio agarrando um sanduíche de salame, dando uma mordida enorme e falando com a boca cheia. — Souu como traficantes de drogas. Não sei por que eu não pensei em caçadores de demônios logo de cara.

— Eu mencionei a teoria de ser idiota? — Matthias brincou.

Açucarei meu sorriso. — No entanto, esta 'idiota' te deixou do lado de fora da loja de flores. — Ficar calma era superestimado.

Algumas risadinhas e Blake disse — Ela tem razão.

Os lábios de Matthias se contraíram em um sorriso de escárnio. Todos eles estavam espalhados pela sala comendo sanduíches, exceto Logan que estava na grade da varanda novamente agindo como um ginasta medalhista de ouro em uma trave de equilíbrio. Isso me deixava nervosa, mas ninguém mais parecia incomodado.

— Caçadores de demônios. — Eles disseram várias vezes. Uma sociedade secreta de caçadores de demônios. Embora meu mundo estava deformado em uma forma estranha e maluca, eu ainda tinha dificuldade tentando aceitar isso, mas eu estava sendo caçada por demônios, e Gloria parecia ter as melhores intenções para mim e para minha família, e ela iria protegê-los, e se ela confiava nesses caras, então eu iria, mas...

— Um bando de crianças que ainda vivem com seus pais?

— Joan D'Arc tinha apenas dezessete anos quando salvou a França — Jayden apontou. — E vários reis e rainhas eram mais jovens do que somos agora. Eu poderia fornecer uma lista inteira de adolescentes em toda história -

— Entendi. Você trabalha para o Vaticano ou algo assim?

— Não exclusivamente — Jayden disse. — A sociedade, o Mandatum, funciona com todas as crenças. Demônios são despreocupados com a religião de um indivíduo ou a falta dela. São



destruidores em oportunidades igualmente. Os nossos caçadores vêm de um conjunto diversificado de crenças, mas trabalham juntos em direção a um objetivo. E somos os melhores no que fazemos.

— Mas vocês estavam na igreja.

Jayden deu de ombros. — Padre Bancroft é um líder da área, assim a igreja é a nossa base, mas em outros lugares, poderia ser uma sinagoga, mesquita, templo budista. Lutamos contra os demônios, não uns com os outros.

— Como vocês os combate? Ayden, o que você fez para o demônio esta noite?

Eles compartilharam olhares cautelosos.

— Vamos chegar a isso mais tarde — disse Matthias.

— Mas você pode confiar que somos capazes de protegê-la — acrescentou Jayden. — A quanto tempo você vê demônios?

Empurrei os cachos do meu rosto. — Sete, oito anos, mas nenhum deles tinha sido perigoso antes. O que há com Gossamer Falls? É um terreno fértil para demônios super demoníacos?

— É um portal local.

— Jayden — Matthias fervia.

— Portal?

— Entre a Terra e o inferno.

— Blake! — Matthias jogou as mãos para cima. — Será que vocês podem calar a boca?!

— Oh, vamos lá. — Ayden se levantou da cadeira. — A quem ela diria?

— Não é motivo — resmungou Austrália e tomou um gole de seu leite com chocolate.

Ayden ficou na minha frente. Eu queria me afastar, mas isso seria covarde.

— Você disse que os demônios não a ameaçaram antes.

Balancei a cabeça.



— Você tem certeza? — Ele olhou para o meu ombro e levantou uma sobrancelha. Estava de costas para o resto deles, então só eu podia ver.

Eu queria deixar o seu olhar, mas ele prendeu meus olhos como a mais recente adição à sua coleção de insetos. Lembrei dos seus dedos na minha pele, deslizando sobre as minhas cicatrizes. Sangue penetrou em meu rosto. Eu comecei a falar mas tive que limpar minha garganta para fazer a minha voz sair.

— Sim. Tenho certeza.

— Se você está se referindo ao ataque que fez sua família se mudar para fora da cidade e de volta para Gossamer Falls — Jayden disse. — Ele foi relatado como uma agressão humana.

Os ombros de Ayden caíram e ele me deu um olhar de desculpas. Seus lábios apertados antes de falar. — Obrigado, Jayden.

— De nada.

— Quem te atacou? — Logan parou na grade.

Todos os olhos estavam sobre mim. Maravilha.

— Talvez ela não queira falar sobre isso. — Ayden manteve suas costas para o grupo.

A voz de Matthias faltou com simpatia. — Pode ser relevante.

— Eu posso citar o relatório — Jayden ofereceu. — Traumatismo craniano grave, múltiplas contusões, lacerações, hemorragia interna, uma série de ossos quebrados e fraturas incluindo-

— Eu gostaria de ouvir da vítima — disse Matthias.

Eu cerrei os dentes em "vítima", e vi Ayden se preparando para uma discussão, então eu andei até ele para enfrentá-lo.

— Não é nada estranho. Eu estava em uma visita da faculdade com minha turma. Grande emoção porque estávamos passando a noite. Acabamos em uma festa da fraternidade. Foi bom no início, mas enquanto a noite avançava, houveram... muitas coisas acontecendo. Então eu fui embora. No caminho de volta, alguns caras começaram a me incomodar. Eles... — Eu esvaziei meu peito de ar e olhei para os sapatos de baleia assassina, mexendo os dedos dos pés.



Ayden se aproximou e apertou meus ombros. — Você não tem que fazer isso — ele sussurrou.

Eu sorri e levantei meu queixo, engolindo em seco para que as lágrimas não saíssem. — Eles me surraram. Não faço ideia do porquê. Estavam bêbados e entediados. — Eu dei de ombros. — Quem sabe? Eu estava inconsciente no meio dela. Acordei no hospital. E é isso. Não há demônios, apenas pessoas estúpidas. — Eu olhei para Matthias. — Valentões. — Um ligeiro aperto ao redor dos olhos era tudo o que tinha.

— Alguns deles eram seus amigos da escola — Jayden disse no silêncio.

— Sim. Eles alegaram que não se lembravam de nada.

— Você estava bêbada?

— Matthias!

— Só estou perguntando.

Lancei um olhar assassino em sua direção.

— Sem álcool ou drogas — Jayden disse. — A polícia fez um exame de sangue. Está no relatório.

Matthias acenou com a cabeça e deu de ombros. — Possessão demoníaca explicaria a perda de memória.

— Não foi — eu disse.

Jayden cruzou seus braços — Você não tem como saber isso, Aurora.

— Claro que tenho. Quando as pessoas estão possuídas, eu vejo o demônio, não a pessoa.

Silêncio.

Minha pele se arrepiou. — Vocês não podem fazer isso?

Cabeças se sacudiram ao redor da sala. Ótimo.

Um zumbido suave apareceu antes de uma voz de mulher que soava como se ela trabalhasse para o disk sexo — Madame Cacciatori. Paris.

Alguém gritou — Esconda ela — Uma fração de segundo mais tarde eu voei através do ar.



CAPÍTULO

VINTE E OITO

Entre o baque no chão e Ayden terminando em cima de mim depois que ele nos jogou para trás do sofá, o ar escapou de meus pulmões.

Ayden pôs uma mão sobre minha boca e um dedo sobre seus lábios. Eu balancei a cabeça e sua palma abrandou. Eu me contorci porque o piso de madeira dura realmente fazia jus ao seu nome e o físico musculoso de Ayden não era muito leve. Ele me deu um olhar interrogativo e, apesar do momento volátil, ou por causa dele, o calor brilhou entre nós.

Sua mandíbula se apertou em um gole enquanto seu corpo deslizava. Ele se colocou ao meu lado, um braço em volta da minha cintura, outro debaixo da minha cabeça.

— Fique imóvel e silenciosa. Não importa o que aconteça. — Sua voz mal registrou um decibel, tanto que seus lábios roçaram meu ouvido a fim de que fosse ouvido, o que significava um hálito quente fluindo pelo meu pescoço e conectando com o meu mecanismo interno de arrepio.

Dedos agarraram a borda da sacada, e um momento depois Logan se arrastou por cima do corrimão. Ele nos deu um sinal de "fiquem" com a mão e moveu-se para o extremo do sofá. Ayden me puxou para mais perto.

— Senhora Cacciatori. Que honra. — O tom educado e atencioso de Matthias soava estranho, sem qualquer condescendência por trás. Eu não ficaria surpresa se ele se curvasse.

— Matthias, cavalheiro, é bom ver você.

Eu me foquei na voz e estiquei o pescoço para trás. Soou como se esta mulher, Cacciatori, estivesse na sala. De onde ela tinha vindo?



Ayden me deu um aperto afiado e balançou a cabeça. Sem olhar para nós, Logan pigarreou.

Todos trocaram gentilezas.

— Onde está Ayden? — Ela perguntou.

Ayden e eu paramos de respirar.

Jayden saltou no silêncio. — Reparando alguns muros ao redor da escola.

— Nós esperávamos você na próxima semana — Matthias disse. — Tem alguma coisa errada?

— Uma nova investigação. Eu sinto que é indispensável examinar quaisquer resultados que vocês tenham em relação as recentes atividades.

Sua voz tinha um leve zumbido, alguma coisa elétrica sob o atraente sotaque italiano.

Logan fez um movimento de "venha aqui" para Ayden, que indicou que eu deveria ficar parada enquanto ele se arrastou como um soldado até Logan que estava fazendo estranhos sinais com a mão atrás das suas costas. Eu virei com o estômago para baixo e fui na outra direção para espreitar em torno do sofá.

— Que pena — disse ela quando Matthias terminou de explicar que não haviam encontrado nada de anormal. — Eu pensei que talvez a pesquisa estivesse conectada.

Através da porta aberta da sala secreta uma luz tipo um projetor irradiava, no fim da qual, parada no meio da sala, estava Madame Cacciatori. Ou uma cópia exata dela. Mais como um holograma, meio translúcido e um tanto trêmulo, falando e se movendo como se ela estivesse aqui e fosse real.

Ricos cabelos castanhos caíam passando seus ombros e seu corpo voluptuoso vestia uma saia assimétrica, uma blusa justa e sandálias de tiras cujos saltos teriam me derrubado. Blake estava certo sobre suas pernas. Maçãs do rosto altas, lábios cheios e grandes olhos amendoados completavam o efeito estonteante. A beleza da mulher que me queria



morta e a coisa super legal do holograma me fez parar de respirar. Ela se virou em minha direção. Eu me joguei para trás.

— Que pesquisa? — Logan falou rapidamente, alto, movendo-se em direção a ela.

— É o que estimulou minha visita prematura. Alguém fez uma pesquisa na internet sobre Divinicus Nex. Nós achamos que a localização da fonte veio dos Estados Unidos, provavelmente do Oeste. E com a recente atividade aqui...

Ayden agarrou meu pé. Eu chutei e ele acabou segurando uma baleia assassina macia.

— Tem alguma coisa atrás do sofá?

Eu ouvi um alto estalo do outro extremo da sala. Ayden puxou minha mão e praticamente me carregou para outro lado do sofá onde nós mergulhamos atrás do suporte que sustentava o aquário.

— Oops, eu sou um grande boi atrapalhado — disse Blake.

A voz de Tristan correu um pouco alta. — Por que você não rastreou a localização do usuário?

— Nosso sistema parou de funcionar antes que o rastreamento se completasse, mas não existe preocupação real. Nós controlamos todo o conteúdo sobre Divinicus na rede e ele não encontrou nada de importante. Além disso, o invasor pareceu estar pescando, tentando várias formas de escrever, então talvez seja uma coincidência aleatória. Mas eu percebo aqueles que são raros, se não extintos, e quando se trata de Divinicus nós perseguimos cada pista.

— Alguma coisa definitiva? — Jayden perguntou.

— Não, mas quando o encontrarmos, iremos precisar de uma forte guarda Sicarius. Algo a considerar para o futuro de vocês.

Um silêncio pesado, depois ao mesmo tempo Jayden disse — E sobre Bellator? — E Blake falou — Como está Cristiano? Ainda seduzindo todas as garotinhas quentes?

— Sem Bellator, quanto a meu filho — sua voz suavizou, e calor inundou seu tom — ele está bem. Mas sem ‘garotinhas quentes’. Apenas trabalho.



— Com as habilidades dele? Isso é uma merda – maldição, quero dizer, malditamente vergonhoso.

Ela deixou escapar uma profunda e contínua risada. — Talvez ele precise encontrar uma morena italiana curvilínea, quente e com boas pernas.

Eu sorri. Se havia uma regra contra gostar de seu assassino, eu acabei de quebrá-la.

O restante dos rapazes uivou. Blake tentou recuar, mas ela o interrompeu. — Uma descrição bajuladora. Eu não me ofendi. Agora, cavalheiros, tanto quanto eu aprecio suas companhias, minhas energias diminuem. Muitas noites longas. Eu aguardarei notícias e deem lembranças minhas para Ayden e seus familiares.

Eu espreitei ao redor do suporte e a testemunhei gaguejar e piscar antes que Ayden me puxasse de volta.

Matthias alisou sua mandíbula. — Tristan, certifique-se de que ela se foi.

O louro voltou poucos minutos depois, fechando a parede atrás dele e assentindo, seu cabelo destacando-se como se ele o tivesse penteado com uma batedeira.

No bar, Matthias derramou mais leite com chocolate, salpicando algo de duas coqueteleiras de cristal em cima, agitando com uma colher e tomando um gole. — Muito perto de sangue. — Eu abafei uma risada.

— O que? — Ele disse.

Eu tracei um dedo sobre o meu lábio superior. — Você conseguiu um... bigode de chocolate.

Ele resmungou e esfregou seu antebraço em sua boca. Blake gemeu enquanto massageava atrás de seu pescoço, Logan secou sua testa com um lenço adornado com monograma que ele pegou do bolso de seu peito, e os polegares de Jayden deslizaram dentro e fora das juntas com um barulho úmido de estalo que me fez encolher.

Levantei e balancei em um só pé para colocar o chinelo de baleia que Ayden tinha atirado na minha cabeça.



— Isso foi tão legal. Como ela fez aquilo? Vocês podem fazer isso? Ela realmente estava em Paris? Ela é real, certo? Ela parece agradável. Para uma assassina. Por que ela quer matar o Divinicus?

— Não é problema seu... — Matthias começou automaticamente. Depois ele me deu um olhar incrédulo. — Matar o Divinicus? — Ele beliscou o osso do nariz e fechou seus olhos. — Justamente quando eu achava que você não poderia ser mais estúpida. — Ele abriu os olhos que faziam redemoinhos de uma tempestuosa mistura de cinza pálido e ônix. Sua mão deslizou sobre seu rosto. — Você que fez a pesquisa na internet, não foi?

Eu lambi meus lábios. — Talvez.

Seu punho bateu no balcão. Vidros tilintaram.

Eu encarei de volta e pisei atrás do bar.

— Como eu deveria saber? Vocês vem fazendo sua merda intimidadora e mantendo segredos. Eu tenho monstros tentando me matar. — Eu puxei abrindo a mini geladeira, examinei o conteúdo, sorri, agarrei uma das mesmas latas verdes que Matthias tinha, bati a porta para fechá-la e fiz uma grande produção abrindo a lata com muito barulho e tomando vários goles. — Ahhhhh — Eu suspirei e encontrei o olhar de Matthias. — E você não tem sido nada além de um incômodo. Então não venha todo superior e importante. Bom achocolatado a propósito.

Músculos marcaram a mandíbula de Matthias. — Não é achocolatado. É Milo.

Eu tomei outro gole. — Bem, isso é bom.

Ele arrancou a lata da minha mão e jogou o conteúdo na pia.

Eu coloquei as mãos no quadril. — Oh isso é maduro. Você poderia ser mais —

— Nós demos sorte. — Ayden veio para ficar entre Matthias e eu. — Eles perderam o rastro.

O australiano reclinou-se no balcão com ambas as mãos, deixou a cabeça cair, puxou o ar pesadamente e soltou lentamente. Ele me olhou sem mover a cabeça, frios olhos cinza-bronze de canhão cortando através



de ondas negras que caíam sobre sua testa. — Sem mais pesquisas. Não precisamos desse tipo de atenção. Ou pressão. — Eu assenti. — Agora, precisamos saber porque demônios estão atrás de você.

Eu fiz um barulho pouco feminino. — Você e eu. — Ele encarou. — Eu não tenho ideia. — Além disso, Gloria alertou sobre isso.

Matthias ficou de pé e bufou. — Sêrio? De repente você tem demônios tentando matá-la e você não tem nenhuma ideia? Bem, eu suponho que faz sentido.

Eu joguei as mãos para cima e andei ao redor da sala.

— Se aquela mulher não quer matar o Divinicus, porque ela está caçando-o? O que é Divinicus, afinal? Ela está certa. Não tinha nada na internet.

Matthias começou a virar cores estranhas novamente. Luzes tremeluziam.

— Talvez nós precisemos de um intervalo antes de continuar — Jayden disse. — Um mergulho iria clarear nossas mentes.

Blake jogou as mãos para o ar. — Nadar nu em grupo!

— Cale a boca, Blake — mais de um dos garotos disse.

Blake ameaçou o status de ovo podre para o último a chegar na água enquanto corria em direção aos degraus da varanda. Logan correu e lançou-se no corrimão. Usando-o como um cavalo de pau, suas mãos seguraram a madeira, seus pés arquearam para cima e ele deixou-se cair fora de vista.

Meu coração sacudiu uma batida extra. Eu corri para a varanda a tempo de ver Logan correndo a toda velocidade na frente de Blake que gritou — Trapaceiro! — Enquanto batia em pequenos tornados de areia estranhos interrompendo seu caminho.

Tristan movia-se devagar atrás dele. — Nós acabamos de comer. Provavelmente deveríamos esperar uma hora.

— Você parece uma garota, Tristan — Blake disse.

— Hey! — Eu gritei.

— Desculpe, passarinho.



Matthias caminhou passando por mim murmurando alguma coisa sobre mulheres e problemas. Jayden puxou sua camisa sobre sua cabeça, guiou sobre o corrimão e dançou descendo a pilastra.

Ayden reclinou-se contra a verga da porta, braços cruzados.

— É sempre desse jeito? — Eu perguntei.

— Que jeito? — Ele encolheu os ombros com inocência dramática.



CAPÍTULO

VINTE E NOVE

A areia reluzente estava fria e áspera contra meus pés descalços. Ayden e eu andamos em direção à água, a gritaria e os espirros ficando mais altos. Os meninos mergulhavam, pulavam e viravam na água da doca, do deque do veleiro, e até mesmo do telhado da garagem de barcos, atirando insultos e desafios alegres, molhando uns aos outros como um bando de crianças. Que eles eram. Alguém imitou o tema *Jaws* logo antes que alguém gritasse.

Eu sorri e balancei a cabeça. Eu estava com medo desses caras?

O luar pintou o lago negro prateado. Seus corpos seminus brilharam molhados e impressionantes. O peito forte de Blake, ombros largos de Matthias, Tristan magro, mas em boa forma, Logan pequeno, mas mais forte do que o esperado, Jayden longo e magro, e todo o grupo musculoso com gomos abdominais o suficiente para suprir um evento NASCAR. Imaginei que eles malhavam.

Pena que Ayden não estava nadando para que eu pudesse ver o corpo que eu já tinha agarrado.

Ele colocou seu casaco sobre meus ombros. Eu não tinha percebido que eu estava tremendo.

— Obrigada — eu disse, enquanto caminhávamos na praia. — Então, esta sociedade antiga - o Mandatum? Tem caçadores de todo o mundo lutando e matando demônios?

Ayden assentiu. — Nós os enviamos de volta para o inferno.

— Como?

— Temos habilidades especiais. É tudo que eu posso falar por agora.

— Tudo bem, então. Madame Cacciatori? Qual é negócio dela com o Divinicus? O que é um Divinicus?

Nós vagamos abaixo da doca.

— O Divinicus Nex é como nossa arma secreta contra demônios. Ele pode rastreá-los. — Ayden bateu um dedo na sua cabeça. — Mentalmente. Como visão. O nome significa algo como divina morte violenta. Ele aponta a localização de um demônio, e caçadores são enviados para matá-lo.



— Isso é... muito útil. — Assim os demônios me viam como a ameaça final. Ótimo.

— Quando conseguirmos um.

— O que quer dizer?

— Um Divinicus é raro. Nós só conseguimos um por vez e não temos nenhum no momento.

— Tecnicamente, isso não é verdade. — Eu sacudi uma respiração ao ouvir a voz de Jayden atrás de nós. Seu corpo brilhava molhado, seu calção pingava e seu cabelo estava puxado para trás contra sua cabeça. Ele segurava uma prancha de surf. — Nós temos um, apenas não sabemos onde ele está.

— Ele está desaparecido? E por que você tem uma prancha de surf?

Jayden pareceu culpado.

— Oh, isso é bobagem — disse ele com firmeza, como se estivesse lendo um cartão de nota. — Eu não posso surfar em um lago. Ha ha ha.

Ele jogou a prancha fora da doca. Houve um respingo e alguém disse — Ai!

Eu olhei interrogativa para Ayden que só levantou os ombros e deu a seu irmão um sorriso cansado. — Por que você não explica o Divinicus?

Jayden relaxou. — Bem, um novo Divinicus nasce cem anos após o último morrer. Estes cem anos terminaram 17 anos atrás, então sabemos que há um Divinicus de 17 anos de idade lá fora em algum lugar, nós simplesmente não fomos capazes de encontrá-lo.

— Ou ela — eu disse automaticamente.

— Não, eles são sempre caras, querida. — Blake pôs os pés na água. — Ei, você pode juntar-se ao pequeno clube de Jayden. Mas você tem que se molhar primeiro!

Ele agarrou meu tornozelo, dando-lhe alguns puxões inofensivos. De qualquer maneira eu gritei. Ele riu e soltou.

— Não é um clube. — Jayden rolou um olhar exasperado a Blake que estava dando chutes de golfinho sem motivo aparente. — Reconhecidamente, Blake está certo. Durante séculos, o Divinicus foi do sexo masculino. No entanto, eu salientei - na ocasião - que nada proíbe o Divinicus de ser uma mulher. Apenas aqueles com uma pouca percepção...

— Sem o Divinicus — Ayden empurrou seu irmão fora da doca com um esguicho — demônios podem obter vantagem e coisas ruins acontecem no mundo.



— Como?

— Milhões de coisas pequenas, mas algumas coisas grandes que você pode saber incluem a queda de Roma, a peste negra, a ascensão de Hitler ao poder. Ter o Divinicus não para tudo, mas ele nos dá uma vantagem.

Continuamos andando, os meninos brincavam na água como um bando de bobos de oito anos de idade, exceto Matthias que nadava voltas constantes várias jardas para fora.

— Mas vocês não podem encontrar... ele? — Talvez porque ele é um ela. Quem é o idiota agora?

— O que é sem precedentes. E é aí que vem em Madame Cacciatori. Localizar e proteger o Divinicus é prioridade número um do Mandatum. Ela lidera a força-tarefa. Tem sido o trabalho de sua família por gerações. Eles nunca falharam, mas nunca levou tanto tempo.

Jayden estalou para a superfície. — Alguns especulam que ele está morto ou perdeu a sua capacidade mental para ser eficaz. Se ele está vivo, ele foi deixado sem defesa e sem treinamento, ouvindo e vendo coisas que ninguém mais consegue. Por agora ele pode ter-se convencido de que está louco.

Nem fale nisso.

— Ou outros concluíram isso por ele — continuou Jayden — e ele foi institucionalizado, seu cérebro fraturado por drogas e autodúvidas, que a pouca consciência que resta é inútil contra o mal que ele deve combater. Quanto a estar morto, a hipótese é que sem proteção as probabilidades estão contra ele durante todo esse tempo. Especialmente se os demônios o encontrarem antes de nós. Mas muitos, incluindo Madame Cacciatori, acreditam que ele está vivo porque se os demônios o tivessem matado eles teriam se vangloriado do golpe. Reconhecidamente, ela tem um investimento pessoal nessa teoria, mas isso tem mérito lógico.

— Conte a ela sobre a caçadora muito atraente com a conexão psíquica. — Blake passou a mão sobre a superfície. Eu me encolhi quando a concha de água veio para mim, mas ela nunca bateu. Em vez disso eu ouvi um assobio e quando eu olhei, uma névoa de vapor se dissipou no ar.

Blake murmurou — desmancha-prazeres — para Ayden que o ignorou e continuou andando.

— Como o Divinicus não vêm de famílias de caçadores, eles podem ser difíceis de encontrar, mas há sempre um caçador feminino, uma Bellator, que tem uma — a mão de Ayden fez malabarismos no ar — conexão mental ou psíquica com ele. Nós



usamos a visão que ela tem, este fio psíquico, para localizá-lo. Eventualmente, ela se torna sua companheira ao longo da vida e protetor primário.

— Como um casamento arranjado?

— Tipo isso. É como se eles fossem literalmente feitos um para o outro por isso há uma grande química entre eles. Isso funciona. Mas até agora não houve nenhuma caçadora com visões, nenhuma conexão, nenhuma maneira de localizá-lo. E isso é ruim. O Divinicus não tem defesas, tornando-o um alvo fácil se os demônios o descobrirem. Nós temos que encontrá-lo primeiro. Deixá-lo assegurado.

Eu cocei um comichão de preocupação que subitamente levantou os pelos de trás de meu pescoço. Minha voz chiou — Assegurado?

— Ele quer dizer protegido. — Tristan levantou no fim da doca. — O Divinicus é muito valioso para ser deixado sozinho. Ele será morto se não o protegemos, então ele é isolado em uma instalação segura para mantê-lo seguro.

Agora, a parte de trás do meu pescoço palpitou. Massagear os músculos não ajudou. Um zumbido na minha cabeça ganhou força.

— Eles o prendem?

Tristan deu de ombros. — Basicamente.

O zumbido expandiu para sinos de alarme. Gritos.

Apenas na minha cabeça, claro, mas alguma coisa deve ter se mostrado no meu rosto porque Tristan disse com uma margem defensiva — É para proteção dele. Eles precisam mantê-lo seguro. Ele é muito importante.

— Coisa do destino do mundo, bebê — Blake adicionou fazendo exercícios na doca.

Eu engoli. — Simples assim? — Eu percebi que minha voz elevou tentando falar sobre aqueles alarmes rangentes e lembrei a mim mesma que eles estavam somente na minha cabeça. — Ela... — Oops. — Ele não tem pistas. Apenas uma pessoa normal tentando viver uma vida normal e *ban!* Ele é levado para uma — eu usei dedos de aspas para efeito dramático — Instalação Segura. Isso é tão injusto. Ele não pediu pelo emprego. E a família dele? Eles vão com ele?

— Uh. — Tristan procurou por ajuda dos outros e não obteve nada. — Eu não sei realmente, hum, eu apenas sei que eles levam o Divinicus. Para mantê-lo protegido. — Seu rosto iluminou. — Ele tem o melhor de tudo. Uma vida de luxo. Tudo que ele tem que fazer é apontar a localização dos demônios e, você sabe, comer lagosta. — Ele deu uma curta risada. — Eu imagino.

Ele estava brincando? Não me admira Gloria me alertar para permanecer quieta.



— Tudo ótimo, exceto pelo fato de ele ser um prisioneiro. E sua família pensar que ele está morto. Ou pior. Vocês não veem como isso é errado?

— As batidas do coração dela aceleraram novamente — a voz abafada de Jayden veio de debaixo da doca.

Eu queria bater meu pé através da madeira e quebrar o nariz dele.

— Aurora — Ayden virou meu rosto para ele, dobrando o casaco ao redor do meu pescoço. — Os demônios são atraídos para o Divinicus. Ele é uma ameaça que eles precisam destruir para sobreviverem.

— De qualquer forma, ele está morto se o Mandatum não protegê-lo. — Eu pulei ao som da voz de Logan perto atrás de mim e teria caído na água se Ayden não estivesse segurando o casaco.

— Mas e se o Divinicus pudesse lutar? Teria defesas?

— Como o quê?

— Não importa. — Matthias pulou para a doca e empurrou a si próprio pingando entre Ayden e eu. Pingos frios choveram nos meus pés nus.

Ele me encarou, o luar cintilando a umidade seu rosto, seu olhar penetrante muito escuro para medir a profundidade.

— Ele é muito valioso para arriscar. Ele salva vidas. Então nós fazemos o que for preciso para salvá-lo.

Minha voz ardeu. — Quer ele goste ou não?

— Se isso é o que precisa. — Ele se aproximou. Todo íntegro e... e... malvado e... estúpido.

Eu lutei para controlar minha crescente ansiedade. Reagir exageradamente era uma maneira certa de acender bandeiras vermelhas. Acabar sendo carregada para alguma “instalação segura.” Eu esfreguei meu rosto com ambas as mãos e encarei sobre o lago.

— Você está bem?

Eu tentei sorrir, mas a expressão de Ayden me disse que não tive sucesso. Eu precisava sair daqui.

— Eu estava apenas pensando. Eu não deveria ter incomodado vocês, rapazes. Quero dizer, que dor eu tenho sido. Vocês têm a coisa do destino do mundo acontecendo. Vocês não precisam de mim bagunçando as coisas, distraindo vocês.

— A coisa mais esperta que você disse a noite toda — a voz de Matthias ecoou abaixo na doca.

Ainda mais estúpido.



— Está certo — eu gemi. — Eu não preciso de ajuda de um australiano sujo

—

Uma onda sonora pulsou através da água e balançou a madeira sob meus pés duro o suficiente para tirar meu equilíbrio. Ayden tentou me alcançar.

Mas ele estava muito atrasado.



CAPÍTULO TRINTA

A água congelante estremeceu meus pulmões para uma paralisação quando meu corpo mergulhou sob a superfície. Minha mente correu através da água como um golfinho em velocidade turbo. A luz da lua filtrava de cima, e então eu fui arrastada para baixo.

Escuridão me rodeou. Eu não conseguia respirar. Arranhava. Eu respirei e meus pulmões foram preenchidos com líquido. Eu lutei e arranhei na escuridão, mas apenas me senti afundando, sufocando. Uma série de luzes ondulantes limitavam minha visão periférica, pulsando mais perto.

— Tirem-na!

— O que era aquilo?

— Ela está respirando?

Frio golpeava enquanto o vento noturno penetrava através das minhas roupas úmidas. Eu estava na praia. Alguém me girou de lado e colocou uma mão nas minhas costelas. Meu estômago revirou. Água jorrou da minha boca criando mini afluentes e lagoas na geografia da areia. Eu empurrei em meus joelhos, tossindo, batendo a areia em meu ombro e sacudindo para longe, arranhando em minhas roupas, me sentindo sufocada.

Ayden ficou de pé e estendeu os braços para manter o resto dos garotos atrás.

— Aurora. — Ele estava tentando não gritar. — Você está bem? O que aconteceu?

— Um... — O tremor no queixo tornava difícil falar. — Um demônio. Eu —

Ayden amaldiçoou e fechou a distância entre nós em uns poucos passos rápidos. Ele prendeu suas mãos em cada lado do meu rosto, seus olhos parecendo incandescentes. Calor penetrou na minha pele. A quentura e a pressão das suas mãos firmaram minha mandíbula trepidante.

— Um demônio — Eu sussurrei. — Na água. Tentou... me afogar.

Sem tirar os olhos de mim Ayden gritou “Jayden!” sobre seus ombros, mas seu irmão já estava correndo doca abaixo seguido por Blake e Logan.



Todos eles mergulharam para fora da doca dentro de segundos. Com minha visão embaçada, pareceu como se a água subisse em uma onda para pegá-los e carregá-los para o lago.

Matthias pisou na minha frente.

— Tristan mantenha um olho no final da doca. — Ele me olhou como se eu fosse uma praga tóxica. — Quem diabos é você?

Eu vomitei em seus pés.

Ayden me carregou, gotejando úmida e cheirando a sanduíche de salame recentemente vomitado, para o quarto de hóspedes no andar superior, e me sentou em uma cama de dossel grande o suficiente para Paul Bunyan¹⁶. E seu boi.

— Eu estou ensopada. Eu vou arruinar a –

— Não se preocupe com isso. — Ele puxou o grosso edredom de pele verde-floresta dos cantos e o agasalhou em volta dos meus ombros trêmulos. Deu um último puxão apertado e pronunciou um firme — Fique.

— Au – au — Eu repliquei.

Ele me deu um olhar de *tanto faz* e com a energia do Chapeleiro Maluco acendeu as luzes, agarrou um manto macio do closet, e me empurrou para o banheiro para tomar banho. No momento que ele desenrolou o edredom e me carregou para o banheiro, ele emitiu vapor. Ele me sentou em um banco e agachou-se, escovando de volta os escuros cachos polidos rebocados no meu rosto. A neblina que serpeava ao nosso redor embaçava seus traços, linhas de preocupação entalhadas profundamente.

— Você está a salvo, mas nós precisamos aquecê-la.

Seu cabelo negro azulado caiu em sua testa dando a ele um olhar jovial em contraste com a expressão séria, olhos da cor de expresso triplo manchado com doce de manteiga e açúcar mascavo adornados com aqueles cílios ridiculamente longos. Estudei a linha forte de sua mandíbula enquanto ele falava, a forma de seus lábios enquanto eles moldavam sílabas soando levemente abafadas, como se eu ainda estivesse sob a água. Eu pensei sobre

¹⁶ Paul Bunyan é um lendário lenhador gigantesco que aparece em alguns relatos tradicionais do folclore dos Estados Unidos.



beijá-lo. Hey, isso tinha se provado uma boa técnica de aquecimento antes, então para propósitos médicos apenas...

Mas a realidade controlou o impulso – ou eu perdi a coragem, dependendo do seu ponto de vista – a mandíbula apertou contra dentes trepidantes, e eu abracei apenas a mim mesma e assenti.

— Mantenha a água tão quente quanto você suportar. Fique aí até você parar de tremer. Eu estarei bem ali fora. Vamos lá. — Ele me puxou para meus pés. — E eu preciso das suas roupas. Tire-as. Eu irei lavá-las. — Ele andou para trás, mãos na cintura, esperando.

Eu engoli. — O q- que? Eu não –

— Oh, certo. Privacidade. — Ele virou de costas e cruzou os braços, encarando o espelho, facilmente mantendo meu reflexo em visão completa. Ele pegou meu olhar, uma sobrancelha subiu, um sorriso diabólico puxou o canto de seus lábios.

— Eu pareço tão desorientada?

Ele encolheu os ombros, o sorriso de parar o coração em força total agora. — Um cara pode sonhar. — Ele virou e deslizou um dedo em minha bochecha, suas mãos parando em torno de meu queixo.

Meu estado frio e úmido não tinha nada a ver com os tremores que seu toque incitou, irradiando como uma corrente elétrica. Seus olhos escureceram, segurando os meus, intensos. Seu sorriso desvaneceu. Ele andou a frente, inclinou meu queixo para cima enquanto baixava seus lábios em direção aos meus. Meu corpo acalmou. Formigamento patinou abaixo em meu dorso. Meus lábios tremeram, antecipando o contato, mas sua boca parou a um tremor da minha, sua respiração navegando através da minha pele.

— E não — ele murmurou.

Minhas pálpebras pesadas só puderam se abrir metade do caminho. — Não, o que?

Seus lábios deslizaram pela minha bochecha, a voz murmurada suavemente em minha orelha. — Não, eu não vou tomar banho com você. — Ele recuou, produzindo uma risada escandalosa e falso ultraje. — Eu não posso acreditar quão frequentemente você tenta me colocar em situações comprometedoras. Desculpe, eu apenas não sou esse tipo de cara. E eu tenho uma lavagem de roupa para fazer.

Ele balançou sua cabeça e saiu, fechando a porta atrás dele.



Eu caí no banco, me concentrando em aspirar, mordendo o interior da minha bochecha, irritada comigo mesma e com ele.

— Eu preciso daquelas roupas — ele chamou através da porta.

Eu considerei recusar, mas o frio estava invadindo meus ossos, então eu me contentei em mostrar minha língua para a porta. Que irritante e arrogante e — eu me peguei em meu reflexo.

Rato afogado. Expressão frustrada. Eu explodi em risadas. Momentos mais tarde eu abri a porta e atirei fora a massa gotejante de roupas, batendo em seu rosto, esperando que ele não percebesse os itens que faltavam.

— Aurora?

— O que?

— Não tem nenhum sutiã ou calcinha.

Meus olhos apertaram fechados. Claro que ele percebeu.

— Quem disse que eu estava usando?

— Eu. Eu sou muito observador.

— Ayden, eu não estou com humor.

Ele riu. — Está bem. Lave-as e pendure-as no aquecedor de toalhas enquanto você toma banho. Depois coloque-as no secador quando você vier para o andar de baixo. Eu prometo que não vou olhar. E aqui está o shampoo pomposo do Jayden. Ele confia totalmente nele.

Eu abri a porta uma polegada e espreitei. Ayden segurou um frasco de cor pastel. Eu peguei, fechei e me apoiei contra a porta, sorrindo porque ele tinha uma mão cobrindo seus olhos.

— Eu estarei de volta para esperar por você. Você pode trancar a porta.

— Isso faria algum bem?

Ele latiu uma risada e eu o ouvi indo.

De qualquer forma eu tranquei a porta para sentir como se eu tivesse algum controle — e eu sou paranoica — então saboreei a deliciosa água quase escaldante jorrando do chuveiro do tamanho de um disco. Ayden retornou e continuou pedindo confirmação de que eu estava consciente.

Quando eu emergi enrolada na túnica, ele me escoltou para a sala familiar que abria para cozinha tão-gourmet-que-deveria-estar-em-um-show-de-culinária e me preparou um copo de sua mistura favorita de laranja-canela. Depois de eu ter atirado meu sutiã e roupas íntimas na secadora.

Jayden, Blake e Logan já tinham se trocado para roupas frescas tendo voltado e reportado nenhum sinal de um demônio. Eu sentei no sofá



bebericando o chá que agradecidamente não cheirava ou tinha gosto de esgoto. O exótico odor apimentado do pomposo shampoo de rótulo francês de Jayden deleitava os sentidos e, melhor ainda, meus cachos grossos não estavam nem mesmo frisando. Eu considerei roubar o frasco.

Logan inspecionou o armário. — Onde está o chocolate? Garotas gostam de chocolate quando estão chateadas.

Eu sorri.

— Não tem água em seus pulmões. — Jayden apareceu com um prato de biscoitos de chocolate e deu um tapinha em minha cabeça. — Você vai ficar bem. Aqui — ele avançou o prato na minha direção — eu os fiz esta manhã. De improviso. Chocolate triplo. Eu amo o canal de culinária.

Ele pode ser esquisito, mas suas habilidades de cozinha eram estelares. A doce decadência derretia em minha boca.

— Mmmm, delicioso. — Eu agarrei três e sentei de volta. Jayden sorriu, um fraco rubor em suas bochechas.

— Isso não faz sentido — Matthias murmurou abafado da cozinha enquanto ele aspirava seu milionésimo biscoito. — Demônios não podem passar nossos escudos. Você caiu na água, foi apenas um segundo antes de Blake puxar você para cima. Você batia como uma pessoa enlouquecida, sufocando, engasgando. Como você pôde quase se afogar?

— Eu não sei. Era como se eu estivesse submersa, afundando. Eu vi luzes. Depois vocês estavam gritando e eu estava vomitando. Como estão seu pés?

— Esterilizados. Que tipo de luzes? De um demônio?

— Eu não sei, Matthias.

Ele tinha desgastado meu último nervo um momento atrás. Espere, o australiano tinha acabado de fazer uma piada?

— Mas você disse que foi um demônio?

— Eu podia senti-lo.

— Como se sente um demônio?

Eu estapeei uma almofada no sofá e fiquei de pé.

— Tudo bem. Não era um demônio. Eu apenas caí e esponeamente quase me afoguei. Dê minhas roupas. Eu quero ir embora.

— Calma, passarinho. — Blake mastigava uma boca cheia de sanduíche. — Matthias, cara, recue. Eu não sei o que aconteceu, mas foi ruim.



— Alguma coisa estava lá — Jayden disse. — a rajada veio da água na parte mais profunda do lago. Um local perspicaz para esconderijo. Mas qualquer demônio tinha escapado na hora que procuramos.

Matthias deitou a parte posterior de sua cabeça em suas mãos. — O que eles querem?

— Você não irá a lugar nenhum até descobrirmos como protegê-la. — Ayden derramou mais água fervente no meu copo e me sentou com uma mão firme em meu ombro antes de retornar para o fogão.

— Olha, eu tenho que ir pra casa antes de meus pais começarem a ligar para o escritório do xerife. Você pensa que eu sou irritante? Espere até ter Clyde e Gemma Lahey atrás de você. Falo sobre cachorros com um osso.

— Sim — Blake riu. — A voz da sua mãe pode sair dos alto-falantes a qualquer segundo.

Tristan deu um olhar preocupado sobre seus ombros. — Nós precisamos levá-la pra casa.

— E manter sua segurança. Ela é nossa única vantagem. — Jayden procurou em uma gaveta de mesa. — Eu posso pesquisar sua árvore genealógica por alguma indicação do porque ela é um alvo. Nós vamos juntar escudos em torno da casa dela e –

— O que você quer dizer com ‘vantagem’? E não vá bisbilhotar minha família ou minha casa.

Ayden atirou a chaleira no fogão com um alto estrondo.

—Você não entende? Demônios nunca vadiaram por aqui intencionalmente. Até agora.

Ele caminhou perfurando seu dedo em minha direção. — Procurando por você. Procurando matar você. Qual é sua estratégia brilhante até agora? Correr. E correr mais um pouco. Bem, correr não vai salvar seu traseiro. Nós vamos. Então é melhor você começar a cooperar, se não a morte é uma opção viável.

Matthias ergueu suas sobrancelhas. Eu dei a Ayden o mais sujo olhar que eu poderia dar, agarrei meu chá e me afastei, irritada com seu tom e com o fato de que ele provavelmente estava certo.

Depois de guiar Ayden de volta para a cozinha, Jayden sentou na mesa de café a minha frente, bloco de papel e caneta na mão.

— Aurora — ele disse, tom paciente. — Nós estamos entre os melhores no que fazemos. Ayden está correto. Essas criaturas estão arriscando tudo no



que aparenta ser uma tentativa de assassinar você. Se você é uma ameaça para eles, você é uma vantagem para nós, para o bem em geral. Nós podemos não saber o porquê ou como, mas nós precisamos descobrir e manter você viva.

— Caramba — Matthias suspirou. — Parece como se estivéssemos no dever de guarda-costas.

Eu tamborilei meus dedos contra o canecão. — Eu não posso ter vocês constantemente me seguindo.

Jayden esfregou seu queixo. — Verdade. Mas um de nós poderia enquanto os outros fornecem discretas reservas.

— Até mesmo um seria suspeito — eu disse.

— Não se ele for seu namorado.

Tinha que dar crédito a Logan, ele não falava muito, mas quando falava, era extraordinário. Seu rosto ruborizou sob nossos olhares.

— Excelente observação. — Jayden disse.

— Oh, sim. — Um sorriso travesso acendeu-se através do rosto de Blake. — Nós finalmente poderemos colocar nossas táticas de sedução para bom uso. — Ele dançou ao redor girando uma pá de fogo. — Eu, eu, eu. Eu farei isso. Eu sou perito para namorado/guarda-costas pessoal. Este trabalho tem meu nome escrito!

Meu “Não!” imediato foi ecoado pelo resto dos garotos.

— Bebê. — Blake caminhou até mim com braços abertos. — Isso vai ser divertido!

Eu escapei sobre as costas do sofá.

— Calma, garoto. — Ayden o empurrou fora de direção.

Eu dei de ombros e tentei parecer desapontada diante da expressão machucada de Blake. — Você é apenas homem demais para mim.

Ele assentiu conscientemente.

— Logan? Isso foi ideia sua — Matthias disse.

Os olhos de Logan se incomodaram. Ele recuou balançando sua cabeça branca, dizendo — Não, não, não — e ficando vermelho em cada polegada de pele visível. — Porque você não faz isso?

Matthias e eu trocamos olhares desagradáveis.

— Só sobre o meu cadáver — eu disse.

Matthias desdenhou um sorriso. — Então eu estou dentro.

Eu atirei a ele um seco olhar de desprezo e apertei minhas mãos.

— Isso é ridículo. Eu não preciso de um namorado falso.



— Tristan — Matthias disse, me ignorando. — Você é o vizinho.

Cabelo louro desordenou-se enquanto Tristan balançava sua cabeça. — Ela precisa de um caçador ofensivo.

— Você é sempre tão protetor, Tristan. Por que isso? — Ayden disse, tom significativo.

— Porque é a coisa certa a fazer.

Ayden cruzou os braços. — Confesse. — Tristan olhou furiosamente, mas permaneceu em silêncio. — Tristan esqueceu de mencionar que Aurora—

— É a nossa velha amiga Rory — Jayden finalizou.

Tristan fez um estranho barulho de estrangulamento.

— Rory? — Logan encarou.

— Hey! — o rosto de Blake levantou. — Eu sabia que você parecia familiar! — Dessa vez eu não pude desviar do abraço. Meus pés saíram do chão. Eu acho que algumas costelas racharam.

Logan franziu as sobrancelhas. — Não, você não sabia.

Blake girou e depois me pôs no chão. — Eu sabia que eu gostei dela. E nós compartilhamos uma conexão profunda.

— O que há com está reunião? — Matthias disse.

— Ela é a única pessoa normal que nós protegemos que ainda está viva — disse Jayden.

Ainda viva? Eu pensei em Herman.

Matthias atingiu Tristan com um olhar duro. — Você escondeu isso de nós?

— Eu estava tentando protegê-la.

Com um olhar furioso, Matthias silenciou qualquer outra das explicações de Tristan. — Isso tem alguma coisa a ver com a situação em mãos?

— Eu não vejo razão lógica para essa conclusão — Jayden disse. — No entanto isso nos fornece confiança pré-estabelecida com os pais dela que vão nos permitir entrar na vida da filha deles com relativa facilidade, simplificando muitos aspectos da nossa missão atual. E é bom vê-la de novo. — Jayden me deu um sorriso caloroso.

— Está bem. — Matthias virou um olhar frio a Tristan. — Nós vamos conversar mais tarde, mas você está certo, eu não acho que o trabalho de falso namorado é pra você.

Jayden ficou de pé. — Eu farei isso.



Silêncio. Depois de um momento Ayden falou. — Ahhh, Jayden, você nunca teve um encontro.

Jayden enfiou seu cabelo atrás da orelha e cruzou os braços, seu polegar estalando dentro e fora da articulação. — Nem você.

O que? Sem encontros?

— E você quase reprovou no curso de sedução — Blake disse.

— Blake, isso não é... — Ayden esfregou seus olhos. — E isso não tem nada a ver.

— Eu poderia conseguir um livro — Jayden esclareceu.

— Curso de sedução? — eu disse. — Eu tenho certeza de que não vi isso na grade curricular da escola secundária. — Mas isso certamente explicaria algumas coisas.

— Não é —

Ayden tomou uma tranquilizante respiração. — É um dos cursos de psicologia do Mandatum. A Arte da Persuasão. — Ayden cerrou um sorriso apertado para Blake. — E chamar isso de algo mais é o que fez você ser chutado para fora da classe.

— E com razão! — Jayden disse. — Devemos usar nosso treinamento para entender e ajudar aqueles seduzidos pela influência dos demônios, agindo contra as táticas de sedução deles, não pegando mulheres.

Blake bufou. — Diz o cara que reprovou —

— Quase reprovou — Jayden enfureceu-se — você foi chutado —

— Calados! — Matthias disse.

O australiano olhou para Ayden, que depois de um intervalo, correu uma mão através de seu cabelo negro e suspirou, enviando um preguiçoso sorriso em minha direção. — Acho que eu sou o seu cara.

Pinguins jogavam hóquei no meu estômago. — Nós podemos encontrar outra forma.

— Faz sentido — Matthias assentiu. — Você já começou o rumor. Mas esteja avisado, companheiro. Ela tem alguns movimentos espertos. Se ela abraçar você, resista fortemente. — Ele me deu um olhar. — E amarre-a se for preciso.

Eu enruguei meu nariz. — Com esse charme, como você ainda está solteiro?

Ayden vagou. — Não se preocupe. — Em um borrão de movimento, ele me jogou em um baixo mergulho. Meus braços automaticamente se enrolaram



em torno de seu pescoço, nossos rostos há meras polegadas afastados. Minha respiração parou. Encarar seus olhos fez palpitações começaram no meu coração e uma irritação atrás de meus joelhos começou a se espalhar. — Eu tenho alguns movimentos próprios.

Um silêncio pesado se seguiu, então Blake disse — Isso é tão injusto. Eu sou maior, mais forte, posso destruir demônios com algumas gramas do meu punho, e já que estamos treinando para ficarmos incógnitos, não vamos esquecer que minhas habilidades de caça são toneladas mais sutis que o Sr. Óbvio aqui. — Ele gesticulou em direção a Ayden.

Matthias assentiu. — Você poderia estar certo.

— Não! — Ayden e eu em coro. Ele sacudiu ereto, tão chocado que esqueceu de me levar com ele.

Eu caí no chão.

Ayden direcionou-se a Matthias. — Blake é uma escolha horrível.

— Hey — Blake protestou enquanto me erguia — não fui eu quem acabou de jogá-la. Tão fofo quanto ele seja, bebê.

— Matthias — eu bravejei — você não pode estar sério. — Esse plano inteiro era instável. E Blake como meu “namorado” era o fio de uma crosta de açúcar em um barril de pólvora num bolo de desastre.

O australiano deu de ombros. — Qual a diferença? Enquanto você estiver segura, porque importaria quem protege você? Ou — seu olhar poderia cobrir o Sahara com gelo — você tem uma preferência? Me conte. Eu irei designar quem quer que você deseje.

Bela escolha de palavras. Imbecil. Eu devolvi o olhar frio de Matthias sentindo o resto dos garotos me observar, esperando minha resposta. Ele me tinha. Nós dois sabíamos que ele me tinha. Um calafrio correu através de meus ombros. Um dia eu iria devolver o favor, mas hoje não era esse dia. Tudo que eu podia fazer era ter esperanças que ele fizesse a coisa certa. E se ele não o fizesse, tramar minha vingança.

— Claro que eu não tenho uma preferência. Eu apenas acho todo que esse plano é estúpido.

— Bem — Matthias disse — eu não estou louco por isso também, mas por hora um namorado guarda-costas é o melhor que conseguimos para mantê-la viva. E a melhor escolha para o trabalho... — Ele pausou e virou para Ayden. Eu exalei em alívio. — ... é Blake.

— Sim! — Blake dançou uma dança da vitória entusiasmada.



Eu forcei a mim mesma a reprimir o gemido que acompanhou o buraco no meu estômago.

— Matthias! — Ayden pegou o australiano antes que ele deixasse a sala.

— Ele nunca será um namorado realista para ela.

— Você apenas confirmou minha posição, companheiro. — Os olhos de aço de Matthias olhavam de mim para Ayden. — Isso precisa permanecer falso.



CAPÍTULO

TRINTA E UM

Depois de me deixar em casa, Ayden, o idiota, me dedurou para papai sobre ser eletrocutada por lâmpadas explodidas na rua.

Em modo doutor, papai me apressou para dentro, garantindo que Helsing havia retornado em segurança, pegando sua mala preta, ultrapassada e volumosa, para fazer um exame completo.

— Você parece bem — papai disse, alcançando meus olhos. Alguns arranhões, queimaduras, mas eu passei na inspeção. — Como você se sente? Enjoada? Com tontura?

Balancei a cabeça. — Tudo bem

Ele assentiu. — Vou checar seus sinais vitais pelos próximos dias, de dia e a noite. Qualquer mudança me avise. E, por favor, tenha cuidado. Esse lugar deveria ser mais seguro que a cidade. Pelo menos você encontrou alguns velhos amigos. E eles me disseram o que aconteceu.

Então eu tive que suportar o interminável blah-blah-blah sobre meus novos amigos responsáveis que me resgataram. Eu não podia acreditar que ainda tinha língua, considerando por quanto tempo eu tive que mordê-la firmemente.

Eu chequei três vezes se cada janela e porta na casa estavam trancadas. Quando eu finalmente cai na cama, Helsing sentou na frente da janela que conectava a minha casa com a de Tristan...

O demônio continuou seu discurso enquanto pisava nos pinheiros secos ameaçando incendiá-los com as faíscas que gotejavam de seu corpo. Fogo traria atenção indesejada.

— Uma garota desprotegida, sobretudo, desnorteada com sua própria existência.



Uma corrente elétrica pulsou através das teias iridescentes azuis, pratas e roxas, através da sua forma humana.

— Mas ela é protegida, Fiskick.

A cabeça do demônio virou para a nova voz. Ele procurou na escuridão e se moveu próximo da água.

— Echo? Eu deveria saber. Você arruinou tudo!

Os cacarejos de Echo zumbiam enquanto ele saía do lago, seu formato humanoide formando ondas coloridas. O lago podia ser visto através de seu corpo translúcido, borrado e escuro.

Nuvens cobriam todo o céu, exceto por uma abertura circular por onde a lua brilhava, como se o brilho queimasse um buraco através dos céus.

— Engraçado — A voz de Echo vibrou no ar. — Eu poderia dizer a mesma coisa a seu respeito. Eu poderia ter ido embora essa manhã, se o idiota que você contratou não houvesse matado meu homem. Onde está seu amigo irritante? Procurando besouros entre seus sapatos?

— Não. Seu bandido matou o meu. Eu não ouço dele desde manhã. Onde estão os seus? Comendo o dicionário como carne para aumentar o vocabulário?

Estática estalou durante o silêncio

Fiskick gemeu — Ou os Garotos Malditos o pegaram ou o chefe contratou uma terceira parte — Ele esfregou suas mãos juntas criando um brilho safira. — Eu a tive essa noite, mas ela usou algum tipo de arma. Então os caçadores apareceram. Por que você está aqui?

— Você está rastreando-a faz semanas sem nenhum resultado. O chefe ficou nervoso e me mandou.

Fiskick jogou seus braços, faíscas voaram. — Eles me mandaram para L.A. Me levou uma semana para rastrear a Nex até aqui! E quando enfim eu consegui? Ela mora na casa ao lado de um caçador. Me escondi aguardando ajuda. O que mais eu deveria ter feito?

— Bem, estou aqui agora, vamos nos juntar.

Fiskick ri. — Não, meu amigo. Os caçadores estão preparados e fui ordenado para me afastar. Além disso, não estou interessado em vingança.

— Estou falando sobre a Nex, não vingança. — A fúria controlada na voz de Echo ressoou no ar, forte o suficiente para agitar as folhas das árvores. — Olhe — a voz de Echo ficou mais agradável. — Nós estamos trabalhando para a mesma causa. Dois contra seis nos dá uma chance melhor.



— Sete. A garota tem algumas habilidades — Fiskick hesitou. — O que você tem em mente?

— O chefe nos quer de volta porque os Cacciatori estão chegando perto e se ela ou outros caçadores compreenderem a importância da garota, o Nex vai desaparecer sobre a proteção do Mandatum. Chegar até ela será impossível. No entanto, se distrairmos os caçadores, eles vão errar e nós podemos fazer nossa jogada.

— Distraí-los como?

— Herman. De a ele um gentil empurrão. Faça parecer como se o ódio o levasse até o limite.

— Para fazer o que?

— Matar Jocelyn — As ondas coloridas brilharam mais forte enquanto Echo falava sobre os protestos de Fiskick — Vai parecer completamente não relacionado a Nex. Toda a culpa vai cair em Herman. Se isso falhar, o chefe nunca vai saber que foi a gente, e se der certo, o crédito fica com a gente.

— Como?

— O final do Festival de Inverno. Jocelyn vai estar sem proteção já que ela não está contando seus planos a ninguém. Eu amo provocação adolescente.

— E Herman? Ele é nervoso, mas assassino?

— Você é bom em criar marionetes que façam qualquer coisa que você pedir.

Eu acordei com um peso em meu peito e olhos prateados brilhando em frente do meu rosto. Eu guinchei e golpeei a besta peluda. Um uivo voou através do quarto.

— Helsing! — Ele se preparou e saltou na beirada da minha cama. — Gato estúpido — Enxuguei meu rosto machucado. — Era só um pesadelo. Não precisava disso.

A luz do banheiro era rosa, cortesia do abajur de Cinderela da Luna. Ela disse aos amigos que era meu. Eu deixei. Eu lavei meu rosto na pia.

Sonho estranho. Eu nunca tive nada assim antes. Mais detalhado que uma visão. Eu sabia os nomes dos demônios, o que eles estavam pensando. Eu sabia que vingança era mais importante do que Echo admitiu.



Uma troca de pijamas e uma janela aberta clarearam minha mente, o ar noturno resfriou minha pele. A lua estava brilhando, igualzinho meu sonho. O céu –

Eu olhei novamente estupefata.

Nuvens cobriam todo o céu, exceto por uma abertura circular por onde a lua brilhava, como se o brilho queimasse um buraco através do céu.



CAPÍTULO

TRINTA E DOIS

Eu reprimi um bocejo e me arrastei da cozinha para a porta da frente, me perguntando quem teria a coragem de bater tão cedo. Abri a porta. O equivalente a um expresso triplo sacudiu minhas veias, me deixando muda.

— Bom dia — Ayden disse, após minha falta de articulação continuar por muito tempo.

Eu olhei por cima dos meus ombros.

— O que você está fazendo aqui?

— Sou sua carona — Ayden apontou para seu carro esportivo digno de babar.

— Uhhh — Meu vocabulário do SAT¹⁷ aparentemente perdeu sua chamada nessa manhã.

— Eu sei que estou adiantado, mas —

— Onde está Blake?

— Problemas com o carro. Eu pensei em pegar a vaga. — Ele deu um sorriso encantador. — E você.

— Bem, pensou errado — Eu bati e tranquei a porta na cara dele.

Okay, eu estava ranzinza e Ayden não estava na minha lista “boa”. Um sorriso cruzou meu rosto quando eu ouvi seu tom chateado “Aurora” do outro lado da porta. Eu não tinha concordado em ser pega nesta manhã. Nem por ele, ou por meu novo “namorado” Blake. Sim, Matthias não voltou atrás sobre essa decisão idiota. Eu não estava animada sobre esse cenário, especialmente com Blake, cujas táticas de sedução não eram nada mais do que tanto faz, farei o que tiver que fazer para o bem da minha família.

Ayden era fácil de se olhar. E difícil nos hormônios. Mas ele era arrogante e rude, ainda mantinha segredos e eu não sabia se eu poderia confiar nele e na facção dos Meninos Malditos. Sem mencionar o problema da “instalação segura”.

¹⁷ SAT: Teste para entrar na universidade, similar ao ENEM do Brasil.



Eu ainda estava brava que ele conseguiu entrar no meu quarto ontem à noite, sem convite ou aviso prévio, impertinente e rude. E eu numa toalha? Eu corei. Me pergunto como o Dr. Lahey se sentiria sobre esse comportamento “responsável”.

Eu estava irritada e ainda dolorida do ataque. Sparky – ou Fiskick, se o sonho era real, o que parecia estúpido agora - fez algo para mim. Eu não esperava. Aquilo me preocupou.

E a coisa do afogamento era nova. Quando eu fui mentalmente para onde o demônio estava – debaixo d’água – eu experimentei psicologicamente seu ambiente. Coisas estranhas e assustadoras estavam acontecendo e a falta de sono não ajudava.

— Quem está aí? — Luna perguntou enquanto eu entrava na cozinha.

— Ninguém

Eu sentei no chão em frente às portas francesas para colocar meus tênis.

— Alguém colocou um sorriso bobo no seu rosto

Eu fechei o sorriso que eu não tinha percebido que estava dando, incomodada que eu achava Ayden divertido. O encontro elétrico deve ter queimado meu bom senso. — Casa errada.

— Bom dia

Virei a cabeça e bati no vidro da porta, adicionando outra dor aos meus muitos desconfortos.

A imagem bonita de Ayden, sorrindo e relaxado, entrou na cozinha e encostou no freezer. Esfregando minha cabeça eu observei Luna gesticular o termo “tiete”.

Sua cabeça girou para mim. — Ninguém?

Eu me levantei e me arrependi. Com tontura por várias razões e fora de balanço por só estar com um sapato, eu agarrei uma cadeira e errei. Um braço rodeou minha cintura. Corpo firme. Couro macio. Não era Luna. Aqui estava aquela pequena vibração no estômago e coração. E claro, ele cheirava bem. Sândalo?

Eu empurrei Ayden e peguei um banco.

— Vou buscar papai.

— Luna, estou bem

Ela hesitou, mas Ayden a distraiu com seu bate papo encantador enquanto eu esperava o mundo desacelerar.



— Para você — Ayden retirou da sua jaqueta uma pequena caixa preta de presente, amarrada com um elaborado laço lavanda e jogou em minha direção. Eu me atrapalhei com a pegada.

— Devo esperá-la na sala de estar enquanto você se arruma?

Aquilo me irritou. Presente ou não, ele tem coragem. E como ele entrou na casa? Acrescente invasão em seus muitos talentos. E quem fala assim?

— Uh, ótima ideia — Eu agarrei seu pulso, guiando-o para longe de Luna.

— O que eu posso dizer — ele falou para Luna. — ela está sempre morrendo para me ter sozinha.

A risadinha de Luna parecia a de uma criança de dois anos.

— O que você está fazendo? — Eu sussurrei para ele enquanto nos afastávamos.

— Esperando você ficar pronta — Ayden olhou seu relógio. — Sem pressa.

— Sim, tem pressa. A de você cair fora da minha casa — Eu disse cutucando seu peito.

Um sorriso divertido cruzou seu rosto, mas ao invés de se afastar ele se aproximou. Bem devagar. Minha temperatura subiu, mas eu não me afastei, tremendo como estava. Seu rosto escovou meus cachos e seus lábios estavam perigosamente perto quando ele sussurrou em meu ouvido — Um cavalheiro busca sua dama e dirige com ela até a escola. E — Ele indicou a caixa em minha mão — traz presentes.

Minha mão em seu peito sentiu seu corpo através da camiseta, e eu o empurrei. Ele não resistiu, apenas deixou o impulso levá-lo para o sofá atrás de suas pernas, reivindicando todo o espaço como seu. Ele parecia confortável. Perturbador. Definitivamente perturbador.

— Deus — Eu sorri afetadamente. — Então eu deveria esperar meu namorado de verdade aparecer e me dar um. É melhor você vazar, dar o fora, antes que ele chegue e te bata. Afinal ele é grande e forte.

Ayden me deu um sorriso apertado. — Eu vou me arriscar. Agora, o quanto antes você se aprontar mais rápido sairemos daqui. Vamos, abra seu presente.

— Esqueça. Não tem “nós” vamos. Você pode nos seguir, mas por enquanto, fora. E pegue isso.



Eu joguei a caixa. Sem soltar meu olhar ele pegou com uma mão. Seu olhar me envolveu. Eu engoli o repentino calor subindo pela minha garganta, ameaçando acabar com a minha determinação e partir meus lábios num suspiro.

— Aurora! — Lucian trovejou descendo as escadas. — De quem é o carro — Uau — ele olhou boquiaberto para Ayden.

— Ele está saindo — eu disse.

— Não sem você — Ayden disse. — E para registro, eu não sou do tipo que “foge correndo” no primeiro sinal de problemas. — Sua voz baixou. Uma sobrelha arqueou. — Você é?

Com os lábios apertados, eu murmurei — Dificilmente

— Então estamos de acordo — Os ombros de Ayden relaxaram. — Vou te levar para a escola

Luna se juntou a nós. — Nós podemos jogar vídeo game enquanto você espera.

— Claro — Ayden concordou.

— Não — Eu apontei para a porta da frente. — Saia.

Ayden parecia como se ele tivesse acabado de ter uma epifania — Eu poderia dar uma carona a todos vocês.

— Definitivamente — os traidores disseram em coro.

— Ótimo — Ayden deu um sorriso irresistível — Estarei pronto quando você estiver.

Lucian parou de disparar no vídeo game.

Eu mordi meu lábio. — Isso é gentil, mas meu pai não-

— Já aprovou. Eu o vi lá fora. Ótimo cara. — Ayden tirou um cacho do meu rosto enquanto passava.

Cerrei meus punhos e encarei suas costas enquanto ele desaparecia no corredor — Ótimo cara — eu imitei em tom infantil.

Luna cruzou seus braços — O que está acontecendo?

— Nada

Ela bufou. — Por favor, vocês dois estão por aí com excesso de feromônios. Oh, não negue. Ele gosta de você. Você gosta dele, você está apenas assustada. Bem — ela olhou atrás dos seus ombros e baixou a voz — a menos que você me diga que ele é algum assassino psíquico maluco... — Eu rolei os olhos e balancei a cabeça.



— Então eu não vou deixar você estragar isso para si mesma. Seu status assustador de eremita está definitivamente acabado. Você está enlouquecendo todos nós. Ele é quente – seu carro também – educado, articulado, e sim, eu sei o que isso significa, e ele te traz presentes. O que há para não gostar? Dê uma chance. Lucian e eu vamos vigiar.

Eu caí no sofá, jogando a cabeça para trás e encarando o teto, ouvindo os fracos sons da aniquilação alienígena vindo do corredor. Bem, aqui estamos. Não apenas Ayden se infiltrou na minha base com sucesso, mas ele virou meus aliados contra mim.

Ele vai pagar.

Alguma coisa cutucou minha coluna e eu puxei. Eu pensei em jogar o presente de Ayden através da sala. Até eu desamarrar o laço e abrir. O papel de lavanda rangia enquanto eu colocava as bordas de lado.

Meus dedos trouxeram um impressionante conjunto de lindas correntes de ferro.



CAPÍTULO

TRINTA E TRÊS

— Você tem um cheiro bom — disse Ayden enquanto ele me ajudava a entrar no carro.

— Sim — disse Lucian do banco traseiro tamanho-lata-de-sardinha. — Desde quando você usa perfume?

— Cale a boca. — Eu corei com o sorriso largo de Ayden.

Eu não me iludia. Ayden era charmoso para que ele pudesse ficar perto, mas eu não podia negar seu carisma sedutor e todo o pacote legal que Luna e Lucian devoraram como doce. E eu estava usando perfume. Merda.

Pneus cantando pararam atrás de nós. Um híbrido balançou a uma parada furiosa e, como um truque de mágica, Blake revelou sua enorme estrutura no carro compacto. Ele usava uma camisa de abotoar sobre uma camiseta clara, jeans que realmente pareciam passados, e os seus cachos estavam com gel em alguma aparente tentativa de ordem.

Ele fez uma pose dramática, as mãos nos quadris. — Es tu, Judas?

Não se incomodando com o teatro, Ayden disse — Eu não sei do que você está falando.

Blake apontou um dedo acusador. — Eu sei que você derreteu os fios do meu motor. Pensei que você fosse inteligente. Mas você não é o único com capacidade mecânica.

— Você chamou Logan, não é?

— Claro que eu chamei Logan. Ele é meu mecânico competente. Mas esse não é o ponto. O ponto é que ele está consertado e eu estou aqui a tempo de pegá-la. Portanto, apesar de sua traição com a sabotagem, eu estou pronto para levá-la para a escola. Aurora, por favor, saia do —, ele olhou para o carro de Ayden — carro super exótico esportivo e entre em meu... híbrido prático. — Seu rosto caiu em miséria. — Vamos lá, cara, como vou competir com — ele lançou a mão para o carro de Ayden — isso!?

Ayden encolheu os ombros. — Você não pode. — Ele se moveu para fechar a porta, mas Blake agarra a parte superior.



— Un-uh.

Ayden e Blake se olharam fixamente.

— Oh. Meu. Deus — soltou Luna do banco de trás de Ayden. — É um triângulo amoroso.

Todos olhamos para ela como se tivesse brotado um alienígena de sua cabeça. — É como no meu livro. Dois caras atrás de uma menina e-

Eu gemi. — Isso é ridículo. Luna, isso não é um triângulo amoroso.

— Diz a menina no meio do triângulo amoroso. — Luna ignorou meus protestos e continuou. — Não é um menino mágico, mas dois. Eu tenho que chamar Danica. Ooooo — ela grita e bate palmas — nós poderíamos ter times. Time Ayden e Time Blake. Com camiseta, botons, e —

— Eu poderia fazer um site — Lucian se ofereceu.

— Não! — Minha voz era aguda de pânico. — Sem times. Sem camisas. S-

— Eu te dou algumas fotos — disse Blake, aproximando o rosto de Luna e Lucian. — Já me disseram que a esquerda é o meu melhor lado. O que você acha?

— Aurora está certa — disse Ayden. — Isso é loucura. Blake, você pode nos seguir.

— Cara, você sabe que ninguém iria escolher o Time Ayden. Você só está com ciúmes.

— Isso não é verdade. Meu time seria muito maior do que o seu.

— Arrisque-se a sonhar, homenzinho, arrisque-se a sonhar.

— Concorde em fazer uma aposta sobre isso?

— Absolutamente.

— Tudo bem. Sobre como-

— Vocês dois calem a boca! — Eu me empurrei para fora do carro. — Blake, eu vou com você, mas — eu apontei o dedo em aviso — sem coisas engraçadas.

Ele levantou as mãos em sinal de rendição. — Serei um perfeito cavalheiro. Prometo.

Eu olhei para Ayden. — Como se eu não tivesse ouvido isso antes, mas vamos lá.

— Oh, yeah! — Blake lançou o punho no ar, experimentando alguns giros de quadril estranhos, e sorriu para Ayden. — Um ponto para o Time Blake.



Ele me conduz dramaticamente pelo trajeto, brincando de guia enquanto ele zombava da vegetação indígena.

— Vamos lá, Blake. — Eu estava implorando por toda a viagem. — Me conte alguns segredos sobre caçar demônio.

— Ok —, ele cedeu. — Assim que você me disser o que está acontecendo com você e Ayden.

Engulo em seco. — Nada.

— Sério? — Ele olhou no espelho retrovisor. — Porque ele está a dois centímetros do nosso para-choque desde o começo e se eu fosse do tipo ciumento-

— Não há nada acontecendo entre mim e Ayden. — Eu afundei de volta no meu lugar. — Então não há nada acontecendo comigo e demônios.

Olhamos para a frente em silêncio até Blake dizer — Quer conversar sobre plantas?

— Eu adoraria conversar sobre plantas.

E, rapaz, nós conversamos.

Na escola, Ayden estacionou ao meu lado, pulou para fora do carro, e veio abrir a minha porta. Mas Blake se inclinou sobre mim e fez um show de clicar trancando a porta com o controle remoto.

— Desculpe, cara. Vá perseguir outra pessoa.

No tempo que me levou não encontrando o botão de destrancar, Blake saiu do lado do motorista e se moveu em torno do carro para sair fora do caminho de um Ayden enfurecido e abrir a minha porta.

Ele ofereceu uma mão. — Madame.

Atirei-lhe a minha mochila e sai sozinha, empurrando os dois enquanto passava. — Vamos lá, querida, não deixe Ayden estragar o nosso momento.

— Eu? — A voz de Ayden rosna. — É você quem...

— Parem de fazer cena! — Eu assobieei, notando os olhares estranhos que estávamos recebendo de outros estudantes. Eu pisei para trás e peguei minha mochila, mas Blake manteve seu aperto. Eu a puxei. — Solte.

— Não. Eu tenho que levar seus livros e levá-la até a sua aula.

— Não é necessário —, eu disse com os dentes cerrados.

— Você ouviu ela falando. — Ayden tentou arrancar a mochila de Blake. Os dois acabaram em um cabo-de-guerra, xingando um ao outro com as vozes se elevando.

Luna olhou extasiada. — Tão legal.



Ayden deu um puxão duro e a alça na mão de Blake se rasgou em duas. A mochila voou pelo ar e me bateu na cabeça.

— Eu não preciso de gelo. — A bolsa com cubos de gelo estava derretendo dentro do saco Ziplock. Ayden não a pegava de volta.

— Mantenha no caso de você ter uma dor de cabeça.

— Cara, você bateu na minha menina. Tenho que desafiá-lo para um duelo. Meu time exige retribuição.

— Ela não é sua garota.

— Ela poderia ser minha garota.

— Ela nunca vai ser sua garota.

— Por que você está tentando se apropriar da minha garota?

— Eu não estou tentando-

— Por que não? O que há de errado com a minha garota? Você não acha que ela é gostosa? Sexy? A fantasia final?

— Sim... não... quero dizer-

— O que você quer dizer? Ela é quente ou não é. Eu digo que ela é gostosa. O que você diz?

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Sim, Ayden, o que você diz?

Ayden pigarreou. — Eu digo que você tem que ir para a aula de inglês.

Ele pegou meu cotovelo e me guiou pelo corredor. Ele não olhou para mim, mas eu podia jurar que ele estava corando.

No final de cada período, um ou ambos estavam esperando para me acompanhar até minha próxima aula. Quando eu tentei escapar deles antes do almoço fingindo estar doente e saindo da aula mais cedo, uma fada cintilante em tons vermelhos de fogo e expelindo poeira de pimenta em pó deve ter me dedurado. Ela zuniu no final do corredor quando saí da sala e, com as chaves tilintando, Ayden chegou momentos depois. Adivinha a quem ela pertencia.

— Olá, linda. — Voltando a si próprio, ele passou o braço em volta dos meus ombros e deu um sorriso carismático. — Não está tentando se livrar de mim, está?

— Tentando, mesmo sem efeito.



Minhas tentativas de afastá-lo eram completamente rudes, mas não o perturbavam. E em algum canto da minha mente, eu poderia ter gostado.

No refeitório, Ayden carregou minha bandeja e me levou até a mesa de costume no pátio para se juntar a todos os meninos, exceto Blake, que chegou dez minutos atrasado vestindo roupas de educação física, e suando.

— Enquanto eu estava no chuveiro, minhas roupas desapareceram misteriosamente do meu armário. Sabe alguma coisa sobre isso, Ayden?

— Quanto menos eu sei sobre você no chuveiro, melhor.

— Muito engraçado. Felizmente eu não sou de guardar rancor. Tudo é justo no amor e na guerra, certo? — Ele assobiou para Luna e Danica se juntarem a nós - apesar de Matthias rosnar - e riu, brincou, e falou sobre filmes, música, escola, e outras coisas de adolescentes normais. Foi muito divertido. E tão normal que era estranho.

Os estudantes estavam boquiabertos, mas as únicas que se aproximaram foram duas meninas risonhas perguntando se Logan queria ser seu parceiro de dança. Ele fazia bastante sucesso com suas habilidades de dança loucas, me fazendo igualmente boa, e tornando-se a nova mercadoria quente.

— As meninas adoram um menino que sabe dançar — murmurei.

Logan corou. Matthias rosnou. As meninas foram embora apesar de Blake lamentar. — Embora você ainda seja o meu número um, querida — ele me assegurou.

Herman disparou olhares furiosos do outro lado da cafeteria e sussurrou com sua comitiva, mas nenhum confronto veio.

No final do dia, Ayden era o único me esperando.

Eu cruzei os braços. — O que você fez com Blake?

Ele levou a mão dramaticamente para seu peito. — Eu? Nada. Acontece que Jayden precisava desesperadamente da ajuda dele em um projeto vital. — Ele enfiou a mão na minha, pegou a mochila pesada, e me levou até seu carro, onde os gêmeos esperavam.

— Blake? — perguntou Luna.

— Ardendo no inferno. — Ayden levou a mão ao alto - sinalizando para meus dois irmãos se moverem para o banco de trás.

Ayden segurou minha porta e eu escorreguei dentro com um rolar de olhos — Você poderia atuar menos — eu sussurrei.



— Quem está atuando? — Ele sorriu e se inclinou, o rosto perto do meu. Mesmo eu estando preparada para o beijo que parecia inevitável, apesar da plateia, ele roçou passando a fivela do cinto de segurança. Eu suspirei. Meu próximo fôlego veio com seu aroma, sempre misturado com o cheiro de couro, e eu tinha vontade de correr os dedos pelo seu cabelo.

Ele fez uma pausa. — Você está bem?

Minha língua parecia seca de repente, atada em nós. — Sim, por quê?

— Eu não sei. — Ele passou a parte de trás de seus dedos contra a minha bochecha. — Você parece um pouco corada.

Corada? Ah, sim, você poderia dizer corada. Muito. Risos vieram do banco traseiro e o meu rubor se intensificou.

Ayden sorriu. Momentos depois, acelerou para fora do estacionamento. Em um bistrô exótico, ele nos comprou cafés com nomes da realeza europeia, em seguida, nos trouxe para casa. Os gêmeos dispararam, jorraram obrigados, e eu fui praticamente ignorada até a entrada da garagem.

Eu tive que esperar por ele para abrir a minha porta e tolerar a mão no meu cotovelo me ajudando. Eu teria fugido, mas ele impediu minha fuga com as mãos em cada lado da minha cintura, me prendendo contra o carro.

As chaves penduradas em seu bolso golpearam meu lado quando ele se inclinou para postar os lábios contra meu ouvido. Fechei os olhos. Seu toque acendeu o fogo até a minha espinha.

— Você esqueceu de mencionar que já colocou escudos em volta de sua casa.

— Eu o quê?

Ayden recuou, confuso.

— Você não colocou um escudo protetor?

— Os escudos que encontrei na Internet envolvem sacrifício humano e pagar com o meu primogênito, então não, eu não coloquei um escudo ao redor da minha casa.

Silêncio.

Ele coçou sob o queixo.

— Vamos examinar isso. Vamos duplica-lo de qualquer maneira, então permaneça em casa. Ligue se precisar de alguma coisa. Tristan e um ou mais de nós estará vigiando. Sal é útil para manter por perto. Barato. Fácil de encontrar. Coloque um saco em sua bolsa. Não vai matar, mas é como spray de pimenta para demônios. Pode lhe dar algum tempo. — Ele se endireitou. —



Agora sorria como se estivesse se divertindo. Parece que você está prestes a vomitar.

— Não estou.

— Bem, você não parece que está aproveitando um dia fabuloso com o campeão de suas afeições. Pelo tanto que Luna e Lucian estão observando e, tanto quanto eles estão preocupados, eu sou seu novo namorado absolutamente encantador e irresistível.

Eu ri.

— Assim é melhor. — Ele me acompanhou até a porta, apesar dos meus protestos, e ergueu a minha mão aos seus lábios, murmurando — Até mais tarde.

Luna e Lucian estavam esperando de braços cruzados e disseram em uníssono — É melhor você não despachá-lo — e então foram embora. Às vezes, eles eram muito gêmeos - idênticos.

Tudo somado, era um dia estranho.

E ainda não tinha acabado. Terminei de fazer biscoitos com Selenia, com Oron ajudando no chão da cozinha batendo panelas e tampas, o que foi reconfortante em seu caos de família normal, quando os gêmeos entraram.

— Vamos limpar — disse Luna.

Eles começaram a lavar e secar os pratos. Oh, rapaz. — O que vocês querem?

Eles trocaram olhares de esperteza.

Luna disse — Bem, Rory, a melhor irmã do mundo.

Uh-oh.

— Do universo — acrescentou Lucian.

Duplo uh-oh.

— Que faz os melhores biscoitos de chocolate no-

— Parem com isso.

— Tudo bem. Você poderia perguntar ao seu novo namorado se ele nos levaria para a fogueira?

— O que é isso?

— Danica chamou. — Luna estava esfregando vigorosamente. — Uma das escolas particulares do outro lado do lago vai fazer uma festa de fogueira na praia.

— Em um campo assombrado velho e abandonado — disse Lucian na sua voz assustadora. — Mwahaha.



— Um bando de gente que eu não conheço? Parece divertido — Eu brinquei.

— Você pode mostrar o seu novo namorado sexy — disse Luna.

— Para uma multidão de pessoas que não conheço? Deixe-me pensar. E... não.

— Vamos — Lucian lamentou. — Festas da fogueira acontecem apenas no inverno e perdemos as outras. Este é o fim do Festival de Inverno porque a estação de verão começa em breve e-

— Do que você chamou?

— A fogueira.

— Não — eu disse. — O inverno. É o fim do Festival de Inverno?

Luna parou de lavar. — Foi o que Danica disse. O que há de errado? Você está mais branca do que o habitual.

Os demônios no sonho da noite passada, ou o que fosse, disseram que fariam Herman matar uma garota chamada Jocelyn no fim do Festival de Inverno. Se isso fosse real, o que parecia provável agora, eles planejavam matar alguém. Por minha causa.

— Qualquer um pode ir? — Eu perguntei com pressa.

Luna e Lucian trocaram olhares preocupados.

— Você deveria conhecer alguém naquela escola, mas um monte de gente por aqui vai. Danica vai.

E Herman? Provavelmente.

— Como eu disse. Muito perigoso, Aurora.

Em vez de gritar no telefone, joguei um travesseiro em meu quarto e revesti minha voz com mel. — Mas eu tenho você.

— Por que você quer ir? — Ayden não se preocupou em esconder sua suspeita.

— Eu te disse-

Ayden bufou. — Vamos. De repente você tem um desejo de ir para a fogueira? Desculpe, mas você não é o tipo de garota que fica no meio de festas selvagens-e-multidões.



O cara me conhece há um par de dias e acha que me conhece? Ugh. Bem, na verdade ele conhecia. — Normalmente, talvez, mas eu tenho esse sexy, novo namorado que eu quero mostrar.

— Ok — ele riu. — Agora eu sei que você está mentindo.

Abracei o telefone em meu peito e saltei para cima e para baixo, fazendo barulhos normalmente ouvidos em um matadouro.

— O que foi isso? — Disse ele quando eu coloquei o telefone de volta no meu ouvido.

— Nada.

Ele fez uma pausa. — Você está bem?

— Eu só preciso ir para a fogueira e-

— Precisa?

— O quê?

— Você disse que você 'precisa' ir. É muito diferente de 'quero.' O que está acontecendo? Olha, eu estou indo. Vou pedir pizza, pegar um filme, o que você quiser. Nós podemos falar sobre o que você não está me dizendo, mas você não vai a lugar nenhum.

Clique.

Sufocando o desejo de lançar o telefone do outro lado da sala, eu me envolvi em algumas contorções de yoga dignas de frustração, então suguei respirações profundas. Helsing se sentou em uma cadeira no canto, cauda abanando, e olhos zombando.

— Não olhe para mim assim. Eu não posso contar o que eu sei. Eu nem tenho certeza se eu acredito nisso. Eu não tenho tempo para convencê-los.

Momento da lâmpada elétrica.

Procurei em minhas prateleiras e peguei o saco plástico com as penas da Gloria. Quase rasgando o saco ao arrebentar o fecho, eu esfreguei a pena branca e azul da ponta para baixo entre meus dedos. Olhos fechados, eu repeti o nome dela. Primeiro suavemente depois mais alto quando não recebi nenhuma resposta. Abri um olho e observei. Nada. Eu tentei a ponta cor de laranja. Ainda nada. Exceto Helsing aos meus pés com uma expressão “O que você esperava?”

Bem, tão embaraçoso quanto parecia, porque não deu certo, eu imaginei um cenário em que eu fazia o papel de Aladdin. Mas nenhuma névoa branca se movendo trouxe Gloria me dizendo o que fazer e como fazer para dar tudo certo com o mundo.



— Ai! — Helsing mordiscou meus dedos. — O que você está- ow! — Eu deixei uma das penas flutuar para baixo. Helsing a pegou na boca, pulou na minha cama e colocou a pena debaixo de seu queixo. — Isso é... diferente.

Verifiquei a rua e nada de Ayden. Ainda. Ele se recusou a me levar de qualquer maneira e prometeu me manter presa em casa. Eu precisava proteger essa garota Jocelyn. Se ela se machucasse, ou pior – morresse – isso ficaria na minha cabeça. Morta, cabeça. Ei, isso rimou¹⁸. Ok, eu estava enlouquecendo. Eu precisava de um plano.

¹⁸ *(no inglês é dead, head)



CAPÍTULO

TRINTA E QUATRO

Ayden teve que olhar duas vezes quando estacionou na minha casa, rindo enquanto saía do carro e caminhava em direção à luta.

Eu gritei — Blake, você não tem direito de - Lucian faça alguma coisa!

Em pé a vários metros de distância, Lucian riu alto- um riso agudo. — Ah, certo.

Luna segurou Oron mais alto no quadril e agarrou a mão de Selena. Luna estava se esforçando para manter uma cara séria, mas Selena tinha perdido totalmente, abafando risos no brinquedo de pelúcia que amava apertar contra o peito.

Em nosso gramado da frente, Blake tinha me atirado por cima do ombro como um saco com furões se contorcendo. Eu bati em suas costas novamente.

— Ponha-me no chão seu grande idiota!

Eu ouvi o sorriso em sua voz. — Eu tenho sido um menino muito mau. Me bata, querida.

— Oh, cale-se, Blake! — disse Tristan. — Você não está ajudando. Aurora, acalme-se.

— Eu não penso assim. Vocês estão me mantendo refém. Luna, chame a polícia!

Luna, Lucian, e companhia se aproximaram de Blake. Luna disse — Olha, Homem Hulk, isso não é bom para o Team Blake então você-

— Ei, pessoal. — Disse Ayden.

— Hey — os gêmeos cumprimentaram. Selena acenou. Oron agarrou o nariz de Luna.

Visivelmente aliviado, Tristan disse — Porque você demorou tanto? Ela tentou fugir.

— Eu a peguei. — Blake deu um tapa na minha coxa.

— Como você se atreve! — Eu gritei.

— Você está certa, querida. Me puna. Me machuque.



Afirmar várias opiniões desfavoráveis sobre a saúde mental e higiene pessoal de Blake.

— Blake — Ayden tentou não rir enquanto guardava as chaves em seu bolso. — Coloque-a para baixo.

Uma elegante BMW preta guinchou na rua e Matthias saltou para fora, sem se preocupar em fechar a porta antes de caminhar cheio de tensão.

— Você chamou Matthias? — disse Ayden.

Blake apontou para o loiro. — Tristan entrou em pânico.

— Eu não- bem, entrei em pânico.

Ayden suspirou. — Luna, Lucian, por que vocês não colocam todos pra dentro? Eu vou cuidar disso.

Os gêmeos trocaram um olhar, mas não se mexeram.

— Olha, não podemos deixar a nossa irmã, você sabe... com um monte de caras que não conhecemos, e nesta — Lucian acenou com a mão para a cena — situação. Nossos pais não estão em casa ainda e...

Ele deu de ombros, desconfortável, mas ficou onde estava. Às vezes eu realmente amava a minha família.

— Você está certo. Dê-me um minuto com a Aurora — Ayden olhou pra Blake — para baixo. Vamos entrar, pedir uma pizza, assistir a um filme, e todo mundo pode relaxar.

Lucian assentiu e levou o grupo familiar à beira do gramado quando Matthias chegou.

— Ei, caras. — Blake sorriu. — Ela é uma mão-cheia. — Ele se moveu para me bater de novo.

Ayden estalou — Blake!

Matthias agarrou o pulso grosso do cara grande e lançou um olhar em direção a minha família. — Toque-a de novo e você vai se ver comigo. O que no inferno sangrento está acontecendo?

Eu contorci ao redor. — Eu vou te dizer o que está acontecendo. Ele me agarrou como um grande pretendente a homem das cavernas.

Blake suspirou. — Eu perguntei se estava bem esperar Ayden, mas você fugiu.

Eu bufei. — Isso não lhe dá o direito de me atacar.

— Ela está certa — disse Matthias. — Coloque-a para baixo.

— Não é uma boa ideia — ela vai correr.



— Aurora — Ayden fez sinal para Blake se virar. Eu grunhi, cabelos vermelhos balançando sobre o meu rosto. — Você quer que eu diga a sua família por que você precisa ficar em casa?

Matthias acrescentou em voz baixa — Ou melhor ainda, deixá-la fugir, se matar, e os deixar de luto?

Mãos apoiadas contra as costas largas de Blake, eu os olhei pelo meu cabelo. — Tudo bem. Faça-o me colocar para baixo.

Assim que meus pés tocaram o chão, eu empurrei Blake. Ele não se moveu. O olhar letal que eu atirei a ele não fez nada. Finalmente, o meu pé se conectando a sua canela o fez estremecer.

— Só estou tentando mantê-la segura, passarinho. Aqui, você está com um pouco de grama. Ow!

Eu bati em sua mão e o pensamento de infligir mais dor iluminou meu dia.

Tristan se virou para Ayden. — Nós estávamos observando, porque você disse que ela estava agindo de forma estranha. Ela voou para fora da casa e se dirigiu para rua. Nós gritamos. Ela não parava e —, ele gesticulou para Blake que se curvou —, ele cuidou dela.

Eu olhei. — Eu teria conseguido se a rocha aqui não tivesse praticamente pulado na minha frente. Você só me pegou porque eu tropecei.

— Tudo o que a ajude a dormir à noite, passarinho.

— Cale-se, Blake. Nós não precisamos desse tipo de galanteio. Você está de folga de ser namorado. — Matthias cortou o protesto de Blake com um olhar muito venenoso. Pensei que cianeto estivesse prestes a disparar de seus globos oculares.

Blake me deu um olhar lastimável. — Acho que não podemos lutar contra isso, querida. Nosso amor estava condenado, assim como Romeo e Cleópatra. Ayden, ela é toda sua.

— Você não pode simplesmente me dar a Ayden.

— Sim, má ideia — Ayden sorriu — já que eu estou cansado de ser espancado por todos os seus reais pretendentes a namorados.

Eu coloquei minha mão atrás da minha orelha. — O que é que eu ouço? Oh, o som de alguém fugindo.

— Fu- o quê? — disse Matthias.



A irritação brilhou em Ayden quando ele abriu a boca para responder, mas o Australiano o cortou. — Não importa. Eu não quero saber. Ótimo. Se não Ayden, eu sou o que sobra.

Eu quase engasgo. — Ayden, você está dentro.

Matthias brincou — Eu estou arrasado — então olhou por cima do ombro. — Vou falar com eles. — Ele nos deixou para abordar minha família. — Desculpe por isso, companheiros. Apenas um mal-entendido sobre-

Selena gritou de alegria. — Você é da Austrália! — Matthias congelou quando ela correu para a frente e empurrou seu brinquedo para ele. — Bubbles é da Austrália. Ela é um ornitorrinco. Você pode segurá-la. — Quando Matthias não se moveu, ela pegou a mão dele e colocou Bubbles nela. — Você teve um ornitorrinco quando morava na Austrália?

— Uh, não.

— Tudo bem. Nós podemos compartilhar Bubbles. Eu tenho um livro sobre a Austrália. E ornitorrincos. Quer ver? Venha, eu vou te mostrar. — Selena agarrou a mão de Matthias e depois que ela puxou algumas vezes, surpreendentemente, ele a deixou levá-lo para a casa. — E você pode me contar sobre a Austrália. E eu fiz biscoitos de chocolate. Eu gosto de mergulhá-los no leite. Você faz isso na Austrália?

— Você tem leite com chocolate? — disse Matthias enquanto a seguia para dentro da casa. Era como uma outra dimensão.

Luna sussurrou algo para Lucian. Ele acenou com a cabeça e ela e Oron entraram em casa.

Ayden, após um profundo suspiro, deu um aceno tranquilizador a Lucian e me levou para longe.

— O que está acontecendo?

Dei-lhe um olhar desesperado, implorando. — Eu quero ir para a fogueira.

Sua testa enrugou. — Agora é 'quero'. Antes era “preciso”. Qual é? — Sua mão passou seu cabelo. — Confie em mim. Diga-me o que está acontecendo.

Eu mantive meus olhos fixos nos dele. — E se eu lhe pedisse para confiar em mim e me levar para a fogueira, sem perguntas?

Ele tinha que ter visto o ligeiro tremor de meu lábio inferior, mas ele balançou a cabeça. — Fale comigo.

Decepção escureceu meu coração e eu deixei cair meu olhar. Ele não poderia quebrar suas preciosas regras e protocolos. Ele não confiava em mim.



Eu estendi a mão. As chaves tintilaram quando os meus dedos roçaram seu quadril. Eu me inclinei para frente e apoiei a testa no peito dele. Sólido. Forte. Desconfiado. Tristan e Lucian tinham olhares perplexos. Blake deu a Ayden um “joia” com o polegar. Eu exalei quando sua mão hesitante acariciou meu cabelo.

— Aurora, eu sinto muito.

Minha cabeça se ergueu, com um sorriso triste nos meus lábios. — Eu também — eu respirei, então recuei e levantei uma mão. Chaves tilintaram das pontas dos meus dedos.

Suas mãos alcançam seu quadril, procurando as chaves que ele sabia que não estariam lá. Ele olhou para baixo para confirmar que eu havia as tirado do bolso, então ele me assistiu lançar as chaves forte, rápido, e longe, grunhindo com o esforço. Elas desembarcaram nos arbustos de alguns vizinhos. Ou em uma árvore. Eu não tinha certeza.

Mãos nos quadris, eu o enfrentei.

A base da sua mandíbula estava fechada. — Isso foi maduro.

Eu dei de ombros. — Eu pedi para você confiar em mim.

A luz solar brilhou em seus olhos colocando para fora o gelo — E eu lhe pedi para confiar em mim.

— Acho que nós dois perdemos.

Ele sacudiu sua crescente fúria e se moveu para encontrar suas chaves, acenando para Blake e Tristan ajudarem. — Movimento corajoso, querida — disse Blake quando ele passou.

Eu os assisti ir, um pedaço do meu coração caindo, e me aproximei de Lucian. — Eu vou para a fogueira. Certifique-se de que pelo menos um deles me siga.

Confuso e franzindo a testa, Lucian ficou mudo quando eu corri para o carro de Ayden. O início de um sorriso diabólico no meu rosto. Eu chacoalhei as chaves de Ayden no ar para ajudar Lucian. Em um instante eu estava atrás do volante e derrapando para fora da rua.

Olhei no espelho retrovisor, e imaginei a cena.

Enquanto os três meninos malditos olhavam para a rua agora vazia, imaginei Lucian enfrentando olhares em seu caminho. Possivelmente uma espécie de um aceno frágil e um murmuro trêmulo — Oh, merda.

A dois gramados de distância, Blake seria o único capaz de comunicação verbal. — Cara, ela acabou de roubar o seu carro?



Tomar emprestado o carro de Ayden? Não era a minha primeira escolha.

Plano A Correr para a loja de flores e fazer mamãe me deixar usar a van. Blake e Tristan estragaram esse.

Plano B Convencer Ayden a me levar para a fogueira. Sem confiança o suficiente entre nós e tudo o que tinha, bem, o Plano C teve que explodir para fora da água.

Plano C roubar as chaves de Ayden, uma troca rápida e ele acharia que eu joguei suas chaves quando eu na verdade joguei as chaves da van, e enquanto ele vai para recuperá-las, eu roubo (pego emprestado) o seu carro e chego à fogueira. Eu tinha pegado a ideia da Internet.

Plano C incluía um menino maldito, ou dois, ou seis me seguindo, então eu teria ajuda com os demônios tentando matar Jocelyn. Segurar a direção apertada ajudou as minhas mãos a pararem de tremer. Escuro desceu rapidamente nas montanhas. Eu esperava que eu estivesse atrasada demais e pressionei o pedal até o fim.



CAPÍTULO

TRINTA E CINCO

— E você é?

A menina não gostou de eu interromper sua conversa com o cara, mas ela permaneceu agradável. — Ashley Monroe.

— Ah. — Eu não podia esconder a minha decepção. — Conhece Jocelyn?

A expressão da menina mostrou suspeita. — Por que quer saber?

Eu dei de ombros. — Então você conhece?

— Não era você que estava saindo com Ayden hoje? — perguntou uma garota que eu reconheci da escola.

— Sim. — Eu estava recebendo muitas perguntas do tipo. Talvez isso me desse um pouco de credibilidade nas ruas. O que quer que fosse. Ashley sacudiu a cabeça, agarrou o braço de um cara, e saiu rapidamente.

Eu já estou na festa a quase quinze minutos e apesar de perguntar a um zilhão de meninas seus nomes, não encontrei a que eu procurava. De acordo com aqueles que o conheciam, esta não era a festa de Herman. Era improvável que ele fosse aparecer. Eu esperava por isso.

Grandes fogos ardiam na praia, e alguém se atreveu a colocar mais madeira nos empilhados. As chamas ficaram altas o suficiente para chamuscarem as nuvens e aquecerem a brisa da noite fria, o cheiro doce de pinheiro queimando era forte. Mesas de piquenique e cobertores estavam espalhados pela areia. Cabanas em ruínas foram vistas mais para trás do perímetro da praia, um teto desabado por uma árvore caída. A única luz lançada ficava ao lado dos fogos que faziam sombras piscando, o que tornava difícil dar uma boa olhada em indivíduos na multidão fervilhante. Nada de Jocelyn, nada de Meninos Malditos, e nada de Sparky ou Herman também.

Eu sentei na mesa vazia ao lado do fogo, ficando longe o máximo possível do tráfego de pedestres. Baixei a cabeça e estendi as palmas das mãos para a frente para sugar o calor da fogueira.

— Finalmente abandonou sua sombra?



Eu pulei quando Herman deslizou ao meu lado.

— Não se preocupe. Eu não vou morder. — Ele me deu o seu melhor olhar sexy de soslaio. — A menos que você goste disso.

Revirei os olhos. — Sêrio?

Ele deixou cair o olhar ‘vem cá’. — Tudo bem. Ouvi dizer que você estava procurando por mim. Mudou sua mente sobre Ishida? Eu te disse. Ele é perigoso.

— O quê? Não. Olha, Herman, eu... — Agora que eu o encontrei, eu percebi que não tinha um próximo passo no meu plano. Provavelmente deveria ter pensado nisso antes. Eu era nova no jogo de intrigas. — Você é...

— Lance para fora. — Ele me deu um olhar irritado, mas alguma coisa no meu rosto deve tê-lo assustado. Sua expressão se transformou em preocupação. Ele se inclinou e agarrou meu braço. — O que aconteceu? Eles te machucaram?

Eu balancei minha cabeça. — Não, Herman. Ninguém me machucou. Na verdade, eu estou preocupada que *você* vá machucar alguém.

Ele soltou meu braço como se estivesse queimando sua pele.

— O que você está falando? Você acha que eu vou te machucar? Eu lhe disse-

— Eu não. — Eu respirei fundo. — Jocelyn.

Seu rosto ficou branco. Ele piscou. Em seguida, a suspeita, raiva e mágoa rodou como uma tempestade feia em suas feições.

Eu fiquei calma. — Matar alguém não vai trazer Garrett de volta. — Ele se atirou de pé e olhou ao redor como um animal encurralado.

— Matar? — Se antes havia uma chuva em seu rosto, agora era uma tempestade completa. — Você acha que eu vou matar Jocelyn? — Seu sussurro era estridente. — Ela não tem nada a ver com isso. Eu não vou matá-la, ou qualquer um! Que diabos eles lhe disseram sobre mim?

— Nada. — Eu estava em pé. Ele recuou como se eu fosse a ameaça.

— Eu não posso acreditar que você acreditou. Eles estão tão certos de que eu sou o cara mau? — Amargura manchou sua risada. Eu estava perdendo alguma coisa.

— Então por que você está aqui? Todo mundo diz que você nunca vem a estas coisas.

— E quando eu apareço significa que eu sou um assassino?

— Não, mas por que agora? Porque hoje à noite?



— Eu não sei!

Seus olhos encontraram os meus. Quando eu não olhei para baixo sua fúria recuou um pouco. — Pense, Herman. Porque hoje à noite?

Ele cavou as palmas das mãos em seus olhos. Quando ele finalmente olhou para mim, eu não podia perder a sua confusão.

— Eu não sei. Eu só — seu olhar foi para o lado — Eu apenas senti que deveria vir. Que eu tinha que vir.

Lembrei-me da conversa que eu ouvi no meu sonho, lembrando as palavras do Echo. Palavras de um monstro que atacam um garoto com raiva, incapaz de superar a morte de seu irmão. — Um empurrão sutil — eu disse calmamente. Agora eu entendi a parte de Herman nisso. E que a garota Jocelyn não era a única em perigo.

— Herman. — Ele parecia perdido assim que eu agarrei o braço dele e apertei até ele se concentrar em mim. — Isso vai parecer loucura, mas — Eu soltei a corrente da minha cruz celta — Eu preciso que você use isso.

Seu olhar interrogatório se voltou para ódio quando ele olhou por cima do meu ombro. — Perfeito.

Uma mão quente prendeu em volta do meu pulso. Em um movimento rápido, alguém me virou, se abaixou, me puxou por cima do ombro e ficou de pé, facilmente me levantando para o ar. Olhei para o chão, tentando recuperar o fôlego contra a pressão no meu estômago. Cai pesadamente em suas costas como se fosse sua última caça, o braço do rapaz preso na parte de trás das minhas pernas e minhas coxas presas ao seu peito.

De novo não.

— Blake! — Mas os meus dedos cavaram em couro macio. — Ayden! Coloque-me no chão!

— Herman, é melhor você-

Herman cortou o aviso do Ayden com um nojo — Leve-a, homem. — Eu podia ouvi-lo indo embora. — Ela é louca.

— Herman, espere! Ayden, me coloque para baixo!

— Sem chance — ele rosnou. — Aprendi minha lição. Blake teve a ideia certa, afinal.

Eu passei um braço em suas costas, observando a passagem do chão, sabendo que cada segundo me levava mais longe de ajudar Herman e Jocelyn. Ele colocou um grande esforço para pisar, me deixando feliz pelo meu estômago



estar vazio. Foi uma viagem turbulenta. Eu grunhi as palavras o melhor que pude.

— Portanto, agora você está copiando as técnicas estelares do Blake mulherengo? — Isso o parou.

Depois de um momento ele me colocou de pé, recuou, e lançou os braços bem abertos. Seu corpo e voz irradiava a tensão que ele estava tentando tão dificilmente controlar.

— Você está certa. Sinto muito. — Ele olhou para o céu. — É que eu estou tentando... — Seus punhos apertaram e abriram.

— Me proteger.

— Sim! — Ele soltou a palavra como um náufrago a um salva-vidas. — E é tão... tão...

— Frustrante porque você sente como se eu não estivesse lhe dizendo tudo.

— Certo! E...

— Você está com raiva porque eu não confio em você.

— Com certeza.

— E você sabe que há coisas que poderia me dizer que poderiam ajudar, mas você não está acostumado a intrusos confiantes. Você não sabe como eu vou reagir, se vai ser perigoso. Você se sente como uma aberração com uma vida tão louca e estranha, que ninguém poderia entender. Ou ajudar. Além disso, você tem carregado esses segredos por tanto tempo que é um hábito familiar, confortável, que é ridiculamente difícil de quebrar. E afinal, se eu não vou confiar em você, por que você confia em mim?

Seus braços estenderam a mão para frente e suas feições se suavizaram um pouco. — Exatamente.

— Sim, Ayden — Eu lutei contra o calor das lágrimas tentando controlar minha compostura — Eu sei exatamente como você se sente porque eu-

— Se sente exatamente da mesma maneira. — Um braço caiu para o seu lado. O outro passou os dedos pelo cabelo. — Sim. Eu deveria ter previsto essa.

Os sons da festa pareciam desaparecer, deixando nós dois em um silêncio, em uma bolha emocionalmente carregada. A luz do fogo cintilante dançava sobre as belas feições de Ayden enquanto ele me olhava por um longo momento, os olhos escuros suaves, compassivos.



Ele acenou com a cabeça. — Eu entendo. Então o que vamos fazer agora?

— Agora — eu engoli contra o caroço na minha garganta — Eu te digo porque eu preciso da sua ajuda.

Ele juntou as mãos como se estivesse em uma oração ardente. — Finalmente! — Ele caiu de joelhos, com um toque dramático. — Por favor, por favor, por favor, - isso sou eu implorando - me diga por que você queria/precisava vir a esta fogueira estúpida para que eu possa fazer a minha coisa mega-valente-de-super-herói, ajudar a salvar o dia, e levá-la para casa.

Minhas sobrancelhas levantaram. — Coisa mega-valente-de-super-herói?

— É um termo técnico. Agora fale.

Chuí uma respiração profunda e limpei a garganta. — Sparky, o demônio que me atacou ontem à noite, ele está vindo atrás de uma garota chamada Jocelyn. Aqui. Nessa noite. Agora.

Linhas apareceram na sua testa. — É isso? — Ele deu uma risada curta e sentou-se nos calcanhares.

— Você acha engraçado? Ele está planejando matá-la.

Ayden balançou a cabeça, ainda divertido. — Mesmo que isso fosse verdade, ela não está aqui.

Eu pisquei. — Sim, ela está.

— Não, ela não está. — Ele se levantou e estendeu a mão. — Venha, vamos embora. Nós ainda temos tempo para pizza. Por minha conta.

Cruzei os braços e pergunto — Como você sabe?

— Eu só sei. — No meu olhar exasperado, ele disse — Desculpe. É só que eu conheço Jocelyn e ela não contou a ninguém que estava vindo aqui. Explico no carro.

Eu repasso a conversa dos demônios e lembro — Ela está mantendo em segredo. Eu não sei porque, eu só sei que ela vai estar aqui, sem proteção. Eles não podem chegar a mim, de modo que eles estão indo atrás dela para distraí-lo. Eu sei que parece loucura, mas por favor. Eu não quero que alguém morra por minha causa.

Ele estudou o meu rosto, seu próprio uma máscara que eu não conseguia ler, então suspirou. — Tudo bem. Eu vou dar uma olhada. — Ele pegou seu celular, apertou um botão, esperou, e então disse — Ei, Jocelyn está



aí? — Pausa. — De quem é a casa que ela está? — Pausa. Então seu olhar virou maldoso.

Um conjunto coletivo de — ahhh — ecoou da multidão quando as fogueiras subiram altas. Crianças se afastaram das chamas.

— Ashley Monroe? Você tem certeza? — Ayden girou a cabeça ao redor.
— Não sei ainda. Eu vou ligar de volta. — Ele assinou.

— Ayden, Ashley está aqui.

— Eu sei.

Ele correu em direção à massa de foliões. Eu peguei sua mão e agarrei o braço dele. — Quem estava no telefone?

— Jayden

— Jayden? Por quê? Como você conhece Jocelyn?

— Ela é minha irmã.

— Eu posso ajudar. Diga como ela se parece.

Ele esquadrinhou a multidão. — Como eu.

— Então, linda.

— O quê?

Oh, caramba, eu disse em voz alta. — Nada. Ok, vamos nos dividir. Eu procuro pelos demônios e alguém que... se parece com você. — E vou procurar Herman.

— Tudo bem. Não, espere. — Ele procurou no bolso. — Chame Jayden. Diga-lhes o que está acontecendo e espere por eles aqui. Não ande sozinha. É muito perigoso.

Ele me jogou o telefone e desapareceu na multidão.

Ágil como sempre, eu perdi o arremesso. Abaixei-me para recuperar o telefone semienterrado na areia e tudo turvou. Meus olhos se estreitaram e olhei para a frente, ziguezagueando ao redor dos foliões e até a colina para a massa de carros estacionados, estreitando em um sedan azul.

Escorregando para longe do carro com os olhos brilhantes, estava Sparky seguido uma linha escura descendo a colina em direção ao fogo. Eu ouvi o espirrar. Um líquido escuro escorria de debaixo do carro e serpenteava um riacho descendo a encosta. O cheiro pungente de gasolina queimava minhas



narinas. Sparky chiou acima da trilha de gasolina, mas manteve a distância quando a gravidade levava o combustível descendo a colina em direção ao fogo. Uma vez que ele fizesse contato, levaria apenas segundos para que a corrida de volta explodisse o carro e tudo nas proximidades.

Sparky viu seu alvo antes de mim. Herman invadiu o estacionamento, resmungando e acendendo um cigarro. Desamparada, eu observei Sparky lançar-se em Herman e desaparecer em seu corpo. Herman endureceu, depois relaxou. Seus traços humanos pularam fora como cera de fusão e Sparky entrou em foco, segurando o cigarro de Herman mais leve.

Possessão completa. Herman era o seu boneco.

Sparky virou e caminhou em direção ao rio de gasolina. Não estando acostumado com o novo terno de pele, ele se atrapalhou com o isqueiro até que ardeu uma chama.

Afastei-me para o meu corpo, o peso repentino desorientador, estranho. Eu tropecei na última direção que vi Ayden, mas um rosto familiar mudou meu curso. Ashley estava na borda externa da multidão conversando com uma garota que ocorreu de ser uma morena deslumbrante, em uma espécie de estilo exótico.

— Jocelyn — eu gritei.

A menina se virou, e entrou em pânico.

— É ela. — Ashley empurrou um conjunto de chaves na mão da menina.

— Vai!

Com um olhar preocupado final em mim, Jocelyn decolou até o morro. Ashley agarrou meu braço quando eu tentei passar. Meu punho pegou sua mandíbula. De propósito? O que havia de errado comigo? Ow. Plantada de costas, Ashley não tentou me parar de novo. Minhas pernas bombeando. Eu alcancei Jocelyn. O ar frio queimou meus pulmões e eu não percebi o quanto minha mão doía do soco até que eu estava no meio da encosta.

O cheiro de gás e morte era forte quando me deparei com pouco fluxo de Sparky. Eu chutei um pouco de areia para cortar o fluxo e continuei correndo.

Me movi pela frente. A porta do sedan azul abriu. — Jocelyn — gritei, aumentando o meu ritmo

A menina fez uma pausa e virou-se, as chaves brilhavam à luz do luar.

— Não! Vá embora!



Ela olhou, assustada e confusa. Eu alcancei o carro em um pulo, agarrei a mão dela e puxei-a para longe. Bem, tentei arrastá-la para longe. Ela lutou. Recusei-me a deixar ir.

— O carro — eu ofegava. — A gasolina. Vai explodir. — Sua resistência acabou.

— O que você está fazendo?

Virei para voz vibrando de Echo. Sparky olhou para mim. Ele não estava mais no corpo de Herman, o que deixou o garoto tropeçando, atordado.

Sparky virou-se para Echo. — Herman me despejou de alguma forma.

— Volte!

— Não posso. Muito fraco. — Sparky mal brilhava.

— Tudo bem! — Como se ele fosse sugado por um aspirador, Echo deslizou para Herman, cujo rosto escorregou revelando ondas vibratórias de aranha com cores.

— Espere! — Sparky uivou, mas Echo se ajoelhou, isqueiro na mão, no local onde eu tinha interrompido o rastro de gasolina. Ele estendeu a mão e acendeu os dois lados da trilha. O fogo correu em direção ao carro e para baixo em direção a fogueira.

Onde a boca de Echo era uma lacuna escura, ela ampliou em um sorriso malévolo. — Um especial para dois.

Enfiei Jocelyn na minha frente. Corremos em direção à linha de árvores e uma massa de pedras. Um alto whoosh soou quando a combustão começou. Fogo veio à vida.

Nós não conseguiríamos.



CAPÍTULO

TRINTA E SEIS

A explosão atingiu uma fração de segundo antes do calor. A força demolidora impulsionou Jocelyn e eu no ar. Eu queria tapar os ouvidos do som ensurdecedor, mas em vez disso, passei meus braços em torno da irmã de Ayden quando eu passei por ela. Nós voamos pelo ar, roçamos as rochas, e caímos pesadamente além no chão áspero. Levantei, trêmula e cuspidando sujeira.

Jocelyn não estava se movendo.

Mas ela estava respirando. Um som chiado, mas era constante. Arrastei-a contra a maior pedra que se projetava com uma saliência que a protegia dos destroços. Alguns pedaços flutuantes brilhavam em chamas, bonito e perigoso. Olhei sobre o nosso abrigo.

Uma parede de chamas, grande demais para vir de um carro, chegou tão alto que parecia lamber as estrelas, iluminando a noite em dia. Uma figura caminhou em nossa direção, de costas para o fogo. Eu congelei.

Couro preto brilhou contra o fogo. Brasas dançantes choveram em torno dele. Eu conhecia essa caminhada, o jeito de passear, como o dono do mundo e tudo que há nele. Como se ele não soubesse ou não se importasse sobre o perigo e destruição em torno dele.

Eu gritei para ele ficar para trás, acenei os braços em sinal de advertência desesperada. Ele continuou vindo. Ele era louco? Eu afundei sobre as rochas, escorregando, raspando, gritando, chorando, lágrimas caindo em meus braços, lavando a fuligem. Outra explosão sacudiu a praia, um rugido ensurdecedor afogando minhas tentativas de salvá-lo.

Silhueta contra o brilho, Ayden levantou os braços como um pregador no púlpito, atingindo alto e largo para o céu, ou, neste caso, o inferno na terra. Ele permaneceu desafiador. O jovem Davi determinado a vencer o gigante.

Chamas rolaram, engolfando Ayden completamente. — Nãooooo! — Meu corpo tremeu com o grito.

O fogo trovejou para mim, uma bola de neve quente e escaldante, a velocidade e a grossura ganhando mais velocidade e espaço. Ar febril esfaqueou



pela minha pele, chicoteando meu cabelo para trás. A massa de roda continuou chegando, rápido e feroz.

E parou a centímetros do meu rosto.

O barulho ensurdecedor me sugou para um buraco negro e deixou pouco natural a falta do som pesado em meus ouvidos. Meu cabelo levantou e dançou como se a gravidade não existisse neste casulo invisível que de alguma forma me protegia contra a massa se contorcendo de fogo. Gavinhas de chama cravadas escorriam da esfera e se arrastaram em volta do meu corpo procurando uma abertura para atacar.

Um caleidoscópio de vermelhos, amarelos, laranjas, marrons, azuis, e até mesmo branco lutou pelo domínio quando olhei em suas profundidades tão brilhantes, enquanto eu me perguntava por que meus olhos não tinham queimado para fora das órbitas. Ar que deveria ter sido quente o suficiente para me chamuscar em cinzas só gentilmente acariciou minha pele, secando as lágrimas que listravam minhas bochechas.

Nada fazia sentido. Especialmente a voz. Ela rompeu o silêncio, não gritando de terror, mas comandando, usando palavras, uma língua que eu não entendia. Com um frenesi furioso a esfera aquecida pulsou e voou em sentido inverso. Meu corpo estremeceu quando sua partida sugou cada grama de oxigênio dos meus pulmões.

Meus músculos ficaram moles, os joelhos dobraram, mas eu não fiquei consciente por tempo suficiente para sentir meu corpo bater no chão.



CAPÍTULO

TRINTA E SETE

Como foi muito difícil abrir meus olhos, eu temi mover o resto do meu corpo. Após algumas tentativas de piscar, minhas pupilas se ajustaram à luz fraca.

Hospital. Definitivamente. Eu levantei uma mão, pesada como uma bigorna. Ow. A bigorna tinha uma âncora. Ou um soro, se você quisesse ser técnico. Um bip suave acelerou quando me movi. Eu odiava o som de um monitor cardíaco – trazia muitas memórias.

Sentei e gemi. Uma análise rápida me disse o quanto eu estava realmente machucada e surrada, e a multidão de aparelhos médicos no quarto, que me fez parecer um experimento científico de um gênio do mal, era um exagero. Ou pais superprotetores.

Meus olhos se trancaram em uma figura na cadeira ao lado da janela. Minha respiração parou. O sinal sonoro aumentou freneticamente.

— Ayden?

O buraco oco no meu estômago se agitou, trazendo memórias de Ayden em pé entre mim e a explosão, com os braços estendidos como se para parar o inferno. As chamas da explosão envolvendo seu corpo como um devorador enlouquecido.

Eu não tinha sonhado, mas o menino na cadeira definitivamente não estava um pretzel extra crocante. Algumas marcas de fuligem manchavam sua pele e camiseta, e um cheiro de fumaça de churrasco permanecia como perfume, mas suas belas feições, relaxadas no sono, se mantiveram impecáveis. Sua cabeça descansava contra seu casaco, que ele transformou em um travesseiro.

A tensão em volta do meu peito aliviou. Limpei os olhos molhados. Eu precisava tocá-lo, me certificar que ele era real, e que estava respirando. Eu empurrei para trás os cobertores, lutando contra os acessórios hospitalares restringindo meus movimentos. Eu arranquei para fora o monitor cardíaco, começando a puxar os fios. Minha velocidade estava acelerada com o desejo de



alcançar Ayden, estremecendo a cada tentativa de puxar o material pegajoso que estava super colado à minha pele.

— Não toque nisso!

Eu levantei a minha cabeça. E me arrependi. — Ow.

Saindo da cadeira muito rápido, Ayden caiu no chão. Eu ri quando ele apareceu, perdendo a tentativa de permanecer calmo, e subiu para o meu lado.

— Onde dói? — questionou. Eu estremeci quando ele achou um galho na linha do meu cabelo. Suas mãos retrocederam. — Sinto muito.

— Você está bem?

— Eu? Sim. — Ele virou a cabeça para cheirar sua jaqueta. — Agora mesmo eu cheiro como se eu estivesse fumando. — Ele sorriu. — Por quê?

Eu balancei minha cabeça. Suavemente.

— Nada. Eu só pensei... — Eu lambi meus lábios. — Como está Jocelyn?

— Pulso quebrado, concussão leve e costela machucada, mas por outro lado, ótima. Ela está no quarto ao lado. Minha mãe está pegando café. Papai deve estar aqui dentro de algumas horas. Fale sobre estarem agradecidos. Provavelmente vão lhe comprar uma ilha. Ou lhe dar a nossa. — Meu queixo caiu. — Estou brincando. É mais uma península. Mas, ei, você salvou a filha deles.

— Você não mencionou uma irmã.

Ele esfregou o queixo. — Jocelyn não fica muito por aqui. Vai para a escola particular, porque eles estão dispostos a considerar a agenda dela. — Eu levanto minhas sobrancelhas. — Ela patina. Muito bem. Viaja muito para competições. Mamãe vai com ela. Elas acabaram de chegar em casa hoje e Jocelyn age como uma adolescente idiota, saindo sem proteção.

— Proteção?

— Ela não é uma caçadora. Não tem as habilidades, e é por isso que ela deve ter proteção, mas ela se irrita e - como você sabia sobre a ameaça?

Whoa, eu não estava preparada para essa mudança. Em pânico, eu estava de pé, cambaleando. Ayden me pegou. Eu senti a brisa na parte de trás do meu vestido de hospital aberto e cai de volta.

— Fique na cama.

— Você é um médico agora?

— Não. Mas seu pai deixou instruções bem específicas. — Ele levantou meus tornozelos em cima da cama, encheu o meu copo de água, e fez sinal para eu ficar parada. — Ele só me deixou ficar enquanto sua mãe corria para o



refeitório. Eu prometi chamá-lo se você acordasse, visto que um médico pode ser assustador.

Ele desapareceu pela porta, em seguida, volta atrás.

— Quase me esqueci. — Fora em uma cadeira no canto, ele pegou um ornitorrinco de pelúcia verde e turquesa. — Selenia disse — ele torceu os lábios em sua boca, mas não conseguiu esmagar o sorriso — que Bubbles vai lhe fazer companhia até ela voltar. Você supostamente deveria protegê-lo.

Eu peguei a melhor amiga/brinquedo de Selenia com um sorriso irônico. — Bubbles é menina. Não deixe Selenia pegar você cometendo esse erro.

— Nunca. — Com uma piscadela, ele se foi.

Eu arrastei o suporte do soro e peguei a minha mochila debaixo da cadeira de Ayden e com gemidos baixos, vesti um par de calças de moletom. Bem melhor. Outro som estridente veio do soro e eu fiz meu caminho para fora da sala vazia, onde o relógio acima da estação das enfermeiras mostrava ser 0248. Me movi lentamente para evitar acordar alguém e, sabe, cair, e espiei no quarto de Jocelyn. Jayden estava dormindo em uma cadeira todo contorcido como Ayden esteve.

O resto da cena era surreal.

Não era a criatura exótica dormindo na cama, que, apesar dos pequenos cortes visíveis, era igualmente linda como seus irmãos. Pele impecável, estrutura óssea formidável, e cabelos negros espalhados sobre os lençóis brancos. E não era os fios serpenteando de seu corpo a várias máquinas, ou o soro - até a mão não envolvida nas máquinas.

Não, a parte surreal foi o belo rapaz sentado em sua cama, seus olhos claros normalmente irritados cheios de preocupação, profundas linhas graves de preocupação. A maneira como ele gentilmente afastou o cabelo do rosto dela e murmurou palavras de conforto quando sua cabeça se movia. E como ele levou a mão aos lábios quando ela relaxou.

— Matthias?

As luzes se apagaram. O australiano saltou suavemente para fora da cama e em uma posição de combate. Ele me reconheceu. E fez uma careta. Ali estava o Matthias que eu conhecia.

Ele se levantou, mas permaneceu tenso, cauteloso conforme ele caminhava, um duro — Shhhhh — em seus lábios, e me empurrou para fora.



O Sr. Responsável estava uma bagunça, a camisa dobrada ao meio, as calças amassadas, olheiras sob os olhos, e seu cabelo escuro apontando para cima. Quem teria imaginado isso. Talvez Matthias tivesse um coração.

Sua boca se torceu para o lado. — Você parece uma porcaria.

Então, novamente, talvez não. — Ah, o sujo falando do mal lavado. Esteve aqui a noite toda?

Ele olhou para baixo, franzindo a testa, e depois de tentar inutilmente arrumar sua aparência, se concentrou em alisar sua camisa e passar uma mão pelo cabelo. Não ajudou em nada.

— Meu pai ainda está fora da cidade, mas o delegado está no acampamento. Ele quer falar com você.

— Oh. — Isso não soava bom. Conversar com um aplicador da lei.

O rosto de Matthias escureceu. — Por que você não nos contou sobre a ameaça à Jocelyn?

— Ei, eu não sabia até mais tarde. E Ayden não ia me levar para a fogueira, portanto -

Ele me colocou contra a parede, seus olhos mercuriais se tornando mais escuros. — Talvez se você tivesse contado em vez de roubar o carro dele.

Eu agarrei a gola de sua camisa enrugada e o puxei para perto.

— Talvez eu pudesse ter dito se vocês não fossem tão desconfiados e babacas reservados. E de nada por salvar a vida de sua namorada.

Isso ajudou a afasta-lo, o olhar deslizando para os lados. — Ela não é minha namorada.

Eu o empurrei. — Oh, por favor. Eu vi você.

Ele me lançou um olhar desesperado. — Você não pode -

— Oh, eu não posso?

— Aurora — Matthias cambaleou para trás porque o meu pai musculoso se moveu entre nós. — Por que você não está na cama? Eu não quero que você se mova até eu fazer mais testes. Isso está entendido, mocinha? — Papai praticamente me carregou pelo corredor.

Ayden rebocou o soro ao nosso lado. — Eu disse a ela para ficar parada.

Mamãe chegou em minutos com chocolate quente e carregada de ansiedade. Ela tinha enxotado Ayden e mexia na minha cama, dobrando e



alisando cobertores, limpando a fuligem residual do meu rosto e as lágrimas de seus olhos.

— Graças a Deus você está bem. E você está tão encrencada.

— Por que?

Eu sabia pela nossa conversa que ninguém tinha mencionado meu roubo do carro de Ayden. Eu devia muito a Lucian e Luna. Meus pais pensaram que eu tinha ido para a fogueira com Ayden, e que acabamos percebendo um vazamento de gás e eu brinquei de herói salvando Jocelyn.

— Por nos assustar assim.

Ela exibiu um baralho de cartas, subiu na cama e jogamos até que eu comecei a cochilar. Então ela me envolveu em seus braços e eu cochilei. O amanhecer espiou pela janela quando meu pai chegou para me examinar. Mais uma vez. Mamãe foi para casa para ver a família, e me pegar uma muda de roupa e meu novo shampoo de marca francês favorito. Papai ordenou que não era para eu ter visitantes, mas o delegado apareceu para interrogatório.

— Não agora — meu pai disse, encontrando-o na porta.

O delegado estufou o peito e começou a passar por papai. — Desculpe, Dr. Lahey, mas -

Papai era alto, mas não era um cara enorme e o delegado era bastante corpulento. Mas de alguma forma a mão de meu pai no peito do cara não apenas parou o oficial, mas o fez tropeçar de volta vários passos, os olhos arregalados com choque.

A voz de meu pai baixou, estabelecendo-se a pouco menos de uma ameaça. — Não me empurre, filho. Eu sou o médico e pai dela. — O delegado não exatamente se acovardou, mas... — Eu tenho uma infinidade de testes programados. Eu aviso quando ela estiver disponível.

Em seguida, papai fechou a porta e acompanhou o aplicador da lei para longe. Vai pai!

Sentindo-me segura, eu estava cochilando e acordei quando a porta se abriu. Matthias, usando sua expressão sombria permanente, e ainda amarrotado, entrou com Logan e Tristan logo atrás, nenhum deles encontrando meu olhar.

Incomodo engrossou o ar. O monitor cardíaco com os bips acelerou. Meus dedos apertaram a forma de ornitorrinco de pelúcia Bubbles.

— Houve um ataque em Viena. Sabe alguma coisa sobre isso? — disse o australiano. Eu devo ter parecido confusa. — Ataque Demônio. Vienna.



Áustria. É na Europa. — Ele sorriu. — Explosões. Acertou um templo. Pessoas morreram. Alguns dos nossos. Caçadores estavam lá, mas eu não sei por quê. E você?

— Por que eu deveria saber sobre isso?

— Você escondeu coisas de nós antes. — Matthias se apoiou no final da minha cama. — E ainda esconde.

Eu podia ouvir em sua voz que ele estava resistindo à vontade de me estrangular. O chão tinha toda a atenção de Tristan e de Logan.

— Ei, pessoal. — Eles me deram sorrisos curtos e acenos com a cabeça, em seguida, voltaram para o chão. Ok, isso não ajudou. — Eu não tenho certeza do que vocês querem dizer.

Matthias baixou a cabeça para trás, com as mãos segurando minha cama, os dedos apertados. Sua cabeça levantou, o olhar escuro trancado em mim. Eu me contorci. A sala escureceu como se de repente nuvens cobrissem o sol.

— Vou ser mais específico. Quando foi que você descobriu sobre a ameaça à Jocelyn?

Engoli em seco. — Ontem. — Minha determinação para me abster de responder a mais nenhuma pergunta coincidiu com a percepção de que eu tinha algum suporte. Resolvi testar a teoria.

Olhei diretamente para o Australiano. — Como está Jocelyn? — Se eu não estivesse olhando para ele, não o teria notado recuar. Um ligeiro aperto ao redor da boca, mas estava lá e ele sabia que eu havia notado. — Estou tão aliviada. Você não está, Matthias?

Mais articulações brancas. Seus fios esticados em tensão lhe renderam olhares estranhos de Tristan e Logan.

— Como ela é uma menina adorável. Será que ela tem namorado?

Matthias franziu os lábios, em seguida, sorriu. Era feio. — Não sei.

— Pena. — Eu balancei meu indicador e arregalei os olhos como se eu tivesse acabado de ter uma epifania tipo Einstein. — Vocês dois fariam um belo casal.

Tanto Tristan quanto Logan bufaram uma risada, mas silenciaram quando Matthias me deu um olhar que poderia derreter neve em chuva. Vingança era mais doce do que eu imaginava.

— Mas o que eu sei? — Eu acenei com a mão. — Então, Matthias, mais alguma pergunta?



Tristan e Logan compartilharam um olhar preocupado quando Matthias soltou um rugido digno de um urso pardo. A sala escureceu novamente. Havia uma tempestade se aproximando?

— Bom, porque eu tenho algumas. Tipo, o que houve com Ayden? Eu realmente devo ter perdido alguma coisa, porque eu tinha certeza que ele literalmente havia virado fumaça, mas não. Ele ainda está perfeitamente vestido de couro. O que eu estou perdendo? Eu estou pensando que você deveria me incluir no clube. Eu sei que roubei o carro de Ayden, e é totalmente fora da linha, mas me dê pontos de criatividade e, hey, eu salvei a sua- — Eu apontei para Matthias e repensei a jogada — a irmã do seu amigo.

Mais tarde, eu me perguntei qual palha caiu do camelo, porque como uma onda quebrando na junção da costa, a fúria de Matthias quebrou. Minha cama pulou junto com o meu coração quando ele a empurrou contra a parede.

Matthias virou, apontando a mão, primeiro para mim, depois para Tristan. — Esqueça isso. Cuide dela. — Tristan não se moveu. — Agora!

— Matthias, seu pai disse -

Matthias cortou Logan com um gesto desagradável. — Eu disse para fazer isso agora. — Ele apontou um dedo para Tristan. — E certifique-se de fazê-la esquecer tudo desta vez. A explosão. O hospital. — Ele cortou a mão pelo o ar. — Eu quero que tudo desapareça!

O olhar de desculpas de Tristan me encontrou, deixando minha boca seca. — Matthias — suplicou ele. Cólera transformou as feições do Australiano.

— Agora — ele rosnou.

Lodo preto parecia deslizar sobre sua íris, e, se seus olhos se transformando em covas sem alma não fossem indício suficiente de que eu estava em perigo, a minha própria visão começou a escurecer.

— Matthias, relaxe. — Eu tentei sorrir para suas emoções. Instinto me alertou para correr. Apertando Bubbles, eu puxei as bordas das cobertas para baixo para fazer uma rota para a porta. — Eu não vou dizer nada.

— Sobre o quê? — Disse Logan.

Matthias lançou um olhar sombrio para Logan.

— Nada — eu disse. — Não vou dizer nada de nada.

— Vamos garantir. — Matthias pontuou suas palavras pausadamente. — Tristan. Faça. Agora.

Eu não faria isso com a porta. Plano B? Gritar. Os olhos lamentando de Tristan brilharam roxo. Eu estava sem tempo. Eu inalei profundamente e -



Uma marreta invisível esmagou contra meu rosto. Outro golpe invisível caiu na minha cabeça, tomando o pouco de respiração que eu tinha. Dor remexeu meus nervos. Barulhos estranhos escaparam de meus lábios trêmulos. Meus pulmões gritavam. Mas eu não podia. Gritos soaram, mas não de mim, porque eu não tinha ar, nem visão, só uma sobrecarga de dor.

Em resumo, eu estava morrendo.



CAPÍTULO

TRINTA E OITO

Nada. Sem dor. Sem gritos.

Caída no chão, muito atordoada para me mover, eu abri meus olhos. Isso... isso não era o hospital.

Céu vermelho cor de sangue pairava sobre um vasto horizonte. Uma espessa bruma negra envolvia trechos da paisagem, enquanto se movimentava formando uma trilha lenta. Como um afago ilusório, o ar seco estava acabando com a umidade da minha pele. Um vasto nada se mostrava na minha frente. Milhas dele. Minha visão ainda não estava boa, mas não havia sinais da existência de uma civilização.

Levantei minha mão, esfreguei os olhos, e percebi que ainda estava segurando Bubbles, seu bico de pato sorrindo para mim. Um rosto amigável. Familiar. Ao contrário das minhas roupas.

Eu usava um vestido. Algum vestido ridículo com metros de tecido luxuoso que brilhava quase iridescente, alterando as cores à luz flutuante. Bem-vindo à Cidade da Bizarrice.

Eu senti a terra contra as minhas costas irregular, desconfortável. Eu mexi o meu cotovelo, mas o chão deslizou longe, duro, instável. Olhei para baixo.

Um momento processando. Então eu gritei.

Havia uma chance de que eu nunca parasse. Meus olhos dispararam. Compreendi mais. E mais. Pânico explodiu em rajadas geladas por todo meu corpo. Eu escalei para me livrar de um pântano de corpos. Oh, sim, eu disse corpos.

Em todos os lugares.

Agarrei Bubbles em meu peito, protegendo-a, ou a mim, eu não tinha certeza, enquanto a outra mão e os pés descalços esmagavam através de peles, ossos, e vísceras podres. Olhos mortos zombavam. Mandíbulas abertas riam. Quantidades variadas de carne em decomposição encharcadas agarravam-se aos cadáveres. Alguns deles - e isto seriamente me faz colocar ecas para fora -



tinham arranhões, marcas de mordida, manchas de sangue, e coisas que deveriam estar dentro estavam para fora em uma confusão.

Os corpos foram comidos por cima. E eu era a próxima.

Parei de gritar só porque eu havia esgotado as reservas de oxigênio. Movimentos frenéticos de luta e puro horror aparentemente fazem isso. Encontrei uma alavanca e fiquei de pé, os braços erguidos, olhando para a frente, consciente de que eu não podia ver muita coisa por causa da minha visão borrada do choro. Que estava mais para soluços histéricos. Muita choradeira.

Não me atrevi a limpar meu rosto. Toda a sujeira cobria meu corpo, e o de Bubbles, com- eu não queria pensar sobre isso, mas eu sabia que também estava cobrindo meu rosto.

Eu bufei, engasgando, tentando cuspir o muco que saía do meu nariz e entrava dentro da minha boca, mas acabei engolindo a maior parte. Na presente situação, isso sequer me incomodou.

Eu peguei um movimento na minha visão periférica e estabilizei alguns gemidos e até soluços ocasionais.

Várias figuras. Movendo-se em minha direção. Não humanas.

Em duas pernas, curvadas, com a pele com manchas escuras esticada sobre os ossos. Braços longos e garras. Alguma coisa pontuda saía da parte de trás de suas cabeças pequenas demais, com bocas muito grandes habitando dentes muito grandes, e todos eles estavam demasiado interessados em mim.

Eu comecei a correr. Ok, talvez não exatamente. Eu tropecei, vacilei e continuei o meu caminho, o desespero me incitando, Bubbles em um aperto de morte, porque eu não deixaria a melhor amiga de Selena neste horror.

A parte inferior do vestido estúpido continuava se enroscando na paisagem de pesadelo, a saia pesada com a carne grotesca horrível saturando a bainha. Peguei o material com os punhos e o puxei para cima. As bordas molhadas do tecido batiam contra minhas pernas nuas, mas pelo menos já não me atrapalhavam.

Corpos balançavam e rolavam sob os meus pés, causando estragos no meu equilíbrio, mas não a minha determinação. O espírito indomável Lahey, como meu pai chamava, me fez seguir em frente.

Um olhar sobre o meu ombro revelou os monstros agora suficientemente perto para ver as manchas de sangue em seus queixos, pingando de seus dedos - garras, seja o que for - as coisas que iriam rasgar minhas entranhas para fora se eu não conseguisse fugir.



Comecei a murmurar meu mantra — espírito indomável Lahey, espírito indomável Lahey... — O terreno inclinou. Meu progresso retardou.

Eu não poderia olhar a paisagem. Todos esses corpos. Todas essas pessoas. Tudo neste inferno escaldante podre estava à espera de ser eliminado por monstruosidades bárbaras.

Um guincho me colocou em vigília. Eu podia sentir sua malícia estúpida, seu desejo por carne fresca. Minha coluna tremeu em antecipação de uma luta. A tensão era demais. Eu me virei pronta para, pelo menos, morrer lutando.

E tropecei.

Mal tive tempo para cobrir o rosto antes de bater no estoque de cadáveres. Eles cederam e na escuridão, eu despenquei em queda livre.

O chão proporcionou uma pancada dolorosa quando eu bati no fundo, mas eu nunca fui tão feliz em sentir a sujeira. Honesta sujeira bondosa. Eu rolei para a direita, sob uma saliência para evitar corpos e pedaços de corpos em queda atrás de mim, preenchendo o vazio. Um redemoinho de poeira me fez ter um ataque de tosse que trouxe um pouco do muco consumido mais cedo e parte da minha traqueia. Sentei quando os espasmos acalmaram.

Eu pousei em uma caverna. A única luz entrava através do buraco que eu tinha criado, agora quase cheio com as carcaças em cascata atrás de mim. Bubbles estava debaixo de um crânio que tinha a boca aberta em todo o brinquedo como se estivesse tentando devorá-lo. Peguei o ornitorrinco das garras da morte e chutei a cabeça sem pele para o lado.

Corpos se moveram. Os animais na superfície estavam puxando corpos, tentando chegar até mim. Eu me pressionei contra a parede. Uma única aberração horrível empurrou o seu caminho através da massa, não muito longe do topo, mas muito perto de mim.

— Aurora?

Oh, meu Deus, ele sabia o meu nome. — Aurora! Onde você está?

Espere. Aquela voz.

— Gloria? — Engasguei. O monstro cavou com uma vingança, ajudado por seus companheiros.

— Sim, sou eu.

— Gloria! Ajuda! Eu estou aqui! — Eu batia na parede, no chão, fazendo tanto barulho quanto eu podia.

— Meu Deus, eles não disseram nada sobre uma parede.



— Gloria!

Na minha busca frenética, eu tinha ignorado os ghoulies¹⁹. Trabalhando em conjunto, eles tinham feito um progresso significativo. Um saltou para mim, rosnando, dentes manchados de sangue.

A parede atrás de mim explodiu. A explosão levantou meu cabelo, mas os pedaços voando me erraram e acertaram as criaturas. Gloria me puxou de volta pelo buraco, mas não antes de um monstro me fazer finos cortes no braço e rasgar Bubbles, tufo de estofamento voando. Eu bati em um túnel úmido e ouvi o gotejamento lento quando o barulho desapareceu.

Gloria milagrosamente ficou nítida com cabelo vermelho-maçã-doce, blusa, terno de negócios listrado com vermelho e branco, e botas de duende com sinos tilintando enquanto ela confrontava os dois atacantes, facilmente jogando-os de volta através da abertura de correspondência. Ela parecia um bastão de doces enlouquecido.

— Hospitalidade abominável! — Gloria estava com as mãos nos quadris.

— Cuidado!

Os inimigos retornaram com reforços, surgindo como baratas através da abertura. — Oh, irmão — disse Gloria. — *Melhor agitar, agitar, agitar nossas botas*²⁰.

Enfiei Bubbles no meu sutiã e peguei a saia ridícula quando Gloria agarrou minha mão e corremos através do túnel. Luz espreitava através de pequenas aberturas acima iluminando o caminho, felizmente livre de qualquer tipo de detrito vivo ou morto. Meus pés batiam no solo arenoso que exalava calor como se lava estivesse fluindo logo abaixo da superfície. Pelo que eu sabia, era o que acontecia.

A passagem desviou para a esquerda, e luz carmesim sangrou na frente. Gritos animalescos irromperam atrás. Gloria deu uma risadinha.

O túnel dava em nada, apenas para o ar e para o vale cheio de centenas de cadáveres metros abaixo. Sem perder o passo, Gloria me pegou e nos lançou para fora do penhasco.

À medida que despencamos com velocidade vertiginosa, minha garganta se fechou, literalmente, de medo. O que se mostrou benéfico, já que era a única coisa que mantinha o meu estômago de estourar na minha cabeça. A pele do meu rosto ondulava contra a velocidade. Aparentemente a centímetros do chão,

¹⁹ Criaturas de um filme de terror

²⁰ Música do The Sunshine Band



as asas de Gloria estalaram abertas como um paraquedas, parando a nossa queda e nos aliviando a um deslizamento suave. Sua risada retumbou.

— Você fez isso de propósito!

— Nada como um pouco de adrenalina para acordar.

— Eu estou acordada!

Nós subimos a uma altura vertiginosa. Eu não podia mais ver os detalhes dos corpos. Bom em certo sentido. Aterrorizante em outro. Eu mencionei que estávamos no alto? Engoli em seco. Com as penas vermelhas, as asas em movimento de Gloria pareciam sujas de sangue.

— Como é emocionante! — Gloria disse, então fungou. — Meu Deus, você está malcheirosa.

— O quê? — Isso soou alarmante.

— Você fede, querida.

— Oh.

— Mas o vestido é lindo.

— Bem, isso faz tudo valer a pena.

Subimos em uma nuvem negra. A falta de visibilidade ajudou a minha vertigem. — Onde estamos? Que lugar é esse?

— O Mundo que Espera. A dimensão entre a Terra e... onde os demônios ficam. — Ela estava tão calma sobre isso que me levou um minuto para processar. Eu endureci.

— Eu estou morta! — Eu apertei a mão sobre meu rosto. Grande erro. Enorme. Tentar limpá-lo não ajudou. Concentrei em minha indignação. — Eles me mataram! Você está brincando? Eu não posso acreditar! E eu vou para o inferno? Por que eu vou para o inferno? E por que eles me colocaram neste vestido ridículo?

— Não, não, não. — Gloria acariciou minha cabeça, parando periodicamente para limpar a mão em sua saia. — Você não está morta.

Eu balancei em seus braços.

— Não me deixe cair. Caramba! — Eu me agarrei em um aperto. Bubbles com a cabeça rasgada cutucou para fora. Coloquei-a de volta com o meu queixo. Essa coisa de voar era estranha. — Então... eu não estou morta?

Gloria riu. — Estamos quase chegando, sua boba. — Ela envolveu seu outro braço em volta de mim. — Acalme-se.

Ceeeerto. — Como é que vamos sair daqui, Gloria? Eu quero sair daqui. Ficar esperando no mundo entre a terra e o inferno? Não, obrigada. Quem vem



para “cá” se não está morto? Como eu cheguei aqui? E onde você estava? — Tentei virar a cabeça para ver o rosto dela. — Porque você demorou tanto? Eles quase me comeram. Por quanto tempo você pode voar? Você está cansada?

— Eu estou bem. Obrigada por perguntar.

— Tudo bem. Então, uh, como é que vamos sair daqui? — Eu já perguntei isso? Ela não estava respondendo muito. Talvez -

— Aqui vamos nós — disse Gloria antes de me soltar. Eu caí como uma pedra.

Não tive tempo para gritar antes que ela pegasse meus pulsos com um envergonhado, “Ops”, para então cantar — *Vamos, vamos emboooooora.*

— Gloria!

Uma explosão de luz brilhante.



CAPÍTULO

TRINTA E NOVE

Bip.

— Dr. Lahey... sinto muito, ela não está respondendo. — Eu não reconheci a voz.

Bip-bip.

— Ela se moveu! — Essa eu reconheci. Pai.

— Eu não vi nada. Você pode apenas estar -

— Eu tenho certeza que ela apertou minha mão.

Eu não conseguia abrir os olhos, mas meu pai segurava minha mão, acariciando meus dedos.

Bip-bip-bip. Bip.

— Não, você vai ver. Ela vai sair dessa. Ela vai. Ela tem o indomável-

— Espírito Lahey. — Eu terminei fracamente.

— Oh, meu Deus! Veja! Veja!

O bipar zipou na ultrapassagem do monitor cardíaco. A mais bela máquina do mundo.

Eu levantei minhas sobrancelhas para ajudar a abrir minhas pálpebras. Funcionou. Mais ou menos. Uma vez que eu quebrei o selo de supercola lamaçal que os mantinha juntos. Uma cornucópia de cor turva me cumprimentou. Flores, plantas e balões preenchiam cada centímetro do quarto, mas nada poderia ofuscar o rosto radiante do meu pai. Ele irradiava com alegria incontida.

Minha mão estava sendo machucada com seu aperto, mas eu não me queixei. Eu teria apertado tão duro quanto se eu tivesse a força. Como não tinha, minhas lágrimas choveram em cascatas.

Ele me abraçou. Ele me beijou. Gritou — Gemma! — Quando minha mãe não apareceu, ele correu para a porta e quase me jogou da cama, porque ele esqueceu de soltar minha mão. Eu ri quando ele vacilou para frente e para trás, mas se recusou a ir, gritando mais alto — Gemma! Gemma! — Ele disse a enfermeira e a qualquer um que se aglomerou na porta — Busque a mãe dela!



— Depois de mais um frenético — Gemma! — Ele estava de volta me sufocando. Eu esperava que ele nunca parasse.

Gloria ficou ao pé da minha cama, sorrindo, com lágrimas. — Obrigada — eu disse em voz alta.

Eu sabia que em seu estado atual papai não achou nada estranho. Com algumas palavras bem escolhidas, minha mãe empurrou as pessoas para o lado, derrubou alguns para o chão e desabou sobre mim, tagarelando e soluçando.

— Esqueça sobre isso. — Gloria piscou e flutuou através do teto.

Outra briga na porta. Elevando-se sobre todos, Blake estava empurrando a multidão para longe como teias de aranha, com Ayden e Tristan se arrastando logo atrás.

Esquecer isso? Eu bem que queria.



CAPÍTULO QUARENTA

A confusão grogue me conduziu até a cozinha onde eu tomei dois analgésicos sem água. A minha família estava no rancho de Blake para uma festa com churrasco com todos os Meninos Malditos e suas famílias que tinham se oferecido para ajudar “a cuidar de crianças, fornecer refeições, e etc” o que permitiu a minha mãe e ao meu pai passarem 24/7 no hospital. No último minuto, eu aleguei estar cansada e não fui para a festa. Ponto para a doente.

Eu passei três dias em coma. Ninguém sabia como ou por quê. Tristan e Logan tinham trazido uma enfermeira quando eu cai inconsciente. Nenhuma menção a Matthias.

Eu continuei com a rotina sem noção. Como eu poderia explicar o que aconteceu? Tristan enviou magicamente minha mente, alma, ou seja lá o que for, a alguma dimensão alternativa, algum subúrbio do inferno em que eu quase fui comida viva, mas milagrosamente eu fui salva por minha anja da guarda de cabelo neon, que canta pop soprano? Hospital psiquiátrico, aqui vou eu.

Então eles achavam que era algo relacionado com a explosão. Cada exame conhecido pela medicina se mostrou perfeito. E nenhum dano ao meu cérebro – não mais que o habitual, Lucian apontou. Todos que se preocuparam estavam em êxtase que eu tinha despertado do sono eterno, e cada movimento meu estava sendo monitorado.

Meus pais recusaram todos os visitantes, só pedindo para serem liberados o Sr. e a Sra. Ishida que queriam expressar pessoalmente seus eternos agradecimentos por salvar a vida da filha deles. Em vez disso, eles tinham comprado tudo na loja da mamãe. Literalmente limparam tudo. Meu quarto e todo o hospital se assemelhavam a uma floricultura.

Em casa, minha mãe e meu pai colocaram o colchão de ar no meu quarto com o objetivo de se revezarem para me fazerem companhia. Na realidade, em todos momentos em que eu acordei de manhã os dois estavam lá, Oron geralmente babando no peito do meu pai, com Luna e Lucian envoltos em seus edredons no chão, e Selena enrolada em minhas costas. Sem mencionar Helsing nos meus pés. Durante o dia, minha comitiva não era muito diferente.



Mesmo apreciando o casulo da família Lahey, um pouco de tempo sozinha era tudo o que eu queria neste momento. Fazia pouco mais de uma semana desde a explosão e enquanto eu ainda não tinha certeza de como o meu pequeno passeio no Mundo em Espera aconteceu, eu sabia que os Meninos Malditos eram os responsáveis. Tristan em particular. Deparar-me com eles? Não estava no topo da minha lista.

Abri a geladeira. Nada. Os armários? Dignos da Mãe Hubbard²¹. Na verdade, eu estava irritada e nervosa. Os analgésicos levavam um tempo para funcionar e meu braço esquerdo ainda doía de onde aquela... coisa dilacerou minha pele. Estava tomando seu tempo para curar, mesmo com minhas habilidades sobrenaturais.

Eu verifiquei o congelador. Bingo.

Empoleirada em um banquinho com uma colher e um quarto do recipiente, eu me saciei. Bem, tentei. Eu dei alguns golpes violentos no sorvete, atualmente em consistência de concreto, e o empurrei de lado. Da brilhante fruteira de vidro, eu peguei uma maçã verde - para neutralizar o próximo - futuro sorvete - e cortei pedaços com uma faca. Eu mastigava lentamente, os pedaços crocantes derramando uma deliciosa mistura de ácido e doce sobre minha língua.

Uma leve brisa veio através da porta de tela trazendo um perfume inebriante de flores desabrochando. O sol brilhou no quintal destacando as cores brilhantes da jardinagem assídua da mamãe. A gralha azul chapinhou na fonte. A paisagem idílica era de contos de fadas, até formas escuras entrarem na minha visão periférica.

Medo brilhou em minha pele fria. Minha visão estilhaçou-se em um caleidoscópio psicodélico.

A próxima coisa que eu soube era que os Meninos Malditos tinham invadido a minha cozinha, o único ruído se desvanecendo, vibrações ecoando. Os outros meninos ficaram de boca aberta para Matthias que olhou para a sua direita, a cor subindo em suas bochechas. A centímetros do seu rosto, a ponta de uma faca estava cravada na moldura da porta, o cabo ainda balançando com o impacto.

²¹ Uma variação inofensiva para filho da mãe.



Olhei para a minha mão. A mão no final do meu braço levantado. Estava vazia agora, onde há pouco tempo eu segurava uma faca. Eu não me lembro de jogar.

Todas as cabeças giraram em uníssono. Todas olhando para mim. Todas surpreendidas.



CAPÍTULO

QUARENTA E UM

— De jeito nenhum — Blake quebrou o silêncio, um sorriso se espalhando por todo seu rosto. — Incrível, querida.

Matthias pegou o cabo da faca e arrancou-o com um uivo. Um borrão de cinza, e Helsing saltou do nada, afundando as garras e os dentes no antebraço do Australiano. A faca caiu no chão. Matthias balançou um punho, mas Helsing já tinha se lançado sobre uma banquetta de bar, rosnando para o Australiano, cauda balançando.

Blake riu, e, com um olhar atento sobre Helsing, abaixou-se para pegar a faca.

— Se você tocar meu gato —

— Nós viemos em paz, querida.

Matthias cerrou os dentes e limpou os filetes de sangue do ataque de Helsing. Cachos escuros derramaram sobre sua testa quando ele olhou para cima. Onyx rodou e engoliu os olhos mercuriais. A sala escureceu.

Apontei um dedo trêmulo. — Pare com isso.

Ayden agarrou o bíceps do Austrália. — Lembre-se, Matthias. Calma.

Dor gravou profundo através das belas feições de Matthias por um momento, fazendo-o parecer jovem e vulnerável. Ele sacudiu colocando Ayden para fora.

— Como eu poderia esquecer — ele arranhou. O preto desapareceu. A sala iluminou. Os olhos que ele levantou para mim eram de um azul prateado tingidos com tristeza. — Ninguém vai te machucar.

— Ela pode ver a mudança dos seus olhos — Jayden sussurrou. — Incrível.

— Isso não é normal — disse Logan.

— Sim, certo. — Como se os seus olhos mudando de cor, e as coisas estranhas e assustadoras que aconteceram quando fazem isso fossem normais.

— Saíam. Agora. — Eu me movi para trás, esbarrando em um armário, e



alcancei atrás de mim por uma outra arma, e surgi brandindo o trem de brinquedo de Oron. O fato de que ele guinchou na minha mão nervosa me fez perder alguns pontos na intimidação.

Blake ergueu a faca.

— Bom toque, mas eu acho que é esse pequeno bebê que fez o seu “ponto”. Indo toda ninja. — Blake imitou alguns movimentos de karatê. — Muito impressionante para um passarinho. Como você fez isso?

Jayden falou em um tom uniforme. — Aurora, você precisa desacelerar sua respiração.

— Estou tentando.

— Se você hiperventilar, corre o risco de desmaiar.

— Eu disse que estou tentando.

Logan pigarreou. — Você gostaria de um saco?

— Eu sei boca-a-boca.

Ayden bateu no ombro de Blake.

— Obrigada, mas eu prefiro que você jogue água em mim.

— Não sabe o que está perdendo, querida.

— Com um pouco de sorte.

— Dê-lhe a faca. — Todos olhamos para Matthias, que, quando ninguém se moveu, pegou a faca de Blake, virou-a na mão e ofereceu para mim, com o cabo primeiro. — Pegue. Você vai se sentir melhor.

Helsing rosnou e pulou para a discussão através de meus tornozelos com indiferença condescendente e o seu miado ocasional. Ele estava gostando demais. Meus dedos tocaram o punho liso, pronta para reagir se Matthias atacasse, mas ele recuou logo que eu peguei a faca.

Mãos levantadas, Ayden disse — Vamos sair se você quiser

— Eu quero.

Ayden trincou um sorriso apertado. — Não acho que você deve ficar sozinha. Você ainda precisa de proteção.

— De você. — Eu apontei a faca para Tristan. — O que você fez para mim? Como pode me enviar para aquele... lugar?

O rosto de Tristan se transformou com culpa. Eu quase senti pena dele. Quase.

Sardas se destacaram contra a sua pele subitamente pálida. Ele passou as mãos com tanta força pelo cabelo loiro que eu esperava que ele ficasse careca.

— Eu não sei. Foi um acidente. Nada como isso já aconteceu.



— Sorte a minha. — Meu estômago ameaçou lançar seu pouco conteúdo.

— Espere. — Ayden parecia confuso. — Que lugar? Você estava no hospital o tempo todo. Confirmamos que era seguro.

Todos eles concordaram.

— Seguro? — Eu lati uma risada fria. — Hospital? Oh, aquilo era uma devassidão. Aquela casa dos horrores quase me matou!

— Aurora — Ayden pisou em minha direção, a mão estendida, mas parou quando eu levantei a faca. Ele deu uma respiração profunda, e apertou os lábios enquanto os pressionava juntos. — Eu juro. Todos nós a vigiamos no hospital. Não houve demônios. Não houve perigo. Como o coma aconteceu — ele levantou os ombros — não temos ideia, mas depois fizemos tudo para protegê-la até que você acordasse. Isso é tudo o que estamos tentando fazer agora.

Jayden inclinou a cabeça. — O que você acha que nós fizemos? Aconteceu alguma coisa que não sabemos?

Eu acariciei o ponto sensível onde o Ghoulie tinha cortado meu braço e estudei cada rosto. Eles pareciam verdadeiramente confusos. Poderiam seriamente não ter nenhuma ideia? Se eles honestamente não sabiam sobre o coma, então talvez-

Minha cabeça começou a doer. Eu esfreguei minha testa com a mão vacilante. — Não aconteceu nada. — Eu precisava falar com Glória. — Eu não estou me sentindo bem então -

— É claro. — Jayden acenou com a mão no ar como se estivesse tentando cortar a tensão. — Você precisa de comida. Podemos conversar durante o almoço. Senhores, vamos buscar comida enquanto Aurora termina — ele estreitou os olhos em desaprovação no meu sorvete — seu pequeno café da manhã.

Em um piscar de olhos, Blake me agarrou e me deixou cair em uma cadeira à mesa do café. Ayden colocou o sorvete de creme - que estava mais para um milk-shake nesse momento - em cima da mesa com uma ordem clara. — Coma. — Jayden trouxe um copo de água. Logan, depois de procurar pelos armários e gavetas, trouxe um saco de papel marrom.

Ayden enfiou a jaqueta em meus ombros e interrompeu a demonstração de Logan sobre como usar o saco para empurrar todos para o corredor me dizendo — Eu já volto.



Sombreado por um Helsing imperioso, ele desapareceu no corredor. Pronta para jogar a frente, eu arrumei a faca em cima da mesa, derrubei o pote de sorvete em meus lábios para um gole rápido, e fiz meu movimento.



CAPÍTULO

QUARENTA E DOIS

Nota mental, pijamas e pés descalços fazem um péssimo traje de fuga. Me esgueirei na direção do portão dos fundos passando as flores silvestres aparadas, e eu quase arranquei meu dedo do pé em um borrifador.

Eles estavam tentando me matar? Matthias parecia provável. Eu não comprei a nova atuação. Era realmente apenas a coisa sobre Jocelyn? Parecia sem importância. Matthias sendo o controlador maligno não era fora do habitual. Mas me mandando para aquele lugar miserável para ser comida viva? Era um exagero. Sem brincadeiras. Assumindo que eles sabiam. O que ainda estava em ponderação. E se eu não deveria entrar em coma ou engatar em um trem de horror para o Mundo em Espera, então o que deveria acontecer?

Misturados em uma maré escura, meus pensamentos giravam com segredos, meias-verdades e mentiras deslavadas. Não é que eu não tenha as minhas próprias, mas esses caras eram perigosos. Tentaram me matar. Eu já mencionei isso? Os analgésicos estavam esfiapando meu cérebro. Olhei por cima do ombro e destranquei o portão.

Ele me agarrou. Quem? Eu não sabia. Analgésicos. Cérebro. Esfiapado. Lembra-se? Eu balancei um soco desajeitado que de alguma forma conectou com sua mandíbula. Ow!

Jayden - sim, é sempre o que você menos espera - grunhiu de surpresa, mas colocou a mão sobre a minha boca e me puxou. A porta bateu ao fechar.

Engoli contra meu coração subindo pela minha garganta. Hesitante, Jayden tirou a mão e recuou. Meus olhos procuraram por uma fuga.

— Sua ansiedade é compreensível, mas equivocada. Os únicos seres que pretendem fazer mal a você estão aguardando a sua saída de casa sem proteção, lhes oferecendo a oportunidade de caos e assassinato.

— Vocês estão indo muito bem com o caos e a rotina de assassinato.

— Eu sei que a ideia de estar em coma é assustadora, mas seus sinais vitais se mantiveram robustos por todo o tempo. Você nunca esteve em perigo físico.



— Não estive em perigo físico? — Eu praticamente cuspi meu desprezo.
— Vocês são idiotas.

— Você parece continuar sugerindo algo — Jayden balançou a cabeça.
— O que eu estou perdendo?

Talvez eles parassem de tentar me matar se soubessem que eu sou a Divinicus, mas então eu teria outro conjunto de problemas com eles e o Mandatum. Eu passei a mão pelos meus cachos, dedos se enredando nos nós. Meu dia foi uma espiral em um poço escuro antes que eu tivesse tido a chance de escovar meu cabelo. Ótimo. Eu precisava de um telefone.

— Nada — eu bati e me movi para o portão. As ondas de decepção de Jayden bateram atrás de mim.

Ele agarrou meu braço. — Sua proteção é o nosso objetivo.

Seu toque atirou punhais frios no meu coração. Fúria subiu através do meu corpo e ocupou meu cérebro antes que eu tivesse a chance de pensar. Virei-me, batendo as palmas das minhas mãos em seu peito. Uma luz brilhou onde eu o toquei e ele voou para trás - quero dizer realmente voou para trás - e pousou derrapando em sua parte traseira.

Ouvi uma voz selvagem, baixa e frágil como gelo fino dizer — Claro, me sequestrar, me manter prisioneira, me usar. Você acha que eu vou deixar vocês me levarem para longe da minha família, os fazerem sofrer, me fazer sofrer? Oh, não. Eles. Me. Amam. — Algo bateu meu peito para enfatizar a última palavra. — E eu não vou deixar vocês nos destruírem. Eu não pedi por isso. Eu não queria encontrá-los. Vocês caçam demônios. Vocês dão suas vidas por sua sociedade preciosa, eu não. Eu estou te avisando. Vão embora!

As duas últimas palavras foram cuspidas com veneno, então a pessoa parou de falar. Eu percebi que era eu. Jayden não se moveu, exceto os olhos. Eles estavam muito, muito grandes.

De repente, sem fôlego, eu lutei para respirar. Mãos arranhando meu peito, eu caí de joelhos, ofegante. Um braço passou ao meu redor. Alguma coisa marrom tocou meu rosto.

— Respire nisso. — A calma habitual imperturbável de Jayden era, bem, refrescante. — Minhas desculpas. Eu nunca quis te assustar. Na verdade, as emoções não são o meu forte. Eu fui insensível. Por favor, se recomponha. Sua pressão arterial está subindo para níveis potencialmente perigosos.



Como ele sabia, eu não sabia. O que eu sabia? Minhas mãos tinham um brilho fraco. Merda. Eu as meti sob minhas axilas suadas e respirei dentro do saco.

— O que foi isso?

— Nada — minha voz soou abafada no papel enrugando.

— Não. Você parecia... estranha e me bateu com uma quantidade razoável de força. E por que você tem medo de sequestro? Eu definitivamente estou perdendo alguma coisa.

Eu me empurrei para cima, feliz por ter minhas mãos de volta ao normal. — Adrenalina.

— Mas - — Ele olhou através de mim e puxou os cabelos para trás com uma das mãos, xingado sob sua respiração.

Girei, esperando o pior – como algo vindo me matar. Pega em um abraço forte, eu gritei e joguei meus braços ao redor do pescoço grosso de Blake. Ele girou, a cerca por pouco não levando minha cabeça, antes de ir para o quintal.

— Blake — Jayden estalou. — Tenha cuidado. A condição dela é delicada.

— Calma, rapaz da lógica.

— Me ponha no chão.

— Paciência, madame. Nós temos uma surpresa.

A surpresa me chocou o suficiente para me fazer parar de me contorcer – e os meus socos inúteis no peito de Blake - e eu respirei — Uau.

Espalhada no quintal estava em exibição uma festa perfeitamente elaborada. Ofertas de costelas, frango, uma infinidade de saladas e acompanhamentos, montanhas de frutas coloridas, cestas de pães, e inúmeras sobremesas deliciosas foram arrumadas em cristais brilhantes chineses e colocadas sobre cobertores de xadrez vermelho. Garrafas de espumantes gelados de cidra de maçã estavam transpirando em baldes de champanhe prata. Vasos altos sustentavam flores. Eu os reconheci do jardim da mamãe. Eu sabia que ela não se importaria de contribuir para esta visão, tão impressionante quanto uma obra-prima ainda vida da Renascença, com cheiro de vida real que fez meu estômago rosnar feroz.

— Sua mãe disse que você não tinha comido muito — disse Ayden. — Nós pensamos que isso poderia ajudar.

Todos olharam ansiosos exceto Matthias que estava se concentrando em... - costurar à mão?



— Então — Blake me impôs — podemos ficar?

Eu olhei para a cornucópia de dar água na boca. — A comida pode.

— Aurora - — Ayden começou.

— Sem Aurora! Vocês são aqueles que me deixaram em coma e me enviaram-

— Em minha defesa — Blake pegou um pedaço de carne — Eu não tive nada a ver com isso. Foi tudo Tristan.

— Por acaso — Tristan gritou do quintal. — Eu sinto muito! Realmente

-

— Eu juro que ele nunca fez isso antes — Ayden falou por cima de Tristan. — Nós não estamos tentando prejudicá-la. Eu sei que não parece, mas

-

— Os grandes caçadores de demônios malignos apenas se preocupam em proteger as pessoas. Sério, essa é a história que você quer vender?

— É a única verdadeira — disse Logan.

— - realmente, realmente, realmente sinto muito! — finalizou Tristan.

Um telefone tocou. Blake puxou um de nossos telefones fixos do gancho e verificou o identificador de chamadas. — É a sua mãe. — Ele jogou o telefone para Logan.

— Eu não quero isso!

Jayden e Tristan eram os próximos na lista de pegar a batata quente, e, finalmente, Ayden, que depois de um breve segundo estendeu-o para mim. — Por favor. Nos dê uma chance.

Peguei o telefone, parando por mais de dois toques antes de me conectar. — Ei, mãe.

— Aurora? Acabamos de ouvir que os meninos foram vê-la.

— Sim, eles estão aqui.

Ela cobriu o telefone e falou algo abafado. Eu assumi que era com o papai. Então — Está tudo bem? Se você não quiser isso, faça eles irem embora. Imediatamente. Ou podemos voltar para casa agora.

Eu examinei o grupo. Oh cara, eles realmente dominam os olhos de cachorrinho. Gloria confiava nestes brutamontes. Gloria, que tinha me salvado do Mundo em Espera para onde eles me mandaram. E se ela estivesse errada? Mas se ela era realmente a única a proteger a minha família dos monstros e ela deixou -

— Querida? Você está aí? Ok, estamos voltando para casa.



— Não, mãe. — Eu suspirei. Arriscar outra viagem para o Mundo em Espera era um preço pequeno a pagar pela segurança da minha família. — Eu estou bem. Vão se divertir. Nós estamos bem aqui.

A tensão diminuiu. — Tem certeza?

— Sim.

— Clyde, ela disse que está tudo bem. O que foi? Sério? — Mamãe bufou. — Seu pai quer saber se 'bem' é um código para “por favor, venha para casa, eu estou sendo mantida refém por maníacos hormonais”. — Pausa. — E se esses maníacos hormonais estão ouvindo, ele quer que saibam que ele vai cortar partes vitais do corpo e vê-los sangrar uma morte lenta e torturante para então enterrar essas partes do corpo em diferentes continentes ao redor do mundo para que ele nunca seja levado à justiça e vai se deliciar com suas mortes dolorosas pelo resto de sua vida porque tiveram a coragem de deixar sua filha desconfortável de qualquer forma.

Eu sorri. — Mamãe, papai não disse isso.

— Eu posso ter improvisado essa última parte. Mas ele falou sobre os maníacos hormonais.

— Você é uma mulher sedenta por sangue.

— Você não tem ideia.

Eu ri. — Eu estou bem. Sem nenhum código.

Mamãe suspirou. — Ok, mas não exagere. Não vamos chegar tarde. Ligue se precisar de nós. Te amo.

— Eu também te amo. — Eu desliguei e plantei as mãos nos quadris. — Mas se Tristan olhar para mim de forma errada, especialmente com aquele olhar arroxeadado, eu acabo com ele.

— Concordo. — Tristan bateu com a mão sobre os olhos.

— E Matthias tem que ir.

— Tudo bem. — Matthias reuniu seus apetrechos de costura.

— Não! — O resto dos meninos fizeram coro.

— Sim — eu disse, surpresa ao ser ecoada por Matthias.

— Espere — disse Ayden. — Ele não sabia o que aconteceria mais do que nós sabíamos. Se ele soubesse, ele teria cortado sua própria cabeça tentando proteger você daquilo.

— Oh, por favor. — Eu quase engasguei.

— Eu estou falando sério. — O olhar intenso de Ayden acompanhou suas palavras. — Ele -



— Cale a boca! — Matthias cuspiu as palavras com fúria, mas o pânico encheu seus olhos. — Ela quer que eu vá embora, então vou embora. Fim da discussão.

Logan correu para bloquear a saída de Matthias e disse — Você não pode sair assim. Seja positivo. Lembre-se da aula de persuasão.

— Evitar Matthias — eu disse. — Isso vem da aula de sobrevivência.

— Matthias — Ayden disse — Diga a ela -

— De jeito nenhum!

Ayden lhe lançou um olhar exasperado. — Que você sente muito.

Matthias piscou. — Oh. Certo. — Por vários momentos, ele estudou o crescimento da grama. Quando ele finalmente levantou os olhos para mim, eles eram desprovidos de emoção. — Desculpe. Eu não sabia. Eu nunca quis Tristan te colocando em coma. Você tem a minha palavra de que não vai acontecer novamente.

Mordi meu lábio, pesando sua sinceridade, o que foi difícil, porque eu não podia ler absolutamente nada em seu rosto. Era como se tudo remotamente humano houvesse desligado. Sem tristeza. Sem felicidade. Sem raiva. Apenas nada.

— Como posso confiar em sua palavra?

Algo finalmente brilhou nos olhos de Matthias - algo doloroso, mas ele se foi num piscar de olhos. — Você está certa. Você não pode. — Ele girou e empurrou Logan ao passar.

— Aurora — Ayden implorou.

Olhei para as costas de Matthias, rapidamente em retirada, quase fugindo. — Hey, Austrália.

Ele endureceu a um impasse sem se virar. — Você pode ficar.

Ele me encarou com aquela expressão assustadoramente neutra - e eu estava quase falhando ante aquele brilho gélido - e brinquei — Hurra! Hurra!

Eu cerrei os dentes. Se eu acabasse lamentando isso, pelo menos eu morreria feliz sabendo que minha mãe iria desfrutar de um passeio ao redor do mundo. Com partes de corpos.

— Mas eu tenho algumas condições.

Um músculo se contraiu na mandíbula do Australiano. — O que você disse.



CAPÍTULO

QUARENTA E TRÊS

Quem joga críquete? Os Laheys jogam críquete.

— Me faz sentir como se eu fosse a realeza britânica de outro século — foi a desculpa da mamãe. Eu tinha que admitir, a exposição colorida aparecia muito contra a nossa grama verde vibrante.

— Eu disse. — Papai se inflou e tentou fazer um sotaque britânico. — Você gosta de um jogo, Lady Lahey? — Então ele curvou e beijou a mão da mamãe. Ela fingiu estar perturbada, intimidada por suas atenções. Às vezes a gente jogava o jogo inteiro com todos nós usando sotaque britânico, ou, pelo menos, nossas versões tolas. Eu sei. Nós somos idiotas.

Mas assim eram essas pessoas.

Logan perdeu um lance. — Trapaceiro — disse ele.

— Perdedor — Blake riu e abaixou quando o bastão de Logan passou pela sua cabeça. Eles começaram um duelo, usando bastões como espadas, e realmente pareciam.... Peritos.

Blake levou um golpe quando ele parou para comer com os olhos a paisagem. — Sabe, algumas destas plantas sequer deveriam crescer neste clima.

Deitada em um pano vermelho-xadrez com meu estômago cheio, cotovelos apoiados, o queixo nas mãos, dei-lhe um olhar dubio. — O que há com você e as plantas?

— Eu amo a Terra. — Blake girou em um círculo completo com seu bastão estendido. Logan veio por trás para capturá-lo. — E tudo o que ela tem para oferecer.

Eu empurrei o cabelo do meu rosto. — Minha mãe tem o dedo verde.

— Ela tem mais do que isso. Qual é o segredo dela?

— Ninguém sabe.

— Impressionante.

No deque a quinze metros de distância - eu sei porque os meninos contaram - Matthias manteve a cabeça baixa e em silêncio e continuou...



costurando. Ele teve que ficar onde eu podia vê-lo, mas permaneceu a uma distância segura, e não fez nenhum negócio engraçado.

O resto de nós comemos nos cobertores, Ayden recarregou meu prato como se toda a comida da propriedade fosse acabar. Loucas histórias de caça demônios com frases que incluíam — Não me culpe, todos nós pensamos que cães do inferno gostassem de biscoitos para cachorro — e — Ei, quem sabia que Cheez-Wiz²² faria o gnomo explodir? — Eu tive que rir.

— Então, qual era o nome dessa missão? Operação calar com comida Kaboom? — eu disse. Os meninos ostentaram olhares em branco. — Vocês não nomeiam suas missões?

A voz de Matthias se arrastou por todo o quintal. — Não. Isso seria estúpido.

— Hey — eu gritei — o negócio era que você mantivesse sua boca fechada.

— Não, você disse que eu não poderia ser ‘rude e de caráter insultuoso.’ Eu estava simplesmente declarando um fato.

Eu sorri e sussurrei — Você deveria nomear as missões.

— Não vamos nomear as missões — o australiano respondeu, sem levantar os olhos da costura. Será que ele tinha audição ninja?

— Eu gostei — Blake sorriu.

Tristan bufou. — Claro que gostou.

Esfreguei minhas mãos. — Vamos nomear essa.

— Esta não é uma missão — gritou o Australiano. — É só você sendo uma dor na bun-

— Pergunte-me se eu me importo com o que você pensa. Cale-se e continue... costurando. — Fiz um gesto para Blake chegar perto. Após vários minutos de debate acalorado, nós resolvemos. Em um tom vertiginoso eu anunciei — Operação Dia dos Demônios, Knights Hexy. Caçadores com um 'K'.

Alguém gemeu.

Matthias fez uma careta. — Absolutamente não. Isso é ridículo.

— É perfeito! — Blake me pegou para um giro rápido em um círculo. — Eu sou um Knight Hexy. Adoro tê-la no grupo.

— Não — disse Matthias. — Ela não – não vamos mantê-la.

— O que eu sou, uma abandonada?

²² Marca de tempero americana



Jayden balançou a cabeça. — 'Hexy²³' sequer é uma palavra.

Tristan franziu o cenho. — Nos faz soar como bruxos lançando feitiços.

— Não, cara. Nos faz parecer sexy.

— Nos faz parecer estúpidos — disse Matthias.

Enquanto Blake me colocava no cobertor xadrez, eu bufei — Bem, obrigado Professor da Artes das Trevas.

— E não é você a inteligente? Realmente procurou profundamente para isso.

Antes que eu pudesse rebater a piada do Australiano, Ayden trouxe um prato de sobremesa. Com um sorriso malicioso, ele pendia um morango com cobertura de chocolate ao lado de meus lábios.

— Aqui, senhorita Super-espiã. Operação alimento seu rosto está em andamento

O que posso dizer? Eu sou uma idiota para doces - e ao Knight Hexy os segurando - e rapidamente sucumbi a um estado de silêncio, excessivamente recheado de felicidade.

Ayden e Tristan terminaram a limpeza. Jayden passeava perto das rosas resmungando, batendo no seu computador. Eu esperava que não fosse um comunicado alegre ao Mandatum sobre como ele tinha encontrado o Divinicus. Eu não podia acreditar na minha confissão. Mas ele manteve sua boca fechada. Até agora. E a combinação de sol, alimentos, analgésicos e camaradagem preguiçosa me relaxou demais para me preocupar.

Blake colocou seu bastão de críquete em seus ombros e pendurou os braços sobre as extremidades. — Todos estamos arrependidos. Tristan nunca causou qualquer coisa parecida com coma antes, passarinho.

— O que era para acontecer, Blake? O que Tristan faz?

Ele sorriu. — Bons pijamas, a propósito. Eu prefiro uma lingerie colada, mas temos que começar de algum lugar.

— Boa esquivação da minha pergunta. — O cobertor foi tirado de debaixo de mim e eu rolei de volta.

— Hey!

Ayden ficou em cima de mim sorrindo, a sua mão estendida. — Você está atrasando minha limpeza. — Ele me puxou e me levou ao balanço. — E você já teve bastante sol.

²³ Referência ao termo original utilizado para “Garotos Malditos”: *Hexy Boys*



Antes que eu pudesse relaxar no movimento do balanço, Van Helsing surgiu vindo das roseiras com um assobio para bloquear a descida de Matthias da varanda dos fundos.

— Quinze metros de espaço pessoal! — disse. — Você concordou.

Mãos nos bolsos, Matthias parou. Van Helsing se estabeleceu no último degrau, estreitando os olhos colados ao Matthias.

Depois de fitar o gato com um furtivo olhar irritado, Matthias se virou para mim. Eu acho que ele tentou sorrir.

— Agora que você está fora do coma, o que é bom, seria bom se você pudesse responder a algumas perguntas.

— Não.

— O quê? — Pela primeira vez Matthias parecia completamente surpreso.

Eu também.

— Não — Jayden repetiu. O balanço começou um novo ritmo quando ele deslizou ao meu lado. Ele se aproximou, seus longos cabelos caindo como uma cortina de conspiração, bloqueando suas palavras de ouvidos indiscretos, e trazendo um cheiro exótico e picante para o meu lado. — Eu vou cuidar disso — ele murmurou.

— Jayden, o que -

— Matthias, ela não está em condições de responder perguntas. Os analgésicos que ela está tomando comprometeram a sua lucidez mental, para não mencionar o seu controle dos estímulos, o que explica a faca jogada em sua cabeça, entre outras coisas, embora sua destreza física devesse ter diminuído, de modo que é uma anomalia que eu vou refletir mais tarde.

— Talvez devêssemos refletir sobre isso agora — Matthias fez uma careta.

— Além disso — Jayden continuou — sua pele está mais pálida do que o normal e as olheiras abaixo de seus olhos indicam privação do sono. Sua perda de pelo menos 3 quilos denota uma falta de nutrição adequada. Acelerada, o ritmo da sua pressão arterial está elevado. Além disso questionamento só vai agravar uma situação já agravada.

— O que começou por atirar uma faca na minha cabeça!

— A única coisa triste sobre isso é que eu errei!

Matthias e eu fizemos um concurso de olhar fixamente enquanto Jayden continuava — Claramente, ela ainda não se recuperou do coma que nós,



acidente ou não, causamos. Dê a ela 24 horas. Vou ver o que eu posso descobrir, e ela vai estar em um melhor estado de espírito para se comunicar. E talvez você reconsidere sua posição sobre o compartilhamento de informações.

Matthias cruzou os braços e franziu a testa. — O que há de errado com você, cara? Você está mais idiota do que o habitual. Eu não estou... eu estou tentando... Olha, quanto mais cedo obtivermos respostas -

— Não. — Ayden caminhou ao meu lado. — Ele está certo. Ela está um desastre e nós estamos piorando. Não vamos ter nada de útil enquanto ela estiver assim.

Matthias soltou um sorriso gelado. — Você está questionando minha autoridade?

Os músculos da mandíbula de Ayden fizeram um trabalho de flexionar extraordinário. — Só o que sugerimos fortemente, é atrasar as perguntas. Mas se você quer forçá-la...

As narinas de Matthias alargaram. — Sem respostas, não podemos protegê-la quando -

— Esqueça isso — eu o interrompi. — Eu terminei com você hoje. Amanhã estou de volta à escola. Eu posso responder a algumas perguntas depois, mas só se você responder as minhas primeiro. Então, se você sentir vontade de compartilhar, me procure.

Eu devo ter intimidado o diabo fora dele - ou parecia pior do que eu pensava, porque depois de um longo olhar em minha direção, Matthias respirou fundo e se virou para os caras.

— Temos que fortalecer os escudos ao redor da casa. E alguém fica aqui até que a família dela chegue em casa. Jayden, pesquise. Logan, Blake, vocês ficam com Tristan. Eu quero pelo menos um vigiando a noite toda. E Ayden, você vai levá-la para a escola. — O Australiano parou, tirou algo azul do bolso do casaco e limpou a garganta. — Se você não se importa, você poderia dar isso a Selenia. Tentei terminá-lo antes, mas se ela não gostar, podemos tentar outra coisa.

Ele atirou-o para Ayden, que ofereceu a mim. Eu só podia olhar quando Ayden colocou na minha mão, da mesma forma como Selenia tinha feito para Matthias naquele dia na frente da minha casa quando eu roubei - emprestei - o carro de Ayden.

Acordando do coma, eu ainda segurava Bubbles, mas ela tinha menos um olho onde os ghoulies do Mundo em Espera o tinham rasgado. Agora,



descansando na minha mão, Bubbles ainda olhava com apenas um olho. Mas ao longo do globo em falta, um tapa-olho de um tecido rosa brilhante na forma de um coração tinha sido cuidadosamente costurado à mão. Uma fita rosa foi anexada em cada lado, e depois envolto e amarrado em um laço delicado.

Atônita, eu assisti Matthias caminhar a passos largos para fora do portão lateral.

Jayden traçou um dedo ao redor da borda de tapa-olho de Bubbles. — Bom trabalho. — Ele olhou para o espaço, e disse — Eu preciso do computador de Tristan —então foi em direção ao lado da casa, escalando o carvalho como um macaco, e desapareceu através da janela do segundo andar de Tristan.

Ayden se ajoelhou na minha frente, inspecionado Bubbles, e sorriu. — Matthias é — Ayden procurou o céu para a palavra certa — complicado. — Seus olhos percorriam meu rosto. — Você está cansada. — A brisa levantou. Ele roçou os cachos no meu rosto. — Eu já volto — sua voz era uma carícia.

Eu peguei sua mão. — Você pode ir. Minha família vai estar em casa logo, e eu não quero parecer um zumbi.

— Tarde demais.

— Engraçado — eu sorri. — Vou tomar um banho.

— Quer companhia?

— Chega, Blake. — Ayden levantou e endireitou o peito para o cara grande.

— Só estou tentando fazer o meu dever de Knight Hexy. Que tal uma carona amanhã, querida? Você pode sentar no meu colo. Eu faço um grande cinto de segurança.

— Cale a boca, Blake — Ayden e eu dissemos em uníssono. Blake deu um olhar dissimulado de ping-pong entre nós, mas não fez nenhum comentário.

Logan ajeitou a gravata. — Você está bem, Aurora. Blake, Tristan, vamos reforçar os escudos.

— Bem, olhe para você! Todo Sr. Assuma o controle — disse Blake seguindo Logan para fora do quintal. — É sexy. Ow!

Tristan pairou por tempo suficiente para murmurar — Eu sinto muito — em seguida, se juntou a eles.

Ayden levantou um dedo. — Espere aqui. — No meio do caminho para a casa, ele se virou. — Você vai esperar, desta vez, certo?

Eu ri e levantei dois dedos. — Prometo.



— Você não era escoteira — ele sorriu e logo voltou da casa com meu cobertor e travesseiro. O balanço rangeu quando ele se sentou e jogou o travesseiro em seu colo com um tapinha. — É hora de descansar.

Eu parei de funcionar.

— Vai tirar o zumbi de seu olhar. Faça pela sua família. — Ele pegou o meu olhar. E segurou. Calor manchou meu rosto. — Confie em mim. — Ele pegou minha mão entre as suas e acariciou seu polegar lentamente para trás e para frente sobre os nós dos meus dedos. — Como eu deveria ter confiado em você quando você me pediu para levá-la para a fogueira.

A culpa do meu estado piorou, mas eu olhava para aqueles olhos castanhos líquidos sensuais, e cedi. Literalmente cai em seu colo.

Quando me acomodei, cabeça no travesseiro, o corpo estendido no balanço, ele abriu o edredom e me enfiou dentro.

— Ele está sempre presente e parecendo assustador? — Ayden tinha um olhar atento sobre Helsing que estava sentado na grama olhando para nós, cauda se movendo com desaprovação. Sim, caudas podem fazer isso.

— Ele não é de todo ruim. Além disso, eu devo a ele.

— Por quê?

Engoli em seco. — Helsing me encontrou. No beco... depois do ataque. Ele continuou miando até que a ajuda chegasse.

Ayden colocou meu cabelo atrás da minha orelha. — Eu sabia que eu gostava dele.

Ele empurrou o balanço em um ritmo de canção de ninar, uma mão na minha cintura, a outra acariciando meu cabelo até que eu adormeci. O que levou cerca de três segundos.

— Temos vários convites para jantar. Até mesmo um dos pais do seu namorado.

— Mãe. — Suspirei quando Oron me deu um pontapé que me tirou fora do curso. Ele gritou de alegria.

Ayden tinha ido embora quando acordei, quando a minha família tinha chegado. Ah, sim, eles pensaram que era tão bonito, ele me balançando enquanto eu dormia.



— Eu sei. Eu estou apenas brincando, mas ele parece legal. E você comeu! Eles são meus heróis.

— Você estava babando.

— Lucian, é o suficiente — Mamãe avisou.

— Toda uma piscina de baba.

— Cale-se — Mamãe sorriu. — Se eles descobrirem que ela baba eles podem rescindir a oferta para o clube de campo. Muito metido a chique.

— Deve ser — disse papai, perdendo a vez de jogar, porque, bem, ele é horrível nisso. — Você sabe quanto é o custo para entrar naquele lugar? — Papai girou o bastão em uma mão. Ele bateu-lhe na parte de trás da cabeça. Um verdadeiro homem renascentista – um médico brilhante e consolo cômico.

Nas costas de Lucian, que deixava ela fingir jogar polo, Selena bateu bola com Luna, cantou uma nova música sobre piscinas cheias de baba, e agarrou Bubbles. Ela gritou de alegria quando apresentou o ornitorrinco de um olho só que ostenta seu — atrevido — remendo pirata, a única decepção de Selena sendo que o seu novo melhor amigo — Matty — sim, eu não estou brincando - ainda não tinha aparecido.

Eu poderia deixá-los? Não. Eu faria qualquer coisa para mantê-los seguros? Absolutamente. Seria possível ter os dois? Provavelmente não. Mas eu tinha que tentar.



CAPÍTULO

QUARENTA E QUATRO

Virando e me debatendo a noite toda, parecia que eu nunca mais ficaria acordada ou dormindo. Os demônios invadiram meu subconsciente. Garras cortantes. Sangue. Carnificina. Meu único alívio das visões horríveis era ser perseguida por caçadores tentando me sequestrar para salvar o mundo.

Outra noite estelar.

Durante a minha rotina matinal, o espelho confirmou que as olheiras ainda pendiam de meus olhos. A maquiagem ajudou e meu cabelo lavado parecia macio, cachos grandes brilhavam com mechas vermelhas. Mas, no geral, eu parecia uma figurante em um filme de zumbi.

— O que você está fazendo aqui? — Luna entrou enquanto eu estava na balança do banheiro dos meus pais.

— Sabia que eu perdi três quilos?

— Vamos esperar que não seja em seus peitos.

— Obrigada.

— Só estou dizendo que seu novo namorado gostosão pode te largar.

— Ele não é...

Luna acenou com a mão. — Tanto faz. O cara que você estava no colo babando ontem. — Eu adorava minha família. Realmente. Eu adorava. — Falando nisso, ele está aqui. — Ela passeou fora da sala. — E trouxe-lhe outro... — Ela fez um canto meio lírico a última palavra. — Preee-seeenteee.

Na cozinha, mamãe e papai sorriam patetas, o que me levou a perguntar — O que está acontecendo?

— Você não pode ficar com ele. — Disse a mãe.

— Mas você pode...

— Clyde, deixe que ele conte a ela.

— Contar o quê?

Eles me empurraram para a porta da garagem e meu pai abriu com um floreio. Eu tinha ouvido o motor gutural e percebi que era o carro de Ayden.

Eu estava errada.



Tropeçando ao descer as escadas, percebi que o carro de Ayden era um modelo pin-up feito por um mecânico, mas este novo era absolutamente indecente. Linhas suaves e elegantes, rebaixado, superfície azul marinho brilhante. Ele ronronaria em um pega na autobahn²⁴ e uma viagem através dos Alpes. Lucian e Luna já estavam circulando sua presa veicular. Risadinhas da mamãe foram abafadas quando a porta se fechou atrás de mim.

Ayden deu a volta e calmamente me jogou as chaves. Eu as peguei com facilidade.

Nah, eu as deixei cair. Ok, tecnicamente eu não as deixei cair. Eu só vacilei quando bateram no meu ombro, então eu as olhei cair. Eu mencionei que eu não dormi bem? Ayden pegou as chaves, tomou meu pulso, colocou na minha mão e eu fechei os dedos.

— O que você está fazendo? — Eu disse.

Ele deu de ombros e virou para ficar ombro a ombro comigo, com um sorriso irônico dançando nos lábios. — Pensei que você gostaria de dirigir.

Eu fiz algum barulho estranho rindo, algo entre um ronco e gargarejo molhado. — Ah, certo. Muito engraçado, hah, mas não. — Estendi as chaves.

Ele ignorou o gesto. — Você pode ficar com elas.

Minha testa franziu. — Eu não vou ficar com elas.

— Por que não? É o seu carro.

Larguei as chaves. Seus olhos castanhos brilhantes ficaram em mim enquanto ele as recuperava, mais uma vez, se divertindo com meus sons estrangulados. Seu sorriso virou uma risada, Ayden devolveu o tilintar de metal para minha mão.

— Ah! Para com isso. — Eu consegui conjugar sílabas. — Sem brincadeira.

Ele balançou a cabeça. — Não é brincadeira. Meus pais compraram para você como um agradecimento por salvar Jocelyn.

Olhei para o carro. Olhei para ele. — Ah! Para com isso. — Eu acho que eu já disse isso.

Ele levantou dois dedos. — Palavra de escoteiro.

Eu sorri. Olhei para as chaves. Olhei para o carro. — Uau. — Eu suspirei. — Você não está brincando?

— Eu não estou brincando.

²⁴ *Autobahn – é uma estrada impecável que vai da Alemanha aos Alpes sem limite de velocidade



— Uau. — Meu uso da repetição era impressionante. — Mas eu não posso aceitar. — Suspirei com pesar genuíno e forcei as chaves na mão dele.

— Eu sei. — Seus ombros levantaram e caíram. — Quando os meus pais falaram aos seus pais sobre isso ontem, eles disseram a mesma coisa.

— Bem, eles estão certos. — Nós dois olhamos para o carro. — É demais. — Eu esperava que eu não estivesse babando. Mais uma vez.

Ele concordou. — Meus pais tendem a exagerar.

— Eu diria que sim.

— Mas você salvou a filha deles.

Eu concordei com a cabeça. — Então eles me compraram um carro?

— Um Maserati.

— Um carro muito bom.

Ayden estendeu as mãos. — A única filha.

— É verdade. — Eu suspirei. Mais uma vez. — Não seria certo.

— Você não pode aceitá-lo.

— Eu não posso.

Um sorriso malicioso. — Mas você pode dirigi-lo. É totalmente seguro e... — Ayden acrescentou em um sussurro — seus pais disseram que estava tudo bem.

Eu dei um olhar de lado. — Bem, neste caso...

Ayden jogou as chaves.

Eu as peguei no ar. Não brinca!



CAPÍTULO

QUARENTA E CINCO

Nossa chegada a escola produziu respostas desde aprovação a inveja, fazendo Luna e Lucian terem fama antes do dia começar. Ayden riu da minha expressão de dor quando eu lhe dei as chaves.

— Foi divertido enquanto durou — sorri. — Obrigada. E desculpe por ter roubado o seu carro.

— Emprestado.

Ayden colocou o braço em volta dos meus ombros enquanto caminhávamos para a escola. Fora da sala de aula, a multidão se empurrando fez nossos rostos ficarem próximos durante nosso “vejo você depois”, e por um momento de parar o coração, nossos lábios quase se tocaram. Eu senti sua respiração na minha pele, o calor do seu corpo e-

No último segundo, ele se afastou e bagunçou meus cabelos com a mão. Como se eu fosse seu cão favorito. Sexy.

Sem folego e confusa, os perigos demoníacos momentaneamente esquecidos, fiquei sobrecarregada com - provavelmente mais de quatro quilos - da porcaria de insegurança feminina. Foi a baba?

Acabei na sala da enfermeira depois de adormecer no segundo período. Ela só concordou em não ligar para os meus pais se eu ficasse sob supervisão e descansada. Ela não queria correr nenhum risco com a filha do Dr. Lahey e a heroína que tinha salvado a única menina dos Ishida, que, por sinal, Ayden tinha mencionado não estar de volta na escola.

Ela provavelmente tinha que reencontrar seu habitat natural. Algum local longe e exótico, descansando em uma praia tropical e bebendo bebidas de frutas com guarda-chuva trazidas por um rapaz bonitão da praia, muito pouco vestido e que passava óleo de bronzear em suas costas e ouvia cada palavra sua, enquanto eu corria pela minha vida no Mundo em Espera, acordava de um coma, e bam, de volta à escola com dez milhões de quilos de trabalhos escolares para fazer, e sem meninos de praia. Exceto Ayden. Ele daria um bom menino



de praia. Mas eu não podia ficar muito animada. Ele é apenas um namorado de mentira.

— Você está bem? — Perguntou a enfermeira.

— Tudo bem.

— Você está suspirando e fazendo barulhos estranhos.

— Sinto muito. — Acabar com o show de piedade não foi fácil. A dúvida dominou o dia. Eu esperava falar com Glória, mas ela não apareceu. E, não, eu não tentei esfregar a pena, mas estava no meu bolso.

Eu queria falar com ela, porque ela parecia ser a mais provável de não estar me manipulando, entretanto, porque ela parecia ter a menor probabilidade de me manipular, ela poderia de fato ser a mestre manipuladora, me manipulando para me manipular para lhe pedir ajuda, consequentemente - yeah, eu olharia para cima e ela não seria uma pessoa - e eu teria caído direto em sua armadilha. Entenderam? Fico feliz que alguém entendeu. Meu cérebro parecia um purê de batatas.

Teria Jayden dito a eles a ideia do Divinicus? Que eu o tinha arrebatado? Quão rápido eles iriam me mandar para o Mandatum? Será que eles me machucariam? O que eles estavam escondendo? Que poderes eles tinham? Que poderes eu tenho? Quanto tempo duraria a segurança da minha família? Eu queria respostas, mas eles mentiriam ou me diriam a verdade?

E ainda por cima, sem visões. Fiskick, demônio do nome idiota, e Echo estavam atualmente perdidos, mas sem dúvida escondidos em alguma margem sombria à espera de sua próxima oportunidade. A vida era uma porcaria.

No final do dia, a enfermeira me libertou mais cedo. Os corredores estavam vazios e silenciosos. Eu queria ficar do lado de fora antes do sino tocar, as portas abrirem e corpos se empurrando para fora, correndo como ratos, acabando com o espaço aberto, e a minha sanidade. Joguei um zilhão de livros na minha mochila por causa de todo o trabalho para fazer. Vozes baixas de um canto não me preocuparam, até que ouvi o meu nome. Eu me comprimi contra a fileira de armários e rastejei na direção da conversa.

— Melhor mantê-la trancada até descobrirmos as coisas. — A voz de Matthias parecia tensa.

— Ela não vai gostar disso — disse Ayden.



— Ele está certo — Jayden concordou. Com Ayden, eu acho.

— Ninguém — a voz do Australiano aumentou e ele levou um momento para acalmar o volume subindo. — Ninguém deveria se preocupar se ela gosta ou não. Ela está em perigo e não podemos protegê-la se ela estiver correndo por aí. Não podemos confiar nela para ficar em casa. Ela já demonstrou que vai guardar segredos, mentir e se colocar em situações perigosas que poderá não sobreviver na próxima vez. É para seu próprio bem. Você sabe que os demônios vão atacar de novo, e da próxima vez ela pode não ter tanta sorte.

— Pontos válidos.

— Claro que são, Jayden — a voz de Ayden escorria sarcasmo. — É apenas esse pequeno problema de fazê-la concordar.

Matthias fez um barulho que transmitia desprezo. — Ela não precisa concordar. Levaremos ela. Por um tempo. Fiz arranjos para tirá-la da cidade. Temos vários locais seguros para escolher, mas quanto mais longe, melhor. O trabalho do meu pai pode facilitar tudo. Ela vai estar segura e fora do caminho enquanto caçamos esses caras.

Alguém suspirou. — Tudo bem. — Foi Ayden. — Eu vou buscá-la e deixá-la pronta. Jayden, veja se você pode pegar algumas de suas roupas junto.

Jayden grunhiu em acordo.

Alguma coisa zuniu e uma das fadas guinchou — Ela se foi.

— O quê?

— Ela não está na sala da enfermeira. — Pausa. — Oh, não me venha com esse olhar. Eu saí por um segundo e-

— Onde ela está? — A voz de Ayden pingava aborrecimento.

No momento, eu voltei para o corredor o mais rápido e silenciosamente quanto eu pude. Eu cheguei ao meu armário e comecei a pegar os livros por tempo suficiente para a minha visão periférica capturasse os três meninos se inclinando ao virar da esquina. Eu mantive meus olhos a frente. Ayden fez um movimento de enxotar e caminhou para mim.

— Precisa de alguma ajuda?

— Não — Se Jayden estivesse aqui, minha frequência cardíaca me entregaria no ato.

Ele se inclinou contra os armários, os braços cruzados sobre o peito - seu peito firme e largo - e fixou um sorriso preguiçoso em seus lábios - lábios completamente sensuais. Lábios que eu queria beijar mais cedo. Lábios que, inexplicavelmente, eu ainda queria beijar apesar do fato de este pedaço bonito



ter planejado me raptar e me enviar para algum “local seguro”. Embaraçoso. Mas quem sabia que um pacote tão sedutor abrigava um idiota cruel?

Bati meu armário fechado. — Eu tenho que usar o banheiro.

— Eu posso esperar.

— Claro que pode.

Seus olhos me seguiram quando os nossos passos ecoaram pelo corredor. Eu precisava de ajuda, de um plano, de mais tempo. Eu precisava de Gloria. Eu mantive o meu olhar para a frente, a boca fechada. No banheiro, ele bloqueou meu caminho enquanto abria a porta. O cômodo parecia vazio, mas ele enfiou a cabeça para checar, tendo a decência de parecer um pouco envergonhado.

— Tudo limpo. Vamos. — Ele se moveu para me acompanhar.

Virei-me e coloquei a mão em seu peito. — Apenas pessoas com dois cromossomos X podem entrar. É uma regra. Como com os vampiros. — Eu agarrei a borda da porta e empurrei contra seu aperto. Nada.

Seu olhar tentou dissecar minhas intenções. Corei. — Por favor.

— Tudo bem. — Ele lambeu os lábios. — Eu seguro suas coisas.

Eu puxei a mochila fora de seu alcance. — Não, eu seguro. Mas obrigada. Vou sair em um minuto.

Eu experimentei um sorriso tranquilizador, mas com toda essa tensão provavelmente parecia que eu tinha engolido um besouro. Uma pancada para fechar a porta teve novamente o mesmo resultado, ou a falta de um.

Sua testa franziu. Suspeita? Preocupação? — Você está bem?

Além do fato de que você está planejando me raptar? Oh, eu estou muito bem. Eu dei de ombros cansada e me apoiei na porta do banheiro. — Privacidade seria bom.

Seus olhos passaram pelo cômodo, em seguida, ele deu um passo para trás, em silêncio. Seu olhar agarrou o meu até que a porta se fechou e quebrou a conexão.

A respiração profunda vacilou em meus pulmões. Reunindo determinação, eu corri para a lata de lixo e a virei de cabeça para baixo em baixo da janela alta que estava fora da vista da porta para que se meu guarda costas autônomo espiasse, ele não pudesse me ver.

Eu coloquei um pé na lata de lixo e as minhas mãos na parede para me estabilizar. No três eu me levantei, abri a janela larga, e com alguns grunhidos



depois, minha mochila bateu na grama abaixo. Lá fora, o gramado se estendia em direção à floresta, vazia de olhos curiosos.

Com minhas mãos no peitoril, eu me preparava para me impulsionar para cima. — Aurora? Você está bem?

Eu quase caí da lata de lixo. Esse cara era inacreditável. — Puxa, Ayden. — Eu injetei indignação na minha voz.

— Só checando.

— Bem, não cheque.

— Tudo bem?

A porta rangeu. — Tudo, exceto pelo fato de que você está falando comigo. Isso é humilhante o suficiente. Mantenha a porta fechada e cale a boca. Eu não vou mais responder nada. Ok?

— Tudo bem.

A porta rangeu e se estabeleceu fechada. — Aurora?

— O quê? — Ele poderia ficar mais irritante?

— Eu pensei que você disse que não ia me responder? — Sim, ele poderia. Me lancei para fora.



CAPÍTULO

QUARENTA E SEIS

Impressionada com o meu pouso suave, eu ostentei um sorriso de autossatisfação enquanto tirava o cabelo dos meus olhos e dava de cara com a fada vermelha. A fada de Ayden. A espiã de Ayden.

Eu bati meu pé. — Ah, vamos! — Eu me movi para ela. — Vá embora.

Rosto marcado em horror, ela se esquivou facilmente, desaparecendo e reaparecendo em um sopro de pó vermelho-framboesa. — Você pode me ver!

— Infelizmente.

Ela me lançou um olhar sujo.

Eu atirei um de volta, dando continuidade ao alto nível de maturidade que começou com o meu impressionante bater de pé.

Ela mostrou a língua para fora. Eu fiz o mesmo.

Ela respirou fundo e estreitou seu olhar fixo. — Você é uma menina muito rude.

Eu espanei minhas calças. — Você é uma fada muito rude.

Respirou fundo de novo. — Eu não sou uma fada.

— Você parece uma fada. — Ela brilhava à luz do sol e suas asas delicadas brilhavam como se estivessem girando com fios de seda iridescente. Ela cheirava a canela.

A não-fada cruzou os braços e ergueu o queixo. — Eu não me pareço com uma fada.

— Sim, parece.

— Você nunca viu qualquer fada.

— Oh, eu já vi muitas fadas.

— Você não viu.

— Eu vi. — Isso estava ficando ridículo, mas pelo menos estava impedindo-a de relatar a Ayden. — Então, se você não é uma fada, o que você é?

Seu corpinho minúsculo inflou com a auto importância. Seu tom sarcástico. — Nada que seja da sua conta.



— Pequena zombadora desagradável.

Ela parou de levitar na minha frente. — O quê?

— Você me ouviu. Agora saia e não volte.

Ela retomou seus ziguezagues aéreos. — Eu não recebo ordens de você.

— É melhor receber ordens de mim.

— Ou o quê? — Disse ela, seu tom aborrecido.

Coloquei as mãos nos quadris e convoquei meu pior olhar semicerrado.

— Ou eu baterei em você até o chão. — Ok, um pouco dramático, mas ela estava me irritando muito.

Seu grito estridente de riso histérico cortou meus tímpanos. — Me machucar? Você acha que pode me machucar? Você sabe mesmo o que isso significa?

Dei de ombros. — O que você acha que isso significa? — Eu pensei que tinha chegado a coisa certa.

— Nada — ela riu. — Absolutamente nada, porque você não pode me ferir, mesmo que você saiba o que significa.

— Sério? Um minuto atrás, você achava que eu não poderia vê-la. Como você sabe o que eu posso ou não posso fazer?

Isso a parou.

— Confie em mim, se eu posso vê-la, eu posso machucá-la. — Eu não acho que eu poderia, mas eu a peguei de surpresa e queria manter a vantagem. Ela ficou completamente imóvel, mesmo que apenas por uma fração de segundo.

Ela voou em torno da minha cabeça, o forte aroma de canela flutuando. — Eu poderia deixá-la sozinha, se você ficar longe do meu garoto.

— Seu garoto? O que você é, a mãe dele?

— Claro que não, eu sou seu g- — Ela parou e sacudiu um dedo. — Oh, você é boa, mas não boa o suficiente. E você certamente não é boa o suficiente para o meu bonito, doce e adorável Ayden. E eu vou contar a ele que você está escapando pela janela.

Deixei-a zumbir alguns metros de distância, em seguida, disse — Ótimo.

Ela guinchou a uma parada e olhou por cima do ombro. — Ótimo? Eu pensei que você estava tentando ficar longe dele?

— Eu estava, mas mudei de ideia. Quero dizer, ele é bonitinho. — Ela voou rapidamente de volta. O zumbido de suas asas se intensificou. — Nós deveríamos ir em um encontro.

— Oh, não.



Eu sorri. — Oh, sim. Um encontro real. Sem mais fingimento. Vamos dar as mãos. E abraçar.

— Não, não, não. — Ela zunia ao redor como uma louca. — Sem encontros, sem mãos dadas, sem carinho, absolutamente sem-

— E vamos terminar a noite com um grande... e succulento... beijo. — Meu cabelo amarrotou quando ela zuniu por ele e pegou alguns fios com suas asas. Ow. — A menos que você concorde que nós nunca nos encontramos.

Ela se acomodou na minha frente e olhou. — Tudo bem. — Ela assentiu com a cabeça. — Vou te dar uma vantagem. Mas não posso mantê-lo afastado para sempre. — Ela voou rapidamente para longe, mas zuniu de volta para chegar na minha cara. — Ele não iria querer te beijar de qualquer maneira. — E ela se foi.

Eu me escondi fora, em seguida, me juntei a multidão de crianças que se dirigiam para os ônibus, meu cabelo escondido sob um gorro roubado. O hospital era o meu santuário mais seguro porque era público e nenhuma quantidade de “suavizar as coisas” pelo escritório do xerife jamais convenceria o meu pai a deixá-los me sequestrar. Eu encontrei o ônibus certo, só relaxando quando atravessamos os portões.

O alívio não demorou muito. Um guincho de pneus. Um cheiro forte de borracha queimada. O Maserati passou correndo, derrapou imediatamente em torno, e parou na frente de outro ônibus, forçando-o a parar. Ayden, seguido por Tristan, saltou e correu para o ônibus, batendo na porta. Eu vi o número. Era o meu ônibus regular.

Sem saber quantos meninos malditos estavam a minha caça e quantos ônibus eles estavam dispostos a deter, eu tropecei em meu caminho para frente e sai na próxima parada. Com indicações de algumas crianças, logo eu estava indo para o centro hospitalar, me escondendo nas laterais das ruas.

A calçada estava vazia quando a visão me atingiu. Minha mente foi em um túnel e teceu em um borrão para um local deserto no lago, observando o Kalifera correr lentamente para fora da névoa, rastejar sobre a superfície da água, e espreitar para a praia, sacudindo a água em uma imagem tão viva. Eu vacilei com a água que ele sacudiu. Ele apalpou o chão e levantou seu grande e gotejante focinho. Todos os quatro olhos amarelos travados em mim.



Ele me viu. Eu senti isso. Estava conectado com o meu cérebro, minha psique, ou o que seja. Eu senti a sua presença entrar em mim e deslizar como veneno infectando todas as fendas do meu ser. Nenhum dos demônios em minhas visões tinham me visto ou se conectado de alguma forma.

Em pânico, eu me forcei para longe e corri de volta para o meu corpo. Eu caí contra o edifício mais próximo e bati no peito para reiniciar a respiração. Um grito de triunfo ecoou na distância e me senti com um certo terror de que o Kalifera sabia onde eu estava.

E agora, ele estava me seguindo.



CAPÍTULO

QUARENTA E SETE

Como uma língua grudada em uma geleira, eu estava congelada ao edifício. Até outro rugido do Kalifera, mais perto desta vez, me tirar do torpor e me obrigar a fazer o meu movimento ninja favorito.

Correr.

Até meus pulmões queimarem de tão quente a cada expiração que deveriam estar atirando chamas. Eu me abaixei em um beco para tomar folego e me apertei atrás de uma lixeira, aconchegando-me ao lado da sujeira e mau cheiro que dificilmente foram registrados após a viagem ao Mundo em Espera.

Meus dedos se atrapalharam com a pena no meu bolso.

— Gloria, Gloria, Gloria — eu cantava, apertando a penugem em meus punhos, os lados das mãos pressionados contra minha testa, mas quando eu abri meus olhos, não havia asas brancas, nem uma mulher com cabelos com alguma cor primaria, cantando e dançando na rua.

Minha pele coçava como se mil formigas estivessem caminhando sobre ela. Essa sensação, e o formigamento na minha cabeça, estava acontecendo desde a minha conexão com o Kalifera. Com as mãos sobre meus ouvidos, eu balançava para frente e para trás, mentalmente empurrando-o. A invasão foi embora como antes, mas me livrar de sua presença provou ser mais difícil à medida que eu ficava mais cansada fisicamente e emocionalmente.

Eu queria entrar em colapso, me deixar ficar louca. Depois de tudo que eu tinha passado, eu merecia isso, certo? Mas eu não poderia fazer isso com a minha família e eu amaldiçoei o indomável espírito Lahey que me mantinha sã e lutando. — Desde quando você deixa algo assim impedi-la?

Minha respiração parou. Minha cabeça virou, batendo contra o concreto. Um motor deu ronco gutural, em seguida, parou.

— Já chega, Tristan — Eu ouvi Ayden dizer. — Era o banheiro das meninas. Pearl a perdeu também.

— Eu só estou dizendo-



— Você já disse o suficiente. Mantenha os olhos abertos. Jayden disse que com base na localização da sua mochila e dos movimentos dos demônios, ela deve estar chegando por aqui a qualquer momento. Provavelmente indo para o hospital.

Peguei um pedaço de espelho quebrado e o trouxe para mais perto da borda da lixeira, usando para ver Ayden no Maserati estacionado a poucos metros no beco. Eu simplesmente não conseguia ter um descanso.

Ayden bateu as palmas das mãos contra o volante. — Nós perdemos muito tempo. Eu deveria saber que ela não estaria naquele ônibus. Por que ela fugiu? Eu pensei -

— Relaxe. Você vai derreter o volante. Temos alguém vigiando a casa dela, o hospital, a floricultura. Vamos encontrá-la.

Ayden agarrou o volante, sacudiu-o algumas vezes, deu um tapa quando soltou, e caiu para trás em seu assento com um grave — Arrrgh! — Bem irritado. Devo ter frustrado sua quota de sequestros.

E eles bloquearam todos os meus refúgios. Para onde eu iria agora?

— O que você pensa que ela é? — Perguntou Tristan no silêncio tenso, com a cabeça girando em volta para fazer a varredura da área. — Ela consegue ver os nossos olhos mudarem. Vê os demônios que querem vê-la morta. Eu não consigo mexer com sua mente. Bem, eu consigo, mas-

O *mas* praticamente me matou.

— O quê? — A cabeça de Ayden empurrou em direção ao seu amigo. — Ela não é um 'o que', Tristan.

A expressão de Tristan ficou ruborizada. — O que está de errado com você? Eu não quis dizer dessa forma e você sabe disso. Era eu quem queria mantê-la longe de nós, lembra? Foi sua ideia brilhante chegar perto.

— Para mantê-la segura — Ayden rosnou.

— Sim, é o que eu disse e você disse -

— Tudo bem, eu entendo. — As mãos de Ayden subiram. — Você estava certo. Mais ou menos.

— Sim, eu estava, e você disse 'Há algo acontecendo entre vocês dois que devemos saber?'

— Eu disse que eu estava errado.

— Não, você estava certo em perguntar, porque os sentimentos pessoais afetam nosso julgamento.



Nem me fale sobre isso. Eu estava aconchegada em uma lixeira que fazia as minhas sujas de Lucian ter um cheiro comestível, porque eu confiei em vocês. E Gloria. Onde ela estava?

— Eu não gosto disso, mas você estava certo, então agora eu estou te perguntando. Ayden, há algo acontecendo entre vocês dois que devemos saber?

— Não — disse Ayden, rápido, na defensiva. Meu peito ficou gelado.

Eu sabia que nosso relacionamento era fingimento, mas às vezes... às vezes parecia real. Ou como se pudesse ser.

— Eu só estou - Eu não- — A mão de Ayden passou pelo cabelo. — Pare com as perguntas estúpidas. Não temos tempo. Nós temos que encontrá-la. Ela está louca. Como pode ser tão estúpida? Ela luta contra nós em todo momento em vez de nos deixar fazer o nosso trabalho. Quando o -

Durante sua argumentação, um rugido demoníaco enviou coceira em minha pele. — Está ficando mais perto — disse Tristan.

Ayden assentiu.

— Então vamos segui-lo.

— Não — Ayden estalou. — Ela é a nossa prioridade.

— Eu sei, mas ele está a seguindo, por isso — Tristan segurou uma das mãos para cima — encontrando o demônio — ele levantou a outra mão — encontramos Aurora. Poderia funcionar.

A coceira se intensificou. Garras invisíveis roçaram a parte de trás do meu pescoço, torcendo todos os meus nervos com uma atenção dolorosa. Outro grito faminto mandou pregos perfurando meu cérebro. Luzes esmagaram minha visão. Eu não conseguia respirar. Eu estourei para fora do espaço sufocante, assim que o motor rugiu para a vida e atirou o carro para a frente.

Com uma maldição violenta, Ayden pisou nos freios, mas não antes do Maserati atingir meu quadril. Eu fui arremessada para o alto e rolei em um giro rápido sobre o capô.

— Ou você poderia apenas bater nela com o carro — disse Tristan. — Bem suave.



CAPÍTULO

QUARENTA E OITO

Você está brincando. Eles me bateram com um carro? Espere, eles me bateram com o meu carro. É melhor eu não ter perdido um dente. Até o momento em que eu sai e manquei pelo beco, os meninos estavam fora e gritando o meu nome. Eu os enfrentei e continuei recuando, olhando por cima do meu ombro, sentindo o Kalifera se aproximar.

— Aurora, espere. — Ayden estendeu o braço. — Espere.

— Você me bateu com um carro. — Eu parecia um pouco histérica. Ok, talvez muito histérica.

Ele estendeu as mãos. — Você correu na minha frente.

Tristan lhe deu um olhar uniforme. — Sério, cara? Não é a melhor abordagem.

— Você está certo... certo. — Ayden levantou ambas as mãos em sinal de rendição. — Eu sinto muito. Eu não queria. Você saiu do nada. De- — Ele olhou por cima de seu ombro. Quando ele voltou, seus olhos cintilaram com faíscas âmbar. — Você estava se escondendo atrás da lixeira! Você está louca ou apenas suicida? Eu não consigo acreditar! Apenas — ele fez sinal para o carro — entre antes de levar todos a morte.

Mais perto, o Kalifera tentou cortar através de meu cérebro.

Tristan ficou muito quieto, seu olhar em mim. — Ayden — Tristan sussurrou — se você não esfriar, esta operação vai ficar em chamas, e sério, você não está ajudando. O que há de errado com você?

— Eu não sei! — Os braços de Ayden se debateram em movimentos frustrados. — Isso é - ela- — Ele apontou para o lixo. — Ela estava bem atrás do - — Ele fechou os olhos. — Ela está me deixando louco. — Ele esfregou as mãos e respirou fundo várias vezes. Quando abriu os olhos, eles eram apenas um chocolate quente diminuindo com minha determinação. — Aurora, eu prometo. Vamos protegê-la. Confie em nós. Confie em mim.

Eu queria. Eu estudei o rosto dele, os ângulos que se curvavam com perfeição e que derretia corações, a pele lisa esperando pelo meu toque, seus



olhos implorando. Tomei tudo isso e desejei confiar nele, correr para os seus braços. Em me perder em seu toque macio, acreditar quando ele prometeria que tudo ficaria bem, passar os dedos pelos seus cabelos, e suspirar quando os seus lábios se abaixavam para-

— Aurora? Agora. Você precisa entrar no carro agora. Vamos levá-la para um lugar seguro onde você nunca terá que se preocupar com os demônios de novo.

Abri mentalmente o abraço apaixonado. Foi muito melhor do que o Kalifera passando pela minha cabeça, mas eu tinha que acabar com a fantasia e colocar uma pedra sobre as minhas emoções.

— Me proteger? — Eu disse, encontrando uma clareza fria. — Me sequestrando? Me mandando para Deus sabe onde? — Eu continuei recuando, balançando a cabeça. — Eu sei o que vocês estão planejando. Eu não vou deixar vocês me levarem. Fiquem longe. Os dois. Todos vocês! — Esta última parte foi dirigida à pequena multidão reunida no final do beco. Eu estava definitivamente histérica agora, borrifando com paranoia.

Tristan olhou para Ayden. — O que ela está falando?

— Não faço ideia. — Ele balançou a cabeça ao ver a expressão duvidosa de Tristan. — Eu não sei!

Tristan afastou o cabelo da testa. — Matthias? Será que ele quer levá-la para algum lugar? Fazer alguma coisa com ela?

— Não, eu juro! — A confusão com raiva de Ayden fez uma lenta mudança para compreensão miserável. — Oh, não. — Sua mão enxugou o rosto.

— O quê?

Ayden me deu um olhar suplicante. — Você não entendeu.

— O que ela não enten -

— Hey! — Alguém gritou da multidão. — Está tudo bem?

— Tudo bem — eu disse, não os querendo por perto quando o Kalifera chegasse. O que poderia ser a qualquer minuto.

— Ayden — disse Tristan, nervoso.

— Eu sei. Faça isso. — Ayden virou para mim. — Aurora, estamos sem tempo. Você vai ter que confiar em mim para fazer o que é melhor. Aurora. — Ele chamou novamente, mas eu estava observando Tristan.

Observando seus olhos.

— Tristan. — Minha demanda acentuada trouxe seu olhar para a mim. Os anéis roxos expandindo sobre suas íris. Antecipando a dor em minha cabeça,



eu estremei severamente quando ele invadiu. Isso misturado aos ataques do Kalifera de qualquer maneira.

Lágrimas brotaram. Um buraco se abriu no meu estômago.

— Não. — Eu balancei a cabeça e olhei fixamente para os dois, sem me preocupar em esconder minha dor. A cena ficou borrada enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Travei meu queixo para parar o tremor e recuei, ganhando velocidade a cada passo. Eu precisava ir embora. Antes que eu desmaiasse, ou acabasse sequestrada, ou de joelhos nos cadáveres do Mundo em Espera.

— Aurora, espera. — Ayden deu um passo em minha direção. — Não seja uma idiota! — Ele começou a correr, mas a chegada do Kalifera o deteve. Ele derrapou aparecendo no final do beco, batendo em carros, disparando os alarmes, golpeando as pessoas com suas patas enormes, sem se preocupar com os gritos.

Ayden disse alguma coisa, mas o caos abafou. Em seguida, ele rasgou o seu olhar torturado dos meus para que ele e Tristan pudessem entrar na briga.

Eu recuei para o outro extremo, atingida por uma rajada de ar tórrido, tropeçando ao virar a esquina. Um olhar para trás em torno do edifício me deixou boquiaberta. Tristan apressou as pessoas para fora do caminho, enquanto Ayden, com o que tinha de ser um lança-chamas em cada mão, golpeou o Kalifera com arcos brilhantes de fogo em fúria. Eu fechei a minha mandíbula novamente, limpei o rosto encharcado, e decolei antes da minha cabeça explodir. A dor aliviou mais e meus pés me levaram quando eu corria em direção ao único santuário que me restava.



CAPÍTULO

QUARENTA E NOVE

Eu ofegava enquanto subia os degraus, chocada que eu tivesse força suficiente para abrir as portas do Santa Rita. Quando se fecharam com um baque surdo, eu desmoronei.

Enquanto a pedra fria queimava perfeitamente fria contra minha bochecha febril, eu ainda me sentiria mais segura mais longe da entrada. Arrastei-me para cima e manqueei pelo corredor central, o que parecia não ter fim, e me joguei em um banco da frente.

Deitada de costas, eu tive uma visão impressionante. Os vitrais brilhavam um arco-íris de manchas sobre o granito, mármore e madeira, enquanto a luz solar passava através das grandes janelas. Gravuras ornamentadas enfeitavam as paredes. Formas celestes pintadas fluíam através do teto abobadado me fechando como uma tumba. Grandioso com elegância suave.

Até as portas colossais da frente se abrirem como se fossem palitos. Eu me atirei para cima. E meu estômago caiu.

Com músculos se contorcendo como se um zilhão de serpentes estivessem se aninhando sob sua pele grossa e malhada, o Kalifera se levantou. Como conseguiu entrar dentro da igreja? Em terreno santo?

Meu corpo se moveu antes que meu cérebro desse a ordem e corri com passos silenciosos até parar por trás do enorme altar de mármore. Respiração irregular, eu deslizei para o canto e arrisquei uma espiada. Ainda estava na frente, mas na igreja. Tanto para o meu santuário.

Tentei recuperar o fôlego, mas entre a adrenalina, a exaustão e a tentativa de sufocar a necessidade de vomitar contra o fedor de carne queimada saindo do Kalifera, era uma batalha perdida. Olhei novamente. Manchas de preto, onde a carne estava enrolada como um papel carbonizado me fizeram pensar em um dálmata demoníaco. Ayden tinha dado vários golpes. Mas não o suficiente.



Ele fungou e apalpou o chão. O demônio curvou seu lábio superior como se cheirasse algo repulsivo, cintilando seus dentes pontudos. Sua perna de trás bateu em um banco e seu pé atacou. Madeira quebrou. Um grito estridente que soava muito parecido com “Nex” riscou de sua garganta, fazendo com que a parte de trás do meu pescoço quase rastejasse até meu crânio. Eu estava correndo para uma porta atrás do altar. Garras arranhando pelo chão me disseram que eu tinha sido vista.

Eu bati em uma parede, mas usei a batida para me impulsionar para a frente. O chão tremeu. Eu pulei para baixo em uma escada, passei voando pelos degraus, mas pousei em uma borda em espiral no fundo das escadas. Ruídos altos de coisas quebrando me fizeram levantar. Eu encontrei uma cozinha. O cômodo brilhava e cheirava a pinho, as bancadas claras, exceto por um pote de pimenta da Torre Eiffel e saleiro.

Enfiei o saleiro no meu bolso e abri as portas do armário com um estrondo. Ouvindo a aproximação do Kalifera, - furtivo como uma manada de rinocerontes - eu varri meus braços nos armários, esvaziando o conteúdo no chão em busca de armas. Eu estava erguendo a tampa de um recipiente de sal de tamanho industrial, quando a parede tremeu. Algo brilhou no canto do meu olho. Um pé com garras passou pela porta e me jogou pelo ar. Minha parte inferior do corpo bateu. Minha cabeça chicoteou contra um armário. Eu caí no chão lutando contra uma vertigem querendo aparecer.

O Kalifera tentou se espremer através da entrada, mas a curva letal de suas omoplatas salientes foi pega no marco da porta. Ele estendeu suas patas dianteiras, mas o último lance me bateu fora do alcance. Eu não sabia onde o pote de sal tinha pousado, mas peguei o saleiro do bolso e tirei a tampa. Algo brilhou na minha visão periférica.

Uma massa de potes e panelas estavam espalhados no chão. A maioria era de aço inoxidável, mas uma panela grande parecia familiar. As mulheres Lahey todas tinham pelo menos uma em suas cozinhas. Uma frigideira de ferro fundido, preta pelo uso. Ferro. Uma arma.

Muito pesada para o meu estado debilitado, eu deixei cair a panela na minha primeira tentativa. Minha cabeça latejava. Minha visão estava turva. E o meu cérebro, que era de ação rápida antes, agora estava em um curto-circuito de pensamentos com impulso físico, e não podia compreender o conceito emocionante.



Sob o ataque, a parede tremeu e fez várias rachaduras que permitiram o Kalifera tropeçar um passo dentro. Eu cerrei os dentes com força, meu esforço e vontade de pegar a frigideira e lança-la com força me fazendo ficar focada.

O acertei com um ruidoso *thwang* alto e chiado. O cheiro grosso de carne fresca assada veio do ar. Esta panela foi feita para cozinhar, afinal de contas. O monstro gritou. Todos os quatro olhos brilhavam maníacos. As fendas gravadas no batente da porta, gemeram ampliando, e o demônio subiu pela parede em ruínas.

Eu gritei. Meu braço lançou amplamente. Sal voou pelo ar do saleiro aberto na minha mão. Outro silvo lancinante ecoou quando o mineral fez contato com a pele sobrenatural. Eu coloquei a mão no meu rosto, o cheiro de queimado muito forte, e observei a besta se contorcer selvagememente em agonia, mas longe de estar morto, ele se lançou para mim.

Segurei a panela de duas toneladas com as duas mãos e esperei, pronta para infligir dor antes de morrer, mas antes de dentes e garras me atingirem, um peso invisível pressionou de todos os lados, ameaçando me esmagar como uma lata de refrigerante. Na beira de um desmaio por falta de oxigênio, o peso se aliviou, se movendo em volta para bater nas costas do demônio. No momento em que isso rolou, eu comecei a irradiar e deixei cair a panela pesada com um grito de dor, a minha pele vermelha onde havia tocado o agora quente metal.

O Kalifera rosnou um ilegível “Divinicus”, empinou-se, patas dianteiras girando, pronto para enterrar suas garras em minha carne. Com um grunhido de surpresa, ele congelou.

O monstro e eu olhamos para a flecha translúcida brilhante saindo de seu peito. Em uma rápida sucessão, mais três penetraram seu corpo. Todas reunidas no centro. As flechas translúcidas lampejaram brilhantes antes de se dissiparem em tufo nebulosos de fumaça branca. As flechas se foram, e eu temia um novo ataque, mas um grito fraco cuspiu de sua boca e a besta explodiu em estilhaços de névoa negra que giraram em uma nuvem de energia escura e fizeram um redemoinho no chão.

Na porta, com seu habitual casaco esporte, colete, gravata e cabelo neon, Logan estava sombrio e rígido, os olhos de alabastro brilhando. Preparado em uma posição de caçador, ele tinha um arco branco translúcido, estabilizado e pronto para atacar com outra flecha cintilante voltada diretamente para mim.



Logan? De todos os meninos, eu não achava que seria o doce, tímido, e quieto Logan que acabaria comigo. Mas hoje ele parecia diferente. Hoje ele parecia selvagem, cruel. E mortal. Algo quebrou dentro de mim e uma risada cansada escapou dos meus lábios. Eu queria lutar. Eu até mesmo peguei uma frigideira, mas a visão dele era uma estaca em meu coração, drenando a minha força de vontade. O que havia em mim que transformava as pessoas que eu confiava em cruéis e brutais?

Lágrimas brotaram, escorregando pelo meu rosto, salgadas. A frigideira escorregou dos meus dedos, e caiu com um forte estrondo no chão.

— Só... faça. Me mate. Acabe logo com isso. — A forte tristeza me fez cair de joelhos.

Os ângulos rígidos no rosto de Logan suavizaram. Seus olhos brilharam de volta à sua cor normal verde esmeralda. Sua expressão se irritou com a confusão, para então se transformar em horror. A arma evaporou, a brisa fresca que vibrou contra a minha pele pegajosa era a única prova de sua existência.

— Aurora — a sua voz, quase um sussurro, tremeu com a emoção.

Eu compreendi que eu ia desmaiar uma fração de segundo antes de acontecer.



CAPÍTULO

CINQUENTA

— Como isso é minha culpa? — Disse Matthias.

A discussão rompeu minha letargia e fez minha cabeça doer. Ainda mais.

— Você é o único que é mesquinho o suficiente para fazê-la pensar que somos sequestradores e assassinos. — Eu nunca tinha ouvido Logan ser tão veemente.

— Nós somos assassinos — disse Matthias. Más notícias.

— Não com meninas. Não matamos meninas. — Boas notícias.

— Ela não é uma menina. — Notícia insultante?

— O quê? É claro que ela é uma menina.

— Quer que eu verifique?

— Cale a boca, Blake — o resto deles disse em coro.

Ow. Eu devo ter me contraído.

— Ela acordou.

Deitada, eu tentei me movimentar. Muito rápido. Com tantas partes machucadas, era mais fácil listar as que não estavam. Mãos me ajudaram a sentar. Eu levantei minhas pálpebras.

Teto alto. Mobília pesada, com muita madeira escura brilhando, e o fraco aroma cítrico de lustra moveis permanecendo no ar. Ricos tons de terra nas paredes, tecidos e acessórios. Grandes peças de arte retratadas de batalhas antigas. Um fogo crepitava numa impressionante lareira de pedra, complexamente esculpida ao fundo. Tudo muito masculino, quente, convidativo e medieval. Apesar da série de coleções de acessórios esportivos, especialmente bolas de futebol, basquete, e beisebol autografadas bem exibidas ao redor da sala, ela tinha um toque moderno e agradável.

Tristan disse — É a residência privada do chefe Bancroft.

— Legal. — Eu balancei a cabeça, com cuidado para não sacudir o meu cérebro ainda mais. — Onde ele está?



— Saiu — Matthias estalou. Ele estava sentado na borda de uma mesa antiga, o seu conteúdo organizado ordenadamente. Eu me lembrei da cozinha impecável.

— Matthias. — Tristan lhe lançou um olhar.

O australiano fez um barulho de nojo. — Tudo bem. Mas quando você estiver terminado de brincar de babá, precisamos de respostas. Eu avisei vocês que era perigoso. — Ele foi para ficar perto do fogo, de costas para nós.

Tristan pegou um travesseiro ao lado do sofá e colocou atrás de mim. — Melhor?

Na verdade, não, mas eu disse — Tudo bem — para que ele parasse de ficar pairando. Espalhados pela sala em estados variados de agitação, os meninos me olharam. Exceto Matthias.

— Eu fiz chá. — Jayden empurrou uma xícara e pires em minhas mãos. — Você sabia que um quilo de folhas de chá faz cento e oito xícaras?

As porcelanas tiniam e chá se derramou em minhas mãos trêmulas, mas eu não precisei me encolher. Isso estava frio. — Eu vou fazer mais chá. — Ele se inclinou para frente, sussurrando — Você está bem? — Quando eu balancei a cabeça, ele acariciou minha cabeça, pegou o chá e saiu.

Logan alisou a gravata. — Eu não ia matá-la.

— Ele salvou sua vida. — A voz de Blake enroscou com orgulho.

— Obrigada, Logan.

— Eu não iria machucá-la. — Ele corou e lançou um olhar para Matthias.

— Fico feliz em ouvir isso. — Eu esfreguei minha testa. — Então, o que foi a coisa do arco e flecha? — Logan gaguejou, Matthias endureceu e o resto parecia desconfortável.

— Nós vamos chegar nisso — disse Ayden. — Conte o que aconteceu.

— Sim, tudo depois que você largou ele no banheiro — Blake incitou.

— Ela não- — disse Ayden. — Ok, tudo bem, ela largou. Mas ela não teria fugido — um olhar acusador para Matthias, que estava realmente acumulando muitos hoje — se ela não estivesse pensando que iríamos sequestrá-la.

— Ok, amigo, isso claramente não foi minha culpa. — Matthias se virou e apontou o dedo para mim. — Foi ela quem estava escutando o que não devia.



— De qualquer forma — Ayden ignorou Matthias e me deu um gesto encorajador com a mão. — Vamos ouvi-la. Você pode começar da parte em que você me deixou...

— Não — eu disse.

Matthias bufou. — Eu sabia.

— Ah, cala a boca, Matthias. — Peguei uma bola de beisebol de seu pedestal na mesa de café e atirei nele. Forte.

Eu mencionei que eu era uma Lahey lançadora de bola estrelar? Ela acertou o lado de sua cabeça com um *thuck* barulhento. Ele gritou de dor. Valeu a pena o olhar assassino.

Blake pegou a bola voando, verificou a assinatura, e sorriu. — Hey, baby você bateu nele com a bola de Babe. — Ele girou a bola de beisebol para que pudéssemos ver a escrita encurvada. — Veja, Babe Ruth.

— Bem, eu tenho certeza que ele ficaria feliz que eu tenha acertado um alvo tão digno. — Eu zombei. — Então, aqui está o que vai acontecer. Eu vou falar, mas há seis de vocês e há apenas uma de mim, e vocês foram uns idiotas desde o primeiro dia. Vocês me derrubaram, foram rudes, me deram dores de cabeça, mentiram para mim, roubaram minhas coisas, entraram sorrateiramente no meu quarto, invadiram minha casa, mantiveram suas fadas me espionando, contaram suas bisbilhotações para o meu pai, me perseguiram, tentaram me raptar, me atropelaram com um carro, e me mandaram para o Mundo em Espera, onde quase fui comida viva, enquanto, ao mesmo tempo, me colocavam em coma, assustando minha família e seriamente me irritaram. Então, eu vou fazer a minha parte, mas eu estou pensando. — Eu respirei e apontei ao redor da sala para ajudar a pontuar as minhas palavras — Vocês. Primeiro. — Eu caí no sofá, de braços cruzados.

Um momento de silêncio, então Blake perguntou — Quem entrou sorrateiramente em seu quarto?

— Blake!

Ele ergueu as mãos. — Tudo bem, mas alguém vai me contar mais tarde.

— O Mundo em Espera? — O queixo de Tristan caiu. Ele se virou para Matthias, a voz subindo. — Você me fez mandá-la para o Mundo em Espera?

Matthias empalideceu.

— Não é à toa que ela pensou que eu ia matá-la — disse Logan.

Tristan avançou sobre Matthias, mas Blake pegou o cinto dele e o levantou do chão. — Cara, ele não sabia — disse Blake.



— Ele sabia alguma coisa! — Tristan se debateu. Inutilmente.

— Todos nós sabíamos alguma coisa — disse Ayden. — Mas você chegou a pensar no Mundo em Espera? Vamos. Ele não poderia ter sabido.

— Eu não sabia — disse Matthias com voz rouca.

— Tudo bem — disse Tristan. Blake o colocou para baixo.

— Mas eu nunca vou fazer isso de novo. Nunca mais.

— Eu nunca pediria isso para você. — Matthias me deu um olhar aflito.

— Você tem certeza? Talvez você estivesse sonhando.

— Eu tenho as marcas de garras para provar.

— Como isso é possível? — Tristan passeou, mãos passando pelo cabelo. Matthias esfregou o rosto, os olhos cinzentos escuros com a dor. — Eu não sei, mas se for, como você saiu?

Eu embalava meu queixo em minhas mãos. — Não tenho certeza. Só acordei. — Matthias pareceu desapontado.

— Espere um minuto. — Ayden virou para mim. — Nossas fadas? Você quer dizer nossas guardiãs? Eu sabia que você podia vê-las.

— Guardiãs? Sim, ela parecia um pouco insultada quando eu a chamei de fada.

— Você fez isso? — Matthias estreitou seu olhar sombrio. — Para qual? Opa. — Não se preocupe, nós trabalhamos isso. Uma espécie de ligação equilibrada.

Tristan parecia confuso. — Quando ela teria conversado com as nossas guardiãs?

Ayden sorriu conscientemente. — Pearl? — Ele falou, em seguida, apontou o dedo para mim. — Eu sabia que algo estava acontecendo. Você nunca deveria ter me enganado.

Em uma nuvem de vermelho-cereja, Pearl se juntou a nós, voando feliz ao redor até que ela me viu. — Você — ela engasgou com repulsa vil.

Dei-lhe um sorriso doloroso e um aceno fraco com um dedo. Ah, sim, nós tínhamos uma ligação.

— Pearl, você esqueceu de mencionar que ela podia vê-la. — A voz de Ayden era suave como uma lâmina afiada. — E que vocês conversaram.

Ela me lançou um olhar desagradável. — Eu sabia que não podia confiar em você. — Eu joguei minhas mãos pra cima.

— Eu não queria.

— Oh cale a boca! — Ela cuspiu e voltou para Ayden.



— Você cale a boca!

Ela virou-se para mim, com uma ingestão aguda de respiração e um zumbido de energia furiosa. — Não, você cala a boca!

— Pearl! Deixe ela em paz!

A reprimenda dura de Ayden transmitiu um estremecimento nela, manchas de canela voando enquanto ela girava em espirais maníacas. — Você não entende. Ela foi má comigo. Muito malvada. E ela é perigosa. Uma menina muito perigosa. Eu sou sua guardiã, Ayden. Eu tenho que proteger você! É meu dever. Meu dever!

— Me proteger?

— Sim! — Pearl pairava freneticamente na frente de “seu filho”, e encheu sua voz com nojo. — Ela ameaçou... — Oh, ela não faria. — Beijar você!

Ela fez. Minhas bochechas queimaram. Eu olhava para o chão. Ayden riu. — Me beijar?

— Siiiiimmm — Pearl lamentou em agonia. — Ela prometeu um grande beijo suculento! Em um encontro de verdade. Sem fingimento. Com suas mãos se segurando e - e abraços!

E eu pensei que não poderia ficar pior.



CAPÍTULO

CINQUENTA E UM

O chá de Jayden acalmou meus nervos quando eu me acomodei no sofá, com os pés em baixo de mim. Ayden colocou um cobertor no meu colo. Ele dispensou Pearl com um severo — Vamos conversar mais tarde.

— Você pode me ameaçar a qualquer hora, querida. — Blake se inclinou por trás. — Eu vivo para o perigo de ter um encontro de verdade.

Eu o empurrei e liguei para meus pais contando que eu estava com Ayden conduzindo o Maserati. Eles me lembraram que eu não poderia ficar com ele.

Ainda um monte de “não estamos em liberdade para dizer”, mas os caras estavam um pouco próximos, o bastante para Matthias resmungar.

— Ela não pode nos ajudar com a Operação DCCD se ela não tiver mais informações — Logan argumentou.

Matthias sufocou. — Operação o quê?

— DDCCD. Dia dos Demo —

— Que inferno! — Matthias levantou-se. — Eu disse que não teria nomes

— É uma forma de organização — disse Jayden.

— E um pouco divertido — acrescentou Tristan.

Blake me deu um sorriso cúmplice.

Jogando as mãos para o ar, Matthias se afastou resmungando comentários.

Logan se virou para mim. — Nossas habilidades sobrenaturais são genéticas. Passadas através de gerações. Às vezes, ele pula alguém... tipo Jayden e Ayden recebendo o gene, mas Jocelyn não. Você nunca sabe onde ele vai aparecer. As habilidades normalmente se manifestam perto — ele limpou a garganta e corou — da puberdade, assim, ah, os hormônios estão envolvidos, mas ninguém realmente sabe os detalhes.



— Ou não nos disseram — disse Jayden. — Acho que é difícil acreditar que nesses dias de tecnologia avançada não encontraram um critério científico para descobrir as conexões interiores.

— Então vocês não tinham estas habilidades quando eram crianças? — Eles balançaram a cabeça. Eu sorri. — E quais são os seus... superpoderes?

Todos olharam para Ayden. Logan fugiu na direção oposta. Respirando fundo, o meu namorado de mentira – que as vezes, eu desejava que fosse de verdade – se levantou. Manchas carmesim giraram em torno dos anéis de mel brilhantes em suas íris.

Calor explodiu contra a minha pele. Minha respiração prendeu quando o fogo tomou conta de Ayden, cobrindo seu corpo. Eu pulei, mas Blake me acalmou com uma mão no meu ombro. Sem carne queimada, apenas um cheiro de fumaça, como um churrasco recém-acendido. As chamas fluíam em ondas pulsantes instáveis, sobrepujadas em laranja, vermelho e um ocasional azul. Elas foram lentamente apagadas até que nada, senão os antebraços e as mãos, fossem engolidos nas chamas.

Ele estendeu os braços. Linhas em espirais de fogo saíram para fora de suas mãos para incendiar as chamas se apagando na lareira. Então, como serpentes de fogo caçando suas presas, elas deslizaram ao redor da sala, mas não queimaram nada até que elas acenderem duas velas sobre a mesa ao meu lado. Com uma lufada, as linhas de chamas foram sugadas de volta para Ayden, desaparecendo em suas mãos. Tudo voltou ao normal.

— Visualmente, Ayden é o mais eficiente — disse Matthias.

O cheiro de queimado permaneceu, mas sem qualquer dano ao “quente” na minha frente. Eu sei, eu sei, mas eu não pude resistir. Algumas coisas me vieram à mente. Aquele raio de fogo que eletrocutou o demônio na primeira noite em que fui atacada, Ayden controlando o inferno deslizando na fogueira, lançando-chamas pelas mãos, o calor inexplicável quando ele estava por perto – tudo bem que não era apenas a coisa do fogo.

— E os seus olhos? Os de Tristan ficam roxos, os de Ayden ficam completamente em chamas, e os de Matthias ficam tipo *eu-sou-um-valentão-sem-alma*.

Jayden se curvou para a frente. — A alteração ocular informa –

— Eles mudam de cor quando usamos os nossos poderes — disse Ayden.



— Isso é o que eu estava dizendo. — Jayden atirou um olhar exasperado para seu irmão. — Além disso, pode ocorrer quando experimentamos emoções intensas. Mas o mais intrigante é a sua capacidade de ver essa mudança. Normalmente, apenas outros caçadores podem. Você é a única de sua espécie.

Eu sorri. Se ele soubesse. — O que mais?

— Posso? — Jayden se sentou na beirada do sofá e me serviu uma xícara de chá. Ele colocou a mão sobre a bebida. Quando seus olhos giravam em uma confusão de azul e verde brilhantes, o líquido gelou em um bloco de gelo. Ele abanou os dedos e linhas de aranha racharam o gelo. Segundos depois, o chá ferveu.

— Você controla o chá?

O sorriso satisfeito de Jayden vacilou. — Não. Eu... eu controlo a água. O chá, a planta realmente não muda, no entanto — Ele pegou o meu olhar e assenti. — Ohhh. Você estava sendo irônica.

— Se isso significa brincar, sim eu estou. E eu pensei que eu tinha visto uma enorme onda naquela noite em sua casa. Então você pode surfar no lago.

Seu sorriso estava de volta. — Eu sou muito experiente. Eu poderia levá-la algum dia.

— E você pode ouvir o meu coração.

— E outros sinais vitais, porque o corpo é na sua maior parte-

— Água — eu terminei. — Quem é o próximo?

— Logan controla o ar — disse Blake. — É por isso que ele fica longe de Ayden quando ele acende. Seu oxigênio enriquecido alimenta o fogo.

— O arco e flecha?

— Ar comprimido. E — Logan acariciou minha mão, atirando um olhar para Matthias — eu não ia matá-la.

O Australiano revirou os olhos e murmurou um irritado — Caramba.

— Eu sou conectado com a Terra — disse Blake.

— O que explica o amor por plantas.

— E qualquer coisa orgânica ou que faça parte da natureza. Foi como eu fiz você tropeçar quando você tentou fugir.

Eu ri. — Então, a rocha saltou na minha frente?

— Basicamente.

— E Tristan, ele tem a capacidade de não mandar as pessoas para o Mundo em Espera?



— Não. — Tristan se contorceu. Matthias acumulou mais um olhar sujo.
— Eu nem sabia que era possível. Eu sou um alucinador. Eu crio ilusões, faço as pessoas verem o que eu quero, se sentirem de uma certa maneira, ou apagar sua memória completamente. Isso é o que eu estava fazendo com as pessoas na rua logo depois de Ayden bater em você com o carro.

— Ela me bateu.

— Eu estava tentando afetá-los, e não você. Mas — Tristan engoliu em seco — no hospital... eu estava tentando fazer você esquecer quando... — Ele não conseguia olhar para mim.

— Coma. Mundo em Espera. Sim, eu me lembro. E antes, quando eu tive as dores de cabeça e desmaiei?

— Sinto muito. — As mãos de Tristan passaram através de seu cabelo e segurou a parte de trás do seu crânio. — Isso nunca - Eu não - — Ele me olhou esverdeado. — Isso não vai acontecer novamente.

— Tem alguma ideia de por que aconteceu diferente?

Ele encolheu os ombros.

— E você? — Disse Matthias.

Eu balancei minha cabeça. Eu esperava o olhar furtivo de Jayden, mas não o olhar estranho de Logan. — E quanto a você, Austrália? — Eu perguntei ao meu amigo favorito.

— Eu controlo a escuridão, sombras. — Matthias olhou me desafiando a comentar. Então eu falei.

— Isso combina — eu disse com baldes de sarcasmo, conquistando várias risadas.

Não a de Matthias. Em vez disso, ele me deu um sorriso duro e especialmente assustador com seus olhos se transformando em buracos pretos insondáveis - ele levantou a mão. Escuridão sangrou de uma linha de seus dedos e se derramou no chão em uma corda longa de ébano. Com um movimento indiferente de seu pulso, ele enrolou e laçou através da sala como um chicote, acertando o alvo brilhante e apagando a chama de uma vela com uma precisão perversa.

— Pare — disse Ayden.

Matthias deu de ombros com indiferença quando o “chicote” se enrolou e desapareceu na sua mão.

Eu fiz o meu melhor para não parecer impressionada. — Como o grupo se reuniu?



— Não temos liberdade para dizer.
— Quantos são?
— Não sei.
— Quem está no comando?
— Não temos liberdade -
— O que vocês podem dizer?
— Nós já dissemos. — Matthias esfregou o rosto com as duas mãos. —
E nós ainda não temos ideia do por que eles estão atrás de você. Como você soube sobre Jocelyn?

Eu suspirei. — Vocês não vão acreditar em mim.

Matthias olhou para Jayden e disse — Claro que vamos.

Porque eu não conseguia pensar em mais nada, enquanto os olhos de Jayden giravam com um verde escuro, eu contei a eles sobre o sonho.

— Ela está dizendo a verdade tanto quanto ela sabe — disse Jayden no silêncio quando eu terminei. Ele acariciou minha mão. — Não é uma ciência exata, mas, monitorando seu pulso, eu posso descobrir a verdade de sua resposta.

— Usar Herman faz sentido — disse Tristan. — Mas por que Jocelyn?

— Sparky mencionou vingança — eu disse.

Jayden assentiu. — Isso é verdade.

— Você pode parar de monitorar as respostas — disse Ayden. Os olhos de Jayden voltaram ao normal.

— Vingança sobre o que? — Disse Matthias.

— Sparky, quero dizer Fiskick, não importa. Era o outro, Echo, que a queria morta. — O ar vibrava com um silêncio desconfortável.

Olhei em volta da sala. — O quê?

— Jayden, ligue para mamãe e papai. — O gêmeo estava fora da porta, telefone celular na mão antes de Ayden terminar. — Por que não sabíamos sobre Echo?

O brilho homicida de Matthias se voltou para mim. — Talvez porque Aurora não mencionou.

Ayden lançou um braço. — Ela não tinha ideia. Minha família deve ser avisada.

— Eu disse que precisávamos levá-la para fora daqui — Matthias murmurou.

Não isso de novo. — Ei, eu não -



— Você não!

Eu recuei com a fúria selvagem de Matthias. Ele balançou a cabeça e se afastou.

Com um olhar cansado para o Australiano, Ayden puxou uma cadeira na minha frente e se sentou, pegando ambas as minhas mãos e colocando-as sob o queixo.

— Quando você nos ouviu no corredor, nós estávamos falando sobre Jocelyn, não sobre você. Queríamos tirá-la da cidade antes que ela fizesse mais um truque estúpido.

Se este fosse um desenho animado, uma lâmpada gigante apareceria sobre a minha cabeça, significando o momento ha-ha onde eu reproduziria a conversa em minha mente e perceberia o meu engano. — Ohhhh.

— Por que você não mencionou isso antes? — Disse Matthias.

Ayden encolheu os ombros. — Ela não poderia saber o significado.

Matthias levantou as mãos como se ele fosse o Sr. Sensato. — É justo, mas por que não nos disse tudo?

— Eu deveria ter dito. — Eu respirei fundo e esfrego as têmporas. — Mas vocês são tão misteriosos e me assustaram pra caramba e... — Eu aceno com a mão no ar, como se isso fosse explicar tudo.

— Para quem eles estão trabalhando? — Perguntou Blake. — Pelo que Aurora contou, alguém os contratou.

Ayden balançou a cabeça. — Por que enviar cinco demônios atrás de uma menina sem habilidades significativas? Sensitivas podem ter visões do futuro. — Ele se virou para mim. — Nós temos caçadores com dons semelhantes. Mas como é que eles sabem que você tem?

Matthias massageou as têmporas. — Ela não é caçadora. Ela teria que ter um guardião. Nada faz sentido.

— Talvez ela tenha outras habilidades, mas não sabe disso. — Logan se moveu sob nosso olhar, mas continuou. — Nós não sabíamos que tínhamos habilidades até que foram ativadas. Talvez as delas ainda não foram ativadas, ou, se ela tem — ele me deu um olhar calculado — ela não percebeu isso.

Eu gostava mais dele quando ele não falava. Estavam todos olhando para mim de novo. Ótimo. Pelo menos Jayden não estava aqui. Com um encolher de ombros exasperado eu disse — É possível.

— Bem pensado, cara — disse Blake.

— Qual é o grande negócio com Echo? — Eu disse para desviar de mim.



— Ele é um demônio de som — disse Ayden. — Atira ondas sonoras que podem literalmente explodir você por todo o cômodo. Estoura tímpanos quando ele tem bastante energia. Ele não é tão poderoso quanto alguns que podem literalmente transformar seu cérebro em mingau.

— Nós não sabemos do que ele é capaz de fazer nos dias de hoje — disse Matthias. — Depois de sua passagem no Submundo ele pode ter aprendido alguns truques.

— Eu aposto que foi ele que atacou Aurora no lago — disse Tristan. — Se esconder debaixo d'água teria ajudado a cobrir sua presença.

Blake sacudiu a cabeça. — Mas isso não explica como ele quase a afogou enquanto eu estava segurando-a.

Não vamos focar em mim, grandalhão. — Qual é a ligação com sua família? — Eu perguntei antes que alguém pudesse ponderar ainda mais a minha loucura.

Ayden derramou uma xícara de chá e tomou em um gole. — Há muitos anos atrás, minha mãe mandou ele e sua namorada de volta para o inferno. Ele saiu. Ela não. A palavra vingança me vem à mente.

Jayden entrou na sala estalando os polegares. — Eles estão levando Jocelyn agora. — Só então eu notei os ombros de Matthias relaxando. — Mas nós temos outro problema. O demônio na igreja... era um Kalifera.

Tensão silenciosa percorreu a sala.

— Caramba — disse Blake. — Alguém realmente quer vê-la morta.



CAPÍTULO

CINQUENTA E DOIS

Com as pernas abraçadas ao meu peito, eu me encolhi em um banco destruído pelo Kalifera na igreja e assisti os meninos "limparem". A casa de Bancroft provou ser muito pequena para todos eles andarem e brigarem, e ninguém responderia às minhas perguntas. Ayden acendeu todas as velas com um chicote de fogo do seu pulso, o brilho cintilante acabando com a escuridão até mesmo nos cantos mais profundos.

Blake sacudiu a cabeça para os restos despedaçados das portas da frente. Quando ele acenou com as mãos, como um maestro, estilhaços e pedaços de madeira caídas dançaram com vida. Eles se reuniram no batente da porta quebrada e com uma confusão estavam juntos de volta para as anteriores peças impressionantemente esculpidas artisticamente.

Ele passeou pelos corredores e os bancos quebrados e tortos se sacudiram para trás juntos e no lugar. Peguei a parte de trás do meu quando ele pulou como um cavalo, antes se estabelecer e fiquei maravilhada quando ele passeava reabastecendo pedaços de pedra faltando, consertando rachaduras, e colocando estátuas e vitrais de volta no lugar.

Atrás de Logan, vários minitornados o seguiam como cachorrinhos. Os redemoinhos coletavam sujeira e detritos, em seguida, pulavam para o ar e iam pairar sobre uma lata de lixo para jogar o conteúdo, antes de iniciar o processo novamente. Eu espirrei por causa do pó.

Jayden abriu a torneira na cozinha e voltou com água se arrastando atrás como um tubo de dois metros invisível enquanto ele passava. Fluindo através do ar como uma serpente, ele chicoteou sobre o chão recém-varrido e quaisquer superfícies abrigando camadas de poeira. A água suja jorrou pela porta lateral para então ser absorvida pela paisagem.

— A conservação é fundamental — disse Jayden.

Um cheiro de queimado saturava o ar enquanto Ayden trabalhava no corrimão de ferro quebrado, várias arandelas de metal e dois elaborados lustres



de teto que tinham caído no chão. Com um silvo, suas mãos lançaram chamas brancas e azuis. Metal amoleceu em suas palmas quando ele esculpiu o material de volta no seu lugar.

De forma tranquila, Matthias se sentou nos degraus do altar, com uma tapeçaria rasgada estendida sobre os joelhos e várias agulhas com várias linhas coloridas dispostas ao lado dele. Costurando. Mais uma vez.

Debruçado, ele mordeu o lábio e habilmente empurrou a agulha dentro e para fora, dando um puxão suave no final de cada ponto. Ele fazia pausas para estudar a obra ou para morder o fio e amarrar no fim antes de escolher uma próxima cor, a habitual raiva tensionada em seu rosto se suavizou pela concentração satisfatória. Até que, sem olhar para cima, ele rosnou — Pare de olhar.

Eu tentei, mas eu assisti minha avó o suficiente para saber que ele era bom. Eu queria perguntar se sua mãe havia lhe ensinado, mas preferi manter a cabeça ligada a meus ombros. Em vez disso, eu disse — Por que os Kaliferas são perigosos?

— Eles são fascinantemente letais. — Jayden se abaixou sob a água que fluía através do ar. — Os melhores assassinos no mundo dos demônios com uma mente absolutamente limitada e nenhum medo da morte. Solo sagrado os mata como a qualquer outro mal, mas os Kaliferas possuem uma imunidade parcial que lhes permite entrar no território sagrado. É por isso que esse podia entrar na igreja sem morrer imediatamente. Seu prazo é limitado, já foi fatalmente infectado assim que ele cruzou a porta, mas ele teria tido tempo suficiente para estripar você antes de morrer.

— Como uma espécie de suicida. — Limpei as palmas das mãos de repente suadas na minha calça.

— Quem o mandou? — Disse Matthias, sua voz abafada por morder uma linha.

Jayden passou os dedos pela água, criando uma linha de mini cordas. — Não há forma de dizer.

— Logan, cara, você acertou um Kalifera. — A admiração de Blake deixou Logan escarlate. — Você é uma estrela do rock.

— E se eles enviarem outro?

O ar se encheu de apreensão quando entenderam a minha pergunta.



As mãos de Ayden chamejaram quando ele moldou o lustre de volta em sua forma. — Kaliferas são extremamente raros. Eles não podem conseguir outro.

Ele não parecia convencido. E não olhava para mim. — O que você não está dizendo?

Metal derreteu no aperto de Ayden, laranja brilhante, uma vez que escorria. Sua mandíbula se apertou. As chamas em suas mãos se apagaram. Ele se aproximou e se agachou na minha frente, com as palmas em cima de meus pés. Senti o calor residual através dos meus tênis.

— Eles estão todos... supostamente trancados pelo Mandatum.

Tristan riu uma risada nervosa. — O que significaria que um membro da sociedade teria que tê-lo soltado e o enviado para cá? Para matá-la? Isso é... ruim.

Matthias disse — Talvez eles não tenham pego todos. Poderia ser um ardil de-

— Eles prenderam os Kaliferas centenas de anos atrás — disse Ayden. — Não há ataques a um Divinicus ou qualquer outra pessoa desde então. Eles pegaram todos eles.

— Qual - — Minha voz guinchou. Engoli em seco. — É a conexão com o Divinicus? — Jayden virou um olhar penetrante em mim.

— Kaliferas — disse Ayden — foram utilizados para matar o Divinicus. Eles são a versão demônio do Divinicus, o que os tornam assassinos excelentes. Eles acompanham o seu alvo com algum tipo de conexão mental e, com a imunidade, podem sobreviver tempo suficiente para se infiltrar em instalações seguras. O Mandatum passou anos seguindo todos para abater e destruir, a maior parte. Mas alguns foram mantidos vivos e presos.

— Talvez um deles tenha escapado — Matthias persistiu.

Ayden jogou um olhar irritado. — Nós já escutamos.

Jayden estalou os nós dos dedos. — Encaremos isso, algo errado está acontecendo. E está conectado a sociedade.

— Ok, mas por que ela? — Matthias balançou a cabeça em minha direção. Todos olharam para mim.

— Eu não sei — eu menti. Os olhares fixos persistiram, então fiquei defensiva. — Eu não. — Ótimo. Defensiva com uma boa quantidade de chorona.

Ayden se levantou e caminhou, a mão massageando a parte de trás do seu pescoço. — Isso não faz sentido.



Matthias ficou de pé, olhando para mim, a tapeçaria ainda em sua mão.
— O que você não está nos dizendo?

— Eu deveria ir para casa.

— Espere um minuto. — Matthias, é claro.

Eu me programei também. Quando fiquei de pé, eu coloquei a mão na minha têmpora, oscilei um pouco e deixei que meus joelhos se dobrassem.

Ayden me pegou. — Uau, você está bem?

— Eu acho que sim. — Eu usei minha melhor voz ofegante.

— Vou te levar para casa. — Ayden olhou para Austrália, que parecia desconfiado da minha atuação de Scarlett O'Hara. — Matthias, o que você vai reportar para a sociedade?

Matthias se contorceu sob o escrutínio de todos. — Vou ter que mencionar o Kalifera.

— E Aurora? Se alguém está atrás dela... — Tristan deixou o aviso suspenso.

— Eu acho que vocês todos são uns idiotas — Matthias beliscou a ponte de seu nariz — mas vou deixá-la de fora até que saibamos mais.

— Obrigada. — O meu não foi o único olhar desconfiado.

Matthias olhou para o céu e passou a mão pelas suas ondas escuras.
— Você pode dar trabalho, mas... eu não quero que você morra.

Eu bufei um suspiro exagerado e bati meus cílios. — Essa é a coisa mais legal que você já me disse.

Matthias apertou os dentes em uma linha. — Não se acostume com isso.

Eu me afastei quando Jayden levantou minhas pálpebras com os polegares e olhou nos meus olhos. — Você pode ter tido uma concussão. Você estava inconsciente e quase desmaiou agora. Você está enjoada?

A testa de Ayden enrugou. — Você estava fora por um tempo.

— Precisamos de ajuda médica. Tenho certeza que o Dr. Lahey concordaria que você deve ser acordada a cada hora — disse Jayden. — Poderíamos inventar uma história plausível para os seus pais.

— Não. Eu me curo rápido.

Jayden cruzou os braços. — Com uma concussão você poderia cair em outro coma. Ou pior. Alguém tem que ficar com você esta noite.

Blake abriu a boca e Ayden rapidamente apontou-lhe um dedo e um olhar duro. O grandalhão ergueu as mãos, os lábios mordidos e apertados juntos.



CAPÍTULO

CINQUENTA E TRÊS

Sozinha. Sem janelas. Sem portas. Minha família chorando a distância. Oron lamentando. Minhas bochechas queimando com lágrimas, as mãos sangrando de bater em paredes espessas e ásperas.

— Me deixem sair!

Ninguém veio. As vozes da minha família se silenciam. Eu entro em colapso, o meu peito vazio com a dor e a perda. Braços fortes me cercam. Eu luto. Alguém me cala, me aperta ainda mais até que...

Eu acordei na minha cama choramingando, tremendo, suor frio brilhando em minha pele.

Deitado em cima das cobertas, Ayden me embalou e me confortou no escuro. Ele e Tristan estavam me acordando a cada hora. Eu não estava dormindo bem de qualquer maneira.

— Está tudo bem. Ninguém vai te machucar. — Ele alisou meu cabelo, limpou as lágrimas, e proferiu promessas que não poderia cumprir se o Mandatum descobrisse que eu era o Divinicus. Com os braços apertados ao redor dele, eu estabilizei minha choradeira para respirações vacilantes.

— Você quer que eu chame alguém — questionou. — Ou eu poderia deixá-la e-

— Não. — Eu limpo meu rosto úmido. — Eu vou ficar bem. Mas você deveria ir.

— Eu vou ficar por um tempo. — Ayden se acomodou nos travesseiros, os dedos presos juntos para travar os braços em volta de mim. A batida constante do seu coração murmurava em meu ouvido. Ele descansou sua bochecha no topo da minha cabeça. Ele não estava com a jaqueta, mas o cheiro de couro ainda se agarrava nele.

Tudo muito suave até...



— Poderíamos contar para sua família. — Quando eu endureci, Ayden se apressou a falar. — Você não teria que manter segredos. Sem ficar mais se esgueirando.

— O que aconteceu com Blake e os pais de Tristan?

Ayden se deslocou. — Algumas pessoas não conseguem lidar com isso.

— Eles o deixaram.

— Sim, mas eu não acho que você vai ter esse problema.

Eu respirei fundo. — Eu não posso arriscar. Mesmo se eles acreditassem em mim -

— Acreditassem em nós.

A ansiedade afugentou meu breve sorriso. — Eles estariam com medo o tempo todo. Olhando por cima do ombro para algo que não podem ver, não podem lutar. — Eu não mencionei que olhariam para mim como se eu fosse uma aberração, porque... eu era. — Depois que eu fui atacada, mesmo depois que eu voltei do hospital, nossa família estava tão distante. Todo mundo pisando em ovos, preocupados, nervosos. Foi horrível.

— Não foi culpa sua. — Ele me segurou mais apertado.

— Talvez, mas abriu um grande corte na nossa vida familiar normal e eu sinto que finalmente estamos de volta aos trilhos. Eu não — eu engoli as lágrimas — Eu não quero estragar tudo novamente. A não ser que eu precise. Por enquanto, eles estão mais seguros, mais felizes assim. Se isso mudar, eu vou lidar com isso, mas eu nunca disse a ninguém antes e... eu prefiro não dizer. Por enquanto.

— Ninguém? Nunca? — Ele alisou um cacho da minha testa.

— Ninguém. — Minha cabeça caiu para trás. — Até agora.

Com a luz da lua atrás dele, seus olhos pareciam pretos, insondáveis. Nós compartilhamos uma boa olhada antes de manchas da luz do sol brilhar em suas profundezas e seu braço apertar contra minhas costas. Sua outra mão passou pelo meu rosto, os dedos deslizando contra a minha pele para enredar no meu cabelo e guiar minha boca disposta a dele. Ele hesitou, pairando perto para que sua respiração batesse contra a minha, então seus lábios, quentes e macios, escovaram nos meus.

Arrepios formigaram através de toda a minha pele, pelo meu corpo. Eu me pressionei contra ele. Meu braço atingiu em torno de sua cintura deleitando-me no toque persistente, sentindo seu abraço nos moldando como um só.



Sua boca explorou a minha devagar, sem pressa, em seguida, viajou com uma vibração preguiçosa suave como asas de borboleta em toda a minha mandíbula, e no meu pescoço. Ele me rolou suavemente sobre minhas costas, músculos dos braços tensos para manter o seu peso acima de mim, mas eu ansiava a conexão e o puxei para mais perto.

Meu queixo se inclinou para trás. Seus lábios roçaram como brasas. Meu joelho levantou, dedos se curvando contra a tensão sensual ondulando pelo meu corpo. Ele se aninhou no oco da minha garganta onde meu pulso batia em um ritmo frenético, traçou um caminho ardente mordiscando meu lóbulo, seus dentes raspando levemente, então ele foi para trás provocando meus lábios, aquecendo meu âmago. O beijo experimental intensificou, ficando faminto, mais quente até que...

— Ow. — Eu me afastei, a mão nos meus lábios ainda ardendo do flash de calor.

Ele rolou de costas. — Desculpe. Você está bem? Eu não queria - — Ele puxou o braço de debaixo de mim e começou a sair da cama. — Eu vou embora. — Seu pé ficou preso no edredom e, com membros se debatendo, ele caiu da cama.

Eu me atirei em meu estômago e me pendurei sobre a borda da cama. Ele chutou o edredom torcendo o pé como se fosse a serpente pessoal de Satanás tentando puxá-lo para o inferno.

— Está tudo bem — eu disse entre risos. — Eu só... não sabia que iria acontecer.

— Yeah. Nem eu sabia. É, ah, algo que eu preciso trabalhar. — Ele suspirou. — Pare de rir.

Limpando a garganta, eu ofereci minha mão e preendi o riso, mas não o sorriso. — Por que isso não aconteceu antes?

Finalmente livre, Ayden pegou minha mão e me ajudou a puxá-lo. Ele ficou em cima de mim, a cabeça inclinada. — Não tenho certeza.

— Bem — eu me contorci de volta para a cama — é melhor você ir.

— Provavelmente é uma boa ideia.

— De jeito nenhum.



Se era o espanto completo ou o toque sutil de regozijo que rompeu o meu subconsciente, eu não tinha certeza, mas eu ainda mantive meus olhos fechados.

Era Ayden chamando — Aurora — com a urgência flagrante que finalmente abriu minhas pálpebras. Luna estava com os braços cruzados e um sorriso de autossatisfação.

— Hey. — Eu bocejei, minha cabeça descansando confortavelmente no ombro de Ayden. Pisquei algumas vezes e sorri. Eu esperava que eu não tivesse babado. — Oh, merda!

Eu me atirei para cima.

O sorriso de Luna aumentou, o que eu não achava possível. — Agora, isso é o que eu estava procurando.

— Luna, isso não é o que parece.

Ayden pôs as mãos atrás da cabeça e levantou uma sobrancelha. — Não é? — Eu atirei-lhe um olhar assassino. Ele se virou para Luna e disse com falsa seriedade — Não é.

Eu tentei sair da cama, mas com Ayden em cima das cobertas e eu por baixo, eu estava presa. Não que eu não tentei me libertar. As torções frenéticas e grunhidos histéricos divertiram Luna ainda mais.

— É uma história engraçada. — Eu ri. — Eu bati minha cabeça e não queria preocupar a mãe e o pai então Ayden se ofereceu para me manter acordada.

— Oh, eu aposto que sim.

— Fiz sim — ele sorriu.

— Não está ajudando — Eu assobieei para Ayden, então, disse pra Luna — Não foi isso que eu quis dizer.

— Não foi? — Luna estava gostando tanto disso.

— Não foi. — Esse era Ayden.

— Parem com isso. Os dois. Luna, por favor. Ele ia ficar até que eu estivesse dormindo, e nós dois caímos no sono e então -

— Infelizmente — Luna deu de ombros — Eu acredito em você, mas mamãe e papai ainda iriam enlouquecer. Então — seus olhos brilharam — Eu não vou dizer a eles.

— Sério?

— Claro. Mas eu preciso de um favor.

— Qualquer coisa.



Ela suspirou com pesar dramático. — É quase fácil demais.

Uma batida na minha janela. Eu me encolhi. Com um sorriso, Luna empurrou as cortinas. Ela acenou e abriu a janela. — Ei, Tristan.

— Ei, Luna. O que está acontecendo?

— Só chantageando a minha irmã.

— Bom para você.

— Você vem?

— Ah, Ayden, somos nós?

Ayden saiu para fora da cama. Finalmente. — Não... eu tenho que ir. — Ele caminhou para a janela.

— Você nos dá uma carona? — Perguntou Luna.

Ayden pausou, pulando a soleira. — Você está me chantageando também?

Luna levantou um ombro. — Não, só perguntando.

— Nesse caso, eu vou buscá-la em uma hora. Preferência de carro?

— Surpreenda-me.

— Vou fazer. — Ele me deu uma piscadela e desapareceu.



CAPÍTULO

CINQUENTA E QUATRO

Na cama por causa da gripe, a mãe de Danica desistiu de levar as meninas para um concerto em Los Angeles. Levá-las era a chantagem de Luna. Ayden e sua equipe ficaram emocionados. Eu tinha me recusado a deixar Tristan limpar as memórias de Luna. Além disso, Tristan estava apavorado que ele pudesse enviar alguém da minha família ao Mundo em Espera.

— Pode ser genético — ele argumentou. Então preferimos a segurança.

Muito tensa para ficar sentada, eu andava na calçada até Ayden me puxar para cima. Os gritos eufóricos da casa sinalizaram que as chantagistas saíam em breve. Ayden inclinou-se para abrir a minha porta e eu pulei para dentro.

— Ei, direto sobre ti-

— Nós vamos usar você como isca.

Eu quase fechei a porta na minha perna. Ayden olhava para a frente, os nós dos dedos brancos no volante.

— O quê? — Eu resmunguei.

— Você é isca. Não deveríamos contar, mas — ele mordeu os lábios, me lançando um olhar de lado, em seguida, voltou os olhos para frente — você deveria saber. Vamos usar você para pegar Echo e Fiskick.

Limpei a garganta, seca como pergaminho. — O que eu tenho que fazer?

Luna e Danica irromperam pela porta da frente e trovejaram em nossa direção.

— Ficar comigo. — Ayden libertou uma mão para agarrar a minha. Sua mão estava muito quente, mas eu não me afastei. — Eu vou mantê-la segura.

Danica e Luna bateram nas janelas. — Os pombinhos vão nos deixar entrar?

— E elas? — Perguntei.

O sorriso de Ayden foi apertado, mas reconfortante. — Nós cuidamos de tudo.



O mais novo Centro de Convenções de Los Angeles ocupava vários quarteirões, os prédios floresciam a partir do solo como um alienígena futurista em contorções modernas e elegantes de aço e vidro, conectados em níveis superiores por passarelas fechadas. Abrigava salas de concerto grandes e pequenas, um par de teatros para peças, uma arena de esportes, e uma infinidade de salas de conferências. Estávamos em uma das pequenas salas de concerto onde as concessões zumbiam com a atividade da multidão, principalmente gótica, mas o resto do lugar parecia morto quando chegamos.

Ayden e eu batemos as mãos sobre os ouvidos quando os gritos começaram.

— Sim. Eu posso ver que você está entusiasmado — Jayden tentou falar sobre o guinchar das meninas — mas você precisa -

Danica arrebatou os passes de bastidores de Jayden. — De jeito nenhum!

— Uh, sim. Jeito? — Disse Jayden. — Agora, se você -

— Os passes são enfeitiçados — Ayden sussurrou. — Proteção poderosa.

— Como você conseguiu isso? — Luna pulou cima e para baixo.

— Há condições com -

— Esses são, tipo, sem restrições?

Ayden riu e dirigiu-se para o irmão. — Ele precisa de ajuda.

Meu cabelo queimou, como se houvesse milhares de olhos nas minhas costas. Virei para encontrar Blake, Tristan e Logan, todos olhando igualmente desconfortáveis.

— Então. — Blake respirou fundo, o peito impressionante inchando enquanto ele falava. — Logan tem algo para lhe dizer.

— O quê? — Logan chiou. — Por que eu?

— Vamos usar você como isca. — Tristan olhou para suas mãos torcendo.

— Não era para contar — disse Logan.

O sorriso que penetrou no meu rosto afugentou o frio em meus ossos. — Eu sei.

— Você sabe? — Disseram os três, em seguida, olharam um para o outro. — Ayden.

— Vocês não deveriam estar em seus postos? — Jayden intensificou. Logan assentiu.

— Só falando... coisas de garotas — disse Tristan.



— Rímel — disse Blake.

— O quê? — Disse Tristan.

— Deixe. — Logan empurrou os meninos.

Jayden se inclinou um pouco mais — Há algo que os outros desejam que permaneça em segredo. Mas eu acho que ter o conhecimento seria benéfico. Você é a-

— Isca. — Eu não me preocupei em esconder meu sorriso.

— Exatamente, mas não se assuste, porque - — Ele recuou para trás.

— Você sabe?

— Eu sei.

Jayden olhou fixamente, então acariciou minha cabeça. — Excelente. — Ele desapareceu na multidão.

Ayden andou. — Isso foi mais estranho do que o habitual. O que ele disse?

— Nada. — Eu não podia ver Luna. — Onde-

— Bastidores, e já que nada além da explosão do mundo iria afetá-las, eu pensei em ir pegar comida e encontrar nossos lugares.

— Isso é parte do plano?

— Estou tratando isso como um encontro até que as circunstâncias mudem. — Ayden dobrou o cotovelo. — Vamos?

Liguei meu braço no dele e ele conduziu o caminho. — Você está falando sério?

— Sim. — Um sorriso malicioso iluminou seu rosto. — Um encontro real. Com muita exploração de mãos e-

— Cale a boca. — Eu recuei com uma risada, mas ele me segurou firme.

— E abraços. — Ele piscou.

Eu enterrei meu rosto em minha mão livre, olhando para cima quando um apito agudo soou. Matthias abriu caminho, e não fora do lugar no meio da multidão sombria.

— Eu não sei como, mas os demônios têm passado pelas nossas defesas. — Matthias não parecia muito preocupado. — Aurora, Ayden vai colocá-la em um lugar seguro até cuidarmos deles.

— Como isca, não vai ser mais eficaz se eu ficar à vista de todos?

Matthias vacilou, rangendo os dentes. — Qual deles te disse isso? — Ele se concentrou em Ayden.

— Todos? — Eu disse.



Com um grunhido, Matthias apertou um botão em seu relógio e falou para ele. — Que parte do 'não diga nada a ela' todos vocês não entenderam?

Um momento de silêncio, e então a voz de Blake crepitou através da estática — não consigo... — A estática soou suspeitosamente como se papeis estivessem sendo enrugados. — ouvir... — Mais estática — muita interferência... — Então desligou.

Matthias suspirou então falou para o relógio novamente. — Eles estão aqui. O plano está em movimento. Movam-se. — Depois de uma sacudida de reprovação de sua cabeça para mim, o Australiano se afastou.

Deixei para Ayden alcança-lo.

— Eu estava falando sério.

Matthias deslizou seus olhos arsênicos em meu caminho. — Sobre o quê?

— Eu não quero me esconder. Estou cansada de correr. Me deixe ajudar.

— Claro — ele bufou — fique fora do caminho.

Eu andei para trás, para pleitear com Ayden. — Diga a ele -

— Sem chance. Estou com Matthias sobre isso.

Uma porta marcada com “Somente pessoas autorizadas” se abriu, Blake estava na porta. — Uau, cara, nunca pensei que eu ouviria você dizer isso.

— Eu também não. — Ayden me empurrou para o grandalhão.

Nós atravessamos o anexo com cúpula de vidro, as estrelas brilhando acima entre tufos de nuvens escuras. Entrando na sala principal de concertos, nossos passos de corrida ecoaram no espaço enorme, vazio e escuro. Blake nos levou por outra porta e descemos uma escada. Dois lances depois, aceleramos em fila única através das catacumbas subterrâneas juntamente úmidas, corredores mofados estreitos passando pelas fases de instalações barulhentas.

— Estamos chegando na sala segura — Matthias ligou de volta. — Depois de trancarmos ela, nós recuperaremos o atraso.

— Não — eu disse. — Eu vou com ele.

— Novo plano. Fique com ela.

— Certo. — Ayden nos forçou a parar.

Tentei me livrar dele. — Estou cansada de deixar todo mundo lutar minhas batalhas.

— É chamado de cavalaria. — Ayden deu de ombros para uma placa revelando uma porta que ele abriu com força. — Lide com isso.



— Não. — Eu cruzei os braços. Fiz beicinho. E olhei irritada.

Quando ele fechou os olhos e balançou a cabeça, exasperado, eu deixei cair meus ombros e o empurrei. Ele tropeçou pela sala. Bati a porta e corri na direção que Matthias e Blake tinham ido.

Whoosh. Uma parede de chamas entrou em erupção. Eu derrapei até parar a polegadas do calor escaldante. Eu retrocedi e não dei dois passos antes de outra parede de chamas me parar, presa.

Virei em frustração. — Ayden!

Ele abriu a porta e encostou-se nela com naturalidade irritante. Ele até bocejou. — Você chamou?

— Oh, cale-se, seu presunçoso, hipócrita e -

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim.

Eu lhe atirei adagas. Junto com espadas, foices, bisturis, facas, hastes, estiletes e qualquer outra arma afiada que eu poderia pensar que começava com um — s²⁵. — Ele nem sequer pareceu ferido.

— Olha. — Eu parei, tentando parecer razoável. — Você ficar aqui de babá não irá ajuda-los.

Ayden olhou para o corredor. Músculos se contraíram em sua mandíbula. Quando ele olhou para trás, ele sorriu com confiança agravante. — Eles estão bem sem mim. Você, por outro lado, não.

Ele serpenteou um braço em volta da minha cintura e me apoiou na sala, girando de modo que todo o seu comprimento me pressionasse contra a parede de concreto.

— E, como seu guarda-costas, eu acho que é hora de eu ter um momento para me familiarizar com o corpo que eu estou protegendo. — Ele segurou a parte de trás da minha cabeça com a palma da mão, procurando o meu rosto com um olhar de desejo. — Você não concorda?

De repente, a respiração não era uma coisa tão certa.

Em minha visão periférica, algo chamou minha atenção. Eu dei a Ayden um sorriso e olhar tímido.

— Eu acho — minhas mãos deslizaram até seus braços, sentindo o enrolamento tenso de seus bíceps — que você está tentando me distrair.

— Está funcionando?

²⁵ (No inglês todas essas palavras começam com s)



Ele me deixou empurrá-lo contra a parede ao lado da porta. Inclinei-me para ele, dando-lhe o meu melhor olhar provocante, que tinha que ser o meu melhor, porque foi o primeiro que eu já tentei.

— Talvez — eu disse na minha melhor voz provocativa.

Seu olhar vagueou pelo meu rosto e se estabeleceu em minha boca enquanto a dele se abriu em um sorriso sensual. Seu polegar traçou meu lábio inferior com um toque como um sussurro. Fechei os olhos e estremei, antecipando a sensação de sua boca na minha.

No início, o beijo foi suave. Experimental. Brincalhão e delicioso. Arrepios se reuniram em minha pele. Lentamente, ele ganhou força, se tornou mais profundo, mais exigente quando ele se moldou a mim. Meus lábios se separaram. Delicioso prazer me percorreu, e eu o bebi.

Suas amplas palmas deslizaram em meus lados, lento, paciente, excruciante. Meus braços deslizaram em torno dele, tentando puxá-lo para mais perto, mas ele me manteve à distância, movendo os lábios para dar leves beijos na minha mandíbula depois de torturar o meu pescoço, o desejo ardente deslizando através de cada nervo. Respiração difícil, minha pele fervia lentamente, o formigamento de calor lavando minhas pernas em ondas.

— Eu sei o que você está pensando — ele murmurou em meu ouvido.

— Isso seria embaraçoso.

O senti sorrir contra o meu pescoço. — Por mais que eu gostasse de me lisonjear, eu percebi isso também.

— O... o quê?

— O extintor de incêndio. Pendurado ao lado da porta. — Eu congelei.

Seus braços se apertaram em torno de mim e de alguma forma minhas costas estavam contra a parede novamente. Ele levantou a cabeça, os lábios curvados em um sorriso arrogante. — E você está pensando que você pode me distrair - o que, a propósito, você está fazendo um excelente trabalho - e dar uma joelhada em uma região bem colocada, em seguida, ser rápida o suficiente para pegar o extintor e sair daqui, usando-o para apagar quaisquer chamas que eu jogar em seu caminho.

Merda.

— Você está me dando muito crédito. — Eu mordi o lábio e bati meus cílios. — Mas se eu fosse tão desonesta, você não acha que eu poderia fazer isso?



— Pelo contrário. — Ele trouxe a palma da minha mão aos lábios para um beijo demorado, em seguida, puxou-a para baixo para o meu lado. — Eu sei que você poderia. E é um bom plano. Exceto por uma coisa.

— Qual?

Ele levantou uma sobrancelha. — O meu é melhor.

Sua boca deixou cair um beijo rápido e duro na minha. Algo frio foi preso em volta do meu pulso. Clique.

Ayden recuou. Olhei para baixo. Fúria ferveu.

Algemas. Uma presa ao meu pulso e a outra ligada a um tubo grosso que corria verticalmente ao longo da parede.

— Ayden, não se atreva! — Mandei um chute rápido, mas meu pé só encostou na bainha de sua jaqueta. Eu puxei as algemas como uma louca, pensando que o meu plano deveria ter sido usar o extintor para golpeá-lo na cabeça. — Eu vou matar você.

— Pelo menos você vai estar viva para tentar.

— Ayden, não faça isso. Por favor! — Eu odiava mendigar, mas eu estava desesperada.

— Eu sinto muito. — Ele parecia infeliz. — Se houvesse qualquer outra maneira.

— Existe. Me deixe ajudar.

— Nós somos treinados para isso, você não é. — Seu rosto se suavizou. — Que tal pegar Luna e Danica. Vocês três podem pegar meu carro e voltar para casa. Eu vou chamar meus pais e -

— Claro, vamos levar Luna e Danica daqui, mas eu vou com você. Ajudar a acabar com esses demônios. De uma vez por todas.

— E eu não posso convencer você do contrário?

— De jeito nenhum. Eles estão acabados. — Até eu fiquei surpresa com a ameaça em meu tom. — Aqueles monstros estiveram brincando comigo. Ameaçaram a minha família, Ayden. E eles não vão parar. Eu tive o suficiente. Eu quero eles fora. Queimando no inferno, para serem comidos vivos no Mundo em Espera, ou o que for mais desagradável, o destino mais cruel disponível, porque isso é o que eles merecem. E eu vou ver pessoalmente eles tendo o que merecem. Mesmo se for a última coisa que eu faça.

Compreensão escureceu as características de Ayden quando ele se aproximou. Ele estendeu as mãos e as colocou em meu rosto e eu levantei o olhar para o dele. Seus olhos escuros percorreram meu rosto pelo que pareceu



uma eternidade, então eles se concentraram em minha boca. Seus lábios abaixaram e tocaram os meus.

O beijo foi suave, macio, me oferecendo um porto seguro nesta massa de tempestade de loucura que se tornou a minha vida. Algo sólido e seguro onde eu poderia me pendurar. Algo em que eu podia confiar.

— Eu entendo — disse ele, quando ele ergueu a boca da minha. Ele continuou estudando meu rosto como se fosse um artefato precioso. — Eu entendo mesmo.

E eu sabia que ele entendia. — Bom — eu sorri, aliviada. — Então — eu sacudi as algemas — podemos tirar isso agora e ir chutar alguns traseiros de demônios?

Ele deixou cair um leve beijo na minha testa, em seguida, deu um passo atrás. — Sem chance. Você vai ficar aqui.

Gelo rachou em meu peito. — Mas... mas você disse que me entendeu.

— Eu entendo. Eu entendo que se eu deixar você ir, você vai se colocar bem no meio da luta. E eu sei que poderia te matar.

— E daí? — Lutei para manter a calma. — Olha, eu não sou suicida, mas é a minha família Ayden. Se eu morrer para mantê-los seguros, eu estou bem com isso. Você sabe como eu me sinto.

Ele ergueu um braço e sua voz se levantou. — E o que dizer de como eu me sinto?

— Você quer dizer todo machista e superior? — Eu não podia acreditar que ele estava fazendo isso. — Me deixando saber quão inútil e indesejada eu sou? Me prendendo até me colocar no meu lugar?

Ele se afastou como se eu houvesse lhe dado um tapa. Dor brilhou sobre os olhos, em seguida, eles ficaram mortos. Planos. Assim como sua voz. — Sim, Aurora, é isso. É exatamente isso.

Então ele se foi, a porta se fechando atrás dele.

— Ayden! — Eu puxei e torci freneticamente, mas não aconteceu nada. Ok, talvez eu tivesse sido um pouco dura, mas havia muita coisa em jogo. E eu não ia desistir.

Meus olhos percorreram a sala. Escadas, mesas dobradas, prateleiras de equipamentos e porcaria diversas. Fios de extensão, fitas, ferramentas. Todos fora do alcance graças a minha coleira. Chutei as prateleiras, visualizando o rosto de Ayden, e derrubei uma caixa de ferramentas, derramando o seu



conteúdo com um estrondo. Meu pé trouxe-a para mim, e me agachei para procurar através dela.

Encontrei um fio de metal e comecei a trabalhar na fechadura. Papai tinha feito um jogo para todos nós, para abrir cadeados, portas e até algemas, mas eu estava enferrujada. Não conseguia me concentrar. Levando muito-

— Aurora

— Logan?

Ele enfiou a cabeça dentro. — Ele algemou você?

— Não, é minha última declaração de moda. O que você está fazendo aqui? — Ele correu para dentro.

— Você disse que queria ajudar. Eu acho que você pode.

— Só tire isso. — Eu concentrei minha mente para a presença demoníaca.

A mão de Logan acenou, e o ar comprimiu rompendo a corrente que ligava as algemas. — Siga-me. — Eu passei por Logan, pulseira tintilando. — Eu sei onde eles estão.



CAPÍTULO

CINQUENTA E CINCO

Os meninos tinham mantido a luta na parte de baixo da sala de concertos principal, por isso eu não precisava me preocupar com Luna acima deles. Correndo para o final do corredor, um violento tremor no chão apressou meus passos. Logan segurou meu braço antes que eu tropeçasse.

— Onde diabos ele está? — a voz de Matthias amaldiçoou através das paredes.

Ouvi gritos e mais explosões.

A porta se abriu e Blake saiu correndo. Eu levantei meus braços quando os escombros começaram a bater na minha pele.

— Filho da... Rory? — Blake deixou o buraco que tinha feito na parede. — Merda, o que você está fazendo aqui? — Ele viu o meu pulso. — Algemas? Eu definitivamente quero saber essa história.

Nos agachamos quando uma bola de fogo voou pelo corredor.

— Vejo que você os encontrou — disse Logan.

— Mais tipo eles nos encontraram — Blake me empurrou para atrás do seu corpo para o buraco que ele tinha feito na parede. Seus dedos foram diretos para as algemas e elas se abriram. O metal se estendeu como uma goma elástica, ele pegou meu pulso e o jogou de lado.

— Tristan usou uma ilusão de Aurora para atrair Echo e Fiskick aqui —

Blake continuou — E continuou a usar mais duas cópias ao redor da sala para distraí-los. Nós o encurralamos, mas poderíamos usar a sua ajuda.

Blake deu um passo para frente e levantou os braços. Com um grito, o metal e pedaços de madeira foram arrancadas do prédio, rodeando a palma da sua mão aberta e transformando-as em machados de batalha medieval, lâminas curvas, duplas e brilhantes. Ele as girou com habilidade e o som mortal continuou cortando pelo ar.

— Eu estou bem, querida. — Ele piscou e desapareceu dentro da sala.



Através da porta aberta sombras se moveram, o telhado desmoronou, a poeira rodopiava e as luzes piscavam. Ordens gritadas rapidamente tentando ser ouvidas acima do barulho estrondoso. Cada instinto meu gritava, “Corre!” Então é claro que eu corri. E segui Blake para o caos.

Ou para a zona de guerra.

Eu me escondi atrás de um pilar de concreto. A confusão da luta retumbou, apesar de estar com as mãos tapando os ouvidos. A sala ficava em um lugar cavernoso dividido por pilares de concreto, como no que eu estava me escondendo. Estantes de metal, equipamentos e grandes armários de armazenamento espalhados por todo o perímetro. O que costumava ser um espelho que cobria a parede, ostentava agora só algumas peças aderidas como um quebra-cabeça gigante e incompleto, com a maior parte destruída no chão. Um grande piano de cauda e um conjunto de tambores foram posicionados no palco de práticas na parte de trás da sala. Enquanto os instrumentos recebiam golpes aleatórios, um estranho tambor vibrou e a tecla do piano podia ser ouvida.

Logan veio em uma rajada de vento, o arco e flecha brilhavam em suas mãos. — Nos deixe os arrastar para fora. Fique fora da linha de fogo. — Ele apontou a arma em torno do pilar em que eu estava. — Você pode fazer isso. Eles não são nada comparados com o Kalifera.

— O quê? — Eu disse engasgando com a fumaça e o oxigênio.

— Eu acho que você só precisa entrar em pânico — ele disse e desapareceu na escuridão nebulosa, onde poucas lâmpadas no teto lutavam para iluminar.

Os meninos malditos tinham Fiskick e Echo fixos em ambos os lados do cenário. A forma brilhante de Echo enviou ondas horríveis borradas de manchas verdes e laranjas, enquanto Fiskick crepitava redes elétricas por toda a sala. Com os braços cheios de fogo, Ayden lançou chamas. A sombra de Austrália golpeando com o chicote em um ataque conjunto, ajudando Ayden a manter Echo agachado.

Fiskick lançou raios de eletricidade que salpicavam no concreto, mas retrocedeu quando Jayden correu através das prateleiras e armários superiores, jogando lâminas mortais brilhantes de gelo que continuamente se materializavam em suas mãos.



Ele saltou no ar e pousou deslizando de joelhos, inclinando-se para trás e em certo ponto seu cabelo varreu o chão, enquanto ele corria debaixo dos jatos de raios de Fiskick. Pouco antes de bater na parede, ele entrou com cuidado como um rolo negro em seus pés, correu até a parede e deu a volta enquanto lançava mais lâminas curvas, o ataque era tão rápido que parecia um borrão.

Fiskick bloqueava a maioria dos golpes, mais faíscas caíram em vários golpes e Jayden desapareceu nas sombras.

Tristan me viu e correu em direção à abertura. — Aurora, Fique...

Uma onda de som lançado por Echo veio como um foguete em direção a Tristan, desestabilizando-o.

Meu grito foi abafado pelo barulho. Eu corri rapidamente pela sala e me joguei na frente de Tristan quando a parede de cima explodiu. Pó cobriu os meus pulmões. Um gosto amargo escorreu da minha boca. Os rapazes duplicaram o ataque contra Echo. Contive uma tosse com catarro e arrastei Tristan para a segurança atrás do pilar. Ele era mais pesado do que aparentava.

— Idiotas! — Fiskick gritou, distraindo os meninos e dando a Echo tempo suficiente para atirar várias espinhas de ondas direto para mim com um grito agudo. Eu me enrolei sobre a forma fraca de Tristan.

Jayden desceu. Água borbulhava em suas mãos e se estendiam em um disco azul prateado com dois metros de altura. Servindo como um escudo, Jayden sustentou a esfera contra os tiros de Echo. As ondas de choque golpearam o disco de água. Ele absorveu a onda carmesim criando ondas enormes, desviando e redirecionando as ondas sonoras para o chão, abrindo uma cratera do tamanho de um Volkswagen.

O barulho ecoou pela minha espinha. Agachado e com os braços estendidos, Jayden manteve o escudo translúcido na nossa frente.

— Aurora — disse, Jayden — Levante. Fique atrás – O que-?

As luzes no teto explodiram. Fiskick lançou uma bola de luz para cima. Ela flutuava, queimando nossas retinas com explosões de luz. Fechei os olhos, lutando para me levantar. A luz estroboscópica fazia tudo parecer se mover em câmera lenta.

— Para onde ele foi? — A nossa esquerda, Logan girou em um movimento parecido como uma execução de ballet.

— Eu não consigo ver! — Disse Blake.



Sem qualquer tontura, a forma de Fiskick passou pela minha mente, uma visão de sua localização de repente clara. Retirei Jayden de um ataque repentino de Fiskick. Um raio que passou assobiando. Nosso escudo de água se moveu, Jayden o estabilizou mais uma vez.

Os olhos turquesa de Jayden brilhavam como uma luz piscando — Como-?

Eu agarrei sua a mão e apontei para onde eu sabia que Fiskick estava. — Ele está ali.

O escudo se quebrou em incontáveis gotas de água que giraram e se transformaram em um variada seleção de facas, de várias formas e tamanhos, cada uma parecendo mais letal que a anterior. Duas caíram nas mãos de Jayden, que já estava esperando. Ele as jogou tão rápido que meu cabelo se despentou como um turbilhão. Quando uma deixava seus dedos, outra girava para suas mãos. Lâminas cortavam através do ar e golpeavam Fiskick, espalhando faíscas amarelas e azuis, enquanto ele gritava e ficava sem proteção.

— Echo? — Disse Jayden.

A imagem do demônio vibrou na minha mente.

Eu apontei. Jayden girou, gritando. — Logan, a direita! Seis graus!

Logan se virou, as flechas voando em uma rápida sucessão. Echo gemeu quando uma flecha o penetrou. Ele xingou, saltou e atingiu o telhado, que o sugou como um aspirador. A minha ligação com ele se rompeu.

— Ele está no alto-falante! — Gritou Logan

Eu quase cai levando Jayden comigo. A sobrecarga de eletricidade saiu disparada. Virei Jayden de frente para Fiskick.

— Oito em ponto! — Jayden disse.

Por um momento os garotos ficavam parados e confusos pela cintilação da luz e no outro estavam em frente a Fiskick. Facas, flechas, machados, fogo, chicotes, todos atirados em uma só direção. O edifício tremeu. Pisquei afastando a poeira que nublava o ar.

O silêncio ressoou. A luz estroboscópica de Fiskick piscou e se apagou, deixando só a escuridão.

— Matthias? — Disse Jayden.

— Estou aqui, amigo.

A escuridão diminuiu o suficiente para eu ver uma silhueta escura. A escuridão sugou a figura escura como se fosse um ralo negro. As coisas ficaram mais iluminadas quando Matthias estendeu seus braços. Uma sombra



caminhando em direção ao luar, levando a escuridão em torno do seu corpo, efetivamente iluminando nosso mundo.

Jayden e eu verificamos a sala.

— Ele se foi? — Sussurrou Jayden

— Não. — Algo continuava incomodando o fundo da minha mente, algo mal, mas não consegui localizar a fonte.

Jayden se moveu para inspecionar o cabo desgastado do auto-falante pendurado.

— Onde?

Golpes vermelhos cor de sangue brotaram e golpearam Jayden no ar. Ele bateu contra a parede e caiu imóvel no piso.

— Não. — Virei, com um som ensurdecedor nos meus ouvidos.

Os rapazes gritaram, correndo para mim, mas Echo parou a uns metros de distância, ondas negras pintavam seus braços, pronto para disparar e liquidar meu corpo.



CAPÍTULO

CINQUENTA E SEIS

Aconteceu rápido.

Aquela pressão tão familiar se abateu. Minha mandíbula apertou contra a dor.

Teias azuis como tentáculos de repente correram pelo chão e se entrelaçaram na minha frente. Vivas, se contorcendo, a voltagem elétrica disparou, se movendo como uma aranha em uma barreira brilhante colorida do chão ao teto. Conforme subia, ela cortou a mão estendida de Echo. O membro bateu com um ruído surdo no chão em uma massa murcha. Echo explodiu ondas sonoras com a mão restante. Elas pulsaram contra a parede de eletricidade que tinha acabado de brotar e bateram forte em sentido inverso, lançando Echo para trás.

A pressão crescente sobre o meu corpo foi liberada em uma maré maníaca. A explosão derrubou os garotos de seus pés e ondulou a parede de eletricidade.

Braços apertaram em volta dos meus ombros e cintura, seus toques fazendo cócegas como sirenes que você tenta segurar no carnaval. Fiskick me virou de frente para os garotos. Pânico travou minhas articulações. Luz branca crepitou debaixo da minha pele.

— Aurora, acalme-se — Fiskick disse. Ele viu os caras de pé, avançando. — Fiquem para trás! Se ela ficar chateada, todos nós estamos em apuros. Eu estou tentando ajudar.

Matthias ergueu a mão, mas eles já tinham parado, confusão enrugando testas irritadas. Fiskick suspirou, se apoiou em mim, ofegando. Faíscas crepitantes pingavam dele. Um cheiro queimado permeava.

A barreira de eletricidade de Fiskick vacilou, mas se manteve firme contra o grito de Echo. — Eu deveria saber que você estava trabalhando para ela! — Ele me atirou um olhar de ódio, o cotoco de um braço embalado em seu peito.

— O quê? — Minha surpresa foi ecoada pelos garotos.



— Fui enviado para protegê-la — Fiskick disse. — De todos *vocês*.

— Ela não precisa de proteção de nós — Matthias disse.

O zumbido do toque de Fiskick se intensificou. Meu brilho aumentou, mas foi dificilmente perceptível quando o corpo de Fiskick se iluminou como o quatro de julho.

— *Foram vocês* que tentaram matá-la em primeiro lugar! Ela tem as cicatrizes para provar isso.

— Meu ataque? Aquilo foi apenas um bando de crianças.

Echo soltou um assobio baixo. — Não é de admirar que você seja tão doente mental.

— Humanos controlados por um deles. — Fiskick apontou para a forma inconsciente de Tristan. — Um Ilusionista os programou com uma meta. Te matar. Foram eles que expuseram você. Como você acha que *ele* — Fiskick acenou com a cabeça para Echo — sabia onde você estava. Eles o enviaram!

— Isso é loucura! — Os lábios de Ayden se retraíram.

— Não, na verdade, você fez — Echo disse. — Sua preciosa sociedade, de qualquer forma. À qual você é tão leal. Alguns não acham que ela é o melhor para o futuro deles.

O ar afinou. Branco tingiu minha visão. Pressão cresceu.

— Aurora, não — Fiskick disse. — Você está segura. Eu não vou deixar nada te machucar.

Isto era doido demais.

— Se... — a boca de Matthias se moveu como se estivesse testando palavras que tinham gosto azedo — se o Mandatum enviou Echo, quem te enviou?

— Você vai descobrir muito em breve — Fiskick disse. — Mas acredite em mim quando digo que podemos protegê-la muito melhor do que você. Se o Mandatum a pegar, ela estará morta, e ela é importante demais -

— Por que vocês todos a querem? — A pergunta de Ayden socou a respiração dos meus pulmões.

Echo balançou a cabeça, sua risada tingida com descrença. Meu coração batia como uma marreta ameaçando romper minhas costelas.

— Não conte a eles — eu disse asperamente, meu calor corporal subindo.

— A comida do refeitório está mexendo comigo, ou baby está brilhando? — Blake disse.



— Se você realmente se importa com ela — Fiskick disse — deixe-me levá-la para um lugar seguro.

Eu sacudi. — Não!

Eu não ia trocar a prisão Nex do Mandatum pela versão de Fiskick. Debaixo da minha pele, a luz tremulou tão rapidamente quanto o meu pulso.

— Acalme-se! — Fiskick disse.

— Sim, Aurora, não iríamos querer você chateada. — As palavras de Echo cantarolavam com uma borda manhosa. — Assim não vou te contar que uma vez que você tenha fugido eu não vou ter outra escolha senão ir atrás de sua irmãzinha. Sabia que eu posso liquefazer o cérebro dela e assisti-lo escorrer para fora de seus olhos?

Pisquei quente, brilhante. Fiskick engasgou e me soltou com um empurrão tão violento que eu caí, rolei de costas. O demônio cambaleou, o corpo carbonizado onde tinha me tocado. Seu bloqueio elétrico se apagou.

Fiskick berrou — Echo, pare! Você não tem ideia -

Echo saltou. Flechas, machados e fogo voaram. Um chicote estalou, mas era tarde demais.

Levantei mãos radiantes e foquei toda a minha raiva e energia em Echo. Pressão enrolou em volta de mim, uma serpente invisível reivindicando meu direito de respirar. Echo desapareceu da vista quando Fiskick se jogou entre nós, bloqueando o ataque do demônio sonoro. E correndo diretamente para o meu.

Eu não consegui parar. Não queria. Eu tinha que proteger minha família. Proteger todos nós. A pressão quebrou. Eu a deixei derramar. Todo aquele poder, toda aquela luz, estourou das minhas mãos.

Sem feixes pequenos aqui. Oh, não. A luz inchou, um arco ampliando em um borrão ondulante. Som rugiu. Gritos afogaram. Um vendaval guinchante chicoteou cachos vermelhos em toda a minha visão. Eu a mantive pulsando, focando minha energia até aquela presença do mal em minha mente, aquela conexão com Fiskick e Echo, dissolver completamente, a ameaça desaparecida.

Tão repentinamente quanto começou, parou. Como se alguém simplesmente fechasse a torneira. Energia se acumulou e tremulou debaixo da minha pele. Meus braços bateram no chão. Deitei drenada, ofegante, piscando na penumbra.

Alguém praguejou. Detritos se desintegraram e choveram das bordas de um buraco no teto. Eu me virei, mas olhei para trás, apertando os olhos.



Estrelas cintilavam no céu noturno. Isso não fazia sentido. Estávamos a pelo menos dois andares no subsolo.

Com um gemido eu me sentei, foquei para cima e

— Oh, não. — Balancei a cabeça. — Oh, não, não, não. — Encarei minhas mãos. Os buracos acima. Buracos. No plural. Tipo, em mais de um. Eu tinha explodido todos os andares. *O prédio todo*. Todo o caminho através do telhado, e era por isso que eu podia ver o céu.

— Oh, meu Deus! — Meu pulso martelou em meus ouvidos. Lutei para ficar de pé, mantendo as mãos para fora. Meu corpo inteiro tremeluzia. Eu me iluminava a cada batimento cardíaco frenético. Comecei a tremer. — Oh, meu-

— Aurora — Logan veio correndo — você pode parar de entrar em pânico agora. — Logan pegou minha mão e saltou para longe com um assobio. Ele deu um passo para trás, dedos queimados abraçados ao peito.

Balancei meus braços para fora. — Isso não acaba. — Minha voz subiu, cheia de histeria.

O prédio gemeu e rangeu.

— Acalme-se! — Matthias latiu. — Nós não precisamos de outra explosão.

Abracei-me, fechei os olhos. Uma lágrima escapou, depois evaporou em minha bochecha. — Por que isso não acaba? Vá embora, vá- — Uma mão fria tocou no meu braço. Saltei para trás. — Não! Você vai queimar!

— Estou acostumado com isso. — Os olhos castanhos de Ayden cintilaram. — Na verdade, já me disseram que eu solto fumaça. — Ele estendeu a mão, sua voz suave. — Por uma incrível ruiva que eu gostaria que, apenas uma vez, soubesse que pode confiar em mim.

Lágrimas fluíram, fumegaram em minhas bochechas. Eu estava aterrorizada com tantas coisas. Confiar nele – ou em qualquer um – estando no topo da minha lista. Mas eu precisava de ajuda e ele estava oferecendo. Todos eles estavam.

Pedaços de detritos se agarravam à bagunça sexy do cabelo de Ayden e se espalhavam em sua jaqueta que ostentava um par de cortes de disparos elétricos - disparos que ele levou lutando para me proteger. Poeira agarrava-se àqueles cílios longos e empalidecia sua pele, acentuando os ângulos lindos de seu rosto, forte e convidativo. Traíçoeiro? Seus lábios se curvaram em um sorriso torto largo.

Eu desisti de resistir.



Minha mão brilhante e trêmula se estendeu, vacilando quando ele a agarrou, temendo a reação dele. Mas Ayden só a apertou tranquilizadamente e me puxou para o seu peito, acariciando meu cabelo e apoiando o queixo na minha cabeça.

— Relaxe. Eles foram embora. Você está segura.

Respirei profundamente, afundando em seu abraço, e me concentrei na batida constante do seu coração, o cheiro de almíscar e couro ainda persistente sob a destruição. Meus braços agarraram seu corpo. O tremor ficou pior, assim como meus soluços, mas o calor estava se dissipando, o brilho retrocedendo. Ayden me acalmou com palavras suaves e fortes braços reconfortantes. Logo, um tremor mínimo e apenas um nariz ranhoso. Sexy.

— Desta vez, tente manter suas mãos para si mesma — Ayden sussurrou em meu ouvido. — Sua rotina de polvo poderia ficar um pouco embaraçosa com esta multidão.

— Isso - isso não é engraçado.

— Qual é. Foi um pouco engraçado. Você está sorrindo.

Enterrei o rosto em seu peito para que ele não pudesse ver que estava certo.

— Agora — Blake disse — sobre aquelas algemas. Isso é simplesmente

-

— Não diga — Ayden avisou.

— *Pervertido.*

O suspiro de Ayden rosnou um estrondo em seu peito. Eu ri, sorrindo mais amplamente quando vi meu brilho desaparecer. Até que as paredes gemessem.

Matthias escrutinou o teto. — Blake? O prédio?

Blake deu de ombros. — Está bem contanto que babe não tenha atingido -

A estrutura grunhiu um tremor violento. Rachaduras correram para cima das paredes. O teto borrou, estremecendo. Finalmente cedendo com um gemido melancólico, todo o andar de cima desabou.



CAPÍTULO

CINQUENTA E SETE

Ayden me cobriu. Mas o rugido de colisão de ser enterrada viva nunca veio.

Braços levantados, Blake segurou o andar destruído acima de nós flutuando em pedaços. — Evacuar — disse ele, a voz tensa, nada de sua jovialidade habitual.

— Você pode segurar o prédio inteiro, companheiro? — O cabelo de Matthias parecia cinza da poeira caindo. — É anexado à sala de concertos e se desabar, pode trazer tudo para baixo com ele.

Blake ousou em largo sorriso tenso. — Nunca fiz isso antes, mas por que raios não? Eu amo um desafio. E todo mundo certifique-se de contar à Madame Cacciatori que mesmo em um momento de crise final, eu disse “raios”.

O Australiano bateu em Blake no ombro. — Bom homem. Logan, acorde Tristan, ele precisa chegar ao concerto para manter todo mundo calmo, ordenado e evacuando.

Fios elétricos quebrados chiaram e choveram faíscas. Um *whoosh* alto, seguido por uma explosão acima, nos balançou. Ayden agachou sobre mim enquanto chamas estouravam à vida vários andares acima, bloqueando nossa visão do céu. Mais estrondo, blocos caindo. O cheiro de fumaça e borracha queimada.

— Blake?

— Eu cuido disso. Todos para fora. — Seus bíceps incharam, suor salpicou sua testa.

Logan puxou um Tristan grogue de pé, tossindo e esfregando os olhos. — Eu vou com ele. Manter a fumaça longe das multidões, garantir que eles tenham oxigênio.

A cabeça de Tristan girou. Logan empurrou-o para fora da porta com — Vou explicar no caminho.

Matthias sacudiu Jayden que, depois de um momento inicial de confusão, saltou de pé. — Gestão do fogo?



Matthias acenou com a cabeça. — Você e Ayden.

Jayden acenou com uma mão e o sistema de sprinkler gaguejou à vida. Estávamos encharcados em segundos.

Os dedos de Jayden ondularam. A água se curvou e viajou para cima através do buraco.

Ayden me segurou no comprimento do braço, água listrando a poeira em seu rosto. — Você precisa ir. Nós cuidamos disto.

Matthias agarrou minha mão. — Respire superficial. Fique abaixada. Eu vou te tirar daqui.

Matthias nos levou através do labirinto escuro de torções e voltas sem hesitação, sem nunca soltar minha mão, até que chutou a porta de saída. O ar picou fresco contra a minha pele quando saímos do prédio. No terreno do Centro de Convenções e o caos de luzes piscando brilhantes, o pessoal e os equipamentos de emergência foram coreografados para o lamento estridente de alarmes, sirenes, e cacofonia de gritos.

Tossindo da poeira e fumaça, eu recuei do prédio. Eu achei que ele estava se curvando um pouco no meio, mas parecia estar aguentando, e o fogo não estava expelindo da cobertura. Bons sinais.

Na porta ao lado, pessoas derramavam da sala de concertos de forma apressada, mas ordenada. Esquadrinhei a multidão, depois fugi para o andar térreo anexo que anexava os prédios.

Matthias sequer gritou, apenas me pegou por trás, um braço em volta da minha cintura. — O que está fazendo?

Eu me contorci. — Luna e Danica não estão aqui fora! Você disse-

— Acalme-se. Tristan e Logan vão -

Uma explosão tremeu o chão. As janelas superiores da sala de concertos explodiram para fora, vidro estilhaçado seguido por ondas de fumaça. Matthias se debruçou sobre mim enquanto cacos derramavam e borrifavam o concreto com uma melodia de carrilhão, estridente.

Pessoas gritaram e se apressaram menos ordenadamente. Luzes dentro e fora se apagaram, a única iluminação vinda da dura luz branca fluorescente ou piscando vermelha e azul dos veículos de emergência. Bombeiros retiraram



mais mangueiras de seus caminhões. Outros agarraram equipamentos e entraram empurrando.

A camisa de Matthias ostentava buracos carbonizados de tamanho variados em torno do perímetro, carne queimada carmesim irritada aparecendo. Contra sua palidez pálida, gritante, filetes de sangue vermelho escuro pingavam pelo rosto de onde pedaços de vidro estavam embutidos em sua pele. Parecia um figurante de filme de terror se eu já vi um.

— Matthias, me solte. — Desespero saturou minhas palavras. — Eu tenho que chegar a Luna.

— Não.

— Mas-

Ele me empurrou de frente para ele, segurando firme os meus braços. — Eu vou fazer isso.

— Eu vou com você.

Ele balançou a cabeça. E a mim. — Você vai me atrasar. Eu posso ver no escuro. Você não pode.

Lágrimas brotaram novamente. — Ela é minha irmã — disse por entre lágrimas.

A expressão do Australiano suavizou. — Eu sei. Vou tirá-la. — Ele engoliu, a voz um sussurro. — Eu juro.

Pesquisei seus olhos e encontrei algo não familiar. Uma pitada de humanidade.

— Obrigada — acenei com a cabeça.

— Bom. — Seu aperto relaxou. — Fique aqui. Fique calma. E... não exploda nada.

Quando ele liberou meus braços, eu passei empurrando-o e ignorando seus protestos guturais, e corri em direção ao prédio. E à minha irmã.



CAPÍTULO

CINQUENTA E OITO

Segundos? Minutos? Pareciam dias, eu estava tropeçando cegamente pela escuridão caótica, barulho ensurdecedor, e a maré de gente me empurrando três passos para trás para cada um que dava.

— Luna! — Eu gritei, sabendo que era inútil contra o barulho. — Lu! — O ar, com espessura de massa de bolo, ficou preso em meus pulmões. Uma série de ataques de tosses secas atingiram o meu peito e meu corpo todo tremia. Eu dobrei.

Os corpos da multidão louca me bateram em todos os lugares, me jogando para os lados e depois para baixo.

— Não! — Eu gritei. Pés pisaram o meu corpo, me forçando a voltar para o chão frio de novo. Eu cobri meu rosto e dei alguns chutes, finalmente me colocando de joelhos o suficiente para rastejar até uma parede. Em meus pés, eu usei a parede para me apoiar e tentar me levantar, mas a multidão batendo como uma maré era implacável, vencendo todos os esforços para me ter totalmente na vertical.

No meu torpor, a voz que eu imaginava ser Luna estava chamando. Gritando meu nome. Uma e outra vez. Meu estômago se apertou. Eu respirei drasticamente algumas vezes e me perguntava sem parar, se eu matei minha irmã e todos os outros, porque eu tinha voado a porcaria de um prédio!

Eu soluzei. Mais como berrei. Eu não conseguia nem chorar corretamente. Eu não pude salvar a minha irmã. Não pude - Um braço passou pela minha cintura e me capturou. O corpo ligado a esse braço me salvou da multidão, mas estava me arrastando para a saída - longe de Luna - então eu forcei para me soltar.

— Deixe-me ir!

— Só desta vez, cale a boca e faça o que eu digo — Austrália rosnou. — Vamos.

— Não! Eu tenho que -

— Rory!



— Luna? — Eu enxuguei os olhos e me concentrei.

Minha irmã estava pendurada nos ombros de Matthias, Danica apertada em um abraço mortal no outro. Ambas estavam manchadas com fuligem, despenteadas, mas vivas e... sorrindo?

A porta lateral bateu no prédio quando Matthias chutou aberta novamente e nos passou por ela. Fumaça ondulou por ela. Tropeçamos em uma parada, tossindo e tentando recuperar o fôlego. Figuras sombrias correram em direção a nós e surgiram através dos vapores fantasmagóricos.

— Porque todos estão salvando a garota, menos eu? — Blake rosnou, a camisa manchada e esfarrapada, seus cachos agrupados em suor, com o rosto manchado com sujeira e outras coisas desmoronando. Meus braços estavam ao redor dele. Ele me apertou de volta. — Veja, eu sabia que você ia acabar caindo.

Eu olhei para seu rosto sorridente. — Você está bem?

Ele deu de ombros. — Claro. E para constar, eu posso segurar um prédio inteiro e depositá-lo novamente. Ayden por outro lado-

— Como se eu quisesse queimar os seus sapatos. — Ayden apareceu esmagando alguns buracos em chamas na jaqueta.

— Ele avisou para você não se mover — Jayden disse, franzindo a testa para os sapatos carbonizados Blake.

Eu abracei Ayden e Jayden também.

Eles estavam encharcados e esfarrapados, pareciam como se tivessem rolados no lixo, cheiravam a fuligem e um canteiro de obras, mas não pior do que vestiam.

Abracei as meninas incessantemente. Chequei os danos físicos. Eu não encontrei nenhum. Elas estavam mais animadas do que traumatizadas por ter tomado o conselho dos caras – o qual eu não sabia nada - de se esconderem sob seus assentos e esperar por ajuda se algo horrível acontecesse.

Matthias as encontrou enroladas, mas ilesas, cercadas por um perímetro de cinco metros de defesa, fornecida pela proteção que os meninos tinham dado. Os demônios não poderiam penetrar, nem detritos, debandada ou fumaça – uma zona de proteção.

— E por alguma razão — Luna disse — A canção estúpida dos anos oitenta, “Gloria” - você sabe, aquela da coleção da mamãe e do papai - não parava de tocar na minha cabeça, me tirando da loucura e me fazendo sentir melhor. Estranho, eu sei.



Então, minha anja da guarda louca não estava faltando em ação depois de tudo.

— Então — Danica continuou — Luna começou a cantar em voz alta e eu estava tipo qual é essa música patética? Então ela me ensinou porque era melhor do que ouvir as pessoas gritando e ficou lá cantando a plenos pulmões. Foi uma loucura!

Luna pegou a mão de Matthias. — E, em seguida, Matthias apareceu.

Quando Austrália se afastou, Luna circulou sua cintura. Danica também. Ele levantou os braços brevemente, em seguida, deixou-os cair em torno das meninas com um olhar irritado da derrota. Eu coloquei uma mão na boca para cobrir o sorriso.

— Nosso heroico menino maldito salvou o dia — Luna disse efusivamente.

Danica aconchegou-se mais. — Definitivamente vamos mudar a sua reputação quando voltarmos. Você é como um astro de ação!

Matthias finalmente as afastou quando Tristan e Logan apareceram. Tristan convenceu um bombeiro levar as meninas imediatamente para a emergência mais próxima.

Depois delas saírem, Blake disse — Vamos falar sobre baby brilhando e explodindo o prédio?

Todos os olhos se voltaram para mim. Sem pressão.

— Acho que sabemos por que todo mundo quer você — Matthias disse. — Como você fez isso?

Eu balancei minha cabeça. — Eu não sei. Eu não consigo controlar. Isso-

— É quando ela se sente ameaçada. — Logan deu de ombros. — Foi o que aconteceu com o Kalifera. Eu acho. Ele não explodiu, mas pode ter brilhado e depois o derrubado. Hey — ele disse para os olhares incrédulos dos meninos — Aconteceu muito rapidamente. Eu não tinha certeza.

Jayden bateu, animado como uma criança na manhã de Natal. — É por isso que você achou prudente trazê-la para a luta. Excelente. Um mecanismo de defesa. Seu corpo dá proteção quando está perigo.

— Proteção? — Matthias disse — ela voou um edifício e mandou um demônio de volta para o inferno. — Todos deram a ele olhares surpresos — Vocês não podiam ver no escuro. Quando ela... atacou, bateu em Fiskick. Ele se enrolou em névoa escura e foi para o submundo



Eu lembrei do Kalifera fazer a mesma coisa depois que Logan atirou nele.

— Isso aconteceu antes? — Ayden disse.

— Não demônios para o inferno, mas... — eu expliquei sobre as outras ocasiões. — Desculpe. Eu nunca pensei que eu pudesse fazer esse tipo de dano. Machucar pessoas. Matar eles?

— Não, você fez — Tristan disse. — Ninguém morreu e os danos são menores.

— Mas eu sou perigosa. — Meu estômago retorceu. — Vocês deveriam... vocês deveriam me render. Dizer ao Mandatum -

Jayden colocou a mão sobre a minha boca. — Não é uma boa ideia.

Matthias ergueu as mãos. — Absolutamente não! Se o Mandatum vier para você, eles vão ver o que podemos fazer e vamos ser recrutados para o Sicarius em um sangrento batimento cardíaco!

Houve uma longa pausa, em seguida, todos os rapazes cruzaram os braços e olharam para ele de forma significativa.

— E — Ayden disse — Alguém disse que a sociedade está tentando matá-la.

— Isso também — concordou Matthias.

Uma presença familiar e indesejável tomou conta de mim. O meu olhar saltou para as meninas. Elas reclamavam da emergência verificar seus sinais vitais. Olhei para a multidão e parei, minha garganta se fechando quando o rosto de um jovem bombeiro escorregou, revelando...



CAPÍTULO

CINQUENTA E NOVE

— Echo — eu suspirei

Ayden pulou. — Onde?

Matthias disse — Você tem certeza?

Os Garotos Malditos me cercaram, seguindo meu olhar.

Echo chamou minha atenção, ele levantou o queixo e sorriu malevolamente para Luna, deslizando um dedo lentamente pelo seu pescoço.

A mandíbula de Austrália apertou, sua voz profunda. — Suponho que sim.

Meu instinto me sufocou. O tempo parou. O som foi abafado. Olhei para o demônio. Ainda vivo. Ainda uma ameaça. Minha pele se arrepiou com ódio ardente. Todos com quem eu me importava, agora incluído um grupo desajustado de caçadores de demônios, não estariam seguros até Echo residir novamente no inferno. Talvez eu pudesse ajudá-lo a se mudar. Sem explodir um prédio dessa vez.

Os caras pararam atrás de mim, observando Echo e discutindo furiosamente opções de batalha, limitadas por todas as pessoas ao redor.

Tomei Tristan por trás e sussurrei em seu ouvido. — Você me deve.

— O quê?

— Por confundir minha cabeça sem permissão.

Ele começou a se virar. — Eu disse que eu estava...

Eu disse a ele para calar a boca e mantive ele olhando para frente. Eu estava esperando fazer parecer que eu estava procurando cobertura.

— Faça isso por mim. Agora mesmo. Você sabe exatamente o que. Sem perguntas.

Ele olhou para mim com preocupação. — Ok.

Com o meu tom de titânio eu disse — Faça novamente. A coisa de esquecer. Me dê tudo o que você tem. Não se segure.



Ele empalideceu, balançando a cabeça, tentando ir embora, mas eu mantive minha posição. Olhei para Echo e seu sorriso de satisfação no meio da multidão.

— Tristan! Não há tempo para explicar. Confie em mim. Eu tenho um plano. — Eu o soltei e fiquei de frente, esperando que convicção tranquila aparecesse em meu rosto. — Por favor.

Os ombros de Tristan caíram. A tristeza em seus olhos como se ele estivesse prestes a espancar o seu cachorro favorito, mas seus olhos torturados ganharam impulso em um redemoinho roxo.

Eu murmurei — Obrigada.

Os outros garotos perceberam. Ayden e Matthias correram, gritando — Não!

Eles chegaram um momento antes de Blake agarrá-los por trás. Eles se contorciam e gemiam um pé acima do chão.

Lágrimas quentes de gratidão escorreram pelo meu rosto, eu me virei e corri, acelerando a cada passo. Eu não estava cansada de correr, depois de tudo.

Mas desta vez, eu era o predador.

A sensação de coceira rasgou a parte superior do meu crânio. Em vez de lutar, eu abri para qualquer energia que Tristan jogou ao meu caminho. O formigamento se intensificou, o calor aumentou, mas nenhuma dor. Corri rapidamente no meio da multidão, empurrando, me movendo, pisando, ignorando os gritos de raiva. Eu perdi Echo de vista, mas não me importei. Era como se eu tivesse uma seta de neon apontando “morte” na cabeça.

Eu senti quando ele deixou o grupo. O formigamento foi incorporado profundamente no meu crânio. As bordas da minha visão tatuadas, como quando a lente de uma câmera começava a fechar. O tempo estava se esgotando.

Eu pulei do capô de um carro, fazendo amassados e arranhões na pintura, e joguei meu corpo para o ar. Echo se virou a tempo de ver os meus lábios torcidos em um sorriso feroz. Minha cabeça balançou no calor e perdeu a visão completamente quando eu bati nele com toda a força, meus braços e pernas iluminados como uma sanguessuga alienígena louca.



CAPÍTULO SESENTA

Nós batemos forte, deslizando e saltando sobre o terreno irregular que emitia gases desagradáveis de rachaduras molhadas. E um fedor horrível e familiar. Eu me soltei, rolando para longe, lutando contra o vômitos e histeria vertiginosa enquanto eu me forçava a me levantar.

A vasta extensão de medo se espalhou antes de mim. Céu vermelho sangue. Nuvens negras. E a melhor parte do Mundo em Espera?

Cadáveres aos meus pés.

Cobrindo-os.

Eu não podia ver os meus pés. Meus pés apertando os corpos. Eu queria mover meu pé, mas não faria nenhuma diferença. Eu suprimi um gemido porque meu pé...

Isso nunca ficava fácil.

E eu estava vestindo um outro vestido estúpido. Uma coisa leve que ficava nos meus joelhos. Pelo menos ele não se arrastava pelo muco.

— O que você fez? — Echo guinchou, mas não machucado. Nenhum fluido de cérebro derramado. Eu verifiquei. Ele alegou não ter poderes aqui e não fez nenhuma onda brilhante. Ele parecia humano... não tanto. Pele decomposta caía pendurada em bolhas. Pus escorria como suor, os olhos negros sem esperança. Metade de seu braço estava faltando.

Engasguei com o cheiro podre. Repleto de morte. A brisa do deserto secou o suor na minha pele. Estremeci por muitas razões.

O eco se tornando nítido. Empurrando em círculos, escaneando o chão. Vendo o pôr do sol, pânico e horror subiu em seus olhos insondáveis, e comecei a me sentir melhor. Enquanto eu não pensasse sobre os meus pés. Eu podia sentir uma sapatilha de balé, o que significava que não havia carne entre os meus dedos, mas o material era fino. Se molhando com...

Oh, céus. Engoli a bile.

Criaturas uivaram ao longe. Eles estavam se alimentados com algo, mas agora nós tínhamos toda a sua atenção. Através dos pântanos podres, eu me virei para longe de Echo, andando com o squish squish sob meus pés.

— Não! Você me trouxe aqui?! — Echo gritou, dando um passo em minha direção. Cada movimento derrubou mais da sua pele, a gosma caindo no



chão como vermes famintos procurando por sustância da morte. Sua carne deslizando. Seus ossos e órgãos revelados. Eu olhei para a sombra de seu coração batendo.

O meu próprio martelou. Eu recuei.

Squish. Squish.

— Leve-me de volta!

— Eu não posso. — Minha voz era áspera como uma lixa.

— Nex. — De repente, o tendão e o osso que passavam por seus dedos estavam em volta do meu pescoço, apertando. Sua boca se curvou em uma careta horrível. Um pedaço de seu lábio pendurado pelo seu queixo, deixando um rastro de fluido. — Se você me deixar aqui, eu vou encontrar uma maneira de sair.

Eu agarrei seu pulso. Pedacos dele caíram na minha mão, como pedacos de costela cozida lentamente no churrasco. Meus olhos brilharam, um caleidoscópio, uma morte porque se eu caísse inconsciente agora, eu nunca mais acordaria, ou acordaria em algum lugar que me faria querer nunca ter acordado.

— Eu vou te caçar. — A voz de Echo soou muito como minha consciência desvanecida. — E sua morte será lenta e torturante.

Os uivos ao longe aumentaram, quebrando a concentração de Echo e me tirando do meu espiral de esquecimento.

— Escutar você é tortura o suficiente. — Eu falei

Levantei minhas mãos, as juntei, e levei meus cotovelos para baixo em seu antebraço. O aperto de Echo se quebrou.

De repente eu cambaleei para trás. Com a minha graça de costume, eu tropecei. E eu caí. Pedacos gelatinosos voaram. Minhas mãos passaram por vários centímetros através da... nojeira. Coisas deslizaram pelos meus dedos como argila molhada. Guinchos borbulharam minha garganta e lutaram para escapar da jaula do meu queixo.

— Você não tem o que é preciso. Mas eu tenho. — Echo veio para perto de mim, tão perto que eu podia ouvir os sons molhados da sua desintegração. — Antes de eu te matar, vou mutilar sua família e aqueles Garotos Malditos que você ama. E vou fazer você assistir.

Fúria fria bateu em minhas veias. Minha frequência cardíaca se estabilizou. Um sentido de clareza peculiar reprimiu meu medo enquanto eu inspecionava os corpos. Carne em decomposição. E os ossos.



Uma pilha de ossos.

Echo sorriu. — Se você me deixar.

Sob a sujeira, a minha mão direita se espalhou em uma caixa torácica, meus dedos correm ao longo do comprimento, e faço uma careta contra a massa sugando minha pele.

Echo se aproximou — Devemos fazer um acordo, Nex?

— Absolutamente — Minha mão esquerda deslizou pela sujeira com um som de sugar saturado e agarrou sua clavícula, brilhando através da sua carne se dissolvendo. Eu sacudi e cai, trazendo Echo comigo.

Minha mão direita se soltou, escorrendo substancias em decomposição, e veio segurando o osso de costela que eu tinha quebrado do corpo embaixo. Agarrei a arma com força e enfiei sob suas costelas, empalando seu coração miserável.

Seu rosto pairou a centímetros do meu, contorcendo em confusão, intriga e dor. O calor se espalhou pela minha mão, para baixo do meu braço, e na minha barriga enquanto a vida patética de Echo ia embora. Sua mão deslizou em torno de meu pulso, dedos se contraindo a cada puxão fraco.

— Você morre. Minha família vive. — Eu coloquei o osso mais fundo. — Esse é o trato.

Echo gaguejou um insulto vil e despencou – mais como se derreteu – contra mim. Eu empurrei seu corpo em decomposição e o assisti rolar em pedaços de bagunça molhada.

Bom. Era isso. Levantei e tirei os pedaços pegajosos o melhor que pude, chocada por não vomitar.

Criaturas azuis uivaram. Perto. Famintas. Eu procurei pela salvação no céu. Vazio.

Minha cabeça caiu para baixo ao som de um riso. Echo deslizou o osso para fora com um sorriso maligno.

— Eu sou um demônio. — Ele acenou com a arma na mão, apontando a ponta para mim. — Já estou morto.

Eu cerrei os punhos. — Eu matei Fiskick — rosnei. — E vou matar você.

Echo se levantou, seu sorriso era um amplo trecho de dentes irregulares, ossos e pedaços de carne. — Pergunte ao seus garotos. Você não nos mata. — Ele levantou a arma e deu um passo em minha direção. Um dedo caiu. — Nós só somos enviados aqui para começar a nossa jornada. Você, no entanto, está vulnerável.



— O que eu tenho que fazer? — Recuei para procurar uma nova arma.
— Cortar sua cabeça?

— Você acha que tem a coragem de me decapitar? — Echo bufou parte de sua cavidade nasal.

— Infelizmente para você, ela tem.

Eu pulei. Vestindo um terno branco meticuloso, Gloria estava parada atrás de mim. Como no mundo ela se mantinha tão limpa? Até seus sapatos permaneceram impecáveis. Ok, ela pairava sobre a bagunça, mas qual é, com toda essa porcaria ao redor, ela não deveria parecer tão... limpa. Especialmente quando eu parecia como se estivesse em pé perto de um zilhão de zumbis explodidos.

— Mas é o meu trabalho que ela não faça. Os pesadelos, a terapia - as coisas começam a dar errado depois que ela cruza essa linha. Acredite em mim. Não é bonito. E nem me fale sobre a papelada.

— Você pode me tirar daqui? — Echo disse.

— Claro — Gloria disse em seu tom alegre que o habitual. — Mas não vou.

— Então você vai morrer também.

A risada de Gloria me lembrou do dia em que Selena ficou presa no carro. Mamãe tinha pegado seu bastão de aço desmontável - todas as mães não tinham um daqueles? - e quebrou o vidro traseiro. Os fragmentos que caíram no concreto tinha a mesma nota alta de melodia.

Echo atacou.

Minha visão não podia seguir o próximo movimento, apenas uma sensação de perturbação no ar, e em um momento Gloria tinha soltado suas asas e virou, as extremidades das penas não cortaram Echo em pedaços, mas estava perto disso. Quando ele caiu, ela disse — É a minha vez. — E agarrou sua garganta. O que restou dela de qualquer maneira.

A pequena mulher levantou-o com uma mão. Seus pés pendiam, chutando, sons molhados escapando de seus lábios. Ela colocou seu rosto perto e sussurrou palavras que soavam como se viessem de uma linguagem perdida, mas seu desprezo era claro.

Ela o jogou de lado como uma boneca horrível, inútil e sem valor. Coisas que não queria pensar fora do seu corpo. Ele derrapou no chão. Guinchando como um porco no matadouro, os monstros azuis se aproximaram de Echo.



Gloria limpou as mãos em sua saia. Coisas viscosas desapareceram quase no mesmo instante que tocaram o material. Isso explicaria algumas coisas. Ela bateu palmas, um olhar de prazer infantil enfeitando seu rosto. — Estou tão orgulhosa de você.

— Ótimo. Tire-me daqui. — Ela não estava gritando enquanto eu pulava de pé em pé - as sapatilhas de balé completamente saturadas — mas isso não iria durar.

Ela mordeu o lábio. — Oh, é claro. Você é boa com os corpos. — Meu estômago se virou quando Gloria me envolveu em seus braços e saiu em disparada para o ar.

Meus olhos se fecharam. — Quem é bom com corpos?

— Coveiros, em primeiro lugar.

— Eu não sou um coveiro!

— É verdade, minha Divinicus corajosa. — Ela me deu um aperto. — Você não estava mesmo convencida de que eu estaria lá.

— Eu tenho que confiar em alguém, não?

— Você tem que me ouvir!

— Então você sempre me salvará?

Ela a soltou. Eu não gritei na fração de segundo que levou para ela soltar minha mão e me jogar em um clarão brilhante. Foi algo tipo um guincho.



CAPÍTULO

SESSENTA E UM

Deitada no chão. Nos braços de alguém. Eles me balançaram. Primeiro suavemente, depois com mais força.

— Aurora — Ayden. Preocupado. — Vamos, Aurora, vamos lá. — Sirenes soaram, pessoas gritavam, muita comoção, uma fina camada de chuva caía no meu rosto.

— Ela não vai acordar, certo? — A voz de Tristan aumentou bastante.

— Babe pediu para você fazer isso. Ela tinha um plano. Ela vai acordar.

— Mas a ansiedade tingia o tom confiante de Blake.

— Eu completamente arruinei a operação DDHK. Que cavaleiro eu sou. Eu coloquei a donzela em perigo!

— Aurora não é uma donzela. — A voz de Matthias soava apertada, perigosa. — Mas já passou tempo o bastante. Traga os paramédicos.

Eu dobrei meus dedos. Uma mão agarrou a minha.

— Ela está acordando! — Ayden disse.

Minhas pálpebras abriram e piscaram para manter afastado o borrão. Ayden me esmagou contra seu peito. Por cima do ombro, a cor fluía para a palidez fantasmagórica de Tristan quando ele praticamente dançou. Dando tapinhas nas costas e sorrindo ao redor. Até mesmo Matthias.

— Oh, meu Deus — eu disse com a voz rouca. Todos congelaram. — Você tem covinhas!

O resto dos caras sorriu para a Austrália, que colocou a mão sobre sua boca para ajudar a cobrir as adoráveis covinhas proeminentes em cada bochecha. Ele apontou para nós e disse — Parem com isso — mas por trás de suas mãos soou mais como “palem cum isso”. Nós rimos mais ainda. Ele desistiu e se virou num acesso de raiva, mas as covinhas foram mantidas.

Ayden me ajudou a levantar. Eu poderia ficar de pé sozinha, mas ele manteve um braço apertado em volta da minha cintura. Eu o deixei fazer isso. O céu estava nublado e uma leve garoa molhava.

— Quanto tempo eu estive fora?



— Dezesseis minutos — Jayden limpou os pingos do seu relógio. — E três segundos

Ayden sorriu. — Não é que ele estivesse contando.

— Eles não têm chá, então eu peguei café. Creme, e três açúcares. — O copo de plástico balançou na mão de Jayden. — Como você está se sentindo?

Eu balancei a cabeça. — Bem. Um pouco fraca, mas sem dor.

Tristan suspirou de alívio. O café que eu tomei de Jayden derramou algumas gotinhas em minha mão, mas eu percebi que era alguns nervos. Eu bebi um gole para cobrir nervosismo.

Matthias olhou para mim, suas covinhas tinham ido embora. — Onde está Echo?

Eu esfreguei meu rosto e cheirei a fumaça, mas o cheiro do Mundo em Espera não permaneceu.

— Se ele estivesse me tocando, eu percebi que Echo e eu iríamos para o Mundo em Espera juntos. Como Bubbles.

— Foi assim que Bubbles perdeu - — As mãos de Matthias em concha na parte de trás de sua — Você é inacreditável. — Não soou como um elogio.

Blake deu um tapa. — Eu disse que ela tinha um plano. Quem está com fome?

Apertei os olhos. — Blake, você tem dois olhos negros?

Blake fez um sinal para Matthias e Ayden. — Eles ficaram um pouco irritados.

Tristan perdeu o entusiasmo e gritou — Você me fez te deixar em coma por um palpite? E um bicho de pelúcia!

— Ornitorrinco — Matthias e eu dissemos ao mesmo tempo.

Eu sorri.

Ele olhou para mim. — Como você saiu?

— Matthias, dê uma pausa. — Logan abriu passo. — Você está bem?

— Não posso morrer depois que você me salvou de um Kalifera.

Logan corou. Blake lhe deu um empurrão suave. Bom, suave para Blake. Logan quase caiu, mas se estabilizou e o empurrou de volta.

Eu olhei para os meninos, todos os seis deles, e entrei em pânico. — Luna, Danica...

O braço de Ayden apertou quando eu me mexi. — Relaxe. — Todos olharam para seus relógios — Ainda com os paramédicos. As guardiãs ficaram olhando.



Eu bufei. — Se todos forem como Pearl...

Ayden deu de ombros. — Ela gosta de Luna. É com você e seus hábitos perigosos que ela tem problema.

— Engraçado.

Um helicóptero atingiu os telhados e deslizou para um espaço aberto perto, o vento deixando todo o meu cabelo em um frenesi selvagem até que Logan acenou e se levantou.

Quando a porta se abriu, as luzes mostraram vários corpos pulando. Um deles parecia... não podia ser.

— Papai?

Eu o ouvi gritar meu nome e o de Luna enquanto corria pela rua, às vezes deslizando no asfalto molhado, mas nunca caindo.

— Pai! — Eu gritei.

Momentos depois eu não conseguia respirar. As costeletas de karatê Lahey podiam não serem lendárias, mas os abraços eram.



CAPÍTULO

SESSENTA E DOIS

O jantar no County Clube transcorreu sem dificuldades, apesar de Oron mostrar que jogar facas era uma habilidade herdada da família... e a Sra Ishida mostrando que *capturar a faca antes que ela atravessasse o estúpido garçom que a colocou ao alcance de uma criança* era uma de suas habilidades.

A sala de jantar ostentava uma acomodação de luxo com madeira rica, móveis pesados, ricas tapeçarias e veludos em cores brilhantes, obras de arte deslumbrantes, e um monte de vidro brilhando contra a luz suave. A porcelana elegante contra prata genuína e cristal tilintava. Elegante, mas sem pretensão. Os garotos pareciam elegantes de ternos e gravatas.

Enquanto espera pela sobremesa, Logan levou Luna e Lucian na pista de dança para aulas de swing, Blake atuando como a parceira de Lucian, completo com risadinha. Ayden dançou com Selena, seus pés sobre os deles, exceto quando ele a erguia no ar. Quem diria que você poderia estar com ciúmes da minha irmã? Matthias não tinha aparecido. Jayden e Tristan tinham desaparecidos.

Eu peguei o Sr. e a Sra Ishida – Mamãe estava certa com a descrição de supermodelo exótica - me dando olhares furtivos. Curiosos, não ameaçadores, o que foi bom, considerando que a Sra tinha eliminado Echo e sua namorada, para não mencionar toda a questão da captura de facas-com-as-mãos. Eu não queria saber o talento do Sr. Ishida.

Minha família estava feliz por estar fora de casa. Mamãe e papai tinham nos colocado em quarentena após o incidente do concerto. Sem escola, sem trabalho, apenas Laheys jogando cartas, jogos de tabuleiro, charadas, croquet, ouvindo música - “Gloria” era a nova favorita -, cozinhando nossos pratos favoritos, e alugando filmes.

Na noite do concerto, os rapazes tinham chamado os Ishidas, que chamaram meus pais antes do drama chegar as notícias. Papai, o Sr. Ishida, a mãe de Logan, e o tio de Blake embarcaram no jato particular dos Ishidas para LA. Então esperaram para o helicóptero os deixarem no lugar. Uma vez que meu



pai concluiu que suas filhas estavam bem, nós entramos no helicóptero que levou até o jato que esperava, e fomos para casa com uma mãe desesperada. Papai ficou e ajudou a equipe médica.

— Ela vem na próxima semana — disse minha mãe a Sra Ishida, referindo-se a minha tia. Meus pais não voltariam ao trabalho até ela chegar.

— Matty — Selena gritou, deixando a pista de dança.

Matthias, parecendo elegante em um terno preto, tentou suprimir o sorriso dela, mas as covinhas foram aparecerem quando Selena deu seu sorriso de pó de fadas. Ninguém estava imune. Fazia você se sentir como se pudesse voar - o que ela fez, se lançando no Austrália. Ele a pegou no meio do ar, dando uma volta completa. Ele nos viu sorrindo e a colocou no chão. Selena agarrou a mão dele, arrastando-o para o seu lugar ao lado da minha mãe, que lhe deu um abraço e um beijo na bochecha.

— Por que você não vem para o jantar? Eu lhe disse para vir com a gente, já que o seu pai não está em casa ainda. Você sabe o que? — Mamãe manteve a mão no ombro de “Matty”, enquanto Selena subiu em seu colo e se sentou. — Se você não vier amanhã, eu vou aparecer na sua porta e cozinhar o jantar.

Ele empalideceu, mas minha mãe, de maneira mega-maternal, não percebeu.

Tristan apareceu ao meu lado. — Vou mostrar o lugar para você.

O gazebo ficava à beira da piscina, perto das fontes, água jorrando de deuses de mármore e flores exóticas com aromas intensos, a suave luz pastel dançando contra o orvalho. Uma rajada de vento bateu, espalhando um leve formigamento de orvalho.

— Onde está Jayden? — Ayden disse. Ele, Logan e Blake estavam esperando quando chegamos.

— Ele prometeu que não demoraria — Tristan respondeu, andando de um lado para outro. — Podemos começar sem ele, mas Matthias...

— Aqui estou eu — disse Austrália.

— Onde você esteve? Você disse que iria começar assim que chegasse aqui.

— Tinha algo para fazer, companheiro.



Eu sorri. — Selenia fez você dançar com ela, certo?

Matthias pigarreou. — De qualquer forma, eu apresentei o relatório do concerto da Operação DDHK. — Ele pegou o meu olhar fixo. — O quê?

Eu sorri. — Nada.

Matthias deu de ombros. — Eu expliquei todo o ataque como vingança de Echo, deixando Aurora e... outros detalhes de fora.

Logan disse — Nós não temos muita escolha se queremos mantê-la viva.

Ayden se inclinou para frente, os cotovelos sobre os joelhos. — Se o traidor pensa que somos tolos, ele permanecerá oculto, tentando descobrir o que aconteceu e se reagrupar. Nós podemos usar esse tempo para nos preparar para o próximo ataque.

Matthias cruzou os braços. — Ganhamos algum tempo, mas não para sempre. Pesquisa dentro do Mandatum é arriscado e ainda não sei quem enviou Fiskick.

— Podemos cobrir qualquer pesquisa como se estivéssemos vendo de nos juntar ao Sicarius. — Ayden disse

— Que é o que, exatamente? — Eu disse.

Os garotos trocaram olhares. Matthias assentiu para Ayden, que respondeu — O esquadrão assassinos de elite da sociedade. Caçadores com poderes superiores são convidados a participar.

— E vocês disseram não porquê...? — Eu tive uma ideia.

Logan exalado. — Você tem que deixar sua família para treinar e depois ficar isolado, disponível em todas as horas, viajar e matar ao capricho do Conselho Superior.

Bingo. — Por que vocês têm que esconder a extensão de suas habilidades?

Ayden afrouxou a gravata, desabotoando o primeiro botão da sua camisa. — Se os seus poderes... ultrapassarem certos níveis, eles são considerados muito valiosos. Você não tem escolha.

Eu pulei para trás. — Você é recrutado.

— Basicamente — Ayden estudou as palmas das mãos.

— E o de vocês excedem os níveis?

— Sim — Matthias disse.

Mordi o lábio. — Então, nós estamos todos no mesmo barco. Eles também me recrutariam. Especialmente se eles soubessem que eu sou a Divinicus.



Ayden esfregou as mãos com tanta força que eu esperava faíscas. — E quem quer você morta teria acesso fácil.

Confortante.

— Então, camaradas, é melhor manter todos nós fora do radar deles. Tristan, você e Jayden obtenham o máximo de informações sobre os demônios quanto possível. Ayden, confira a história, veja se alguém já teve os poderes de Aurora.

— E como controla-lo — eu disse. — Quero estar pronta para lutar quando o próximo ataque vier. Eu quero ser capaz de usar — acenei minhas mãos — o que quer que seja. Não explodir coisas, mas eu gostaria de me defender. E ajudar.

Eles compartilhavam vários olhares.

Blake estava atrás de mim, com as mãos sobre os meus ombros musculosos. — Eu voto por nós treinarmos ela. Começando com facas, uma vez que ela demonstrou ser seu talento natural. Em seguida, artes marciais, defesa sobrenatural. Fazer tudo. E eu me voluntário para instrutor de sedução.

Logan suspirou. — Não é... Ah, esqueça.

— Bem. — Matthias apertou os lábios, balançando a cabeça. — Jayden pode montar um programa. — Se ela vai estar por perto, é melhor ser ativa do que passiva. Mas você não vai ter uma rotina de menininha. É o verdadeiro negócio ou nada.

— Eu combati o Mundo em Espera. Eu posso fazer isso.

A boca de Matthias apertou em uma linha fina. — Aurora, quando... quando você estava lá... você viu mais ninguém?

— Além de ghoulies e cadáveres metade comidos?

Ele empalideceu, seu pomo de Adão subia e descia. — Tipo... outros seres humanos.

Eu levantei minha cabeça. — Não. Por quê?

Ele passou a mão pela boca. — Só por curiosidade. — Mas eu senti seu desapontamento quando ele fugiu no meio da noite, sem uma palavra.

Antes que eu pudesse perguntar sobre aquele momento raro, as luzes piscaram e sumiram. Em todos os lugares. Gritos e vozes abafadas vieram do clube de campo, mas ninguém parecia alarmado. Mais velas foram acesas dentro.



Jayden pulou a cerca. — Isso fui eu — ele calou nossas perguntas. — Eu fui para o compradores do Mandatum para apagar meu pedido do DNA da Aurora.

— Jayden.

— Eu sei, eu sei. De qualquer forma, alguém já tinha removido e quando tentei rastrear a origem, eles me enviaram um vírus e bateu para fora toda a rede. Por isso — seus braços se sacudiram — o apagão.

Eu me abracei contra o frio repentino. — Quem faria isso?

Jayden tropeçou ao redor do gazebo. — Exatamente. Eles estão te protegendo ou te isolando para um ataque?

— Aurora — Papai veio correndo.

— Por aqui.

— Vamos para casa. — Papai se inclinou contra um poste no final da escada. — Ei, pessoal. Sobre o que vocês estão falando?

Eu sorri. — Apenas... coisas de menina.

— Absorventes — Blake soltou

Meu queixo caiu. Os olhos do meu pai se arregalaram. — Bem, isso é... muito... uh... — Ele recuou alguns passos. Olhando por cima do ombro. — Eu só... hum... Gemma! — E correu em direção ao prédio.

— Blake! — todos nós atiramos

— Sinto muito, entrei em pânico.

— Aurora — Ayden disse. — Melhor você - antes que sua mãe-

— Yep. — Desci correndo as escadas. — Pai, ele estava brincando!



CAPÍTULO

SESSENTA E TRÊS

Sua voz sussurrando através das árvores — Onde está você?

Eu rodei na clareira, meu cabelo disperso. Escorregadia com o orvalho, a grama grossa congela meus pés descalços. Luz da lua azul brilha contra a névoa de prata, torcendo pelas sombras da floresta.

— Aqui. — Minha respiração sai em uma névoa de meus lábios, como fumaça em espiral. Eu preciso dele, se infiltrando sob a minha pele. Ele pode me proteger...

Um grunhido. O clique de garras. O sussurro de um arbusto. Quatro olhos amarelos brilhantes no escuro. A monstruosidade à espreita em claro, agachado, balançando a cauda.

Disso.

— Me ajude — desespero em sua voz — A encontrar você

Os músculos do Kalifera estão amarrados. Ondulados. Ele salta. Garras passando no meu braço. O cheiro acobreado do meu sangue. Presas brilhantes piscando...

Acordei de repente, minha mão em minha garganta escorregando com o suor. Depois de engolir em seco algumas vezes, eu reconheci meu quarto coberto de escuridão. Eu embalava meu braço latejante, a única ferida ainda me dando problemas.

Morrer por um demônio? Era minha escolha de sonhos esses dias, e ultimamente um cara se juntou à festa. Sua voz, de qualquer maneira. Sedutor com um sotaque sutil, mas familiar. Ele estava me procurando. Ansiava por me proteger e sabia que podia porque, bem, ele era o cara dos meus sonhos, certo? Alguém que meu subconsciente criou para me fazer sentir segura. Meu relógio piscou meia noite. Relaxei na cama. Kaliferas dançavam atrás de minhas pálpebras.



Dormir era superestimado. Desci as escadas na ponta dos pés, Helsing ao meu lado, uma sobremesa em minha mente já que a falta de luz acabou com nosso curto jantar. Na cozinha, minhas mãos procuraram cegamente meu caminho.

— O que você está fazendo?

O fogo veio a vida no meio da sala.

Minhas entranhas tentaram sair. Eu gritei e bati meu quadril com força contra a ilha, derrubando um banquinho. Ayden o pegou com uma mão. A outra iluminou o quarto com um brilho romântico. Quando isso se tornou normal?

— O que você está fazendo? — Eu assobieei, meu quadril que logo teria um roxo. Helsing esfregou contra as pernas do intruso. Eu devia ter um cachorro.

— Eu perguntei primeiro.

— Você é o único invadindo a minha casa à meia noite. Eu escrutinei o recipiente na ilha em frente a ele. — E comendo o meu sorvete.

A boca de Ayden se torceu dos lados. — Você me pegou. Vim ver como você estava.

— No meio da noite?

Eu alisei meu cabelo e verifiquei duas vezes se eu não estava usando um daqueles pijamas embaraçosos com buracos. Seu cabelo estava dissolvido pelas sombras, exceto pelas partes onde a luz do fogo brilhava no desastre brilhante e adorável, e seus olhos eram enormes, as pupilas e íris misturadas em um único escuro em que uma menina pudesse perder-se. Tentei não encará-lo.

A mão flamejante esfregou a parte de trás do seu pescoço. — Eu queria verificar os escudos de perímetro. Então lembrei que você mencionou sorvete com caramelo triplo no congelador. Perdemos a sobremesa. — Ele ficou em silêncio. Olhando para o sorvete. — Eu achei que você poderia estar acordada.

Ele parecia... envergonhado? Desde quando? — E se tivessem sido meus pais, ou...?

— Eu teria ido. Eu sabia quem era — ele disse com um sorriso irônico. — Você certamente tem ... uma coisa embaralhada acontecendo. Vamos ter que trabalhar em suas habilidades furtivas.

— Obrigada. Como se eu tivesse o suficiente para trabalhar. — Por causa do apagão, velas estavam na bancada, então eu empurrei um par para



ele. Em um momento, suas mãos não estavam mais em chamas, mas o quarto piscava com a luz das velas.

Sentei em um banquinho e descansei o queixo nas minhas mãos, bocejando.

Preocupação encheu suas características. — Mais pesadelos? Vou pegar um pouco de chá do Jayden. — Quando eu estremeci, ele acrescentou — vai ajudar. — Então ele comeu sorvete. — Então, esta noite foi divertida.

— Nossos pais são loucos.

Ayden sorriu. — Membro do clube country pela vida é um pouco demais?

— Inteligente como eles derrubaram isso sobre nós quando estávamos saindo. Nós nunca vamos usar isso.

Ayden deu de ombros. — Talvez. Mas meu pai apontou que está no nome da sua família e tudo pago, ele não vai aceitar de volta, por isso, não usar seria desperdício. E um pouco de um insulto. Acho que seus pais ficaram mais relaxados no final.

— Vamos ver. — Eu peguei a colher que ele apontou em minha direção e peguei o sorvete, mas eu não pude morder o chocolate dos deuses. Que tipo de super freezer minha mãe comprou?

Ayden pegou a colher e escorregou ela facilmente.

— Como você fez isso?

Ele me queimou com um sorriso preguiçoso e sequestrou meu olhar quando ele levou uma colherada generosa a minha boca. Um fio de tensão apertou meu peito. O gosto da doçura congelada contrastado contra o metal quente me fez perceber que ele tinha esquentando a colher com a mão. Ele deslizou a colher para fora da minha boca. Lentamente. Formigamento agradável cobriu meu corpo. Corei, mas não consegui desviar o olhar. Listras brilhantes de topázio mudando em seus olhos.

Ele se afastou, deixando cair a colher como se de repente estivesse queimando, e envolveu as duas mãos em torno do recipiente, tomando um último suspiro. Eu olhei para baixo, alívio lutando com o arrependimento. Minutos depois, ele empurrou o recipiente, a colher enterrada no doce agora controlável.

— Então — eu disse no silêncio constrangedor. — Herman se foi?



Ayden pigarreou e acenou com a cabeça, sem olhar para cima. — Graças a Matthias. Sabe aquelas bolsas de estudos do ensino médio que foram criadas em nome de Garret?

Eu estreitei os olhos. — Sim.

Ele enxugou a testa e, finalmente, encontrou o meu olhar. — Matthias sugeriu... desculpe... demandou que o Mandatum criasse uma fundação fictícia depois da coisa de Herman e Garrett acontecer. Parte do acordo de bolsa é que Herman tinha que melhorar, tirar boas notas e ir com seus pais para um campo de terapia, onde as famílias aprendem a lidar com a raiva, tristeza e... problemas. Pagos pela fundação. O Mandatum pode monitorar o progresso.

— Matthias fez isso? Fala sério!

Ayden deu de ombros. — Matthias tinha suas próprias razões para odiar o que aconteceu com Garret. Ele achava que ajudaria se Herman soubesse das memórias de seu irmão. Tem um tipo de herança. A verdade é que, entre todos nós, Matthias tem mais empatia com Herman.

— Por quê?

— Demônios pessoais, mas ele é parte da equipe, por isso tentamos ajudar.

— Como foi que essa coisa de equipe aconteceu?

Eu pensei que ele não fosse responder, então — Sete meninos manifestam suas habilidades ao mesmo tempo. Esta é a sua equipe. Os Guardiões são iniciados simultaneamente, e se há alguma confusão, eles sabem com quem suas crianças são conectadas.

Eu pisquei. — Isso é tudo? Assim... poof?

— Como mágica. — Ayden pegou outra colher e começou a escavar. — Nosso ataque precoce de demônio não é incomum, mas o fato de que muitos de nós éramos amigos e, juntos, é raro. Uma “anomalia estatística”, de acordo com Jayden.

— Ataque precoce?

Ayden estudou colher. — A maioria dos Guardiões expressam suas habilidades por volta da puberdade. É geralmente um processo lento e suave. Pequenas coisas começam a acontecer e sua família pode ajudar no desenvolvimento. Mas para nós... — seus olhos brilharam, sem foco, revivendo o passado. Ele sorriu com tristeza, com a voz baixa.

— Nós estávamos jogando no bosque perto das cachoeiras. Nós sabíamos bem. — Ele soprou uma respiração. — O portal está localizado atrás



das Gossamer Falls. Como sempre, Garret estava conosco. Estávamos todos entre nove ou dez anos. Apenas crianças. Subindo em árvores, pulando sobre as pedras, pegando sapos. — Uma mão massageava a parte de trás do seu pescoço e, em seguida, esfregou o rosto, tentando apagar a dor. Sua respiração saiu trêmula. — O demônio saiu da névoa. Atacou de repente. Presas. Garras. Uma espécie de lobo-serpente voador. Nós congelamos. Tínhamos estudado coisas, mas na realidade... — Ele balançou a cabeça, lambendo os lábios. — De qualquer maneira, nossos mecanismos de defesa foram ativados.

— E esses eram?

— Como sua coisa das explosões. Se fomos atacados em uma idade precoce, nossas habilidades ativam automaticamente como dispositivo de segurança, nós fomos cercados por uma espécie de... — Suas mãos se agitaram — escudo. Mais uma vez, nós sabíamos sobre isso, mas... estávamos com medo, confusos. Alguns de nós tínhamos desmaiado. Nós não podíamos nos mover. Demônios não podem penetrar a camada protetora, de modo que estávamos salvos até o perigo passar. Mas Garrett — ele suspirou, balançando a cabeça — ele não estava. Os Guardiões alertaram nossas famílias. O Mandatum tomou conta de tudo. Fomos levados para interrogatório, curados, começamos o nosso treinamento. As coisas foram... diferentes depois disso. — Ayden passou a mão sobre sua boca, engolindo. — Retornamos. Matthias estava aqui com seu pai. Tristan estava morando com seus avós. Blake ficou com a família de Logan até que seu tio chegou e todos nos sentimos culpados. Nós ainda nos sentimos. Ninguém gosta de falar sobre isso.

Eu coloquei minha mão sobre a dele. Pela primeira vez, sua pele estava fria. — Não foi culpa de vocês.

Ele deu de ombros. — Na maioria dos dias estamos bem. Embora eu não possa culpar Tristan por querer manter você afastada, mas — sua mão me agarrou e ele olhou para mim — Aurora, nós vamos mantê-la segura. O que quer que isso signifique.

Só queria estudar os ângulos de seu rosto, os olhos quentes, a boca tentadora. Eu desejava ser corajosa para me curvar, passar meus lábios perto dos dele, provocando com a promessa de paixão, esperando para ele atravessar a última fatia de espaço...

Mas não o fiz. Meu coração gaguejou, minha mente gritando “Covarde!” Eu me lembrei que o caso era uma farsa e ao invés disso eu disse — Sete? Mas há apenas seis de vocês.



Ele tirou a mão tão rápido que atingiu uma vela. Murmurando uma desculpa, endireitou-se e limpou a cera derramada.

— O sétimo membro, nós não sabemos o que aconteceu.

— É um código para “eu não estou autorizado a dizer?”

— Esse é o código para “É um mistério.” O Mandatum acreditava que ele tinha morrido.

— Oh.

Caímos em silêncio. A vela assobiou. De repente, Ayden bateu dois longos retângulos de papel em cima do balcão, me fazendo pular com surpresa, jogando sorvete no chão.

— Desculpe — disse ele. Helsing vagou para lambe o sorvete derramado.

Meus olhos saltaram de um Ayden envergonhado para os pedaços de papel. — O que é isso?

Ele franziu os lábios. — Uh, ingressos. — Ele esfregou o queixo. — Para uma maratona de Alfred Hitchcock.

Eu sorri. — Como se não tivéssemos o bastante de terror?

— Alfred Hitchcock não faz filmes de terror — ele disse em escárnio, bem, horror. — Ele é o mestre do suspense. Eu ia te convidar no dia que você me deixou no banheiro

— Oh. — Meu estômago tinha um buraco. — Certo. — Eu limpei minha garganta e girei a colher. — Sabe — uma respiração profunda — com os demônios longe... você não tem que fazer a coisa de namorado de mentira. — Eu achei que ele sorriu, mas eu não verifiquei e tropecei nas palavras. — Houve muita adrenalina e... uhm... circunstâncias emocionais estranhas. Então — eu acenei minha mão como se pudesse afastar a estranheza — eu estava pensando que seria melhor se...

— Entendo. — Seus olhos eram de chocolate escuro e rico que derreteram meu coração. — Mas os demônios vão voltar. Você ainda precisa de proteção e... e eu não... — Ele deslizou a palma da mão para o lado de seu rosto e deu um suspiro profundo e trêmulo.

Nervoso? O que aconteceu com o cara arrogante que estava pronto para me mostrar as suas cuecas?

Ele esfregou os dedos contra sua mandíbula. — Eu não me importo com a coisa de namorado. Eu, na verdade... e... eu pensei que estava fazendo a coisa



certa, mas... — Meus olhos se moveram rapidamente para evitar escrutínio. Ele suspirou, seu pomo de adão dançando. — Eu fiz algo errado?

— Não! — Eu mal conseguia olhar para ele. Minhas mãos estavam pingando de suor.

— Foram as algemas? Desculpe, eu estava com medo...

— Não. — Corei com a lembrança de seus lábios nos meus, como eu desejava ele. Como -

— Oh — ele disse com derrota resignada. — Você prefere... ter outra pessoa? Por favor não diga Blake. Ele seria insuportável...

— Não, não é...

Ayden bateu na testa. — Matthias.

Eu engasguei.

Ele passou os dedos pelo cabelo e acenou com a cabeça. — As meninas sempre vão para o sombrio e tempestuoso. Eu deveria ter visto isso chegando.

Desesperada para parar essa conversa louca, peguei o pulso dele na minha mão. — Ayden. — Esperei por seus olhos inquietos olharem para mim. — Eu não quero forçar ninguém a fingir ser meu namorado. Mas — eu levantei a minha mão para parar seus protestos — se um de vocês tem que fazer isso... — O medo em minha garganta queimou. Vamos, Aurora. Só diga isso. — Eu prefiro que seja você.

Ele registrou minhas palavras. O olhar nervoso desapareceu. Os cantos de sua boca se curvaram. Eu deixei seu braço, pegando uma colher, focando toda a minha atenção sobre o esfaqueamento gelado e mordendo o interior do meu lábio porque desaparecer no chão não era uma opção. Meu estômago revirou com os longos e silenciosos segundos, minutos. Horas? Eu era um idiota.

— O quê? — Ayden disse.

Eu olhei para cima. — Eu não disse nada.

— É claro que você disse. — Aquele sorriso de pirata tinha voltado. — E você está absolutamente certa. Não podemos perder esses bilhetes.

Eu parei de cavocar e pareci duvidosa. — Eu disse isso?

Ele balançou a cabeça, seus olhos brilhando com malícia. — E você estava certa.

— Eu estava?

— Sim. Então, sábado, é um encontro?



Tentei fortemente não sorrir, mas... — Como eu disse, nós não queremos desperdiçar isso.

— O que vai ser desperdiçado?

Eu caí da cadeira. Blake me pegou antes de eu bater no chão. Tristan, Logan e Ayden riram.

— O que vocês estão fazendo? — Eu sussurrei ferozmente.

— O que você está fazendo? — Blake disse, movendo as sobrancelhas.

— Minha casa. Meia-noite.

Blake apontou para Ayden. — Nós estávamos querendo saber onde ele estava.

— A meia noite?

— Eu tenho um telefone celular.

Blake bufou. — Estávamos entediados e eu estava cansado de Jayden ganhar de mim.

— Jayden permanece o mestre de xadrez. — Logan sorriu.

Ayden revirou os olhos. — Estávamos tão preocupados sobre ele perder seu título. Especialmente contra Blake.

— Hey. — Blake apontou um dedo acusador. — Não é legal.

Tristan escovou os cabelos de sua testa. — Nós deveríamos encontrar Jayden na minha casa para consertar meu computador.

— A meia noite?

— Então Logan — Blake acenou para seu amigo — notou o brilho aqui.

Logan sorriu firmemente, chateado por ter sido acusado de intrusão.

— Queríamos verificar você, passarinho. — Blake colocou o braço em volta do meu ombro. — Sabíamos que havia vencido Ayden. E eu estava comendo todo o sorvete.

— Vocês precisam ir. Como se Luna precisasse de qualquer outra chantagem. — Eu o empurrei, mas Blake apenas inclinou-se e agarrou os bilhetes.

— Hitchcock? Legal.

Ayden os arrancou de volta. — Fique com ela, enquanto Tristan e eu checamos uma última vez o perímetro e conversamos com Jayden. — Ele ignorou meus protestos e segurou meu rosto em suas mãos. — Eu prometo, quando eu voltar, vou tirar todos nós daqui.

Depois que ele saiu, o calor do seu toque permaneceu.

Blake pendurou um braço no meu ombro. — Enfim sozinhos.



— Eu estou bem aqui — disse Logan.
— Talvez você não deva estar.



CAPÍTULO

SESSENTA E QUATRO

Meus olhos ansiosos varreram o cinema.

— Não se preocupe. Eu disse a eles que seria no domingo — Ayden disse quando nos sentamos.

— E eles acreditaram em você?

— Claro. — Ele me passou a pipoca e tirou o casaco. — Eu sou o mestre do engano.

— Uh-huh. Então, quando você se tornou um fã de Hitchcock?

— Depois de ver Psicose — disse uma voz que claramente não era de Ayden.

Nós nos viramos para olhar para Blake.

E Jayden.

E Tristan.

E Logan.

Todos sentados atrás de nós.

Eu sorri para a vergonha de Ayden. — Oh, yeah, o mestre do engano.

Blake alcançou nossa pipoca.

Jayden se inclinou para frente. — Aurora, talvez você possa resolver o nosso debate. Hitchcock é terror ou suspense?

— Suspense — Tristan disse.

— Terror — Logan disse.

— Você achou que o filme Sintonia de Amor era terror. — disse Tristan — Toda aquela coisa sentimental te deu pesadelos.

— Triste, mas verdade. — Jayden confirmou

Blake pegou Logan e o pressionou contra seu lado quando a sua voz chiou afeminada — Eu aaaamo você, Logan! — Ruídos românticos seguiram. Logan se libertou, pulando em assentos e se soltando ao lado de Ayden. Nós rimos.

— Oh, venha — disse Blake. — Estou brincando.



— Eu posso? — Jayden gesticulou para a pipoca quando ele se sentou ao meu lado.

Blake agarrou por trás do recipiente. — Isso tem manteiga?

Quando os dedos de Ayden deslizaram o cabelo do meu pescoço e seus lábios roçaram meu ouvido, tremores viajaram para cima e para baixo na minha espinha.

— Eu vou arrumar isso — ele sussurrou. — Mais tarde nós podemos...

Os celulares deles tocaram. Com um gemido, sua cabeça caiu no meu ombro. Depois de ler as mensagens, eles proferiram muitas maldições e gemidos.

— Oh, não, aquele filho da puta arrogante...

— Como ele escapou?

— Apenas o que precisamos, aquele Casanova solto novamente.

Então minha visão desfocou e deixou meu corpo.

A visão me jogou em um borrão em ziguezague que parecia viajar sem parar em um terreno desconhecido. Eu finalmente derrapei até parar à beira de uma lagoa.

Rica folhagem tropical cheirava no ar com aromas exóticos, rodeada por água do mar como novo, a água brilhava sob a lua. O canto dos pássaros coloridos podia ser ouvidos ao fundo. A alta cachoeira caía em uma poça d'água, criando uma névoa volátil acariciando meu rosto em uma carícia fria. Como no meu encontro com Echo no lado, meus sentidos sentiram o ambiente. Pelo menos não estava me afogando.

O lago não parecia familiar. Não parecia nem que pertencia à América do Norte. Eu nunca tinha viajado essa distância antes. Quem seria? Mas eu tinha que admitir que era... wow... um conto de fadas romântico. A única coisa que faltava era... algo bateu na superfície da água - um herói digno de desmaio.

Oh meu Deus.

O supermodelo balançou a cabeça - em câmera lenta, ou era minha imaginação? - jogando gotas de água e agitando os brilhantes cachos escuros ouro reluzente. Ele caminhou em minha direção com uma graça sensual, lentamente revelando mais e mais do seu físico bronzeado. Água brilhava e serpenteava por seu corpo como dedos, vivos e ansiosos para tocar os ombros largos, braços esculpidos, peito esculpido, abdômen tanquinho e...

Uau.



Ele parou um pouco antes, revelando uma embaraçosa - para mim ao menos - parte de seu corpo, porque estava claro que aquele sorriso pecaminoso e perverso era tudo que ele usava.

— Aurora. — olhos jade escuros brilhavam com promessa. — Por que demorou tanto?

Ele podia me ver, sabia meu nome. Suor frio saiu dos meus poros. Eu devia fazer algo. Voltar para o meu corpo...

— Relaxe. — Sua voz profunda serviu como seda contra os meus nervos, me tranquilizando. — Estou aqui para ajudar. Dar as respostas que você tão desesperadamente precisa para salvar a todos que você ama. E em troca... — seu queixo caiu, as pontas de seus dedos rastejando por toda a superfície da água, fazendo ondas com um abraço preguiçoso atrativo. Ele levantou os olhos para pegar o meu olhar, com seus olhos provocantes. — Eu só preciso de um... pequeno... favor.

